OBRAS CIENTÍFICAS, POLÍTICAS E SOCIAIS
DE
JOSÉ BONIFÁCIO DE ANDRADA E SILVA

COLIGIDAS E REPRODUZIDAS
POR
EDGARD DE CERQUEIRA FALCÃO

VOL. III

OBRAS CIENTÍFICAS, POLÍTICAS E SOCIAIS

DE

JOSÉ BONIFÁCIO DE ANDRADA E SILVA

OBRAS CIENTÍFICAS, POLÍTICAS E SOCIAIS

DE

JOSÉ BONIFÁCIO DE ANDRADA E SILVA

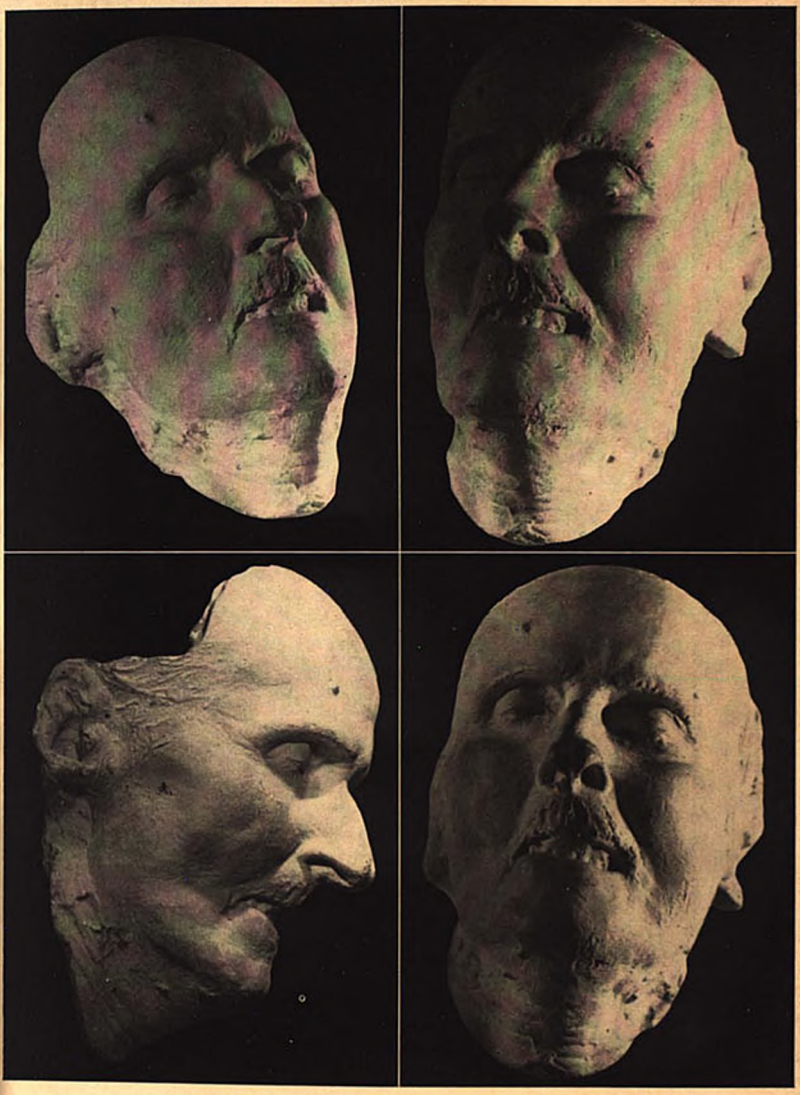
COLIGIDAS E REPRODUZIDAS

POR

EDGARD DE CERQUEIRA FALCÃO

VOL. III

081
B5560
v.8



Máscara mortuária de José Bonifácio, recolhida ao museu do Instituto Histórico Brasileiro.

(Fotos de R. A. Freudenfeld)

JOSÉ BONIFACIO E SEU PAPEL NA INDEPENDÊNCIA

"No Brasil nós não precisamos de história, precisamos de documentos", escreveu certa vez Capistrano de Abreu ao seu amigo português João Lúcio de Azevedo. É êste, pois, um livro ao gôsto e à feição do mestre iniciador da nossa moderna historiografia. O organizador do terceiro volume das *Obras Científicas, Políticas e Sociais de José Bonifácio de Andrada e Silva* não pretendeu outra coisa senão coligir em ordem cronológica, e tanto quanto possível sistemática, reproduções autênticas de documentos biográficos, a maioria inéditos, que se encontram dispersos, em diferentes lugares, no Brasil e no estrangeiro. Não são todos, mas uma grande parte, formando a mais completa colecção até agora reunida dos papéis do Patriarca da Independência, na sua omnímoda actividade de sábio e estadista, poeta e guerreiro.

Ao promover a edição das *Obras Científicas, Políticas e Sociais de José Bonifácio de Andrada e Silva*, adiantou-se a cidade de Santos a uma tarefa que deveria ter sido há muito empreendida pelo govêrno da República, já que em mais de uma oportunidade repartições e mesmo instituições federais cuidaram de fazê-lo. Dentre os projectos, executados apenas em mínima parte, cumpre mencionar, entretanto, pela sua importância, no que se refere à documentalística, o volume publicado pelo Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, intitulado *Exposição José Bonifácio* [.] *Centenário da morte do patriarca da independência, 1838-1938*, com uma introdução de Rodrigo M. F. de Andrade (1938); no que diz respeito à obra pròpriamente dita, o volume das *Poesias de Américo Elísio*, edição do Instituto Nacional do Livro, com um prefácio de Sérgio Buarque de Holanda (1946). Recentemente, por ocasião das comemorações bicentenárias (1963), foi apresentado ao Congresso Nacional projecto de autoria do Senador Afonso Arinos

de Melo Franco, no sentido de ser publicada, em edição conjunta da Câmara e do Senado, a obra completa de José Bonifácio.

Tôdas essas iniciativas, malogradas, adiadas, de qualquer modo interrompidas ou paralisadas, por êste ou aquêle motivo que não vem a pêlo investigar, põem em relêvo a edição das *Obras Científicas, Políticas e Sociais de José Bonifácio de Andrada e Silva*, promovida pela municipalidade santista, sob a direcção de Edgard de Cerqueira Falcão. Mesmo porque não era crível que o Brasil continuasse a dever indefinidamente êste tributo à memória de José Bonifácio, pagando pelo menos um pouco, em face do que já pagaram outras nações da América Latina aos seus maiores. A Venezuela publicou dezenas de volumes sôbre Bolívar e Miranda. O Arquivo de Santander, editado pela Colômbia, compõe-se nada menos de vinte e cinco volumes. O de San Martin, na edição oficial argentina, de onze volumes, data de 1911. E isso sem falar no que fizeram o govêrno e entidades culturais mexicanas, chilenas, paraguaias e cubanas, com relação aos fundadores e construtores de cada uma dessas nacionalidades.

José Bonifácio é um dêsses homens símbolos, precisamente porque representa, no Brasil, mais do que nenhum outro, as idéias de emancipação política e econômica e do progresso social. Os documentos aqui reunidos servirão por certo para a revisão do seu papel histórico, em função dos acontecimentos que liderou. Os juízos antagônicos, que transformam o Patriarca nos dias de hoje em assunto de apaixonante polêmica, como se êle fôra um homem vivo, resultam não apenas da má informação semi-letrada, como do espírito arcaico que predominou nas gerações posteriores, numa projecção que dá bem a medida da actualidade de suas idéias e da nossa própria frustração de nação subdesenvolvida. Em certo sentido, José Bonifácio é ainda hoje uma presença incômoda, como a reclamar soluções para muitos problemas ainda não resolvidos. O político reformista sobrevive ao cientista, o que parece demonstrar que não conseguimos alcançar um tão acentuado progresso no campo social e econômico, capaz de superar as idéias andradinas, ao contrário do que aconteceu, no plano universal, com a obra hoje obsoleta do cientista, que foi, no entanto, na palavra de Le Play, "um dos maiores sábios da sua época, tão fecunda em grandes homens".

Os últimos dezoito anos da vida de José Bonifácio de Andrada e Silva foram dedicados à acção política, nem sempre contínua e quase sempre em distonia com os grupos dirigentes: primeiro, como organizador e mentor do Govêrno Provisório de São Paulo (1821);

como Ministro de Dom Pedro I (1822-1823); Deputado à Assembléia Constituinte (1823); tutor de Dom Pedro II (1831-1833). Fora do govêrno, aos 60 anos, acusado como conspirador e subversivo, foi prêso no mesmo dia da dissolução da Constituinte, permanecendo cêrca de dez dias, em segrêdo, na Fortaleza de Santa Cruz, para ser expulso do país na charrua "Lucônia", que o conduziu primeiro a Vigo e depois a Bordéus, no longo exílio de cinco anos. Novamente acusado de conspirador e subversivo, que estaria tramando a rebelião dentro do próprio Paço Imperial, aos 70 anos, foi prêso ao ser destituído da tutoria, quando obrigou a que se movimentasse tôda a guarnição militar do Rio de Janeiro para arrancá-lo do Palácio de São Cristóvão. Levado sob escolta à sua casa da ilha de Paquetá, ali continuaria prêso, com polícia à vista, na Praia da Guarda, como então passou a ser chamado o local que elegera seu "retiro filosófico".

Sábio e estadista, da sua existência de 75 anos, viveu 42 fora das terras do Brasil. Aos 20 anos foi estudar em Coimbra. E só retornaria à pátria, no fim do período joanino, cientista de renome universal, lente jubilado da Universidade de Coimbra e já aposentado como Intendente Geral das Minas e Metais do Reino. Recusou, então, o cargo de Ministro Assistente que lhe ofereceram. Também não quis ser Reitor do Instituto Acadêmico, que Dom João VI cogitara de fundar no Rio de Janeiro. A tudo isso preferiu instalar-se desde logo em Santos, sua cidade natal, longe das intrigas da Côrte e mesmo do bulício urbano, no Sítio de Outeirinhos, em pleno contacto com a natureza, levando consigo os seis mil volumes da sua biblioteca e a sua colecção mineralógica, uma das mais completas do mundo, na qual se destacavam as doze espécies minerais por êle descobertas ou classificadas pela primeira vez.

Voltando à pátria, depois de uma ausência de 36 anos, não desejaria, de facto, senão cuidar da sua chácara e terminar a sua obra de cientista. "Trabalho de dia e de noite — conta em carta a um amigo, escrita logo após a chegada — e tudo isso com gente livre e alugada, sem precisar de escravatura que detesto e querendo dar a esta gente o exemplo do que devem fazer, para se pouparem, para o futuro, as grandes infelicidades que ameaçam aos vindouros no Brasil". Pioneiro da siderurgia e da agricultura mecanizada, continuaria no Brasil fiel à obra que havia iniciado em Portugal, na mesma linha de seus companheiros da Real Academia de Ciências, os mais esclarecidos, como Domingos Vandelli e Correia de Serra, que já em 1789 preconizavam a transformação do regime

feudal, com a abolição de certos privilégios e dando aos camponeses reais possibilidades para adquirirem as suas terras e melhor aproveitá-las. Manufacturas e agricultura deviam andar juntas, no seu entender, para que não persistisse o êrro denunciado por Voltaire, no *Essai sur les mœurs et l'esprit des nations*, e que, segundo o mesmo Voltaire, constituira a causa de muitas desgraças para o Brasil e a América Espanhola. Eis a lição do filósofo: "Contando com o ouro e os diamantes, os espanhóis e portugueses deixaram as verdadeiras minas, a agricultura e a manufactura, e por isso se empobreceram". Leitor de Voltaire, José Bonifácio não devia ignorar o ensinamento em livro aparecido antes do seu ingresso na Universidade de Coimbra.

Integrado nos problemas da sua província, que não dissociaria jamais dos problemas de tôda a nação brasileira, no Sítio de Outeirinhos, José Bonifácio passou a ter a exacta dimensão de todo um vasto programa a ser executado, mais com realismo que com idealismo, com o espírito de um verdadeiro racionalista, que era, programa no qual se incluiam não sòmente a questão do índio e do negro, que sempre o preocupara, como a necessidade de desenvolver o ensino, com a instalação de um ginásio ou um colégio em cada uma das províncias do Brasil, "em que se ensinem as ciências úteis" não apenas aos privilegiados das "classes mais abastadas", mas a todos, sem distinção, espalhando "pelo povo os conhecimentos que são indispensáveis para o aumento, riqueza e prosperidade da nação". Além de ginásios ou colégios, era urgente a criação de "pelo menos uma universidade". A necessidade de estabelecer desde logo um centro unificador das províncias distantes e separadas entre si, levou José Bonifácio a lembrar a fundação de uma nova sede para a Regência, no interior do país, "que poderá ser na latitude, pouco mais ou menos, de 15 graus, em sítio sadio, ameno, fértil e regado por algum rio navegável". O ponto ideal, no seu entender, seria Paracatu, especificará mais tarde, insistindo no projecto longamente meditado de uma cidade a ser construída no Planalto Central e que teria o nome de Brasília.

Contudo, o problema fundamental era o da posse e utilização da terra, impossível de ser resolvido, enquanto prevalecesse o regime da concessão das sesmarias, e que no Brasil se degradara por completo do espírito primitivo da lei de Dom Fernando, que, na verdade, representou o primeiro impacto contra o feudalismo em Portugal, embora continuamente desvirtuado através dos anos. A sesmaria visava, inicialmente, a dar terra a quem não a tivesse, ou

melhor, a tornar reprodutiva a terra abandonada pelos "vilãos" e pelos fidalgos ociosos. No Brasil, a palavra adquiriu significado inverso do primitivo, tornando-se sinônimo de latifúndio. Oliveira Viana chega a empregar a expressão "latifúndio sesmeiro". É que a Coroa Portuguesa distribuia sesmarias de extensão maior que muitos países europeus e nem sempre os seus beneficiários, validos do Rei ou parasitas da Côrte, se dignavam atravessar o Atlântico, ao menos para tomar posse de tão vastos domínios.

Nos sete pontos enumerados nas *Lembranças e Apontamentos*, coordenados por ocasião da partida dos deputados paulistas às Cortes de Lisboa, José Bonifácio resume todo o seu pensamento, ainda hoje actual, sôbre a questão da terra:

"1. Que tôdas as terras, que foram dadas por sesmaria e não se acharem cultivadas, entrem outra vez na massa dos bens nacionais, deixando sòmente aos donos das terras meia légua quadrada quando muito, com a condição de começarem logo a cultivá-las em tempo determinado que parecer justo.

2. Que os que têm feito suas as terras só por mera posse, e não por título legal, as hajam de perder, excepto o terreno que já tiverem cultivado, e mais 400 geiras acadêmicas para poderem estender a sua cultura, determinando-se-lhes para isso tempo prefixo.

3. Que de tôdas as terras que reverterem por êste modo à nação e de tôdas as outras que estiverem vagas, não se dêem mais sesmarias gratuitas senão nos poucos casos abaixo apontados; mas se vendam em porções ou lotes que nunca possam exceder de meia légua quadrada, avaliando-se segundo a natureza e bondade das terras a geira acadêmica de 400 braças quadradas em 60 réis para cima, e procedendo-se à demarcação legal.

4. Que haja uma caixa ou cofre em que se recolha o produto destas vendas, que será empregado em favorecer a colonização de europeus pobres, índios, mulatos e negros forros, a quem se darão de sesmaria pequenas porções de terreno para o cultivarem e se estabelecerem.

5. Em tôdas as vendas que se fizerem e sesmarias que se derem se porá a condição que os donos e sesmeiros deixem para matos e arvoredos a sexta parte do terreno, que nunca poderá ser derrubada ou queimada sem que se façam novas plantações de bosques para que nunca faltem as lenhas e madeiras necessárias.

6. Que de três em três léguas se deixe pelo menos uma légua intacta para se criarem novas vilas e povoações, e quaisquer outros estabelecimentos de utilidade pública.

7. Enfim, que na medição e demarcação das terras vendidas, ou dadas ao longo de rios e ribeiros que sirvam de aguadas, se devem estreitar as testadas ao longo dessas aguadas, acrescentando-se nos fundos, como pedirem as circunstâncias locais, para que todos, ou a maior parte dos novos colonos, possam gozar cômodamente, quanto possível fôr, da utilidade das ditas aguadas" (*).

Aí está, em linhas gerais, um plano de reforma agrária, extraído de um plano global de govêrno, constante das *Lembranças e Apontamentos do Govêrno Provisório para os Senhores Deputados da Província de São Paulo*, que Octávio Tarquínio de Sousa considerou como o mais importante documento "em tôda a história de nossas sempre malogradas reformas políticas".

* * *

Por que se discute ainda hoje o papel desempenhado por José Bonifácio junto ao Príncipe Regente no episódio da independência e implantação do Império Brasileiro? Desfigurado intencionalmente ou não por todo o Segundo Reinado, retocado na República, a verdade é que o seu retrato não foi ainda restaurado por completo, mesmo depois da biografia de Octávio Tarquínio de Sousa, até agora a síntese mais lúcida, com certeza a mais aproximada do verdadeiro José Bonifácio. É êste o destino dos grandes homens, conforme ensina Jacob Burckhardt, nas suas *Reflexões sôbre a história*: "Uma das provas mais nítidas da grandeza de um personagem do passado reconhece-se pela curiosidade intensa que nós, os pósteros, nutrimos de conhecer melhor essa individualidade excepcional, completando com novos contornos a sua imagem esboçada".

A separação do Brasil de Portugal fôra o resultado de um movimento em que os proprietários rurais fluminenses, paulistas e mineiros se uniram aos burocratas e comerciantes portugueses e brasileiros, radicados no Rio de Janeiro. Foram êstes os autores da *ficada* de Dom Pedro, que só concordaria em tomar o caminho da insubmissão às Côrtes Portuguesas depois de articulado o apôio

(*) Ver ainda os "Apontamentos sôbre as sesmarias do Brasil", no estudo de José Honório Rodrigues, "O pensamento político e social de José Bonifácio", como introdução ao volume II das *Obras Científicas, Políticas e Sociais de José Bonifácio de Andrada e Silva*.

das províncias do centro-sul. José Bonifácio veio para o ministério como expressão dêsse movimento, retirando-lhe, porém, o carácter puramente regionalista. Já era o ministro da unidade nacional, quando embarcou na canoa que o trouxe de Santos ao Rio de Janeiro, em dez dias de mar calmo. Já era o ministro da independência quem se dispusera a enfrentar as Côrtes Portuguesas, desde antes do *fico*, com o manifesto da Junta Governativa de São Paulo. O gênio político de José Bonifácio visou sempre a ratificar a autonomia já assegurada desde 1815, com a elevação do Brasil à categoria de Reino Unido ao de Portugal, sob os auspícios da Santa Aliança, defendendo, simultâneamente, a sucessão da coroa lusa para Dom Pedro, como legítimo herdeiro de Dom João VI. Objectivava assim desarmar tôdas as possíveis resistências das monarquias européias ao reconhecimento de uma situação de facto, imposta pelas Côrtes Portuguesas, com evidente violação dos princípios assentados no Congresso de Viena.

Não se afastaria dessa directriz. A verdadeira declaração da independência do Brasil não foi proferida na colina do Ipiranga, a 7 de Setembro, mas, a 6 de Agosto, no manifesto do Príncipe Regente dirigido aos governos e nações amigas. Nesse documento, redigido por José Bonifácio, o Brasil "proclama à face do Universo a sua independência política", no preâmbulo de um libelo à colonização portuguesa, da descoberta até aquêle instante em que o govêrno do Rio de Janeiro decide não mais reconhecer a autoridade das Côrtes Portuguesas. E protesta, como nação soberana, contra as gestões diplomáticas de Lisboa pela cessão de uma parte do Pará à França e pela perpetuação do Tratado de Comércio, celebrado em 1810 com a Inglaterra. É apenas aparente a contradição da independência, ainda sem separação, com as enfáticas declarações de fidelidade a Dom João VI, "prisioneiro das Côrtes". Já em Junho de 1822, dois meses antes do manifesto, três meses antes do Grito do Ipiranga, afirmara o Patriarca ao cônsul (interino) dos Estados Unidos, P. Sartoris: "O Brasil é uma nação, e tomará o seu lugar como tal, sem esperar ou solicitar o reconhecimento das outras potências. Agentes públicos ser-lhes-ão mandados. Aquelas que os receberem nessa qualidade e tratarem conosco, de nação a nação, continuarão a ser admitidas em nossos portos e o seu comércio será favorecido. Aquelas que os recusarem serão excluídas dêles. Tal será a nossa franca e firme política".

Pretendia José Bonifácio edificar uma nação, tendo por base o trabalho livre e a igualdade das raças que constituem o amálgama

brasileiro. Para êle, só a monarquia constitucional poderia cimentar êsses alicerces, sem quebra da integridade territorial. Centralizado no Rio de Janeiro, o poder real impediria que o Brasil se fragmentasse em pequenas repúblicas, de acôrdo, aliás, com o desígnio das Côrtes Portuguesas por êle já denunciado: "desmembrar ou retalhar o Brasil em províncias separadas". Êste pensamento unionista conduziu o Patriarca, no seu tumultuado govêrno de dezoito meses, a princípio, promovendo a ida de Dom Pedro a Minas Gerais e a São Paulo, nas viagens que completaram o "abrasileiramento" do Príncipe Regente; depois, enviando emissários a Pernambuco e Bahia, para evitar que o constitucionalismo lusófilo degenerasse em desintegração nacional. Mais ainda: organizando o Exército e a Marinha, para a expulsão dos remanescentes portugueses na Bahia, Sergipe, Maranhão, Piauí e Ceará, na chamada Guerra da Independência. Pois não foi de todo incruenta, como ainda hoje se afirma, nossa luta para a separação definitiva com Portugal.

Não será demasiado descer a pormenores. Ministro do Reino e Negócios Estrangeiros, na verdade Primeiro Ministro de uma nação a organizar-se, José Bonifácio só aceitaria o cargo depois de uma conversa com o Príncipe Regente "de homem a homem". Ao que parece, a condição imposta pelo paulista era a de que teria plena autoridade, se é que Dom Pedro estava mesmo decidido a resistir às ameaças dos generais portugueses Avilez e Carreti, inconformados com a declaração do *fico*, acampados do outro lado da baía da Guanabara, com 2.000 homens poderosamente armados e equipados. Cidade sitiada, desde que as tropas reinóis a abandonaram, para não ter que esmagar o povo, que se juntara aos corpos milicianos brasileiros, os regimentos dos Henriques e dos Pardos, no Campo de Sant'Ana, o Rio de Janeiro vivia há mais de uma semana a expectativa de um ataque que, afinal, não se consumaria. Como na história folclórica da onça e do bode, um diante do outro, franzindo o couro da testa e dando espirros, não houve luta. Superiores em número, — 4.000, 6.000 ou 10.000, segundo fontes diversas, — entre roceiros, agregados, negros forros, escravos, até padres e frades, empunhando facas, cacetes, clavinotes, é certo que os brasileiros levariam a pior. "A aguerrida tropa portuguesa — diz uma testemunha — dispersaria tôda essa massa sem disciplina; mas o fim deveria ser funesto". Conteve-se Avilez, no seu ímpeto inicial: "Esta cabrada leva-se a pau".

Não precisaria José Bonifácio pôr em brios o Príncipe Regente, comprovadamente valente, mas a confirmação do rumo que havia traçado se tornava imprescindível para quem se dispunha a exercer suas funções em tôda a plenitude, e não como um pau mandado qualquer. Tudo tinha que ser definido, esclarecido, acertado, armando-se o Ministro da maior autoridade possível. Dom Pedro não hesitou. E a investidura de José Bonifácio foi a mais ampla que já teve ministro algum em tôda a nossa história imperial e republicana. O Príncipe Regente e depois o Imperador, mais de uma vez, fêz questão de demonstrar pùblicamente o apréço em que tinha o seu Ministro, entregando-lhe nas cerimônias oficiais o bastão de mordomo-mor, símbolo de prestígio incontestado, a que o povo chamava "negrinha", por ter na ponta do marfim branco a cabeça de uma negra. E só assim José Bonifácio aceitaria ser Ministro. O seu amigo Vasconcelos de Drummond, que bem o conhecia, escreveu com acêrto nas suas memórias autobiográficas: "O carácter de José Bonifácio não era para consentir que, governando êle, um poder estranho se intrometesse entre o govêrno e a nação".

Personalidades dominadoras, as relações entre José Bonifácio e Dom Pedro iniciaram-se, pois, em têrmos de absoluto entendimento. Desde o primeiro instante, o Príncipe passou a respeitar o homem ilustrado e absorvente, mas nem por isso formalista, em tudo diferente dos áulicos que o cercavam, cheios de curvaturas e salamaleques. Harmonizavam-se os dois temperamentos. Completavam-se no mesmo destemor diante da adversidade e até mesmo na audácia das decisões. O jovem Príncipe tratava como a um pai — talvez o pai que desejara ter tido — àquele sexagenário malicioso, com a energia e a vivacidade de um homem na plenitude do seu vigor físico e intelectual. É bem possível que lhe ocorresse a comparação com Dom João VI, preguiçoso, ignorante, cauteloso, bonacheirão, desconfiando de tudo e de todos, e José Bonifácio, sempre em actividade, sábio, impetuoso, corajoso e até implacável para com os adversários. Durante, pelo menos, o período mais difícil da campanha da independência, quando os dois se encontravam em lua de mel, a ascendência do Ministro sôbre o Príncipe foi completa, pode-se mesmo dizer total. Dom Pedro ia à casa de José Bonifácio, no largo do Rossio, esquina da rua do Sacramento (hoje não mais existe a casa e no lugar da rua abriu-se a Avenida Passos), e ali amarrava o seu cavalo. O Coronel Maler, cônsul da França no Rio de Janeiro, ouviu alguém perguntar espantado como não acreditando no que

via: "É o Príncipe Regente?" E a resposta, aliás bem carioca: "Sim, é o Príncipe, ajudante de ordens de José Bonifácio".

De início, acossado por Avilez e Carreti, que queriam levá-lo à fôrça para Lisboa, abandonado pelos cortezãos, Dom Pedro nada poderia esperar dos militares portugueses. Demitiram-se os ministros. E os fidalgos desertaram do Palácio. Depõe, a respeito, o insuspeito Barão de Mareschal, ministro da Áustria: "A pusilanimidade, o egoismo e a covardia dos seus servidores portugueses eram sem exemplo". Não tinha, na verdade, outra alternativa senão aceitar o apôio dos brasileiros e portugueses residentes no Rio de Janeiro. Dêstes só, não. Também dos negociantes ingleses, que diligenciaram junto ao comandante da fragata "Doris" para que não deixasse o pôrto, a fim de que pudesse asilar o Príncipe e sua família, caso fôsse necessário. A Princesa Leopoldina escondera-se com os filhos em Santa Cruz. E essa viagem precipitada, às carreiras, vencendo as quatorze léguas que separavam a Quinta da Boa Vista da Fazenda Imperial, iniciada de madrugada, e pegando todo o sol de uma manhã poeirenta de verão, teria contribuído para agravar a "constipação" do primogênito, o Príncipe Dom João Carlos, de apenas três anos. A Divisão Auxiliadora "assassinou o meu filho", escreveu Dom Pedro a Dom João VI, no mesmo dia do óbito, e quando a tropa de Avilez e Carreti ainda se encontrava na Praia Grande. O Príncipe Regente desejava expulsá-la, quanto antes, enquanto Avilez contemporizava à espera das fôrças que vinham render-lhe por ordem das Côrtes, e que deviam a qualquer momento chegar ao pôrto do Rio de Janeiro. Sem saber ao certo se demorariam ou não, ou por qualquer outro motivo, inclusive o de correr o risco de ser obrigado a sacrificar o herdeiro do trono português, a que permanecia fiel, apesar de todo o seu ardor constitucionalista, Jorge de Avilez acabou concordando em partir, depois de receber os soldos em atraso e mais três meses adiantados, além da "gratificação e comedorias aos oficiais e famílias".

Evitou-se assim o derramamento de sangue, de acôrdo aliás com a clássica lição da história brasileira, não apenas pelo argumento da pecúnia, é claro, como pela atitude de Dom Pedro, colocando-se à frente das tropas. O Ministro da Guerra, português, estava doente, de cama, num ataque de gota. Partira do comandante de armas, brasileiro, Xavier Curado, de 80 anos de idade, a sugestão de que o Príncipe Regente em pessoa deveria dirigir as operações de guerra. Mais resoluto que os militares mostrou-se José Bonifácio que, aos disparos da Fortaleza de Villegagnon, na expectativa de ter rom-

pido afinal o sítio, montou a cavalo para reunir-se aos patriotas brasileiros no Campo de Sant'Ana. O rebate era falso. Ficou porém o gesto, para marcar a fibra de um homem, que não tinha falado em vão, quando empenhou sua palavra, ao constituir-se o Govêrno Provisório de São Paulo, nas pompas de um discurso grandiloqüente: "Pela felicidade de minha pátria eu farei os mais custosos sacrifícios até derramar a última gota de meu sangue". Coragem e firmeza não lhe faltariam nunca, durante o agitado período do govêrno, que apenas se iniciava, na luta sem descanso que teve de sustentar, na frente interna, como na externa, a tudo diligenciando, prevenindo, comandando.

Com a defecção das tropas portuguesas, o problema da composição política era o mais imediato. As desinteligências entre José Bonifácio e o grupo da Maçonaria, principalmente José Clemente e Ledo, logo vieram à tona. Incompreensão, ciúme, seja lá o que fôr, o que não deixa dúvida é que o Ministro preferiu apoiar-se no antigo Clube da Resistência, dirigido por José Joaquim da Rocha, que fôra o "principal promotor do *fico*" e só não foi ministro porque não quis, no testemunho de Mareschal e do próprio Avilez, que a respeito dá o depoimento definitivo: "todo êsse negócio era manejado pelo insigne rábula Rocha (cabeça do movimento) em cuja casa havia também uma representação a receber assinaturas para o dito fim". Tal era o poder de articulação de José Joaquim da Rocha. Já Imperador, Dom Pedro assim justificaria o acto da deportação de Rocha e seus dois filhos, Juvêncio e Inocêncio: "Sei, de ciência própria, que, sem êles, de nada valeria deportar o pai, porque bastam êstes dois rapazes para amotinarem o Rio".

O povo, que participava das agitações de rua, era recrutado entre os agregados das fazendas e a escravaria da cidade, onde se formavam os capoeiras, sem falar nos desocupados, como então se chamavam os garimpeiros, despedidos das minas, cujo número decrescera de 16.000 em 1812 para 6.000 em 1820. O bibliotecário Marrocos, numa das suas cartas, informa da chegada ao Rio de Janeiro de levas de 200 ou mais "facinorosos" vindos de Minas Gerais ou de outras terras. Êsse contingente humano seria aproveitado, com os negros forros ou mesmo com os escravos, como soldados e marinheiros, na reorganização do Exército e da Marinha, unindo-se aos corpos milicianos já existentes e aos reforços mandados de São Paulo (1.100 homens, segundo Tobias Monteiro, corrigindo Varnhagen, que restringe os Leais Paulistanos a apenas 750 praças) e de Minas Gerais (500 homens).

Acrescente-se ainda a incorporação de cêrca de 1.000 soldados portugueses, da Divisão Auxiliadora, sob o comando de Francisco Maximiliano de Sousa, chegada em Março, mas impedida de desembarcar, a não ser os da corveta "Carolina", que passou a denominar-se "Paraguaçu", protestando os seus tripulantes fidelidade ao Príncipe Regente. Muitos dêsses soldados se arrependeriam depois e foram por isso castigados em praça pública. Tobias Monteiro glosa o episódio n'*A Elaboração da Independência*, para mostrar a dureza de sentimentos de José Bonifácio, que assistiu ao suplício durante horas seguidas, "conversando naturalmente com Dom Pedro, sem nenhum constrangimento", enquanto o Ministro da Guerra, General Nóbrega, pedia clemência, com remorsos por ter assinado a portaria ordenando que se desse em cada praça cinqüenta chibatadas. Pode ser bárbaro o procedimento, àquela época simples rotina militar. Interrompê-la, seria o mesmo que decretar a indisciplina. Nem a independência se consumaria com medidas suaves.

Não era possível fraquejar, nem vacilar. A situação requeria um gigante de cem braços e cem olhos, diria José Bonifácio a Dom Pedro, ao mesmo tempo que lamentava não pudesse prover tantas coisas de uma só vez. O movimento de reacção às medidas das Côrtes Portuguesas se restringia na verdade à região centro-sul do país, sob a liderança paulista, ou mais pròpriamente de José Bonifácio, que antes mesmo de ingressar no ministério propusera aos mineiros uma aliança ofensiva e defensiva. Paradoxalmente, as primeiras dificuldades a serem removidas nasciam da aliança mal cimentada do centro-sul. Os fluminenses não se resignavam a um papel secundário de simples assistentes. Assim também os mineiros. E mesmo em São Paulo, os Andradas encontravam resistência. A viagem de Dom Pedro desarticularia a conspiração que ia adiantada em Vila Rica, no sentido de não reconhecer a Regência, tendo por suportes principais o comandante de armas José Maria Pinto Peixoto e o juiz de fora Cassiano Esperidião de Melo Matos. Em São Paulo, a chamada bernarda de Francisco Inácio (Maio de 1822) deslocara Martim Francisco do comando político da província para o Ministério da Fazenda, obrigando a composição com os mineiros e ao apaziguamento do grupo de Gonçalves Ledo e José Clemente Pereira, com a assinatura do decreto convocando o Conselho de Procuradores das Províncias.

Entendia José Bonifácio ser mais urgente a pacificação geral do Brasil, tendo em vista a situação da Bahia, em franca decomposição desde os acontecimentos de Fevereiro, quando foi sacrifi-

cada, na luta entre soldados brasileiros e portugueses, a Abadessa do Convento da Lapa, Joana Angélica de Jesus. Sob a liderança portuguesa, a Bahia fôra a primeira a desligar-se da Regência, confiando mais nas Côrtes que no Príncipe, talvez num assomo de ciúme, nem sempre contido, contra o Rio de Janeiro, que passara a capital do Vice-Reinado, do Reino Unido e agora do novo Império em formação. O General Madeira de Melo, português, firmara a sua autoridade, depois de ter destituído o brasileiro Manuel Pedro de Freitas Guimarães do comando de armas. Era a hora de socorrer a Bahia, reconquistando-a para os brasileiros. E não sòmente a Bahia, como Pernambuco, que tinha à frente de seu govêrno um republicano de 1817, Gervásio Pires Ferreira, abastado comerciante, indeciso ainda do caminho a seguir, se o das Côrtes, se o da Regência do Rio de Janeiro.

José Bonifácio cederia antes à pressão das circunstâncias que aos maçons do Rio de Janeiro, no seu propósito de adiar a convocação da Assembléia Constituinte, afinal consumada a 3 de Junho. Dos liberais fluminenses, o grupo radical conseguira introduzir um ariete no Ministério, o General Nóbrega, acima citado, nomeado Ministro da Guerra a 27 de Junho. Feito grão mestre da Maçonaria, desde Maio, mas sem fôrça para deter os que o combatiam, na disputa à confiança do Príncipe Regente, José Bonifácio bem que desejaria ter as mãos completamente livres para agir. Daí a sua impaciência, diante do tempo perdido em questões secundárias, puramente demagógicas, quando não de simples rivalidade pessoal, expressa na frase que teria proferido no ponto agudo da crise, e que lhe foi atribuída, mais tarde, por um desafeto, o futuro Marquês de Sapucaí: "Hei de dar um pontapé nestes revolucionários e atirar com êles ao inferno". Os que se apresentavam agora como ultra-liberais, adulando o Príncipe e cultivando a sua vaidade com os títulos de Regente Constitucional e Defensor Perpétuo, não descansariam enquanto não atraissem Dom Pedro para a Maçonria, onde passaria a grão mestre, diminuindo assim o prestígio do ministro paulista. A manobra mal dissimulada não encontraria José Bonifácio desprevenido. Havia fundado uma nova sociedade, à margem da Maçonaria, o Apostolado, com o apôio de José Joaquim da Rocha e dos seus amigos do primitivo Clube da Resistência. No Apostolado, ou melhor, Apostolado da Nobre Ordem dos Cavaleiros da Santa Cruz, o Príncipe seria o Arconte Rei e José Bonifácio o Primeiro Cônsul. De qualquer modo, tornou-se impossível estabelecer a desejada união entre as duas facções, que se entredevoravam

com a mesma inconsciente ferocidade das tribos indígenas, sem atentar que essa luta punha em risco não apenas a independência como a própria integrídade do território nacional.

Combatido pelos portugueses do Rio de Janeiro (com José Clemente Pereira à frente), incompreendido pelos republicanos de Pernambuco (desde o radical Frei Caneca ao contemporizador Gervásio Pires Ferreira), José Bonifácio assume por vezes a posição de um reaccionário, aos olhos de observadores menos avisados. Acabar com a guerra civil, impedir em suma que o Brasil se fraccionasse, parecia-lhe bem mais importante e mais urgente que qualquer veleidade constitucionalista. Que outros fizessem o jôgo das Côrtes de Lisboa. Êle, não. Só desejaria a convocação da Assembléia Constituinte depois do país pacificado. Mas José Bonifácio, sabendo dos riscos que semelhante medida acarretaria, não conseguiu adiá-la indefinidamente. Teve que ceder, mais uma vez, para reduzir a vitória dos constitucionalistas e republicanos. Era um "estado de febre", explicava ao ministro austríaco, o Barão de Mareschal, atento informante da Santa Aliança, que se mostrava alarmado com os avanços do "partido anárquico". Ao mesmo tempo que evitava a desunião dos brasileiros no Rio de Janeiro (onde Gonçalves Ledo se aliava a José Clemente Pereira), José Bonifácio procurava assegurar para a sua política o apôio de tôdas as províncias, sobretudo as do Norte, reconquistando a Bahia e Pernambuco, atraindo o Pará e o Maranhão, mais ligados a Lisboa que ao Rio de Janeiro. Para atingir a meta desejada, tinha que organizar Exército e Marinha, e para isso necessitava levantar recursos que o Banco do Brasil, com os cofres vazios, não lhe poderia fornecer. Resistindo a tôdas as sugestões de pedir dinheiro ao estrangeiro, surgiu a idéia de um empréstimo interno de 400 contos de réis, resgatável no prazo de dez anos, com a criação de um fundo proveniente das rendas da Alfândega do Rio de Janeiro. Se a iniciativa partiu de José Bonifácio, quem a executou de um modo exemplar foi o Ministro da Fazenda, Martim Francisco, reunindo numerário superior ao previsto.

Foi êsse empréstimo interno que permitiu ao Brasil consolidar a sua independência, ao contratar os serviços do General Pedro Labatut (Julho de 1822) e do Almirante Cochrane (Janeiro de 1823), veteranos ambos das campanhas militares de libertação da América Espanhola. Labatut pôs-se à frente das fôrças de terra que seguiram sem demora para a Bahia, levando índios e negros no seu contingente, engrossado no decorrer da luta, que se prolon-

garia até o ano de 1823, estendendo-se por todo o Nordeste, Norte e Extremo Norte, com a incorporação de vaqueiros, jagunços, couraças e cabanos, mobilizando tropas que excederam em número muitas vezes os efectivos militares de Bolívar e San Martin. A maioria era de pretos, escravos e libertos, pelo menos quando a coluna chegou ao Ceará, e o povo cantava nas estradas:

Fecha a porta,
Lá vem Labatut,
Com tropas de negros,
Parece urubu.

É evidente que não desejaria contar apenas com a massa ignorante de negros e índios na organização de nossas fôrças de terra e mar. A preocupação de José Bonifácio foi mais longe. Nas instruções ao Major Schaeffer, valido da Princesa Leopoldina, despachado para a Europa no recrutamento de emigrantes, o Patriarca tivera a lembrança, sem dúvida original, de implantar colônias rurais militares nos moldes dos Cossacos do Don e do Ural, em Minas Gerais e na Bahia. A idéia resultaria na "implantação da mais exótica das instituições na América", no parecer do historiador José Antônio Soares de Sousa, que foi quem primeiro publicou aquelas instruções, mas é preciso considerar a situação brasileira antes de formar qualquer juízo temerário sôbre os objectivos de José Bonifácio. As instruções a Schaeffer datam de 21 de Agosto de 1822, quando não era ainda possível prever o tempo em que se arrastaria a campanha da independência, embora fôsse indispensável prover, desde logo, notadamente no sector da segurança militar, estando o país em plena guerra civil. É digna de atenção a argúcia de José Bonifácio, ao fixar os pontos estratégicos dessas colônias, prevenindo-se contra as conseqüências da interligação entre as duas províncias limítrofes, Minas e Bahia, ambas rebeldes à autoridade do govêrno do Rio de Janeiro.

Os artigos 4.º ao 10.º das instruções reflectem, na verdade, a preocupação que sempre caracterizou a política andradina, à frente do ministério, em seu permanente esfôrço para evitar a desintegração territorial do continente brasileiro. É interessante reproduzi-los aqui, não como simples curiosidade histórica, mas por completarem os subsídios para uma interpretação da acção de José Bonifácio, que só pode ser compreendida em seu sentido global e não aos pedaços, às vezes intencionalmente deformados. As recomendações a Schaeffer, examinadas sem preconceitos, nada possuem de extra-

vagante, nem de pitoresco. Os artigos, referentes às colônias militares, são os seguintes: "4.º — Depois de ter sondado as vistas da Côrte de Viena e dos outros Príncipes da Alemanha, e de ter procurado interessá-los, a favor do Brasil, passará a outro ponto essencial da sua Missão, que vem a ser: ajustará uma colônia rural-militar que tenha pouco mais ou menos a mesma organização dos Cossacos do Don e do Ural; a qual se comporá de duas classes: 1.ª — de atiradores que, debaixo do disfarce de colonos, serão transportados para o Brasil, onde deverão servir como militares pelo espaço de seis anos; 2.ª — de indivíduos puramente colonos, aos quais se concederão terras para seus estabelecimentos, devendo porém servirem como militares em tempo de guerra à maneira dos Cossacos, ou Milícia Armada, vencendo no tempo de serviço o mesmo sôldo que têm as Milícias Portuguesas quando se acham em campanha. 5.º — Quanto à primeira classe, composta dos indivíduos que devem servir como militares pagos, ou soldados, pelo espaço de seis anos, logo que expirar êsse prazo, entrarão na segunda classe, e receberão terras para cultivarem; 6.º — As terras que o Govêrno pretende conceder a ambas as classes para fundarem suas colônias são no interior de Minas no extremo norte da província para o lado da Bahia; e no rio Caravelas nas vizinhanças da Serra do Mar; regulando-se estas concessões e estabelecimentos pelo mesmo pé das colonizações inglesas em Nova Holanda e Cabo da Boa Esperança. O Govêrno isentará êsses colonos do dízimo pelo espaço de oito anos, e êles tomarão a seu cargo a abertura das estradas de comunicação com as províncias vizinhas ou portos de mar, para comodidade recíproca; 7.º — O máximo de ambas as classes mencionadas será de quatro mil pessoas, com os oficiais competentes, que em tempo de paz servirão de directores e administradores das colônias; porém haverá a precaução de não aumentar, digo multiplicar o número dêsses oficiais, pois devem-se conservar lugares para serem preenchidos por oficiais brasileiros, de notória capacidade, que por serem dêste País estão em melhores circunstâncias de dirigir os colonos e ilustrá-los sôbre a topografia, costumes e legislação dêste Reino. Os da primeira classe podem ser o têrço do número total; 8.º — Os uniformes dos colonos que aqui devem militar podem ser mesmo os dos Cossacos do Don, havendo as alterações que êste clima exige, conservando porém sempre o sabre, pistola, espingarda e lança. Por êste motivo se adverte a Vossa Mercê que êstes soldados devem vir já armados, e Vossa Mercê promoverá comprar o armamento na Alemanha onde êstes objectos são de módico preço, dando de

tudo isso as participações competentes e a tempo, por esta Secretaria de Estado; 9.º — Cada colônia ou estabelecimento terá um *Hatman* ou Governador nomeado pelo Príncipe Regente; ficando em tudo sujeitos êstes estabelecimentos às leis civis e militares do País; 10.º — Sendo necessário que haja em alguns portos pessoas que cuidem do embarque e transporte sucessivo dêsses colonos, fica Vossa Mercê autorizado para nos lugares dêsses embarques nomear agentes temporários, a quem se dará uma ajuda de custo proporcionada ao trabalho que tiverem, de cem a duzentos mil réis".

Será desnecessário lembrar que um plano dessa envergadura não poderia ser realizado da noite para o dia. Nem Schaeffer, cuja encarregatura bastante censurável se prolongou até o final do Primeiro Reinado, seria o homem ideal para executar o que José Bonifácio havia sonhado. De qualquer modo, alternando projectos imaginosos com os rasgos da acção imediata e eficaz, o Patriarca resignou-se a utilizar a prata da casa, aliciando índios e negros para a campanha da independência, aos quais se juntariam os pés rapados, agregados e desocupados, enfim, todos os marginais que viviam ao redor das fazendas e dos engenhos. A mobilização dessa plebe rural, inclusive dos escravos que lutavam também pela sua alforria, deu à guerra da independência uma dimensão e profundidade desconhecidas no sul. Mais tarde, será difícil conter a massa dos espoliados, que sacudirá o Brasil nas rebeliões nativistas da Regência, da abdicação de Dom Pedro I à maioridade de Dom Pedro II. O problema da terra, ligado ao trabalho livre, sobrenada como os restos da enchente provocada pela convulsão social que abalou todo o norte do país por tantos anos. Uma nova lei de terras, abolição gradual da escravatura, desenvolvimento simultâneo das indústrias e da agricultura, tudo isso se encontra no programa de govêrno do monarquista conservador José Bonifácio de Andrada e Silva, e só não foi realizado, pelo menos em parte, no que era possível, é claro, devido aos seus antagonistas ultra-liberais e até com pruridos republicanos, que lhe recusaram o apôio, na hora decisiva, levando o já então Imperador a compor-se com os proprietários de escravos que acabaram por derrubar o ministro paulista do govêrno.

Êsse equívoco, que marcou a cisão do partido brasileiro, na inglória disputa José Bonifácio x Ledo, produziria o aleijão com que se desenvolveram as nossas instituições, notadamente o parlamentarismo, liberal apenas na fachada, sem contudo poder extirpar o cancro da escravidão — para usar uma expressão mais de uma vez repetida por José Bonifácio. A lucidez do seu esquema político

e a firmeza com que o executava, mesmo em meio a paixões tão desencontradas, é bem possível, poderia ser melhor compreendida de fora que de dentro do Brasil. Um português, corifeu do constitucionalismo, Borges Carneiro, ao discursar nas Côrtes de Lisboa, desde logo, percebeu a importância da acção do ministro brasileiro, que consolidava a independência, preservando a unidade nacional: "Ali, um só homem, José Bonifácio de Andrada e Silva, com a energia do seu carácter, improvisa fôrças de terra e mar, acha recursos em abundância, e nos põe pela porta fora com a maior sem cerimônia possível. Nós aqui gastamos o tempo em falar e não fazemos senão registrar as desfeitas que vamos recebendo do Brasil".

A par da energia no comando da luta pela independência, reconhecida pelos seus contemporâneos que lhe eram adversos, o que mais impressiona hoje na personalidade andradina é a sua percepção dos problemas brasileiros da sua época, em conjunto, como não admitindo separação do político do social e do econômico. Faltou foi tempo para realizar o programa de govêrno, que havia traçado desde as *Lembranças e Apontamentos*. Nem os traficantes de escravos, os "negreiros", comerciantes no Rio de Janeiro, nem os senhores rurais, proprietários de escravos, aceitaram a grande reforma da abolição do tráfico e da redivisão da propriedade, a ser executada, êles bem o sabiam, com a mesma energia e decisão empregadas na luta pela independência. Essa, a verdadeira razão da luta sem quartel aos Andradas, os "urros do sórdido interêsse", segundo o próprio José Bonifácio, oposição afinal vitoriosa no conluio palaciano, com a parceria da futura Marquesa de Santos. E, conforme a tradição oral, com regosijo até do próprio Imperador, que teria dito num desabafo: "Que o velho se vá com Deus, que eu já lhe tirei tudo o que êle sabia".

Os Andradas se demitiram do govêrno, logo após o 2 de Julho, que assinala a grande vitória baiana na Guerra da Independência. Em Setembro, o govêrno brasileiro oficializava o tráfico, declarando o impôsto a ser cobrado por africano importado, em decisão que teria o referendo do Ministro da Fazenda, Manuel Jacinto Nogueira da Gama, futuro Marquês de Baependi, rico fazendeiro e grande proprietário de escravos. A dissolução da Constituinte se efectivaria em Novembro. À frente das tropas, Dom Pedro I ostentava no chapéu imperial um ramo de cafeeiro, que deixaria de ser simples adôrno do escudo nacional, para constituir, desde então, o sinete da hegemonia política dos traficantes e proprietários de escravos. Removido por fim o grande obstáculo, chegou-se ao reconhecimento

da independência com uma simples promessa, "para inglês ver", de que o tráfico seria interrompido em 1827. Não o foi. Nem mesmo em 1831, com o decreto de proibição do Regente Feijó. Entre 1830 e 1839, um ano depois da morte de José Bonifácio, o Brasil continuou a receber levas e levas de africanos, num total de 400 mil. O preço do reconhecimento inglês fôra substituído pela renovação das "cláusulas leoninas" (a expressão é de Oliveira Lima) do Tratado de 1810, cuja caducidade havia sido declarada por José Bonifácio. E o mais desastroso de tudo: a sucessão de empréstimos externos em 1824, em 1829, em 1839.

De volta do exílio, em 1829, José Bonifácio não mudara. Era o mesmo homem de sempre. Não acreditava o Almirante Roussin existisse "velhinho mais fogoso; aos 66 anos, nem seu corpo, nem seu espírito um momento sequer estavam em repouso". E Edouard Pontois, representante francês no Rio de Janeiro, acrescentava ser "a sua conversação mais interessante e proveitosa que a de todos os ministros reunidos e a de que qualquer outra pessoa dêste país". Beirando os 70 anos, parecia disposto a recomeçar tudo de nôvo, reconduzindo o Brasil ao caminho que havia aberto, o da sua verdadeira independência, frustrada pelo "sórdido interêsse" dos traficantes e proprietários de escravos. A Pontois parecia irreflectido o entusiasmo com que José Bonifácio expunha as suas idéias. *Et pour cause...* "Dizia-me êle — comunicava o Ministro Francês ao seu govêrno — que todos êsses tratados de comércio e amizade concluídos com as potências da Europa eram puras tolices; nunca os deixaria ter feito, se estivesse aqui. O Brasil, continuava José Bonifácio, é uma potência transatlântica, nada tem a deslindar com a Europa e não necessita dos estrangeiros; êstes, ao contrário, precisam muito do Brasil. Que venham, pois, todos aqui comerciar; nada mais; porém em pé de perfeita igualdade, sem outra protecção além do direito das gentes e com a condição expressa de não se envolverem, seja como fôr, em negócios do Império; de outro modo é necessário fechar-lhes os portos e proibir-lhes a entrada no país".

Comércio livre, nada de tratados! O que poderia parecer um excesso de jacobinismo ou rabugice de velho ressentido, nada mais era que a reafirmação de uma atitude, sempre a mesma, em defesa do interêsse nacional. Atitude de um verdadeiro estadista e de um patriota autêntico, que não sabia enganar a ninguém, como já o dissera a mais de um. De um homem nítido e sem manhas, que jamais se curvaria diante das pressões que pudessem prejudicar o Brasil, viessem de dentro ou de fora do país. Talvez fôsse duro

demais, mas se não o fôsse deixaria de ser José Bonifácio. O Marquês de Barbacena teve, certa vez, a liberdade de sugerir-lhe que o político ideal estaria personificado em quem pudesse reunir as manhas dêle, Barbacena, aos talentos de José Bonifácio. "Coisa impossível", replicou-lhe prontamente o Patriarca. "Vossa Excelência não teria as suas manhas se tivesse os meus talentos". Resposta definidora. E que reflecte mais e melhor que qualquer outro retrato psicológico a face do varão que em vida repudiou todos os títulos e honrarias, para vir a ser chamado pela posteridade Patriarca da Independência, ou seja Pai da Nação, o maior de todos os títulos a que um brasileiro poderia jamais aspirar.

FRANCISCO DE ASSIS BARBOSA

Rio de Janeiro, Dezembro de 1964.

RELAÇÃO
DE
DOCUMENTOS BIOGRAFICOS ORIGINAIS
DE
JOSÉ BONIFACIO DE ANDRADA E SILVA
POR
ORDEM CRONOLÓGICA

1) Carta de Bacharel em Filosofia pela Universidade de Coimbra. (8.VII.1788)

2) Diploma de Admissão à Academia Real das Ciências de Lisboa. (4.III.1789)

3) Instruções do Ministro Luiz Pinto de Souza, relativas à viagem de aperfeiçoamento técnico através da Europa. (31.V.1790)

4) Certificado de freqüência do curso de Mineralogia e Química com o Prof. Fourcroy, de Paris. (16.I.1791)

5) Diploma de membro correspondente da Sociedade Filomática de Paris. (29.I.1791)

6) Diploma de membro da Sociedade de História Natural de Paris. (4.III.1791)

7) Certificado do curso com o Prof. Duhamel, na Escola de Minas de Paris. (1.º.IV.1791)

8) Recomendação datada da cidade de Kungsberg (Noruega), solicitando aos funcionários mineiros boa assistência para José Bonifácio, em sua viagem de estudos pelos países nórdicos. (9.VI.1792)

9) Licença concedida pela Direcção das Minas em Freiberg a Câmara e Andrada para descerem às galerias. (23.IX.1792)

10) Ordem do Eleitor da Saxônia à Direcção Superior das Minas, a fim de permitir aos Srs. Câmara e Andrada visitar as minas e fundições e freqüentar as aulas da Academia de Freiberg. (5.X.1792)

11) Comunicação da Direcção Superior das Minas do Eleitorado da Saxônia, dando conhecimento, às repartições subordinadas, da determinação do Eleitor de permitir aos Srs. Câmara e Andrada, com algumas restrições, a visita às minas e fun-

dições e bem assim a freqüência às aulas da Academia. (13.X.1792)

12) Determinação no sentido de informar os Srs. Câmara e Andrada sôbre a licença dada. (s/d)

13) Autorização para visitar as salinas de Gmünden, dada ao Prof. Câmara e aos dois minerólogos portugueses que o acompanham, pela Direcção da Casa da Moeda e das Minas de Viena. (1.IV.1794)

14) Certificado de freqüência do curso de Orictognosia e Geognosia com o Prof. Werner, de Freiberg. (17.VIII.1794)

15) Autorização da Direcção da Casa da Moeda e das Minas de Viena, dada a Andrada para visitar as minas e fundições da Hungria. (17.X.1795)

16) Instruções baixadas aos funcionários das minas e fundições a fim de permitirem aos três portugueses Câmara, Andrada e Fragoso visitar as mesmas. (15.XII.1795)

17) Salvo-conduto expedido pelo Enviado Extraordinário e Ministro Plenipotenciário de Portugal junto à Côrte de Viena, solicitando livre-trânsito para José Bonifácio e dois acompanhantes domésticos, em sua viagem com destino a Estocolmo. (1.IX.1796)

18) Passaporte expedido em nome de Francisco II, Soberano do Sacro Império Romano, concedendo a José Bonifácio tôdas as franquias necessárias à sua viagem para Estocolmo, no percurso dentro de seus domínios. (9.IX.1796)

19) Passaporte expedido pelo Ministro de Estado, Enviado Extraordinário e Ministro Plenipotenciário da Prússia em Viena, concedendo a José Bonifácio livre-trânsito no trajecto para a Suécia, de passagem por Berlim. (9.IX.1796)

20) Passaporte fornecido a José Bonifácio e seu escudeiro, pelo Encarregado de Negócios da Suécia junto à Imperial Côrte de Viena, a fim de poderem viajar para Estocolmo. (9.IX.1796)

21) Diploma de membro da Sociedade dos Amigos da Natureza de Berlim. (17.I.1797)

22) Salvo-conduto concedido pelo procurador da Coroa da Suécia, no impedimento de S. M. R., a José Bonifácio e sua espôsa,

para transitarem livremente a caminho da Noruega. (21.VIII.1797)

23) Diploma de membro da Real Academia de Ciências de Estocolmo. (25.X.1797)

24) Salvo-conduto concedido pelo Rei Cristiano VII da Dinamarca a José Bonifácio e seu escudeiro, para se dirigirem livremente à Noruega. (11.III.1798)

25) Diploma de membro da Sociedade Mineralógica de Iena. (22.VII.1798)

26) Salvo-condunto expedido pelo Encarregado de Negócios de Portugal junto à Côrte de S. M. Dinamarquesa, datado de Copenhague, solicitando livre-trânsito para José Bonifácio, em sua viagem com destino à Alemanha e Inglaterra. (17.V.1799)

27) Carta de mercê, concedendo a José Bonifácio de Andrada e Silva o cargo de Intendente Geral das Minas e Metais do Reino. (25.VIII.1801)

28) Carta do Príncipe Regente Dom João, endereçada a José Bonifácio de Andrada e Silva, encarregando-o de dirigir os trabalhos necessários ao Couto de Lavos e outros. (1.º.VII.1802)

29) Carta de mercê, concedendo a José Bonifácio de Andrada e Silva o cargo de Desembargador da Relação do Porto. (8.VIII.1806)

30) Alvará de nomeação de José Bonifácio de Andrada e Silva para o cargo de Superintendente do Rio Mondego e Obras Públicas da Cidade de Coimbra. (13.VII.1807)

31) Carta de mercê, assinada por Dom João VI, concedendo a José Bonifácio de Andrada e Silva o título de membro do Conselho do Estado. (18.VIII.1820)

32) Carta do Imperador Pedro I, concedendo a José Bonifácio de Andrada e Silva o ofício de Mordomo-Mor da Casa Imperial do Brasil. (8.III.1823)

33) Portaria de demissão de José Bonifácio de Andrada e Silva do cargo de Ministro de Estado dos Negócios do Império e Estrangeiros do Brasil. (17.VII.1823)

34) Decreto de Pedro I nomeando José Bonifácio de Andrada e Silva tutor de seus filhos menores. (6.IV.1831)

35) Carta de Pedro I a José Bonifácio, solicitando-lhe cuidar, na qualidade de tutor, da educação do seu filho menor, em favor do qual acabava de abdicar o trono do Brasil. (7.IV.1831)

36) Mensagem de Pedro I à Assembléia Geral Legislativa do Brasil, comunicando a nomeação de José Bonifácio de Andrada e Silva para o cargo de tutor do Imperador-Menino. (8.IV.1831)

37) Veemente protesto de José Bonifácio de Andrada e Silva contra a decisão da Câmara dos Deputados que negou aprovação ao acto de Pedro I, nomeando-o tutor de seus filhos menores. (17.VI.1831)

38) Carta de José Bonifácio de Andrada e Silva a José Lino Coutinho, pouco depois de sua posse no cargo de tutor de Pedro II. (29.VIII.1831)

39) Carta de José Bonifácio de Andrada e Silva a Antônio Pinto Chichorro da Gama, protestando enèrgicamente contra a destituição do cargo de tutor de Pedro II, ordenada pelo decreto da Regência. (15.XII.1833)

40) Testamento de José Bonifácio de Andrada e Silva. (9.IX.1834)

41) Boletim volante, assinado por um Paulista, comunicando ao público as melhoras do estado de saúde de José Bonifácio de Andrada e Silva, acometido duma "congestão cerebral, acompanhada de febre perniciosa". (s/d)

42) Cópia do Diário da doença de José Bonifácio de Andrada e Silva, redigido alternadamente pelos médicos assistentes, desde o dia 26 de Março até o dia 6 de Abril de 1838, autenticada com a assinatura de Martim Francisco. (1838)

DOCUMENTOS BIOGRÁFICOS ORIGINAIS

(REPRODUÇÕES FACSIMILARES)

IN DEI NOMINE, AMEN.

D. FRANCISCUS RAPHAEL A' CASTRO,

Sanctæ Ecclesiæ Patriarchalis Ulyssiponensis Principalis, Regiæ Majestatis a Consiliis, & hujus Academiæ Conimbricensis Reformator, ac Rector, &c. Simulque Alma Universitas ipsa palam testamur, certioresque reddimus omnes, & singulos quorum interest præsentes Literas inspicere. Quòd dilectus nobis JOSEPHUS BONIFACIUS DE ANDRADA E SILVA, filius Bonifacii Josephi de Andrada, ex Oppido de Santos, Prætura S. Pauli oriundus, Gradum Bacca lauri in Philosophiæ Facultate laudabiliter, & honorifice in Academia Nostra Conimbricensi adeptus est, Cursibus suis de more peractis, præmissoque Examine publico, in quo a Gravissimis, Sapientissimisque Professoribus approbatus fuit NEMINE DISCREPANTE, cæteris rite, ac solemniter observatis, secundum prædictæ Universitatis Statuta decoratus autem fuit ipso Baccalauri Gradu, per Sapientissimum Doctorem THEOTONIUM JOSEPHUM DE FIGUEIREDO BRANDAM Professorem Meritissimum, prius præstito juramento se publice, & privatim defensurum IMMACULATAM CONCEPTIONEM DEI-GENITRICIS VIRGINIS MARIÆ die XVI Julii Anno Domini MDCCLXXXVII. quemadmodum in Libro Examinum, Actuum, & Graduum ejusdem anni fol. 163 vers. annotatum est Cujus rei testimonium publice perhibentes has Literas prædicto Baccalauro benemerito dedimus, subscriptionemque nostram adjecimus, Sigillo etiam Universitatis appenso. Data Conimbricæ die 8 — Julii Anno Domini millesimo septingentesimo octogesimo octavo.

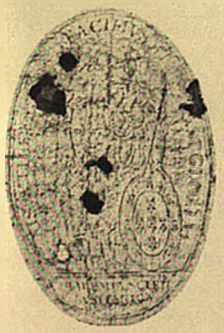
Honoratus da Motta e Silva pro Secretarius

REGALIS ACADEMIÆ SCIENTIARUM
OLISIPONENSIS PRÆSES SOCIIQUE

Josepho Bonifatio de Andrada Viro Clarissimo

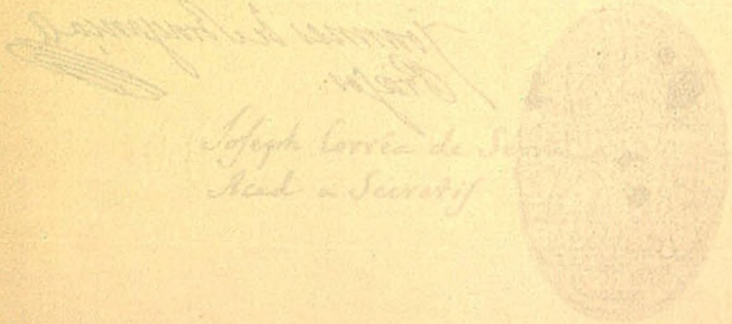
S. P. D.

QUUM sine multorum Doctorum hominum collata opera, artes scientiæque perfici nequeant; idcirco nos, qui Litterarum causa Olisipone convenimus, Viros eruditos, quos idem disciplinarum amor inflammat, quamvis ipsi aut domicilium heic habere, aut interesse cætibus nostris non possint, tamen ad tantam rem adscisere decrevimus. Tua vero eruditio nobis & multorum prædicatione, & nostrorum in primis Sociorum testimonio cognita, & perspecta, nos impulit, ut te in partem laboris nostri vocaremus, illud profecto sperantes, non mediocres utilitates accessionesque, ex tua industria & doctrina, Litteris cæterisque bonis artibus proventuras. Quod nostrum de te judicium, tibi gratum acceptumque fore confidimus; teque ut muneri quod tibi imponimus, & desiderio nostro facias satis, quæ vel ipse meditando compereris, vel ab aliis cognoveris, semel saltem annis singulis, diligentissime ad nos prescripturum. Dabamus in Regiis Ædibus Academicis, & sigillo munivimus *die 4.ª Martii 1789*



Joannes de Bragança
Præses.

Joseph Correa de Serra
Acad.ª a Secretis



N.º 1.º

Instrucção

1.º

Sua Mag.ᵈᵉ tendo nomeado a V.M.ᶜᵉˢ para passarem a Pariz, com o importante fim a que se destinam, Foi servida ordenar-me, que prescrevesse a V.M.ᶜᵉˢ as Instrucções seguintes.

1. Que para a melhor ordem economica da expedição fosse nomeado Manuel Ferreira da Camara Chefe de Brigada, a cujo cargo estará o decidir do tempo dos Estudos, e das viagens, do destino de cada hum dos Socios, e dos Sitios aonde devem empregar-se.

2. Na Cidade de Pariz farão V.M.ᶜᵉˢ, em primeiro lugar, hum Curso completo de Quimica com M.ʳ Furcroi, e outro de Mineralogia Docimastica com M.ʳ Le Sage, ou com quem fizer as suas vezes, empregando-se nesta applicação pelos menos hum Anno.

3. Acabados os dous Cursos preparatorios, passarão V.M.ᶜᵉˢ em direitura a Freiberg no Artz, afim de entrarem no Curso completo das Minas daquelles destrictos, para o que acharão V.M.ᶜᵉˢ ali todas as facilidades necessarias em virtude das Ordens, que se devem expedir aos Directores, por via da sua Corte; e neste exercicio se demorarão V.M.ᶜᵉˢ por tempo de dous Annos, por se julgar indispensavel este espaço de tempo.

4. Parecia conveniente, que V.M.ᶜᵉˢ assentassem ali praça de

Mi-

Mineiros, para adquirirem todos os conhecimentos praticos, para o que encontrarão V.M.ces igual facilidade por parte do Director.

5. Acabado o Curso de Freibergh, passarão V.M.ces a visitar as Minas de Saxonia, e Bohemia, e as outras dos Estados do Imperador na Ungria &c., e se for possivel se aproveitarão das Direcçoens de M.r Born, como muito proveitosas, para o que acharão igualmente em Vienna as recommendaçoens convenientes nas maons do Ministro de Sua Mag.e a quem devem recorrer.

6. Terminada a Viagem de Ungria, visitarão as Minas de Catherineburgh, e as outras vizinhas em Russia, passarão a Suecia, e Noruega, e dali se dirigirão a Inglaterra, para examinarem as Minas de Escocia, e do Paiz de Gales, e terminando por Cornivalhes se recolherão a Lisboa por via do Paquete de Falmouth.

7. Em todas as Cortes por onde transitarem, e em que houverem Ministros de Sua Mag.e se lhes apprezentarão immediatamente, communicando-lhes as Instrucçoens que levam para serem por elles protegidos, e recommendados, na forma das ordens, que se lhes devem expedir; e quando houver necessidade de se fazerem compras de Livros da Profissão, Maquinas, e Modelos, que se devam adquirir, e remetter para a Corte de Lisboa.

DOC. III - A

o Chefe da Expedição o representará ao Embaixador, ou Ministro da Corte aonde se achar, para que mande satisfazer as despezas necessarias de similhantes acquizições; e quando não houver Ministro no lugar da sua Rezidencia, escreverá o mesmo Chefe ao da Corte que lhe ficar mais vizinha, para que este dê as providencias necessarias a respeito dos pagamentos.

Palacio de Nossa Senhora da Ajuda a 31. de Maio de 1790.

Luiz Pinto de Souza

P.S. Não obstante o que se determina no fim do §.º 6.º deverão V.M.ces passar de Inglaterra em direitura a Biscaya, para examinar as Minas daquelle Senhorio, e as mais, que julgarem interessantes nas differentes Provincias de Espanha.

Luiz Pinto de Souza

24

P. Soares de Sello Nº 4 de Junho de 1829
Nº 7 ...
Alvarez

DOC. III - B

Je soussigné Docteur en Médecine de la Faculté de Paris, de l'académie Royale des Sciences, de la Société Royale de Médecine, Professeur de Chimie &c., certifie que Monsieur Joseph Bonifacio d'Andrada Portugais du Brésil, a suivi un cours particulier de Minéralogie et de Chimie dans mon Laboratoire depuis le 17 de Septembre 1790 jusqu'au premier Janvier 1791, avec toute l'assiduité et tout le zèle possibles; en foi de quoi j'ai donné le présent certificat; à Paris le 16 Janvier 1791.

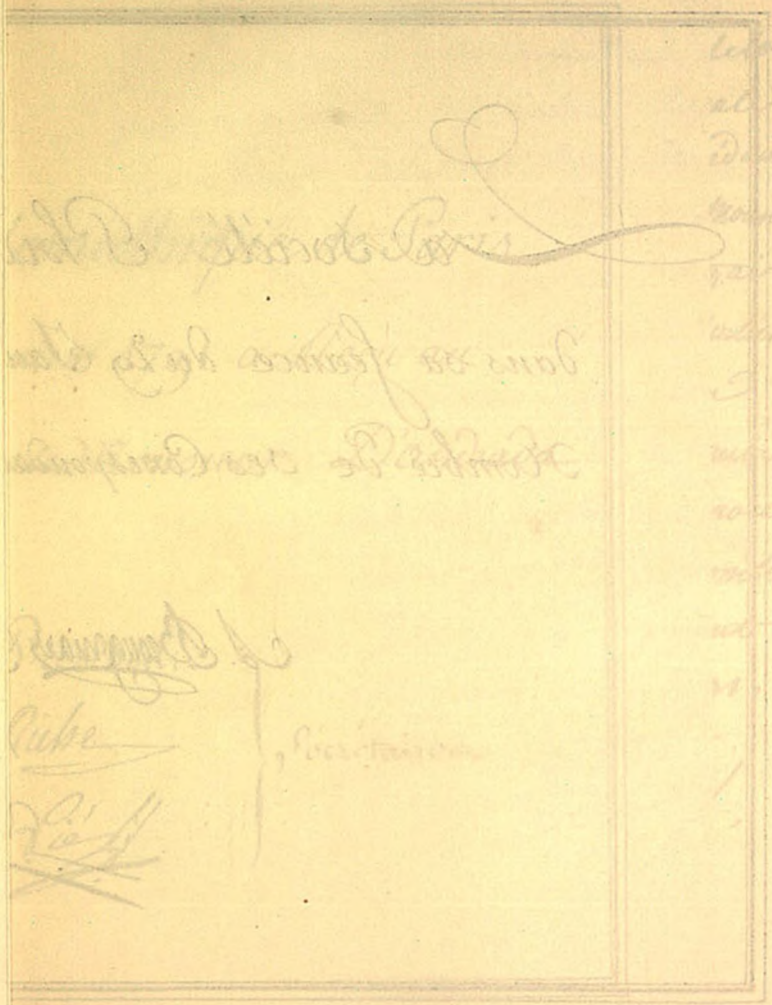
Fourcroy

DOC. IV

La société Philomathique de Paris
dans sa séance du 29 Janvier 1791 a Reçu au
Nombre de ses Correspondants Monsieur D'andrada

A. Brongniart Président
Riche
Piéff
} Secrétaires

DOC. V



La société d'Histoire Naturelle de Paris
dans sa séance du 4 Mars de 1791 a reçu
au nombre de ses associés M. Dandrada.

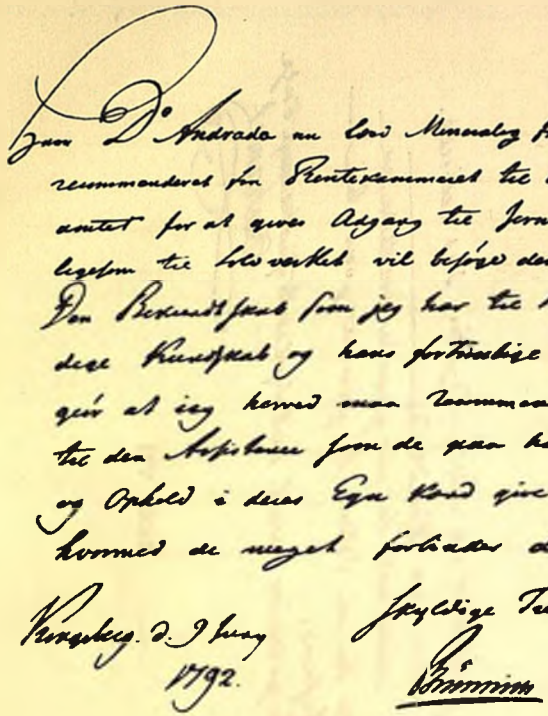
Venteuaz — Président

Ruhe
Pelletier } Sécrétaires

DOC. VI

Je soussigné professeur de l'école Royale des mines,
certifie que Monsieur D'andrada
a suivi mon cours avec la plus grande exactitude, en
foi de quoi je lui ai délivré le présent pour lui
servir au besoin.
A Paris le premier avril mil Sept cents quatre vingt onze
Duhamel

DOC. VII



DOC. VIII

Krafft gegenwärtigen Fahr-Scheines,

wird mit Vorbewust und Approbation E. Hochlöbl. Ober-Berg-Amts, Berg-Amts halber Vorzeigern dieses,

Ihro des Herrn Emanuel Ferrura da Camara, und
Ihro des Herrn Joseph Boniface d'Andrada, aus Brassilien. Hochwohlgebohrn:

bey hiesigen Zechen zu fahren und sich des Bergbaues zu erkundigen, erlaubet. Wannenhero hierdurch allerseits Schichtmeister und Steigere bedeutet werden, ermeldten Herrn Producenten bey ihren Gruben-Gebäuden und zugehörigen Scheide-Bänken und Wäschen gegen Vorzeigung dieses Fahr-Scheines ohne einige Hinderung fahren zu lassen, und Ihn auf Verlangen allenthalben gebührenden Bescheid zu ertheilen. Sigl. Freyberg, den 23ten Septembr: Anno 1792.

Sr. Chur-Fürstl. Durchl. zu Sachsen,
verordnetes Berg-Amt allda.

Christian Wilhelm Friedrich Schmid,
Ober-Bergmeister

DOC. IX

DOC. IX

Friedrich August,
Chur-Fürst,

Wohlgebohrner, Veste, Räthe, liebe getreue. Nachdem Wir auf einen unterthänigst erstatteten Bericht vom 22sten vorigen Monats gnädigst bewilliget haben, daß denen beyden Königl: Portugiesischen Pensionairs, Emmanuel Ferrura da Camara und Joseph Boniface d'Andrata, die Befahr- und Besichtigung der Freybergischen und Obergebürgischen

praes: den 10. Oct: 1792.

DOC. X

DOC. X - A

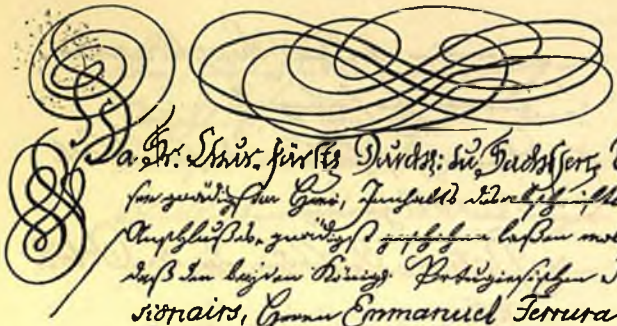
nannten beyden Supplicanten
hiervon Eröfnung thun.
Daran geschiehet Unser Wille
und Meynung.
Datum Dreßden, den 5. Octobr.
1792.

G. X. Graf von Wallwitz.

An
das Obere Berg Amt
zu Freyberg.

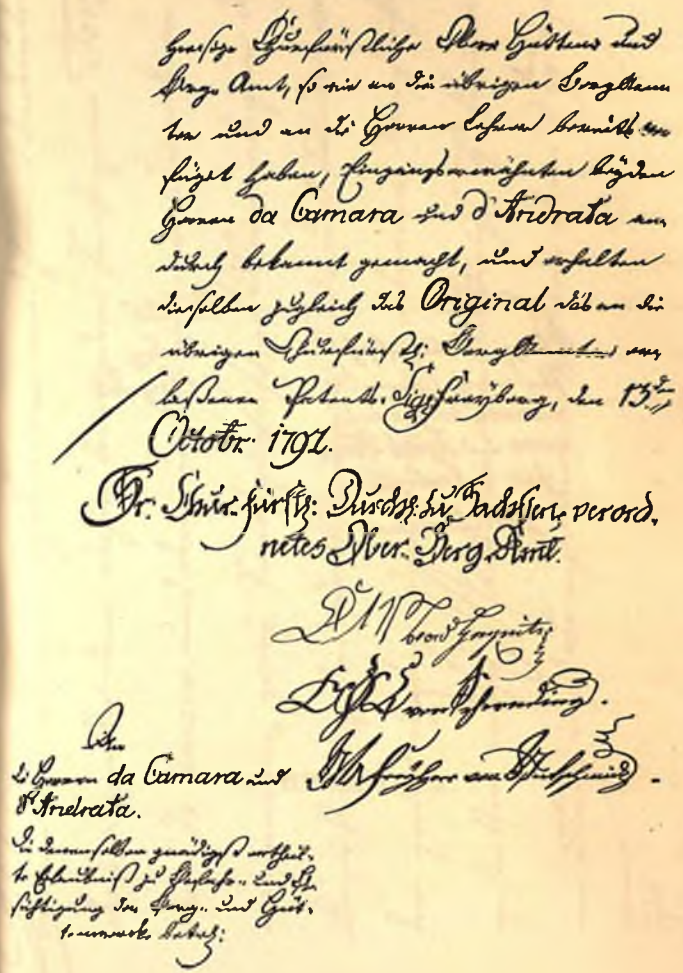
Ernst Amadeus Martini.

DOC. X-B



Da Sr. Chur-fürstl. Durchl. zu Sachsen, Ihre-
ser gnädigsten Herr, Inhalts des abschriftlichen
Anschlusses, gnädigst geschehen lassen wollen,
daß den beyden Königl. Portugiesischen Pen-
sionairs, Herrn Emmanuel Ferrura da
Camara und Herrn Joseph Boniface d'
Andrata sowohl die Befahrung und Besichti-
gung der hiesigen und Obergebürgischen
Berg- und Hüttenwerke, jedoch mit Aus-
schluß des Schneeberger und übrigen Ko-
bald-Bergbaues, der Blaufarbenwerke
und des Unsaichtwerks zu Geyer, als
auch die Anhörung der Vorlesungen bey
hiesiger Berg-Academie, gegen das den
Herren Lehrern gebührende Honorari-
um gestattet werden möge; Als
wird Ober-Berg-Amtswegen solches, und
daß Wir das deshalb weiter Nöthige an das

DOC. XI



hiesige Churfürstliche Ober Hütten und
Berg Amt, so wie an die übrigen Bergbeam-
ten und an die Herren Lehrer bereits ver-
fügt haben, Eingangsverwähnten beyden
Herren da Camara und d'Andrata an-
durch bekannt gemacht, und erhalten
dieselben zugleich das Original das an die
übrigen Churfürstl: Bergbeamten er-
lassenen Patents. Sig. Freyberg, den 13ten
Octobr. 1792.

Fr. Chur-fürstl: Durchl: zu Sachsen, verord-
netes Ober-Berg-Amt.

[illegible]

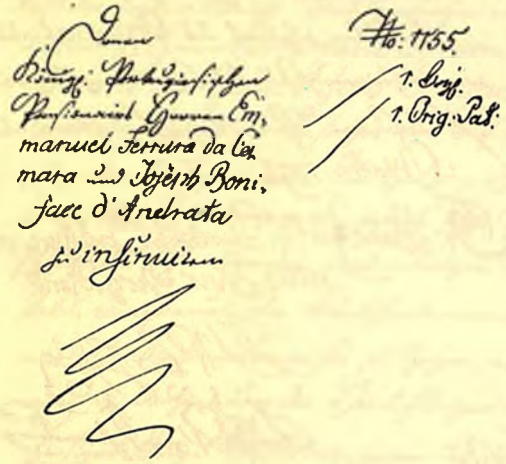
[illegible]

[illegible]

An
die Herren da Camara und
d'Andrata.

Die denenselben gnädigst ertheil-
te Erlaubniß zu Befahr- und Be-
sichtigung der Berg- und Hüt-
tenwerke betr:

DOC. XI-A



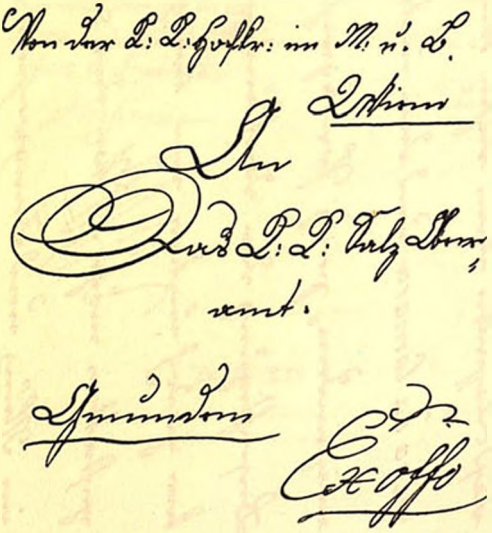
DOC. XII

Dem Kail: Königl: Salz Oberamt wird hiemit bedeutet, daß dasselbe dem dahin kommenden Professor Ferreira da Camara, und den unter seiner Direktion reisenden, zwey Portugiesischen Mineralogen die Besichtigung der dortländigen Sud= und Salinenwerker jedoch unter der vorgeschriebenen Vorschrift gestatten möge. Von der Kail: Königl: Hofkammer im Münz und Bergwesen. Wien den 1ten April 794.

J. G. Chr. v. Stampfer Hofr.

Karl v. Schloißnigg Hofr.

DOC. XIII



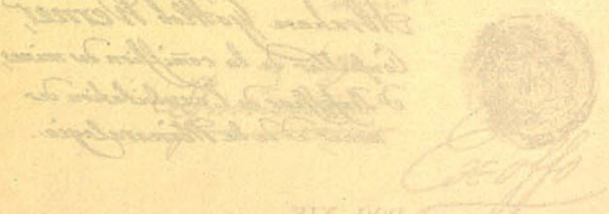
DOC. XIII (verso)

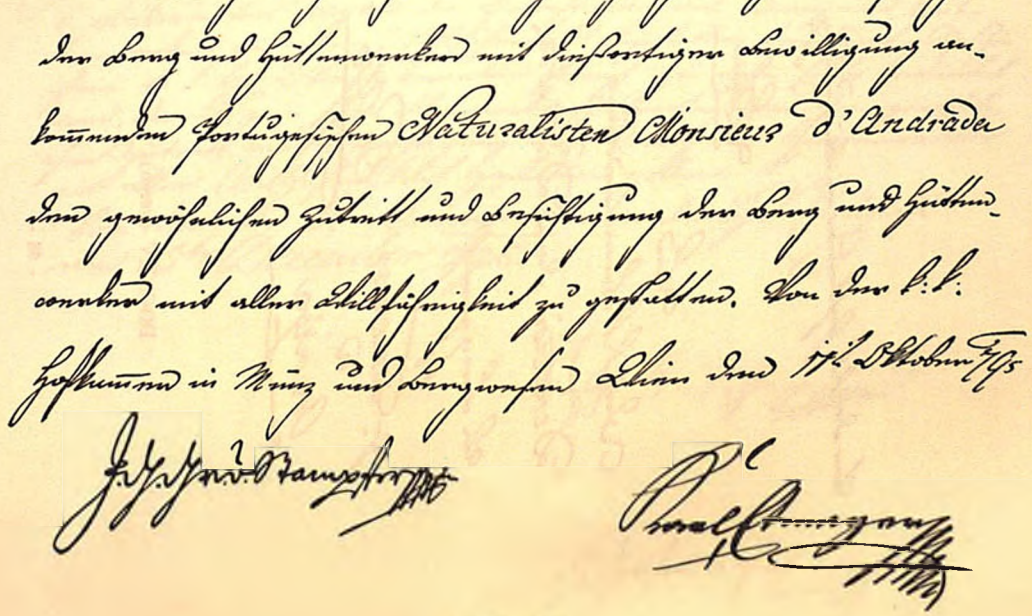
J'atteste que Mr. d'Andrada, Pensionair de S. M. T. Fidele, a entendu chez moi un cours entier d'Orycktognosie ainsi qu'un autre de Geognosie, et que, par les soins qu'il y a mis, il s'est fondamentalement instruit, non seulement de la matiere dont ils sont le sujet, mais aussi de la methode et des principes que je professe dans ces deux parties de la Mineralogie. En vertu de quoi je lui ai donné ce Certificat, pour qu'il lui puisse servir au besoin.

Freiberg en Saxe le 17. Aout, 1794.

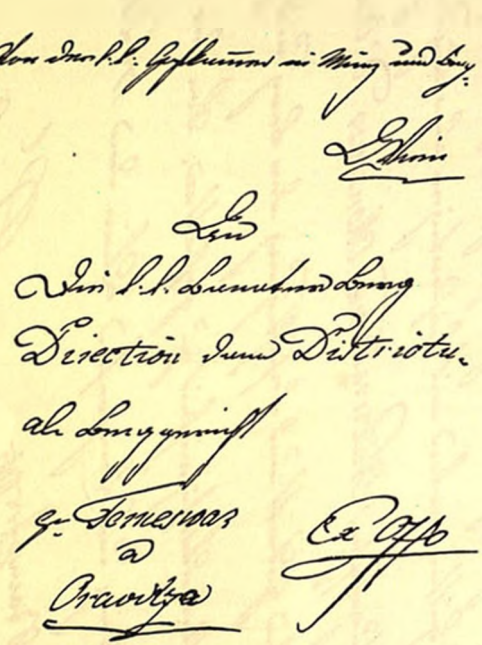
Abraham Gottlob Werner,
Conseiller de la commission des mines,
et Professeur de l'exploitation des
mines, et de la Mineralogie.

DOC. XIV





DOC. XV



DOC. XV (verso)

Zu Folge einer Wohllöbl. k. k. Oberstkammergrafenamts Verordnung von 25ten v. M. wird den drey Portugesen d'Camara, d'Andrada, und Fragoso die Besichtigung der Berg und Hüttenwerker mit aller Willfährigkeit zugestatten bewilliget – Welchen ihnen k. k. hh. Werksbeamten hiemit zu dem Ende bedeutet wird, damit sie den obbenannten 3 Portugesen, den gewöhnlichen Zutritt und Besichtigung der Berg und Hüttenwerker mit aller Willfährigkeit gestatten sollen.

Von der k. k. Kammerverwaltung Neupohl am 15ten December 795.

Jgs. H. v. Schluga

Gottfried v. Puchner

DOC. XVI

DOC. XVI (verso)

D. Laurent De Lima, Commandeur de L'ordre Royal de S.t Benoit D'Avis, du Conseil de Sa Majesté Très-Fidelle, et de celui de ses Royales Finances, Son Envoyé Extraordinaire et Ministre Plenipotentiaire auprès de Sa Majesté Impériale, Royale, Apostolique.

Prions tous ceux, a qui il appartiendra de vouloir bien laisser surement et librement passer Mons.r Joseph Bonifacio D'Andrada, Gentilhomme Portuguais, au service de Sa dite Majesté Très-Fid.e, qui, avec deux domestique part de cette ville pour celle de Stockholm et d'empecher qu'il ne lui soit fait aucun tort ni domage, mais au Contraire, de lui accorder toute sorte d'aide, e de secours, ainsi que nous ferions en pareil cas, si nous en etions priés. En foi de quoi nous avons fait expedier le present Passeport, signé de notre main et scellé du sceau de nos Armes. a Vienne le 11.e Setembre 1796

D. L. de Lima

Par ordre de Son Exce

Joaquim Jozé de Oliveira e Peixoto

SACRÆ CÆSAREÆ, AC GERMANIÆ, HUNGARIÆ APOSTOLICÆ, BOHEMIÆQUE REGIÆ MAJESTATIS, FRANCISCI SECUNDI, ARCHIDUCIS AUSTRIÆ &c. &c. DOMINI NOSTRI CLEMENTISSIMI NOMINE, præſentium exhibitori Nobili Viro Josepho Bonifacio d'Andrada in Servitiis Sereniſsimi Portugaliæ Regis, qui hinc Holmyam proficiscitur, ——— " ——— , ———

hæ litteræ patentes traditæ ſunt, ut ab omnibus, cujuscunque ſtatus, dignitatis & conditionis ſint, ubique locorum, non ſolum absque omni impedimento & moleſtia libere, tuto & expedite ire, tranſire, commorari*que* — permitta*tur* ; Verum etiam, ubi opus fuerit, & ipſ*e* decenter requiſier*it* ——, ſalvo conductu, fide & ſecuritate publica, viarum ducibus, commeatu, equis, curribus, navibus, aliisve ad commodius perficiendum hoc iter neceſſariis promte juve*tur* ; quod Sacræ Cæſareæ Regiæque Apoſtolicæ Majeſtati erit inprimis gratum, & a ſubditorum erga ſupremam Ejus voluntatem obſequio certiſſime exſpectatur.

Per ſuam ſacram Cæſaream
Regiamque Apoſtolicam Majeſt.
Viennæ, die 9 Septembris. 1796

Egidius baro de Colleubachy

Gratis.

Annot. den 1 Augusti 1797.
Pfeffer

DOC. XVIII (verso)

Num: 121.

Da Vorzeiger dieses, Herr Joseph Boniface von Andrada ein Portugisischer Edelmann, in Diensten Sr. Majest. des Königs von Portugall nebst einem Bedienten von hier ~~nach~~ über Berlin nach Schweden zu reisen Willens ist, und dahin um einen Reise-Paſs angehalten hat; so habe ich selbigen hiermit nicht nur ertheilen, sondern auch zugleich Jedermänniglich nach Standes-Gebühr bestermaßen ersuchen wollen, erwähnten Herrn Joseph Boniface von Andrada nebst seinem Bedienten auf dieser seiner Reise allenthalben sicher und ungehindert passiren zu laßen. Welches man in dergleichen Fällen zu erwiedern allezeit willig und bereit seyn wird. Urkundlich deßen mit meinem Gräflichen Pettschaft besiegelt, auch eigenhändig unterschrieben. Wien den 9ten Septembr 179 Sechs

Gratis

Sr. Königlichen Majestät in Preussen ꝛc. ꝛc.

Staats Minister außerordentlicher Gesandter und bevollmächtigter Minister an dem hiesigen Kaiserlich-Königlichen Hofe.

Marquis von Lucchesini

DOC. XIX

Friederich Silverstolpe, **Ihro Königlichen Majestät zu Schweden,**
Geschäftsträger am Römisch Kaiserlichen Hof.

Demnach Vorzeiger dieses der Herr Chevalier Joseph Boniface von Andrada, in Diensten seiner Majestät der Königin von Portugal um einen Reise-Paß nach Stockholm ——— bey mir angehalten hat, (: gültig für sich Selbst und seinen Bedienten :) Als werden alle und jede, welchen gegenwärtiges zu lesen vorkommt, respective dienstfreundlich ersuchet, gedachte Hr. Joseph Boniface von Andrada nicht nur allein sicher und ungehindert passiren ——— zu lassen, sondern auch ihm zu dessen bessern Fortkommen allen geneigten Vorschub zu leisten, welches man in dergleichen Vorfallenheiten zu erwiedern, so willig als bereit ist. Urkundlich habe diesen Paß eigenhändig unterschrieben, und mein angebohrnes Wappen vorgedruckt. So geschehen Wien den 9. September 1796.

gültig auf ———

J. F. Silverstolpe.

Nro. 47. Gratis.

Reise Paß für Herrn Chevalier Joseph Boniface von Andrada.

In der vollkommenen Ueberzeugung, daß man in Beobachtung und Erkenntniß der Natur, an einem Orte und in einer Gegend, unmöglich große Schritte thun könne, fanden Wir, die hiesige, von Seiner Königlichen Majestät von Preußen, allergnädigst genehmigte Gesellschaft Naturforschender Freunde es unumgänglich nöthig, in allerley Gegenden und Landen, günstige Freunde zu haben, die sich Unserer gemeinnützigen Absichten mit thätigem und liebreichem Eifer annehmen, Unsere Zusammenkünfte durch merkwürdige physikalische Nachrichten oder Abhandlungen lehrreicher, Unser Kabinet und Bibliothek aber, durch gütige Beyträge der Merkwürdigkeiten aus Ihrer Gegend, oder Ihrer Schriften, schätzbarer machen, und dadurch Uns in den Stand setzen könnten, Unsern Versammlungen und Bemühungen mehr Vortheil und Nachdruck zu ertheilen.

Da wir nun schon öffentliche und Privat-Zeugnisse von des Herrn

Joseph Bonifazius von Andrada, Königl. Portugiesischen Kammerherrn in den Königl. Preußischen Staaten

wichtigen Kenntnissen in der Naturgeschichte sowohl, als von Dessen vorzüglichen Verdiensten des Herzens, vor Uns haben, und Wir mit Zuversicht von dem Karakter eines so edel denkenden Mannes Uns viel wesentliche Vortheile, in Beförderung der Kenntniß der Natur, und der mehrern Aufnahme Unserer Gesellschaft, versprechen können; so geben Wir Uns die Ehre, unter aufrichtiger Versicherung Unserer ganzen Hochachtung und Ergebenheit, Sie zum Mitglied Unserer gemeinnützigen Gesellschaft, hierdurch und kraft dieses, zu ernennen, und Wir schmeicheln uns, daß Wir Dieselben, von nun an, als Unsern wahren Freund und gütigen Beförderer Unserer Anstalt betrachten dürfen.

Dessen zu Urkund haben Wir, unter Beyfügung der Gesetze, worauf sich Unsere Verbindung gründet, diesen offenen Brief eigenhändig unterschrieben, und mit dem gesellschaftlichen Siegel bedrucken lassen. So geschehen Berlin, den 17ten Januar. 1797.

Die Gesellschaft Naturforschender Freunde hieselbst.

Joh. Friedr. Wilhelm Herbst, Prediger bey der Marienkirche Mitglied mehrerer Societäten, als zweiter Director. Mark. Heinr. Marcus Kön. Prof. d. Chemie, Assess. der Kön. Ober-Ob. Med. Mitgl. der Kön. Acad. der Wissensch. u. mehr. gel. Gesellsch. Friedrich Ludwig Lesser Kantor. Der Weltweisheit Doctor, Königl. Preuß. Hofrath öffentl. Lehrer der Naturlehre und Mathematik Professor des Königl. Friedrichs-Gymnasiums und mehrerer gelehrten Gesellschaften Mitglied.

Friedrich Wilhelm Hufeland Königl. Preuß. Geheimer Rath und Leibarzt Carl Ludwig Troxler Königl. Preuß. Geheimer Rath und Leibarzt Friedrich Wilhelm Burgsdorf Königl. Preuß. Oberforstmeister der Kurmark, Geheimer Rath, Curator der Friedrichs-Universität, Director der Akademie der Künste und mechanischen Wissenschaften und unserer ungewöhnlichen Versammlungen Mitglied

Leonhard Wilhelm Otto Königl. Preußischer Hofrath, Professor der Medicin und Director des botanischen Gartens D. Carl Ludwig Willdenow der Akademie der Wissenschaften Mitglied und unserer Gesellschaft beständiger Secretair Dr. und Professor Philipp Reinhard Kolbow der Weltweisheit Collegii maior und Lehrer der Naturgeschichte am Königl. Gymnasium Marcus Eliezer Bloch Dr. der Medicin und Mitglied mehrerer gelehrten Gesellschaften Joh. Elert Bode Königl. Preuß. Astronom, Mitglied der Akademie der Wissenschaften zu Berlin, London, Petersburg und Stockholm

KONGL. MAJ:TS

TIL SVERIGE &c. &c. &c.

ARFVINGE TIL DANNEMARK OCH NORRIGE

SAMT

HERTIG TIL SCHLESVIG HOLLSTEIN &c. &c.

MIN

ALLERNÅDIGSTE KONUNGS OCH HERRES

Tro - Man,

Under Kongl. Maj:ts Frånvaro, til Öfver-Ståthållare-Embetets Föreſtående i Nåder förordnad, Landshöfdinge öfver Stockholms Län och Commendeur af K. M. Nordſtjerne Orden,

Jag

SAMUEL af UGGLAS,

Friherre:

Gör veterligt, at aldenſtund Portugiſiſke Mineralogiſten d'Andrade och Hans Huſtru, äro ſinnade reſa til Norrige, ſedan de förſt beſökt Svenſka Bergslagen,

och derföre om Reſe-Paſs anhållit; Fördenſkul varda, å Högſtbemälte Kongl. Maj:ts ſamt dragande Kall och Embetes vägnar, alle vederbörande ſom tilkommer på de Reſande at hafva upſigt, reſpective tjenſt och vänligen anmodade, at låta bemälte Reſande ſåſom uti Denne rätta Reſa ſtadde fritt och obehindradt paſſera.

Stockholm den 21 Auguſti 1797.

J. af Ugglas

DOC. XXII

Upwist i Götheborgs Högwackt d: 5
October 1797
Lorentz Ulr: Ehrenbill
Wackthafvande Officer

Upwist: Landskrona Högwackt d: 11 October 1797
P. Sparre
Wackthafvande Officer

Passerar ut Supra
C. Fabritius
Tjenstförättande Place Major

DOC. XXII (verso)

REGIA ACADEMIA SCIENTIARUM STOCKHOLMIENSIS

Virum Mobilissimum, Dominum JOSEPHUM BONIFACIUM ab ANDRADA, in Scientiis Metallicis versatissimum, et ob sua de iisdem merita, Stipendio REGIS Lusitaniae fruentem, Membrum complurium Academiarum Illustrium, et Societatum Litterariarum, communi praesentium Membrorum Suffragio, in Suam Societatem, cooptavit, die XXV Octobris anni currentis MDCCXCVII; Jussu itaque et nomine Regiae Academiae Scientiarum Stockholmiensis, Celeberrimum Dominum, Josephum Bonifacium ab Andrada, Solemni hoc Diplomate, ejusdem Academiae Socium declaro, et in rei actae fidem, Sigillum Academiae majus hisce appono.

Daniel Melanderhielm.
Regiae Academiae Scientiarum
Stockholmiensis Secretarius,
Eques Aur. Reg. Ord. de Stella Polari.

5

Vi Christian den Syvende, af
Guds Naade, Konge til Danmark og
Norge, de Venders og Gothers, Hertug udi Sles-
vig, Holsteen, Stormarn, Ditmarsken og Oldenborg,
Anmode herved Hans Majestæts Kongens af S-
verrig høie og lave, civile og militaire Officierer,
Vor og Betiente, og befale Vore egne allernaadig-
st, at lade Forevijseren af Dette, den Portugi-
siske Mineralogist d' Andrada, paa hans
til Norge forehavende Reise, med hos sig havende
Betient og Vogn, ikke alleene frit og ubehindret
passere, men end og paa det Bedste være ham be-
hielpelig, saa at han uden Ophold kan fortsætte samme
sin Reise; ligesom Vi imod de Kongelige Svenske Under-
saatter i lige Tilfælde ere beredvillige at giengielde,
da, Vore egne derimod efterkomme deres Vores
allernaadigste Villie og Befaling. Givet i Vores Kon-
gelige Residentsstad Kiøbenhavn den 11te Maij 1798.

Under Vort Kongelige Seigl.

Mandatum S:ræ R:iæ M:tis proprium,

Bernstorff

Reisepaß.

DOC. XXIV

DIE

JENAISCHE MINERALOGISCHE SOCIETAET

BESTAETIGET

DURCH GEGENWAERTIGES DIPLOM,

DASS SIE

DURCH EINSTIMMIGE WAHL

DEN

Herrn d'Andrada
als
grossen Mineralogen u.
Metallurgen

ZU IHREM Correspondirenden Mitgliede ERNANNT HAT.

JENA,
d. 22ten Jul.
1798.

GRAF DOMINIK TELEKI VON SZÉK,

PRAESIDENT.

JOHANN GEORG LENZ,

DIRECTOR.

Johann Friedrich Sucks

SECRETAIR.

PRAESIDENT.

DIRECTOR.

SECRETAIR.

Le Sous signé, Chargé d'Affaires de la Cour de Portugal auprès de S. M. Danoise.

Prie tous ceux qui sont à prier de vouloir bien laisser passer sûrement et librement Monsieur d'Andrada, Pensionnaire de la Cour de Portugal, qui part pour l'Allemagne dans l'intention de se rendre en Angleterre, sans lui donner, ni permettre qu'il lui soit donné aucun empêchement, mais, au contraire, toute sorte d'aide, et d'assistance, ainsi que cela sera fait en pareils cas dans les Etats soumis à la Domination de S. M. la Reine de Portugal. Et pour cette fin le présent Passeport a été livré, signé par moi, et muni de mon cachet ordinaire.

Fait à Copenhague ce 17 Mai 1799.

Jean Rademaker

DOC. XXVI

Dom João, por graça de Deus, Principe Regente de Portugal, e dos Algarves, d'Aquem, e d'Alem, Mar, em Africa de Guiné, e da Conquista Navegação, Commercio da Ethyopia, Arabia, Persia, India &c. Faço saber aos que esta Minha Carta virem: Que por quanto havendo EU pelo Meu Real Decreto de dezoito de Mayo do presente anno em consideração a que o Bel em Leys, e Filosofia, José Bonifacio de Andrade, depois de se ter habilitado, para Me servir nos lugares de letras, deixou a sua Carreira de Magistratura e Viajou por ordem, e escolha da Raynha Minha sobre todas Muito Amada e Prezada May e Senhora, pela maior parte dos Paizes da Europa, por espaço de dez annos e vinhou todos os seus Estabelecimentos Montanisticos, e Metallurgicos, instruindo-se assim theorica, como praticamente em todos os seus respectivos trabalhos e manipulações como tão bem na Administração publica, e economia particular dos mesmos, voltando a Portugal com todas as luzes e conhecimentos necessarios, e proprios para ser hum dos Membros do estabelecimento Publico, que Me proponho crear que tinha a seo cargo dirigir a casa da Moeda, Minas e Bosques nos Meus Dominios, e promover de todos os impossiveis o seu augmento e prosperidade, e para o bem do qual já vai desde agora concorrer hindo formar na Minha Universidade de Coimbra como Lente da nova de Metallurgia Pessoas capazes de serem para o futuro Membros da mesma Instituição de que o ditto Bel José Bonifacio de Andrade será hum delles. Hey por bem fazer Mercê do Cargo e Titulo de Intendente Geral das Minas e Metaes do Reino e Membro futuro do novo estabelecimento Publico para a direcção das casas da Moeda Minas e Bosques Graduando-o com o predicamento de Primeiro Banco, e condecorando-o com a Beca Honoraria. E Mando aos Officiaes da Camara da Cabeça da Commarca da terra aos lhe dem a Posse do ditto Cargo, o qual exercitará na Conformidade do Meu Real Decreto de dezoito de Mayo, acima mencionado e com elle haverá o ordenado, em mentos que direitamente lhe pertencerem. E jurará na Chancellaria aos Santos Evangelhos, de que bem, e verdadeiramente sirva, guardando em tudo M. tes seu Direito, de que se farão os assentos necessarios nas costas desta Carta, que por firmeza do referido mandei passar, por Mim assinada e sellada deste; que se cumprirá como nella se contem: Pagou de novos direitos mil e oitenta reis que se carregarão ao Recoureiro delles no Livro Receita a folhas cento quarenta e duas verso, e de offiança no Lº decimo quarto delles a folhas trinta a pagar o que dever quando se lhe estabelecer ordena conhecimento em forma registado no Livro sessenta e quatro do Registo geral a folhas quarenta e cinco. Dada em Lisboa aos vinte cinco d'Agosto hum annos &

O Principe

Carta, porque V. M. ha por bem fazer mercê ao Bacharel José Bonifacio de Andrade, de o nomear Intendente Geral das Minas e Metaes do Reino e Membro futuro do novo estabelecimento Publico, para a direcção das casas da Moeda, Minas, e Bosques, graduando-o com o predicamento de Primeiro Banco, e condecorando-o com a Beca honoraria na forma acima declarada.

DOC. XXVII

Por Decreto de 23 de Mayo de 1801 Avisa do Secretario de Estado de 14 de Julho do mesmo anno, e Portaria de Luiz de Vasconcellos Souza Presidente

Nesta Secr.ª do Reg.to G.al das M.ces fica reg.da esta Carta Lr.ª 2 de Secr.º de 1801; e pg quatro mil 2$

Estado Pinto de Mor.es Sam.ª de Alv.es

Ulhe dei juramento Lx.ª 1 de Dezembro de 1801

Joze Alberto Leitão

Jesus Ludovici a fez escrever

Leitão

Rs. vaos
mil rs.
801.

Regda Chan.ria Mor da Corte Rn.o no L.º de off.os em a f. 349
4 de 7bro de 1801 Reg.º 2$000
Raymundo Ant.º de Sa...

N 58
B

6140
4400
10540
17340
800

DOC. XXVII (ve

Acordao em camera de 1 de
e Registe Coimbra em Cantera
vinte e hum de Junho de 1802

Nogueira Neves Mr. J. Botelho Lavaria Ramos Rodrigues

Em camera de vinte e hum de Junho de
mil e oito centos e dous, se lhe confe
rio posse do que se fez auto no Con
pletente livro em que assignara 10 r.
e fica este registo de 110 livro das
Leis e Provizoens do Registo. Nome as 23 r.
Coimbra 21 de Junho de 1802

Se Mando Freytes

Joze Bonifacio de Andrada e Silva, Intendente Geral das Minas e Metaes do Reyno do Brazil, Regente por Elrey muito Amado e Pranteado, &c. &c. &c. Faço saber a vós Provedor da Comarca de Sabará, que tendo Eu ordenado, em Consulta, de Ministro e Secretario de Estado dos Negocios da Fazenda, Presidente do Real Erario, Inspector Geral das Minas e Metaes do Reyno, com data de dous de Junho deste anno, sobre o Estado da Administração das Boticas do Bairro do Rocio na Corte do Rio de Janeiro, sobre o Exame, a que tem sido sujeitos os Boticarios do mesmo Corte e mestre dos Cirurgiões Barbeiros destes Reynos pelos Artigos, que ultimamente vão formando condemnaveis excessos, e que tem substituido infinitos inconvenientes, e erros, com muito tempo muito Prejudiciaes, e Perigosos: Empregando cada vez mais estes Exames, e entendendo-se muito Particularmente por causa dos muitos Abusos, que Acerca da referidas Cartas, e que achando Artigos sobre avaó Lendo com elles, e Continuando novos Exames: Para quanto deve ser hum objecto de maior desvelo, e hum Meus Paternaes cuidados, acudir a semelhantes Males Procurando a Bem Real as grandes utilidades, que hão de seguir-se da Remedio que se Propunha dar, não somente pelo aperfeiçoamento de innumeraveis Sciencias, e Artes, que se prendem com a Cultura, mas por que com quanto se dilatando a Agricultura tem muitas Conhecedores, e de certa maneira Progressivo o certo Caminho, se progrede para hum Povo de hum genio Natural, e de grande Curiosidade, do que cada vez se faz mais a observação, e Exame. Por todos estes motivos, e Confiando muito das Luzes, e Zelo que Vossa Mce. e os Estados com muita distincção principalmente se tem feito de huma parte de maior difficuldade de Sciencia Physical, qual he a Cultura de Arvores, Hey por bem Encarregar-vos de dirigir os trabalhos necessarios para semelhante fim, e começando logo pelo que respeita ao Termo da Cidade de Sabará, tendo de haver Engenheiro que tenha exercitado na mesma sobredita Informação. Começareis por Mandar Extender humas Minutas de Planos e Topographias de terreno com que se hão de trabalhar, assim effeito empregareis os Estudantes, que tenhão estudado Botanica que estudarão na Universidade de Coimbra, ou que tenhão estudado na mesma, Notando-se alumno de Agricultura hum mestre, e Mandado com todos os Alferes, guardadas, que pareceres vossos, pois que os Cercados, e Cobertos devem seguir diverso Plano em Superficie segundo estiverem de Plano ou desigual. Os Valados das Cercadas devem ser em Angulo de Setenta e cinco Graos opposto á Base do Ponto Geometrico, e Interiores, com as distancias e covas paralellas, que exigem a Natureza, e Qualidade do terreno. A Altura das Cercas será de Dez Palmos, sufficientes para defender em Planicie das Arvores moviças os terrenos Pantanosos na largura de Trezentos e Noventa Palmos. Estes trabalhos devem Começar no Inverno, logo que cessem as maiores chuvas por que então a Arvore está forte, e consolidada, alem de que as Cercas, e Ramadas cortadas então estacão se conservão por mais tempo verdes, dando-lhes Cristaes depois nos Tempos e calores. As Arvores Legaes (como há nas Serras) devem alem de que Naturaes se tem principiado a criar Matos cumpre Governallas, capital-las, defendendo-as, e Ampliando-as. Podem ensaiar com todo o genio Curioso pelo genio Inferior Semear Plantas Arvores, como Camarinheiras, Gramas proprias, Tamargueiras, e outras arbustas que regulão na Area, e que também se praticão nas encostas abrangidas, Semeando ao mesmo tempo Pinhões nos lugares Defendidos, e Cobertos com Ramada, para aquelle fim, e Cumes dos Cabeços

DOC. XXVIII

lavrar as suas Geiras afim de se abrirem os Sulcos ao longo dos regueiros, fazendo-se todas as mais Regras fundamentaes do Certo, daquellas que aquelles em varias observações, e experiencia acharem deverem praticar-se, e particularmente sobre as plantações e Semeaduras declaro, procedendo na forma, e nos Sitios que indiciais na vossa Especial informação. Para todas as Despezas necessarias de taes plantações, emais trabalhos Relativos, Vossa Mandado distinar opportunamente dos Depositos das Dizimas do Destricto das Dizimas do grande Districto municipal, as quaes hão de ser Arrecadadas, e Escrituradas na Meza Real Erario na forma do Decreto, cuja Copia vos Mando Remetter, que vista data baixar a Consulta do Mesa Real Erario, em Presidente do mesmo Real Erario do quem Recebeo as ultimas Ordens sobre este importantissimo objecto, em accusão das quaes Espero que haveis de obrar com aquelle costumado acerto, intelligencia, e zelo Conforme no Palacio do Gradim em quatro de Julho de mil oito centos e dous.

Principe

Cumpra-se e registe-se, e depois tornem as partes nesta Secretaria. Lisboa 6 de Julho de 1802.

Andrada

Para Joze Bonifacio de Andrada e Silva.

DOC. XXVIII - A

Pelo Principe Regente

A José Bonifacio de Andrada e Sa
Intendente Geral das Minas e Metaes
do Reino

DOC. XXVIII (endereço)

L.º 8.º fl.º 233

Dom João por Graça de Deos Principe Regente de Portugal, e dos Algarves, d'Aquem, e d'Alem, Mar em Africa, de Guiné, e da Conquista, Navegação, Commercio, da Ethyopia, Arabia Persia, India &.ª Faço saber aos que esta Minha Carta virem: Que Tendo attenção ao merecimento, Letras, e serviços do Doutor Jozé Bonifacio de Andrada e Silva, Lente da Cadeira de Metalurgia: Hey por bem fazer-lhe Mercê de hum Lugar Ordinario de Desembargador da Relação, e Casa do Porto, com exercicio delle no tempo das Ferias: E Mando ao Governador da Relação, e Casa do Porto, ou aquem seu Cargo Servir: Lhe dê a Posse do dito Lugar, e lho deixe servir, e delle uzar, assim, e da maneira que o Servem os mais Desembargadores delle, para ter o exercicio no tempo das Ferias. E jurará na Chancellaria aos Santos Evangelhos de que bem, e verdadeiramente lirará, guardando em tudo Meu Serviço, e as Partes seu Direito, de que se farão os Assentos necessarios nas Costas desta Carta, que por firmeza do Referido Mandei passar por Mim assignada, e sellada de Meu Sello Pendente, que se cumprirá como nella se contem. Pagou de novos Direitos Duzentos e seis mil Reis, que se carregárão ao Thezoureiro delles a folhas oitenta e sete verso do Livro primeiro de sua Receita, e se registou o conhecimento em forma a folhas Setenta do Livro primeiro do Registo Geral. Dada em Lisboa aos oito de Agosto de mil oito centos e dez annos.

O Principe

Carta porque Sua Alteza Real houve por bem fazer Mercê ao Doutor Jozé Bonifacio de Andrade e Silva, Lente da Cadeira de Metalurgia de hum Lugar Ordinario de Desembargador da Relação, e Casa do Porto, com exercicio no tempo das Ferias

Para Sua Alteza Real Vêr.

DOC. XXIX

Por Decreto de 12 de Junho de 1806; e Portaria do Doutor Manoel Nicolau Esteves Negrão, como Prezidente.

João Ant.º Salter de M.ca Antonio Gomes Ribeiro

M.el Nicolão Est.es Negrão

Pg. cinco mil seis centos reis e aos Off.es quatro mil cento e vinte oito reis Lx.a 11 de 7bro de 1806

O Alf.e Miguel José da Camara Maldonado

José Federico Ludovici a fez escrever

Reg.da na Chanc.na Mór da Corte e Sin.o no L.o de Offes e M.ço a 286 dos 11 de Setembro de 1806

Matheus José Vianna

Pg. Quatro mil R.s de Sello Lisboa 12 de Agosto de 1806.

N 47 Lz Oliveira.

José Ribeiro do Valle a fez.

De Subscripção quatro mil reis.

N 33 56

Nesta Secr.a do Reg.to G.al das M.ces fica reg.da esta Carta Lx.a 9 de Setb.o de 1806; e pg. quatro mil R.s

Estevão Pinto de Mor.es Sarm.to e Oliv.ra

Cumpra-se, e registre-se; e cede a Jose, e Juramento Porto 12 de 8br de 1806.

O Gov.or D.or Veiga

Aos quatorze dias do mes de Outubro de Mil, oito centos e seis annos nesta Cidade do Porto e Caza da Relação della em Meza Grande, estando prezentes os Ministros, que servião de Aggravistas, e servindo de Prezidente o Snr. Dezembargador d'Aggravos Francisco Sabino Alvares da Costa Pinto Foi apresentada esta Carta pelo Dezembargador nella declarado, requerendo se lhe desse Posse e juramento, na conformid.e da mercê depois de se procedeo nas averiguaçoens do estillo, se lhe conferio, e para constar mandou o dito Senhor fazer este Termo, que assignou, e eu José Antonio d'Oliveira Silva Barrer: Guarda Mór da Relação o escrevy.

Costa Pinto

Fica registado no Livro compet.o 156 p

to destas de Termos

José Antonio d'Oliveira S.a e Barrer

Guarda Mór da Ram

P.

DOC. XXIX (verso)

L.º 9 f.º 237

Eu o Principe Regente Faço saber aos que este Alvará virem. Que tendo consideração ao merecimento, e mais circunstancias que concorrem na pessoa do Doutor José Bonifacio de Andrade, Desembargador da Relação e Casa do Porto. Hey por bem fazer-lhe Mercê do Lugar de Superintendente do Rio Mondego, e obras publicas da Cidade de Coimbra, que vagou pela promoção do Doutor José de Magalhães Castello Branco a Desembargador da Casa da Supplicação, e haverá todos os ordenados, e proventos que lhe competirem e se acharem estabelecidos na forma com que os tinha o seo Antecessor o qual Lugar elle servirá assim, e da maneira que o servirão as mais pessoas que antes delle o occuparão, e com elle haverá o ordenado, pois e procalços que direitamente lhe pertencerem, e na Camara da dita Cidade, lhe será dada a posse delle, e jurará na Chancellaria aos Santos Evangelhos, de que bem e verdadeiramente serva, guardando em tudo Meu Serviço, e as partes seo Direito, de que se fará assento nas costas deste Alvará, que se lhe cumprirá como nelle se contem, e valerá posto que seo effeito haja de durar mais de hum anno, sem embargo da Ordenação do L.º 2.º T.º 40 em contrario. Pagou de novos direitos com mil reis, que se carregarão ao Thesoureiro delles no L.º 4.º de sua Receita a folhas noventa e tres, como serviu de seo conhecimento em forma Registado no Livro 74.º do Registo geral a fôlhas duzentas quarenta e seis verso. Dado em Lisboa aos treze de Julho de mil oito centos e sette annos. &

Principe

Alvará, porque V. A. ha por bem fazer Mercê ao Doutor José Bonifacio de Andrade do Lugar de Superintendente do Rio Mondego, e obras publicas da Cidade de Coimbra, na forma acima declarada.

Para Vossa Alteza Ver

Alx.

Por Decreto de vinte quatro de Junho de mil oito centos e oito e Rezembargo do Paço de tres de Julho do mesmo anno.

Alexandre José Fr. Castello

Nesta Secr.ª do Reg.to G.al das M.ces fica reg.do este Alvará.
Lx.ª 27 de Julho de 1807.

Pedro Saet. Pinto de Moraes Sam.º gratis.

Em Rezdei o juramento.
Lx.ª 3 de Agosto de 1807

M.el Nicolão Est.es Negrão

José Felicio Ladeira o fez escrever

M.el Nicolão Est.es Negrão

Pg. cinco mil e seis centos e vinte e oito
Dois mil cento e vinte oito e Rs. 1
de Agosto de 1807.

Como Vedor

Francisco José Bravo

Reg.do na Chanc.ria Mór da Corte e
Rno. no L.º de Officios e Mercês a f. 210
Lx.ª 1 de Agosto de 1807.

Antonio Joaq.m Serra pg.

Pg. Quatro mil Rs. de Sello
Lisboa 17 de Julho de 1807.
N.º 91 Oliveira

Joaquim José da Motta Corvina o fez.
Deste dois mil reis.

N.º 3

5600
2129
7728

DOC. XXX (verso)

Cumpra e na forma decretada por S. M. R.
e se registe em lamara 27 de Agosto de 1817
Borges Nunes Ant.º Gomes Gatto Faria

Fica registado no competente livro a 5191 p.
e se lhe conferio nosse a 3203 r. em lamara
de 27 de Agosto de 1817.
O Escrivão da Cam.ª Domingos de Macedo Freytas

DOC. XXX (anexo)

L.º 59 f.º 121

Dom João por Graça de Deos Rey do Reino Unido de Portugal e do Brasil e Algarves, d'Aquem e d'Alem Mar, em Africa Senhor de Guiné, e da Conquista, Navegação, e Commercio da Ethiopia, Arabia, Persia, e da India. Ha Faço saber aos que esta Minha Carta virem. Que Tomando em consideração a intelligencia, zelo, e distincção, com que Me tem servido o Doutor José Bonifacio de Andrada e Silva, Desembargador da Relação e Casa do Porto, assim no exercicio da Cadeira de Metallurgia na Universidade de Coimbra, como na Intendencia Geral das Minas, e Metaes do Reino de Portugal e Algarves; e por Confiar delle que em tudo, de que o Encarregar, Me servirá muito a Minha satisfação e contentamento. Hey por bem e Me Praz Fazer-lhe Mercê do Titulo de Meu Conselho, com o qual haverá e gozará de todas as Honras, Prerogativas, Autoridades, Isenções, e Franquezas, que hão e tem os de Meu Conselho, e como tal lhe competem. Jurará em Minha Chancellaria que Me dará Conselho fiel, e tal, como deve, quando Eu lhe Mandar. E por firmeza de tudo o que dito he, lhe Mandei Dar esta Carta por Mim assignada passada pela Minha Chancellaria, e sellada com o sello pendente das Minhas Armas. Pagou de Novos Direitos cinco mil e seiscentos reis, que forão carregados no Thesouro delles a folhas huma do Livro septimo da sua Receita, como constou por hum Conhecimento em forma por elle assignado e pelo Escrivão do seu Cargo, que foi registado a folhas cincoenta e huma verso do Livro decimo sexto do Registo Geral dos mesmos Novos Direitos. Dada no Palacio do Rio de Janeiro aos dezoito dias do mez de Agosto. Anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil oitocentos e vinte.

El Rey

Thomaz Ant.º de Vilanova Portugal

Carta pela qual Vossa Magestade Ha por bem Fazer Mercê ao Doutor José Bonifacio de Andrada e Silva, do Titulo de Seu Conselho, na forma acima declarada

Para Vossa Magestade Ver

DOC. XXXI

Registada nesta Secretaria de Estado dos Negocios do Reino, no Livro 3.º de Leis, Alvarás e Carta Regias a f. 104. Rio de Janeiro em 22 de Agosto de 1820.

Luiz Joaquim dos Santos Marrocos

Nesta Secretaria do Reg.º Geral das M.ces fica reg.da esta Carta R.ª de Janr.º 26 de Agosto de 1820

Pg. 2.400

Vizconde da Maya

Eu lhe dei o juramento Rio de Janr.º de 1820

José Albano Fragoso

José Albano Fragoso

Registada na Chan.ª M.ª do Reino do Brasil a f. 30 do L.º 35 dos Officios de Mercês Rio 29 de Agosto de 1820. Domingos José de Lima

Registada na Chan.ª M.ª do Reino do Brasil a f. 30 do L.º 35 dos Officios de Mercês Rio 29 de Agosto de 1820. Domingos José de Lima

Pg. 522

Pg. 344

5 60
2 40
2 00
0 20

Pg. 1.000 mil 1 dobrado Rio 29 de Ag.º de 1820

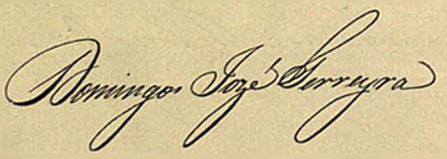
DOC. XXXI (verso)

Dom Pedro pela Graça de Deos e Unanime Acclamação dos Povos Imperador Constitucional, e Deffensor Perpetuo do Imperio do Brazil: Faço Saber aos que esta Minha Carta virem; Que Attendendo aos muitos, e mui relevantes Serviços que há generosamente prestado, em beneficio commum deste Imperio Joze Bonifacio de Andrada e Silva, do Meu Conselho de Estado, e Meu Ministro e Secretario de Estado das Repartições dos Negocios do Imperio, e Estrangeiros, em quem recahio de modo ordinario o Expediente do Cargo de Mordomo Mór, que se acha vago, e por Graça Especial a Serventia honorifica do ditto Officio, em todas as Funcoens da Corte: E Querendo Dar ao referido Ministro hum publico e mui patente testemunho, e o primeiro, que seu notavel desinteresse aceita, não sem grande repugnancia, da Minha Imperial Munificencia: Hey por bem, e Me Praz Conferir-lhe a Propriedade do Cargo de Meu Mordomo Mór, que servirá segundo o Regimento, que por Mim lhe for dado, e prestando em Minhas Mãos o Juramento de bem, e direitamente cumprir com os deveres do ditto Officio, como delle Espero: E por firmeza de tudo Mandei passar a presente Carta, que vai por Mim assignada, e Sellada com o Meu Sello pendente, que será registada nos Livros do Registo das Merces, Chancellaria, e Secretaria dos Filhamentos, por onde esta se expedio. Rio de Janeiro oito de Março de mil oito centos e vinte e tres, segundo da Independencia, e do Imperio.

Carta do Officio de Mordomo Mór da Caza Imperial, pela qual Há por bem Vossa Magestade Imperial Fazer Merce a Joze Bonifacio de Andrada e Silva, do Seu Conselho de Estado, e Ministro Secretario de Estado dos Negocios do Imperio, e Estrangeiros, como acima se declara.

Para Vossa Magestade Imperial ver.

DOC. XXXII



DOC. XXXII (verso)

Hei por bem conceder a José Bonifacio de Andrada e Silva a dimissão, que me pedio, de Ministro e Secretario d'Estado dos Negocios do Imperio, e Estrangeiros; e Terei sempre em lembrança o seu zelo pela causa do Brasil, e os distinctos serviços, que tem feito a este Imperio. Paço em desaseis de Junho de mil oitocentos e vinte tres, segundo da Independencia e do Imperio.

Com a Rubrica de Sua Magestade Imperial.

Caetano Pinto de Miranda Montenegro.

DOC. XXXIII

DECRETO.

Tendo maduramente Reflectido sobre a pozição politica d'este Imperio, Conhecendo quanto se faz necessaria Minha Abdicação, e não Dezejando mais nada n'este mundo senão *Gloria* para Mim, e *Felicidade* para a Minha Patria: Hei por bem uzando do direito que a Constituição Me Concede no Capitulo 5.º Artigo 130, Nomear, como por este Meu Imperial Decreto Nomeio, Tutor de Meus *Amados e Prezados* Filhos ao muito *Probo, Honrado, e Patriotico* Cidadão Joze Bonifacio de Andrade e Silva, Meu verdadeiro Amigo.

Boa Vista aos seis de abril de mil oitocentos trinta e hum, decimo da independencia e do imperio.

IMPERADOR CONSTITUCIONAL

E DEFENSOR PERPETUO DO BRAZIL.

Na Typographia de Thomas B. Hunt & C. Rua d'Alfandega N.º 126.

Amicus certus in re incerta cernitur.
He chegada a occasião de me dar mais huma prova de amizade tomando conta da educação de meu muito amado, e Prezado Filho seu Imperador.
Eu delego em tão Patriotico Cidadão a Tutoria de meu querido Filho, e espero que educando-o n'aquelles sentimentos de honra, e de Patriotismo com que devem ser educados todos os Soberanos para serem dignos de reinar, Elle venha hum dia a fazer a fortuna do Brasil de quem me retiro saudozo.
Eu espero que me faça este obsequio acreditando que a não mio fazer eu vivirei sempre atormentado

Seu Amigo constante

Pedro.

Bordo da Nau
Ingleza surta neste
porto do Rio de Janeiro
7 de Abril de 1831 —
P. S.
Veja se as filhas poderão vir comigo p.a as fazer bem educar em Europa e serem hum dia dignas
Princesas do Throno Brasileiro

DOC. XXXV

AUGUSTOS, E DIGNISSIMOS SENHORES

REPREZENTANTES DA NAÇÃO:

Participo-vos, Senhores, que no dia seis do corrente Abril, uzando do direito que a Constituição me Concede, no Capitulo 5º. Artigo 130, nomiei Tutor de meus *amados* filhos ao muito *probo*, *honrado*, e *patriotico* Cidadão, o meu verdadeiro amigo Jozé Bonifacio de Andrade e Silva.

Não vos hei, Senhores, feito esta participação logo que a Augusta Assembléa Geral principiou seus importantissimos trabalhos, por que era mister que o meu amigo fosse primeiramente consultado, e que me respondesse favoravelmente, como acaba de fazer, dando-me deste modo mais huma prova da sua amizade: resta-me agora como Pay, como amigo da minha Patria adoptiva, e do todos os Brasileiros, por cujo amor abdiquei duas Coroas *para sempre*, huma offerecida, e outra herdada, pedir á Augusta Assembléa Geral, que se Digne Confirmar esta minha nomeação.

Eu assim o espero confiado nos Serviços que de todo o meu coração fiz ao Brazil, e em que a Augusta Assembléa Geral não Deixara de querer aliviar-me desta maneira hum pouco as saudades, que me atormentão motivadas pela separação de meus *charos filhos*, e da *Patria que adoro*.

Bordo da Náu Ingleza Warspite surta neste Porto aos oito de Abril de mil oitocentos trinta e hum, Decimo da Independencia, e do Imperio.

PEDRO.

Na Typographia de Thomaz B. Hunt e C. No. 126 Rua d'Alfandega.....Rio de Janeiro, 1831.

PROTESTO

Á

NAÇÃO BRASILEIRA,

E AO

MUNDO INTEIRO,

PELO CIDADÃO

José Bonifacio d'Andrada e Silva,

DEPUTADO PELA BAHIA.

JOSÉ BONIFACIO D'ANDRADA E SILVA, crê do seu dever e honra declarar á face do Brasil e do Mundo inteiro que inhibido pela força de huma decisão da maioria da Camara dos Snrs. Deputados que denega ao Senhor D. Pedro d'Alcantara o Direito de Nomear Tutor a Seus Filhos (decisão esta que o abaixo assignado julga injusta e illegal, apezar da fonte d'onde emanou, pois que o justo não provem de homens, mas sim da Lei Moral gravada por Deos no Coração e intendimento humano) que não pode sem faltar, como disse, ao seu dever e a sua honra, cumprir com a palavra dada ao ex-Imperador de cuidar na Tutoria dos Desgraçados Orfãos que lhe tinha comettido.

O abaixo assignado pelos motivos acima expendidos, julga não estar mais obrigado a satisfazer a promessa feita, logo que não valha a Nomeação Paterna que tinha acceitado por sensibilidade e em agradecimento á honrosa confiança que n'elle pozera o ex-Imperador.

Paquetá 17 de Junho de 1831.

JOSÉ BONIFACIO D'ANDRADA E SILVA.

+ Tomou assento no Dia 22 de Junho de 1831 na Camara contra a Lei por revolução tomada na Camara em [illegible]

+ Neste dia foi a Reunião da Assembléa

RIO DE JANEIRO. NA TYP. IMPERIAL E CONSTITUCIONAL DE É. SEIGNOT-PLANCHER, rua d'Ouvidor, N. 95.

COLLECÇÃO BENEDICTO OTTONI
ORGANIZADA PELO DR. J. C. RODRIGUES
Doação do Dr. Julio B. Ottoni

DOC. XXXVII

Illm.o e Exm.o Snr.

Recebi ontem pela manhã a Carta de V.Ex.a de 26 de Agosto que veio assaz retardada; mas antes de a receber, logo que V.Ex.a verbalmente me participou o que tinha havido na materia, immediatamente dei as Ordens para que o Bibliothecario Particular do Ex.-Imperador o Snr. D. Pedro de Alcantara entregasse em mão propria o Catalogo pedido; mas não sei se com effeito V.Ex.a está delle entregue. Como já disse a V.Ex.a eu nunca approvarei a resposta cerebrina que o mesmo Bibliothecario deu a V.Ex.a; creio porem que nunca houve mais erro de entendimento, que de vontade

Tinha acabado a minha resposta; mas permita-me V.Ex.a que lhe diga tambem que estou certo que como Tutor do Joven Imperador, e das Augustas Irmãas, só me compete cuidar, e fiscalizar o que pertence ao meu Augusto Pupilo; mas por isso mesmo he da minha obrigação segundo o Direito, e meu juramento intimar-me de que verdadeiramente lhes pertence, e do que possa pertencer ao Ex.-Imperador

De V.Ex.a

Illm.a e Exm.o Snr. José Lino Coutinho

Amigo e Affectuoso e Obrigado

S.C. 29 de Agosto de 1831.

José Bonifacio de Andr.da

DOC. XXXVIII

Illmo. e Exmo. Snr.

Tendo de responder ao Officio de V. Exa., que acompanhava o Decreto da Regencia de 14 do corrente, digo que não reconheço na mesma o direito de suspender-me do exercicio de Tutor de S. M. o Imperador e de Suas Augustas Irmãas.

Cederei á força, pois que não a tenho; mas estou capacitado que nisto obro conforme a Lei e a razão; pois que nunca cedi a injustiças e a despotismos, ha longo tempo premeditados, e ultimamente executados para vergonha deste Imperio. Os Juizes de Paz fizerão tudo para me commoverem; porem a tudo resisti, e torno a dizer que só cederei á força.

Deos guarde a V. Exa. Paço da Boa-Vista 15 de Dezembro de 1833

Illmo. e Exmo. Snr. Antonio Pinto Chichorro da Gama.

Dor. Jozé Bonifacio de Andrada e Sa.

DOC. XXXIX

Testamento do Excelentissimo, Conselheiro,
Joze Bonifacio de Andrada e Silva; feito nesta
Ilha de Paquetá, e Aprovado, por mim Tabelião

Francisco Manoel de Mello

DOC. XL

Em Nome de Deos: Amen 1 f.º 1 3

Mello,

Eu José Bonifacio d'Andrada e Silva, estando em meu perfeito juizo, e não sabendo o termo de minha existencia, fiz este Testamento, como minha ultima vontade, e he da maneira seguinte =

1ª Sou natural da Provincia de S. Paulo, deste Imperio do Brazil, nascido e baptizado na Villa de S.ta Cruz, filho legitimo do Cor.el Bonifacio J.e Ribr.o d'Andrada com D. Maria Barbara da S.a, ambos ao fazer d'este já falecidos

2ª Fui casado com D. Narcisa Emilia Olivia d'Andrada, já falecida, de q.m tive duas filhas, a saber: D. Carlota Emilia d'Andrada casada com Alexandre Antonio Vandelle; e D. Gabriella Frederica Ribr.o d'Andrada casada com o Conselhr.o Martim Fran.co Ribr.o d'Andrada

3ª Declaro mais, q.e tenho outra filha natural, chamada D. Narcisa Candida d'Andrada, a q.m sempre reconheci, e creei como minha verdadeira filha, e se acha legalm.te Legitimada

4ª Nomeio p.r meu Testamento em primeiro lugar ao Desemb.or Fran.co de França Miranda — Em 2.o lugar a meu Jr. Martim Fran.co Ribr.o d'Andrada — Em 3.o lugar ao Bd.o Luiz da Veiga Cabral, aos quaes hei p.r abonados independente de prestação de fiança alguma

5ª Nomeio p.a Tutor, e Curador de m.a filha D. Narcisa Candida d'Andrada a meu prezado Jr. Martim Fran.co Ribr.o d'Andrada, a q.m peço, q.e em q.to esta m.a f.a não tomar estado, a não separa da comp.a de sua Ilha D. Maria Amalia Nabeas, em attenção ao amor de Mãy com q.e a tem tractado, serviços q.e lhe tem prestado, e confiança q.e n'ella faço

6ª O meu corpo será bem pompa sepultado na Igr.a aonde ultimam.te me tiver dado a rol, e respectivo Parocho

DOC. XL - A

dirá hua Missa de corpo prez.e p.r m.a Alma

7.a

Declaro, q.e tenho na Provincia de S. Paulo, destricto da Penna hyba, hua fazenda de terras para creação de gado, a qual se chama = Monsemate

Tenho mais na d.a Provincia, destricto da Villa de P.ta hua porção de terras chamadas = Oiteirinhos 8.a

Tenho mais na d.a Provincia destricto de Piracicaba, hua parte n'hum Engenho d'assucar, com suas terras, e bemfeitorias, do q.l meu Sr. Martim Fran.co Ribr.o d'Andrada he direitor e administrador

9.a

Tenho mais no destricto do Rio de Jan.ro em a ilha do Paquetá, hua peq.na chacra, com casas, e mais bemfeitorias, em cuja casa se acha depositada a m.a Numerosa Livraria (pouco mais ou menos seis mil volumes) afora os meus Manuscriptos

10.a

Tenho encaixotada hua consideravel collecção Mineralogica em casa do Ten.e Cor.el Jose Joaquim dos P.tos assistente na Rua do Lavradio; e tanto n'esta como em Livros empreguei quase toda a minha tal ou qual fortuna

11.a

Tenho em guarda d'Antonio Luiz Fernandes P.to quatro Apolices do Governo, q.e vencem sinco p.r cento, a saber, trez d'estas acções são d'hum conto de r.s cada hua, e a quarta he Vom.te de quatrocentos mil r.s — Tambem se acha, ao fazer deste, em sua guarda hua porção de dinheiro, q.e ao prez.e d'elle vou gastando; o q.e tudo melhor constará da conta q.e elle apprezentar; pois he Negociante honrado n'esta Praça, e homem de bem 12.a

Ficárão de m.a falecida Mulher as joias seg.tes = Dois fios de perolas, a saber, hum mais fino, outro mais graúdo — hua pluma, brincos, e alfinete do peito, tambem ornados de perolas — quatro Memorias d'ouro com suas pedras de pouco valor — hum cordão d'ouro de quatro palmos de comprido — e duas caixas d'ouro p.a uso de rapé, a saber, hua esmaltada, outra lisa

DOC. XL - B

2 f.R 4

Mello,

13ª

Tenho ao fazer alguma prata p.ª uso da mesa, e luzes, q.e não declaro p.ª poder desencaminhar-se alguma peça em m.ª vida, e será aq.e se achar p.ª meu falecim.to

14ª

Declaro, q.e tive contas em vida do falecido Antonio Roz.º da S.ª natural do Rio de Jan.ro, e a meu ver as julgo saldadas a meu favor entrando n'ellas = duzentos mil r.s, q.e ultimam.te lhe tinha dado; e cem mil r.s q.e dei a sua Anteada p.ª o interro d'aquelle, do q.e existe recibo

15

Tambem me são devedoras algumas Pessoas, cujos nomes, e creditos se achão, p.te em meu poder, e p.te em mão d'Antonio Luiz Fernandes P.ro, ja mencionado, q.e ao todo andará pouco mais ou menos = p.ª hum conto e seis centos mil r.s

16ª

Declaro q.e até a data d'hoje, p.ª conta q.e me foi remettida, devo ao S.r Luiz de Menezes Vasconcellos Drummond a quantia de quatro contos duzentos, e dezoito mil, e nove centos r.s de prestação q.e me tem feito, entrando n'ellas o comporte de m.ª passagem do Grande p.ª o Brazil, e todas as despezas do funeral de m.ª falecida Mulher

18ª

Declaro, q.e tenho despendido varios dinheiros em bene f.º de m.ª filha D. Carlota Emilia d'Andrade e seu Marido, em prejuizo dos mais herdeiros, e p.ª desencargo de m.ª consciencia deverá entrar em collecção com as despezas q.e ultimamente fiz com ella, seu Marido, a saber = Hum conto cento e setenta mil r.s de sua passagem de Portugal p.ª o Brazil — Cento e oitenta mil r.s de sua passagem do Rio de Jan.ro p.ª o Rio — Cento e cincoenta mil r.s dinheiro ~~[illegible]~~, q.e p.ª ella recebeu nesta occasião seu Marido p.ª a d.ª viagem — e duzentos e oitenta mil r.s p.ª ~~[illegible]~~ de cambio passada em Lx.ª a ordem de João Ribr.º de Carvalho, o q.e tudo soma = Hum conto sete centos e oitenta mil r.s

DOC. XL - C

19ª

Deixo a mª affilhada Carlota Emilia Machado, q. ao prez.e se acha em mª comp.ª = Com mil r.s

20ª

Deixo a meu Sr. Martim Fran.co Ribr.o d'Andrada todos os meus Manuscriptos q. se acharem dezencadernados

21ª

Declaro q. deixo p. universal herdeira de mª Terça a mª filha D. Narcisa Candida d'Andrada, em cuja terça he mª vont.e entre em collecção as quatro Appolices do Governo, assima mencionadas, egualm.te huma creança cabrinha chamada Constancia, e hum preto de nação chamado Pedro

22ª

Deixo egualm.te = Os meus serviços (se S. M. I. os julgar dignos d'alguma remuneração) a Jozé Maximiano Bapt.a Machado, na condicção de se verificar o casam.to com a d.a mª f.a D. Narcisa Candida d'Andrada, p. este m'a ter pedido p. sua Esposa e eu o julgar m.to capaz, porem, no caso q. p. algum incidente se não verifique com elle o d.o casam.to, passarão á Pessoa q. com ella cazar, com approvação do Tutor

E p. esta forma dou p. concluido este meu Testam.to, q. quero se cumpra, p. ser esta a mª ultima vontade, e p. este fim imploro a protecção das Leis; e pedi ao Rd.o Luiz da Veiga Cabral q. este p. mim fizesse, o q. vai p. mim assignado

Rio de Janr.o na Ilha do Paquetá nove de Abr.o de 1834

Jozé Bonifacio de Andrada e S.a

P.e Luiz da Veiga Cabral

Auto de Approvação

Saibão, quantos este Publico Instrumento de Approvação de Testamento, Hirem, que sendo Noanno do Nascimento, de Nosso Senhor Jezus Christo, de mil oito centos e trinta, e

DOC. XL - D

e trinta e quatro, aos nove di- 3 1/3 5 Mello.
dias do mez de Setembro, do di-
cto anno, nesta Freguezia
do Senhor Bom Jezus do Mon-
te, da Ilha de Paquetá, Em
caza de Morada, do Conselhe-
iro, Joze Bonifacio de Andra-
da e Silva; Onde eu Escri-
vão do Juizo de Paz do dito
Districto, fuy vindo á Seu cha-
mado, e Sendo ahy prezente,
compareceo perante mim,
o dito conselheiro, o qual
reconheço pello proprio da-
que dou fé: estando o mes-
mo em Seu perfeito Juizo, e
respondendo, á Sim como por
los as perguntas, que lhe fez,
e pello Seu claro entendi-
mento, Segundo me parece
fé e dos testemunhos adi-
ante nomeados, a Seguin-
tes: Joze Martins de Castro
maior de trinta annos e
Joze Ferreira de Sirqueira
e Silva maior de trinta
e cinco annos; e João Pe-
reira Carvalho e Silva
de idade de dezasete annos.

DOC. XL - E

annos: e Joaquim Antonio
de Almeida e João Francisco
Graça, maior de quarenta
annos de Idade: e João Mar-
celino Rodrigues Acista
dos Seis Testemunhas, aqui
nomiadas, foi dado, das mãos
do Testador. para os dem em
Cabeliaõ, hum Papel escrip-
tos. em duas laudes, e por elle
assignado, e feito pello o
Padre Luiz da Veiga Ca-
bral. a rogo do Testador.
e depois de eu Cabeliaõ. ve-
sibor, a vista dos Testemu-
nhas asima nomiadas
lhes perguntei. a helle Tes-
tador, em Presença dos mes-
mos: foi por elle dito, que
o papel, que apresentava
á mim Cabeliaõ hera seu
Testamento, e feito muito
de seu livre vontade sem
sin constrangido por pessoa
alguma. e me pedio a mim
Cabeliaõ, como Pessoa Pu-
blica, que o aprovasse, e
como de feito aprovo. como
aprovada o tenho, a qual

DOC. XL - F

4 f. 4 6

Mello,

aqual se haxa sem emenda
alguã ou antrelinha, ou
vissio, ou outro, que vicio
possa tôr, E todas as perguntas
que lhe fiz, todas mores pondeo
sem entrepretação alguã,
cujo testamento se enderra
em huã folha e Rubricada
por mim Tabelião, e a sua
aprovação. de que tudo dou
Fé, e eu Francisco Manoel
de Mello, Tabelião Publico
deste Districto, que o escrevi,
e aprovei, e assignei. Com o
Testador. P. F. P. de Verd.e

Francisco Manoel de Mello

Jozé Bonifacio de Andrada e S.a

Jose Martins Vianna de Castro

Jozé Narciso de Corqueira e S.a

José Pereira Carvalho da Silva

Joaq.m Antonio de Almeida

João Fran.co Graça

João Marcelino Rodrigues

DOC. XL - G

Comprase e Registese
Nictheroij 6 de Abril de 1833

Frias

Apresentm

Aos seis dias do mez de Março di-
go do mez de Abril de mil oito
centos e trinta e oito nesta Cidade
de Nictheroij em meo Cartorio
pelo primeiro Testamenteiro de
vembargador Francisco de França
Miranda me foi apresentado es-
te testamento que fora aberto
pelo Juiz Municipal interino
o Cidadão Manoel de Freas
e Nas conselhos no dia supra
mencionado. de que para
constar fiz este termo. Eu Vil
vestre dos Reis Nunes Escrivão
interino da Provedoria que o
escrevij

Francisco de França e Miranda

Certifico, que intimei por car-
ta ao primeiro testamenteiro
nomeado o Desembargador Fran-
cisco de França Miranda pa-
ra declarar se queria ou não

DOC. XL - H

57

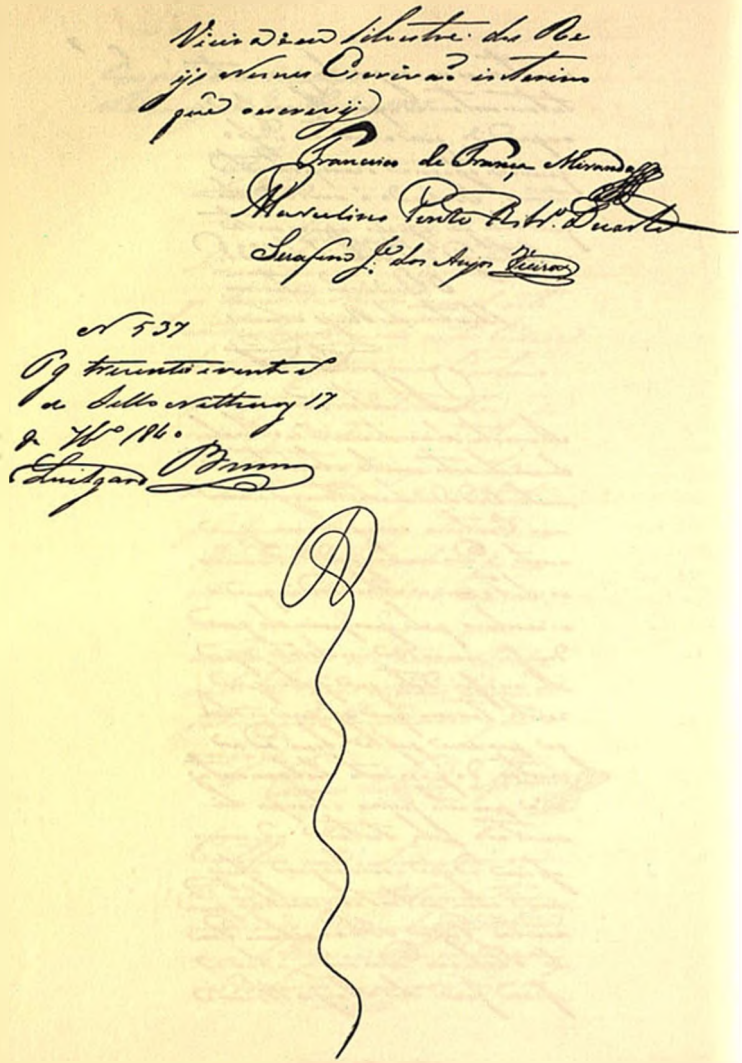
aceitar os encargos da presente
testamentaria e por elle me foi
respondido, que aceitava e disso
queria assignar o competente
termo. O referido é verdade do
que dou fé e passo a presente
Nictheroij 7 de Abril de 1838.

O Escrivão interino.
Silvestre dos Reijs Nunes

Aceitação

Aos oito dias do mez de Abril
de mil oito centos e trinta e oito
nesta Cidade de Nictheroij e em
meu Cartorio compareceu pre
sente o Desembargador Francis
co de França Miranda que o
reconheço pelo proprio do que
dou fé morador na Corte e por
elle me foi dito, que pelo pre
sente termo que assigna se obri
ga por sua pessoa e bens a dar
contas da presente testamenta
ria por este Juizo e tempo li
mitado pelo testador e de como
assim o disse e se obrigou assig
nou com as testemunhas pre
sentes Padre Marcelino Pin
to Ribeiro Duarte, e Ser
fim José dos Anjos Vieira

DOC. XL - I



DOC. XL - J

AO PUBLICO.

GRATIS.

No dia 25 de Março, anniversario do juramento da nossa Constituição, foi repentinamente accommettido d'uma congestão cerebral, acompanhada de febre perniciosa, o Exmo. Sr. JOSÉ BONIFACIO D'ANDRADA E SILVA.

A' tão assustador como inexperado acontecimento; á alegria, e reposso, succedêrão as lagrimas, as angustias e as aflições, ao ver-se o encanecido Varão perder toda aquella vivacidade, toda aquelle brilho, e vigor de que era dotado. Seo rosto macilento ja apresentava o termo final de sua existencia; seus olhos, que brilhantes reverberavão em torno de seus filhos, e amigos, tornavão-se opacos, e mal podião mostrar pelos diversos movimentos as emoções, que seu coração sentia: seus labios, esses labios por onde a verdade tem sempre se dislisado e por onde derigia á MAGESTADE CELESTE preces para conservação da sua, e nossa Patria; ja, qual papoula, que com o ardor do Sol, perde o brilhantismo, que a aformosea, e a faz sobresahir ás demais flores, tambem sentião diversas mudanças, e apenas pronunciavão vocabulos, cujos articulados sons contristavão sobre-maneira os corações dos que, apesar das vicissitudes do tempo, jamais deixárão de respeitar e venerar o Inclito Varão que, desinteressado, e pelo amor da Patria, rasgára o veo que nos vendava os olhos, e nos conservava apathicos ácêrca dos nossos Foros, Liberdade, e Independencia!!

Apesar da idade, e d'uma vida bastante amargurada, o Illustre Ancião não succumbiu, graças á Providencia, e aos esforsos dos Illustres Medicos, que acodirão a empecer o progresso da enfermidade, e a servir, em tão triste conjunctura, de lenitivo ao Venerando Philosopho.

Nós, que, como Paulista, e ja como Brasileiros banhavamos seu leito de dor, com lagrimas da mais cordial amargura; que ja nos persuadiamos vel-o arrancado de nossos braços, e transportado ao lugar que o Eterno Destina para repouso dos justos, e recompensa das almas bemfasejas; julgamos acertado transmittir ao Publico a satisfactoria noticia de suas melhoras, e mesmo á nossa Provincia, que ufana de sêr o berço dos Campeões da nossa Independencia, se vestiria de luto, si a Providencia arrebatasse aquelle de quem ora nos occupamos!

O Paulista.

RIO DE JANEIRO. — NA TYPOGRAPHIA IMPARCIAL DE BRITO, PRAÇA DA CONSTITUIÇÃO N. 66.—1837.

Copia

Diario

do — [illegible] do Snr. José Bonifacio de Andrada

Março 26 —

Dia 26 de março ás 5 horas da tarde

Fez-se hua sangria geral de 6 onç.; logo a temperatura
elevada da pelle baixou, e pulso diminuio de frequen-
cia e de força. O doente soffreu e mostrou-se menos in-
differente — Prescripção — 8 sanguesugas aos dous
lados, 8 as ancas; 1 cataplasma [illegible] de 3 em 3 horas,
hua bebida [illegible] — [illegible] de tomar de 3 em
3 horas hua chavena. Ás 5½ horas. As sangue-
sugas sangrou muito, o doente ficou mais tranquillo,
a respiração quasi livre, o pulso menos frequente
e duro, diz 80 pancadas por min., porem [illegible]
te. Foi-se á [illegible] hua [illegible] com 18 [illegible]
[illegible], tomou a 1ª dóse da bebida ordenada
acima como o 1º cataplasma ás 7½. Ás 7½.
Sangrou muito, e alguns vomitos, porem [illegible]
mitos até ás 8. Continua = remissão, pulso sem-
pre intermittente — Deu a purga hua boa e lar-
ga evacuação. Applicação de sanguesugas nas par-
tes — Ás 8 e 40 min. foram-se as cataplasmas com 12 grs de
sulfato de quinina — Ás 9 horas 10 min. deu com-
prim., as 9½ almoçou hum pouco de caldo, e mais
2 ou 3 até as 10 horas — Ás 11½. Queixou-se a com-
eçar por ultimo muito de hum lado, e por
isso [illegible] e queixou continuou a agoniar, e só
depois [illegible] — [illegible] palavras — Tomou 6 grs.
de sulf. de qq. em [illegible] d'agoa d'Inglaterra,
[illegible] antes vomitou [illegible] de vomitos de
sangue — Ás 11½ não existe a [illegible]
pulso — Somno tranquillo de 3¼ d'hora — Accordou
5 min. depois da meia noite. Foi-se nas ancas
a [illegible] com 12 grs de sulf. de qq em [illegible]
[illegible], e depois [illegible] [illegible] de sua.

27 Dia 27 ½ A hora e meia tomou 6 grs. de sulf.
de qq em meio calice d'agoa d'Inglaterra, sem
[illegible] para os acordar, antes [illegible] a re-
spiração mais alta, porem continuou a agoni-

ra, e o pulso não tinha intermittencia. Ás 2 horas
tomou 2 colheres de caldo de galinha, ás 2¼, fricção de
pommada estibiada com 12 grs. de sulfato de qq.
Ás 2½ bebeu agua de cevada – ás 4½ tomou 6 grs. de
sulf. de qq. com agua d'Inglaterra. Depois dormio tran-
quillamente até ás 6½; accordou pedio agua com as-
sucar, respondendo com precisão ás [illegible]. A lin-
gua estava alguma tanto secca, nenhuma dor no
ventre – o pulso dá 70 pancadas – pelle humida.
Ás 7 horas clistel de 8 grs. de sulf. de qq. – fricção com
pommada estibiada – (Pela madrugada come-
çou espirrar, e ás 4½ depois de ter toma-
do a agua d'Inglaterra, teve dois soluços.) Ás
7½ o doente chupou huma laranja com satisfação;
conserva-se acordado e prestou attenção ás pes-
soas q. o rodeião. Ás 9½ pulso bom, lingua
humida – tomou meio calice d'Agua d'Inglaterra
Ás 9¾ 37 min. tomou hum clistel de 6 grs. de sulf.
de qq. com agua d'Inglaterra. Até huma hora da
tarde continuou do mesmo modo, e em razão
de não ter evacuado, deo-se-lhe hum clistel
de pinicaria com electuario lenitivo e 8 grs. de
sulf. de qq. Meia hora antes havia tomado
com facil deglutição meio calice da poção eme-
tica. No acto de se lhe applicar o clistel, o
doente evacuou espontaneamente materias
de cor escura e de cheiro corrupto. Ás 2½ teve
o doente segunda dejecção da mesma natureza.
Fez-se depois o curativo dos cauterios q. derão bastante se-
rosid.e amarella. Nesta occasião desenvolveo-se e
tornou-se mais frequente chegando a dar 110 pulsa-
ções. A face tornou-se vermelha, porem a respira-
ção continua a estar livre; ha alguma sede e o
doente se queixa q. a lingua está mais inclinada p.
o lado direito. Os Drs. Paula Candido e Jobim
e o Cirurg.m Geral concordárão em dar-lhe huma
bebida refrigerante (limonada de tamarin-
dos em cozimento de cevada) – Tomou a
limonada ás 4½ e bebeu hum calice com satisfação

DOC. XLII - A

ção. A lingua [illegible] menos inchada, movendo-se na
boca [illegible] embaraço, conserva-se humida, o pulso
he mais regular, dá 74 pancadas p.r mim. O [illegible]
copiava. O doente conversa. — Aceita deste quadro
concordou-se em não excitar p.r ora com agoa tiglica,
quinina e tartaro internam.te, mas sim continuar com
as fricções pelo dorso, parte interna dos braços, e coxas,
e fundo da pommada stibiada [illegible], bem como
internam.te da limonada ja prescripta, limões, le-
ranja. Q.do tudo [illegible] dado. — Ás 5 horas, conti-
nuando o estado apyretico, e sendo a [illegible] pro-
feita, fez-se a fomentação. Das 6 as 6½ [illegible] tran-
quillo, o doente [illegible], bebeo hum calice da limo-
nada e conversou com o Dr. Silv.ra fez-se de novo
a fomentação. Ás 7½ estado de completo apyrexia,
face, testa e cabeça frescas — pulso cheio, regular, dan-
do de 70 a 74 pancadas — ventre flacido — calor peri-
phenico igual, lingua humida. O doente se queixa
de abatim.to geral; deo-se então meio calice de a-
gua d'Inglaterra, e fez-se a fricção na espinha dor-
sal. Logo depois veio Gomes de mais de ½ h. e q.do ac-
cordou tomou ½ chicara de caldo, e continuou a pas-
sar tranquillo. Desde as 6½ [illegible] dormiu [illegible]
do — o pulso molle e regular — a respiração livre
nada de injecção na face, e de calor na cabeça — mãos
frescas e humidas.

28 Dia 28. O doente accordou á 1 h. e 10 min., tomou meio
calice d'agoa d'Inglaterra, e passou socegado, tornou
a conversar o Gomes ás 2 h. e accordou as 3½. tive-
tão huã ligeira dejecção alvina; dormiu de novo até
as 5½. Ás 6 h. fez-se a fricção no dorso com a pom-
mada stibiada, e tomou deo-se-lhe meia chicara de
caldo. Ás 8 meio calice d'agoa d'Inglaterra, e logo
depois alguns golhos d'agoa. Continuou a apyrexia,
o doente falla descansançado, respondendo com acerto
as questões que se lhe dirigem, e mostrando unica-
mente fraqueza na voz. Ás 9 h. recebe huã deputa-
ção que o vem visitar, manifesta alegria, falla

pouco, porem com clareza, e recebe tambem com satisfa-
ção a vinta do seu am.º o General Labatut. Alta
o doente apresenta hum quadro de melhoras, con-
tinuando a apyrexia. Reunem-se os Doutores Silv.ra
Paula Candido, Octaviano e Geraldo. O Sr. Geraldo
participa que o Sr. Dr. Jobim não podendo demorar-
se, communicara a elle e ao Sr. Dr. Silv.ra, que suppu-
nha hoje a enfermidade = hũa congestão cerebral com
derramam.to seroso nos ventriculos do cerebro =; e não
a = existencia de qualquer febre intermittente
perniciosa =, e que por isso se appunha aos tomas
e antiperiodicos. Os outros facultativos não concor-
dárão em grande parte com esta opinião, e por
isso continuárão no primr.º proposito de ser am-
dada enfermid.e = hũa febre intermittente com
congestão cerebral, porem com melhoras =; portanto
concordárão nos mesmos tratam.tos mais ou menos mo-
dificado, attentas as alterações que forem apparecendo.
Combinárão pois no seg.te 1º Tomar durante os
accessos febris hũa bebida refrigerante tal como mistu-
ra salina simples em cosim.to de althea digo emolliente,
chupar limões e laranjas. 2º Tomar durante a
remissão da febre pequenas porções d'agua Inglesa,
fazer no dorso frecções com pomada stibiada,
dar cristeis de electuario de sene, e pericarea, con-
tinuar com os caldos. — Ás 2 horas o doente
tomou 1/2 chicara de caldo está no uso de sua in-
telligencia, permanecendo apyretico: as 4 1/2 outro
caldo — Pulso, 76 pancadas. Das 4 1/2 ás 9 da noite
tomou duas vezes a mistura salina: o mais con-
serva-se inalteravel — a pelle estava humida.
Em rasão de não ter evacuado desde as 3 horas da
madrugada, applicou-se-lhe hum cristel purgativo,
que não foi expelido immediatamente. O pulso
levantou-se até 98 pancadas p.r minuto, tornou-
se mais duro; houve alguã inquietação. As
11 horas começou o doente a evacuar; deo-se-lhe
hum cristel mais energico, com o qual evacuou

Março

copiosamente e fezes retidas. O pulso desceo a 80 pancadas; a pelle humedeceo, em fim o estado geral melhorou.

Ás 11 1/4 tomou hum caldo e agoa inglesa; foi fomentado com a pom. stibiada e sulfato de qq.; pouco tempo depois adormeceo tranquillo. Passado algum tempo, o somno tornou-se algum tanto agitado. Foi só as 2 h. q. acordou, e então tomou agoa inglesa, ourinou copiosamente; mudou-se a roupa da cama. O doente dormio até as 3 horas e 1/2, dando altos suspiros e ais. Acordou e obrou em abundancia fezes retidas, depois dormio até ás 6 da manhã. Continuou o alivio; tomou então agoa inglesa. — Ás 10 h., estado de socego, pulso com 80 p.s — semblante animado — ventre flacido, porem secco e quente — lingoa rubra, liquiramente fumida, — calor regular na face, testa, e cabeça; tinha evacuado bastante. — Accordamos (Octaviano, Paula Candido e Geraldo) em suspender p.r ora os tomes, e clisteres irritantes, e usar agora de clisteres emollientes, banho de meio corpo morno, fomentação emolliente, e agr.es espacos a de sulf. de qq.; e internam.te bebidas emollientes e refrigerantes, contendo algum sulf. de magnesia, de soda &c. Dieta pouco severa, podendo tomar gelia, caldos, canja, e fructas acidas q.do secundas.

Ás meio dia tomou 1/2 chicara de caldo com gusto e hum quarto depois ourinou copiosamente. Ás 1 hora tomou hum clistel, cuja maior parte foi logo expellida. Ás 1 1/2 ourinou e evacuou; ás 2 h. tomou hum banho, mudou camisa e repousa.

Ás 1 3/4 lavou-se e dormio fingindo hũa hora, q.do acordou curárão-se os cauterios, e pouco purgárão. Pulso 88 pul.s — pelle fresca — lingoa boa. Tomou hum caldo com arroz; as 5 3/4 tomou mistura sal na simpl. Adormeceo as 6 h.; ás 7 acordou e tomou outro caldo. Ás 7 1/2 o pulso dava 84 pans. Ás 8 1/2 tomou emulsão entrada pulso 86. Reconheceo-se o desenvolvim.to de hũa enxugada no escroto e nadegas. Tomou infusão de fidegas e casca de hũa. Dormio quasi todo a noite

Dia 29

Março

30 sem mudar de posição: pela manhã cedo acordou muito, mudou de camisa, e tendo sede tomou muito sal; dahi o pouco tomou caldo. pulso 82: As 7½ tomou hum clister purgativo, e hũa hora depois [illegible] [illegible]. O Sr. Octaviano compareceu ás 9 h. e mandou applicar hum caustico á nuca, e arrear os dos pernas com pouco de sabina e tartaro. As 10. applicou-se o caustico á nuca, e tomou caldo. Ao meio dia curárão-se os caustico das pernas, e tomou outro caldo. Pulso 88 p.; teve hũa evacuação. A 1 hora tomou muito sal., as 2 caldo de arroz; pulso, 86 Dormio quasi toda a tarde, e ás 8 h. menos 10 min. tomou hum calice de kale cedrado. As 9 h. pulso, 120; o doente não responde ás perguntas q. se lhe derigem, não deixa a lingua fora; pelas contrahidas, as palpebras do olho esquerdo movem-se com difficuldade. cõma, gr. calor na cabeça, augmento na inflammação do escroto e [illegible]. Não se pôde ver a lingua — 9½ tomou sem difficuldade 3 colheres de agua tartarizada — 2 sobresaltos de tendões — Começa a apparecer suor, o pulso da 92 pane — Continuão os sobresaltos — faz-se hũa fricção ás costas com 12 gr. de sulf. de qq. ás 9¾ — As 10 e 20 m. tomou muito sal. tirárão-se os sinapismos, respondeo a hũa pergunta, continua algum suor; o pulso dá 88 pulsos — Continuão os sobresaltos nos membros inferiores; reapplicarão-se os sinapismos no dorso dos pés — Vomito bilioso — 11 Horas e 5 m. fricção ás costas, e hum clistel d'agua [illegible] p. não haver sulf. de qq. 11h e 25m Pulso, 80; prostração e somnolencia comatosa — Infusão de Valeriana alcanforada com xarope de cascarilha [illegible] — Cataplasma de linhaça com [illegible] d'alt. [illegible] — 11h e 35m Clistel de 18 gr. de sulf. de qq. com julippo canforado.

31 Dia 31 25m depois da meia noite deu-se-lhe pela bocca 6 gr. de sulf. de qq. em infusão de valeriana

DOC. XLII - F

e renovou-se á cataplasma do escroto. — 6 horas da tarde — Pelle bastante quente, algum suor na testa e resto da face, mãos e parte ~~anterior e~~ inferior do antebraço; face avermelhada: pulso, 96 pans. — lingua saburrosa, humida, retrahida; algũas nauseas, borborygmos; o doente leva a mão á região do estomago; somnolencia p.r intervallos. Elle responde com lentidão, porem com acerto a algũas perguntas; tomou hũa pequena dóse de limonada salina. As 7 h. nota-se diminuição no calor e na vermelhidão da face: o pulso da 85 p.; a respiração he mais facil; o doente responde bem: dés-se-lhe meio calice de limonada salina; applicou-se-lhe hum cristel de jene, e aos pés beitas molhadas em agoa quente com mostarda, com o fim de combater a somnolencia. O pulso sustenta-se com 80 p. as 7½ da noite; e o doente dorme tranquillo. O calor he natural, tomou algũas colheres de caldo, e chupou dois gomos de laranja com satisfação. — As 10¼ errou-se o vesicatorio da núca, e applicou-se de novo a fomentação sinapisada aos pés. O doente ourinou, respondeo com acerto, e queixou-se de borborygmos. As 11 h. chupou hum gomo de laranja, e depois pegou no somno. A Hũa noite evacuou o clistel. Mudou-se a roupa. Tomou com satisfação algũas colheres de caldo, e hum gomo de laranja; respondeo bem a varias perguntas. Pulso, 80, logo depois pequena evacuação: somno tranquillo.

1º de Abril

1º de Abril

As 3 h. o doente ourinou. Tomou novo clistel. O pulso dava 80 p., pelle humida: tomou duas colheres de mist. sal. As 3½ algum movim.to nas mãos, e augm.to de calor. o doente chupou hum pouco de laranja. As 5½ dormitava, o pulso tinha 80 pulsações, ligeira agitação de braços quasi sempre levando a mão á bocca e ao nariz. Calor e suor irregular. — As 9 h. houve hũa confe

renaça dos Snrs Octaviano Jobim e Valdetaro, e resolveo-se que o doente tomasse em varias doses a infusão de Sene tartarizada. Até as 10 h. não houve novidade. Tomou depois hum clistel emoliente e logo [illegible] reapplicou-se a cataplasma de linhaça sobre o ventre e escroto, e depois fez-se-lhe hũa fomentação, q. o fez arrotar facilm.te p.r 3 vezes. Ao meio dia tomou 2 colheres do purgante, e pouco tempo depois evacuou hũa materia amarellada, sem excremento solido. A 1 h. da tarde deo-se-lhe 5 colheres do purg.te Ás 3½ apparecêrão nauseas, tomou duas colheres de caldo, e hum gomo de laranja. As 5½ repetio-se o mesmo — o pulso com 80. Ás 6 e 10 m. deo-se-lhe seis colheres de valeriana, e as 8 h. menos 10 m. 6 colheres do purg.te: depois desto ouvemos 2 vezes. No intervallo da noite fez-se ao ventre hũa fomentação com altheia e alcanfor, e deo-se-lhe o resto da infusão de sene. A noite foi boa, o pulso [illegible] se de 84 a 76, e o doente tomou p.r [illegible] colheres de caldo, de nuit sal. simp. e de valeriana em infusão.

2 de Abril.

2 de Abril. Ás 9 h. e 20 m. — o pulso da 72 pulsação, a phisionomia parece melhor, as respostas são acertadas. Continuou-se no m.mo tratam.to O doente tem as cores de face naturaes, e o calor do corpo igual. Renovou-se a cataplasma do escroto, e fez-se-as annos hũa fomentação com mantaiga de cacáo e oleo de amendoás doces. — Meio dia — depois de hum somno socegado de hora e meia, o pulso dá 74 p. A pelle conserva-se fresca, a phisionomia com posta. Deo-se-lhe 3 colheres de caldo, e alguns gomos de laranja, e tambem 2 colheres de nuit sal. simpl. p.a acalmar a sede. Curão-se os sanatorios, q. purgão bem, sobretudo o do membro abdominal direito. A 1½ elevação do pulso, 85 p.; porem meia h. depois diminuição no m.o

das pouc. — somno tranquillo. Ás 4½ acordou tendo o pulso
a 70. Melhora geral. O doente ouvia facilmente, e
tomou alguãs colheres de caldo, e de mist. salina sup.
Ás 5½ o mesmo estado, porem com a pelle mais fresca.
Tomou a pouco de valeriana com pequena dóse de jalap-
po canforado. Administrou-se-lhe hum cristal Pemble-
ente que logo depois foi lançado com alguãs materias
fezes muito valas. O doente adormeceu e ás 6¾ a-
cordou e tomou alguãs colheres de caldo, e depois
continuou em feio somno até as 8¼: notou-se então
que estava hum pouco mais quente, porem as 10h.
dissipou-se esse augmento de calor: o pulso dava 74 p.; e
nessa occasião fez-se o curativo dos caustícos. Continu-
ção do mesmo tratam.to A 1 hora da noite acordou
3 de Abril o doente de hum somno tranquillo q. durou 3 de Abril
perto de 2 horas. Pulso e calor do corpo quase natu-
raes. Tomou 2½ colheres d'inf. de valeriana simpl.
Ás 2 h menos 10m o doente bebeo agoa com satisfação,
tomou hum pouco de caldo, e este tranquillo até
ás 3 h. e 10m; e foi então que curaram, depois pedio agoa
e deo-se-lhe a mist. sal. simpl.; e ás 5 h. recurou-
se o calice da inf. de valeriana. Continuou em
hum somno tranquillo — 6 h. da mais — Pulso
algum tanto mais frequente, depois de se cura-
rem os caustícos da nuca e pernas, tendo par-
gado desta vez mais o da esquerda. O doente pe-
dio agoa e bebeo com prazer. Fez-se a fomenta-
ção com unguento de althéa e alcanfor. Ás 7¾
tomou alguãs colheres de caldo: o pulso conser-
va-se no mesmo estado — a pelle algum tanto
mais quente, e o resto hum pouco mais animado,
o que se suppõe effeito do movim.to que soffre pa-
ra mudar de roupa mathada de ourina, pois
já se tem observado por vezes a mesma alteração
quando se curão os caustícos, ou q.to o doente toma
algum [illegible] &c. — Ás 9 h e 20m sendo presentes
os Drs. Maia, Octaviano, Costa Guimarães, Ricardo

DOC. XLII - I

Esta, [illegible] que se deu ao doente doses de calomelanos com assucar (4 gr. de 4 em 4 horas), quando a lingua estivesse humida, e que se suspendesse depois de sufficientes [illegible]. Aconselhárão tambem [illegible] emollientes, [illegible] de grisilha, e [illegible] ao dia infusão de [illegible] simpl., e curar os caustícos das pernas, q. estão [illegible], com pom. de Saturno. Das 11 ao meio dia, somno tranquillo, ligeira coloração da face, pulso no mesmo estado. O doente tomou algumas colheres de caldo e pedio laranja p.ª [illegible]. A 16. tomou hum calice de infusão de valeriana, curárão-se os caustícos, e mandou-se de rasura. Com isto não teve todavia sensivel alteração no pulso e na cor da face. As 2 1/2 notou-se algum abatim.to, mandou-se de novo a rasura da cama sem causar-lhe gr.e alteração no pulso, no calor e na injecção da face. As 4 horas appareceu o Doutor Meirelles, que notou o seg.te estado de indifferença, o doente não responde de perguntas q. se lhe fazem, face colorada e vultuosa, calor augmentado no habito externo, maxe na cabeça, respiração normal, pulso cheio, molle e frequente, dando 120 pancadas. A vista deste estado q. denota augmento de congestão cerebral, provocada pelo accesso febril, o doutor Meirelles foi de parecer 1.º de applicar nas apophyses mastoideas 6 a 8 sanguisugas, 2.º de cobrir a cabeça com hum cataplasma emolliente, quasi frio, 3.º de dar os calomelanos propostos, 8 gr.s de hum vez, e durante o accesso já bebidas diluentes, e depois de terminar sulfato de qq. em alta dose, 12 gr.s de hum vez. — Os D.rs Jobim, Faivre, Octaviano, Valdetaro tendo examinado depois o doente, notárão o que se segue: as 5 horas da tarde — alem dos symptomas ditos, que depois da applicação das baetas embebidas de agoa com mostarda aos pés, na occasião de por as sanguisugas

o pulso tornou-se mais molle, a pelle mais fresca, alguã coisa humida, e mais calor de cabeça. Deu-se os 8 grs de calomelanos, e pouco depois das 5 horas, como o doente jantasse alguã sede, bebeo hum pouco d'agoa fria com assucar, e depois applicou-se a cataplasma fria sobre a cabeça. As 5½ o pulso tornou-se mais frequente, dando 112 pulsos: houve maior reacção de calor na cabeça, e bastante no ventre: augmentou-se então o nº das sanguesugas applicadas nas regiões mastoideas, e deu-se o cosimento de cevada com xarope de groselhas. As 8h. o pulso dava 100 p.; ás 9 h. 90 p.: notava-se grande diminuição no calor da pelle; a intelligencia estava mais livre: o doente tomou algumas colheres de caldo. As 10½ tomou de novo calomelanos, e hũa dóse da limonada. Continua o estado de madorna, porem a respiração conserva-se mais livre. As 11½ deu-se-lhe hũa porção d'emulsão arabica com espirito de Mindereri. A ½ noite applicou-se hum distel de infusão de serra vegetada, que foi rejeitado pouco depois com hũa porção de fezes de pessimo cheiro.

4 de Abril

— Dia 4 de Abril —

A ½ hora, tomou o doente 2 onç. de agoa de cevada com xº de groselhas. Molhou-se a roupa da cama com agoa de Labarraque. A 1½ pulso, com 100 p., calor quasi nenhum nas mãos — 3h. pulso 112, pelle fria e humida — respiração ~~[illegible]~~ tanto anhelante, sobresaltos de tendões pelos braços e pessoa. Applicação de panos molhados em acido hydrochlorico diluido na parte interna das coxas, e no dorso dos pés. Deu-se de hora em hora cosim.to de cevada com xº de groselhas. As 3½ o mesmo estado, hum pouco de caldo foi administrado com hũa colher d'agoa inglesa. O doente apresentou então hũa face hippocratica; o pulso era irregular. As 4h. respiração anhelante, movimentos nervosos mais pronunciados, o calor quasi desapparece, de-

glutição he difficil, ventre meteorizado, as intelligencias in-
perfectas não responde ás perguntas, o cômo vai com augmen-
to. As 5 h. crystal de agua de linhaça e sal de colunha;
veio immediatamente depois hũa copiosa evacuação alvina
m.to fetida e escura. O calor da pelle diminuindo, depois de
ter apparecido intenso, o pulso regulariza-se, o semblante
da face parece ser mais natural, porem o estado da in-
telligencia sem differença; a deglutição continúa a ser
penosa. Repetio-se o caldo com agua d'Inglaterra. As 5½
nova evacuação alvina mais copiosa de materia pulle-
dinegrida, extremamente fetida. A respiração conserva-se
anhelante, o pulso dá de 95 a 100 p.; o doente dá
poucos signaes de melhoramento da intelligencia. Estas
observações forão feitas pelos facultativos Faivre e Val-
ditaro — As 8 h. pulso 108 mandou-se applicar gelo so-
bre a cabeça. As 10 h. tornou-se a face hippocratica.
o pulso com 110 pulsações; o doente tomou alguns colhe-
res de limonada; repetirão-se as bastas quantidades
pés e pernas; a deglutição cada vez he mais trabalho-
sa. A tarde vierão successivamente os Drs. Mercadal, Fa-
ivre, Maca e Simonet, e ficou este com a direcção
do tractamento ~~[illegible]~~ antes, sendo [illegible] do
das 6 da tarde em diante pelo Snr. N. Baltar.
Apparecendo hũa remissão no pulso e no calor geral
do corpo deo-se ás 4 h. da tarde 6 grãs sulf. de qq. intervien-
mente; o pulso bateu de 94 a 96 pens. As 6 h. parecem
de menos difficil a deglutição, administrou-se-lhe al-
guns colheres de caldo. Como a reacção febril se ca-
rectorisou pelas 8 h. da noite mais intensa, sendo
maior o calor da face, e demorado o da cabeça, reno-
vou-se a applicação do gelo, e applicou-se 2 bixas
em cada apophyse mastoidea. As 9 tomou a bi-
bida refrigerante, e mais algumas vezes, applicou-
se hum clistel de infusão de valeriana, que foi
pouco depois rejeitado com hũa porção de fezes
dinegridas, e hum pés escuros e m.to mais cheiro.
As 10 h. tomou a limonada de groselhas; e como
o doente parecia com mesma força de pulso e de ca-

lor, passou-se a fazer applicação de algumas colheres d'infusão de pau Pereira adoçada com xarope de avenca; o remedio provocou ligeira tosse. As 11¼ administrou-se algumas colheres de caldo de gallinha, porem a deglutição era mais difficil. A ½ 7 fez-se applicação de dois cauterios na parte interna das coxas, por se notar augmento na congestão cerebral, maiores symptomas da hemiplegia do lado esquerdo, e começo de respiração estertorosa, com intervallos de socego completo, a ponto de desconfiar-se por momentos da vida do enfermo. Entodo este periodo da noite conservou-se a respiração intermittente, e o pulso variou de 96, a 108, e 112 pulsações. Deo-se-lhe de novo algumas colheres de caldo, e da infusão branda de pau Pereira, e da limonada. Tambem fez-se nova applicação das boetas sinapisadas aos pés, de botijas d'agua quente aos joelhos para manter o calor, á cabeça applicou-se o gelo. Lançou-se mão de hum novo clistel de infusão de Valeriana e sal commum, o qual provocou em pouco tempo huã dejecção de fezes denegridas m.to fetidas e com hum sedimento muito escuro.

5 de Abril

Dia 5 de abril.

De meia noite ao 4 h. da manhã continua o cõma, nenhum indicio de intelligencia, nariz frio, e maior abertura de bocca, lingoa retrahida, secca e rubra, calor intenso na cabeça, pouco nos joelhos e nas mãos, respiração interrompida por intervallos, ora irregular, ora tranquilla, ora precipitada e com stertor ligeiro, grande difficuldade na deglutição; pulso com 108 a 115 p. paralysia bem manifesta do lado esquerdo do corpo; palpebra e braços contrahidos. Cõma mas profundo e assignalando completo derramam.to, porem ausencia de movim.to convulsivo da face e membros, ~~[illegible]~~ maior inclinação da cabeça p.a a p.te posterior. Continua-se no mesmo tratamento. As 7 h. notas maior afrimento do

sariz, e impossibilidade de ingerir liquidos. As 8 horas evacuação alvina denegrida fedorenta. Foi-se mudança da roupa e limpeza do corpo e leito com agoa de Laborraque. As 9 pôde engolir hũa colher d'agoa simpl. — As 10h e 30m notou-se que a deglutição era menos difficil, o calor repartido mais igualmte., o pulso com 108 puls.s, o ventre sem meteorismo. A respeito d'intelligencia, nada se manifesta q.e patenteie a acção das funcções intelectuaes com os objectos exteriores; a lingua mais encolhida do lado esquerdo no interior da bocca. Somte. teve algum movimento das palpebras no olho direito, o braço direito está hum tanto contrahido. As 11h a respiração resoa mais e he mais apressada. Deu-se lhe algumas colheres de caldo com difficuldade notou-se esfriamto. da face e do nariz e suor mais desenvolvido nas mãos, conservando ainda certo calor. Ao 1/2 dia e 1/4, a respiração continua precipitada, porem o calor tornou á face e ao nariz, o suor tem augmentado. A 1h e 7m tomou hum clistel de caldo de gallinha. Sustenta-se a reacção febril com a mesma intensidade. No acto de se ir acurar os vesicatorios das coxas observa-se, que ainda não fizerão vesiculas, reapplicão-se de novo. O clistel foi logo rejeitado com algumas fezes. Das 7 horas da noite em diante o doente continuou no cõma, ora mais, óra menos profundo, porem o abatimto. sempre em augmento, o pulso óra mais, óra menos frequente, algumas vezes irregular e intermittente a respiração mais ou menos precipitada e stertorosa, calor diminuido e p.r vezes suor fria pela face mãos, peito, esfriamto. do nariz e concha das orelhas, deglutição impossivel; o doente não fez o menor movimento externo. O Facultativo assistente (F. Cabral de Faro) continuou com os excitantes exteriores, e a humedecer-lhe de tempos a tempos a bocca e labios com substancias mucilaginosas e bebidas

6 de Abril acidulados. Assim permaneceo até as 2½ h. da madrugada, em q. se tornou mais stertorosa a respiração, e o pulso linear; mais este estado cessou pouco depois; a respiração tornou-se quasi insensivel, e m.to espaçada, e a face d'hippocratica, apresentou-se como resonha: o pulso era quasi insensivel. O R.do P.e M.el Marcellino, q. estava presente, lançou ao enfermo a absolvição; e pelas 3 horas da manhã, fim o melhor movimento, e cercado de sua amargurada familia, e consternados am.tes expirou o venerando Ancião ...

Abertura do cadaver &

(Redigido este diario attentamente pelos medicos assistentes 1838. [illegible])

DOC. XLII - O

TEOR
DOS
DOCUMENTOS BIOGRÁFICOS ORIGINAIS
DE
JOSÉ BONIFÁCIO DE ANDRADA E SILVA
EM
LÍNGUA PORTUGUESA

Dos quarenta e dois documentos biográficos originais por mim seleccionados, quatro são redigidos em latim, onze em alemão, sete em francês, dois em dinamarquês, um em sueco, e o restante em português.

Colaboraram, gentilmente, na versão portuguesa de todos os escritos em idiomas estrangeiros as seguintes pessoas e entidades: Prof. Armando Tonioli (latim), Instituto Hans Staden de São Paulo e Dr. Olivério Mário de Oliveira Pinto (alemão), Dr. Rudolf Robert Hinner (dinamarquês e sueco), além de eu próprio, que traduzi os redigidos em francês e trasladei o conjunto dos escritos em português para a ortografia simplificada actual. A todos êsses eficientes e prestimosos amigos aqui ficam externados os meus mais profundos agradecimentos. (Nota de E.C.F.)

DOCUMENTO I

CARTA DE BACHAREL EM FILOSOFIA PELA UNIVERSIDADE DE COIMBRA.

Em nome de Deus, amém.

Nós, D. Francisco Rafael de Castro, Principal da Santa Igreja Patriarcal de Lisboa por decisão da Sua Majestade Real, Reformador e Reitor desta Academia de Coimbra, etc., assim como a própria Alma da Universidade, atestamos pùblicamente e fazemos saber a todos e a cada um daqueles a quem fôr de interêsse examinar o presente diploma, que o nosso estimado José Bonifácio de Andrada e Silva, filho de Bonifácio José de Andrada, natural da cidade de Santos, Capitania de São Paulo, obteve, com louvor e distinção, o grau de Bacharel na Faculdade de Filosofia em nossa Academia de Coimbra, depois de ter seguido regularmente o seu curso e de se haver submetido a exame público, no qual foi unânimemente aprovado por mui ilustres e sábios professores; observadas rigorosa e solenemente as demais formalidades, segundo os Estatutos da Universidade, foi-lhe concedido, no dia 16 de Julho de 1787, o grau de Bacharel pelo mui sábio Doutor Teotônio José de Figueiredo Brandão, professor meritíssimo, tendo êle antes prestado o juramento de que, pública e particularmente, defenderia a Imaculada Conceição da Virgem Maria Mãe de Deus, como está anotado no Livro de Exames, Actas e Graus do mesmo ano, a fl. 163, verso. Em testemunho público dêste facto lhe conferimos êste diploma com o grau de Bacharel a que tem direito, ao qual apomos a nossa assinatura bem como o sêlo da Universidade. Dado em Coimbra, no dia 8 de Julho de 1788.

(aa) Honorato da Motta e Silva
Secretário Substituto
Principal de Castro...

(Documento original impresso em latim, recolhido ao arquivo do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, sob o n.º 4.065, lata 175.)

DOCUMENTO II

DIPLOMA DE ADMISSÃO À ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS DE LISBOA.

O Presidente e os Sócios da Real Academia das Ciências de Lisboa enviam muitos saudares ao preclaríssimo varão, José Bonifácio de Andrada.

Visto que sem o concurso de muitos homens doutos não podem realizar-se as artes nem as ciências, nós, que nos reunimos em Lisboa para o cultivo das Letras, resolvemos admitir para tão importante actividade os homens eruditos aos quais inflama o mesmo amor da cultura, embora não possam êles ou ter aqui seu domicílio ou freqüentar nossas reuniões.

Ora, a tua cultura, de nós conhecida e reconhecida, tanto pelo elogio que dela fazem muitos, como, principalmente, pelo testemunho dos nossos sócios, levou-nos a convidar-te a participar do nosso trabalho, esperando certamente com isto que, de teu labor e saber, advenham não pequenos benefícios e progressos para as Letras e demais belas artes. Esperamos que recebas com prazer êsse nosso juízo a teu respeito, e que, satisfazendo ao encargo que te impomos e ao nosso desejo, nos envies com muita diligência, pelo menos uma vez por ano, o resultado das tuas investigações ou o que de outros vieres a conhecer.

Dado na sede da Real Academia, e autenticado com o sêlo, no dia 4 de Março de 1789.

(aa) João de Bragança
Presidente

José Corrêa de Serra
Secretário

(Documento original impresso em latim, recolhido ao arquivo do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, sob o n.º 4.066, lata 175.)

DOCUMENTO III

INSTRUÇÕES DO MINISTRO LUIZ PINTO DE SOUZA, RELATIVAS À VIAGEM DE APERFEIÇOAMENTO TÉCNICO ATRAVÉS DA EUROPA.

Instrução

Sua Majestade, tendo nomeado a V.M.cês para passarem a Paris, com o importante fim a que se destinam, foi servida ordenar-me que prescrevesse a V.M.cês as instruções seguintes:

1. Que, para a melhor ordem econômica da expedição, fôsse nomeado Manuel Ferreira da Câmara Chefe de Brigada, a cujo cargo estará o decidir do tempo dos estudos e das viagens, do destino de cada um dos sócios, e dos sítios aonde devem empregar-se.

2. Na cidade de Paris farão V.M.cês, em primeiro lugar, um curso completo de Química com Mr. Fourcroy, e outro de Mineralogia Docimástica com Mr. Le Sage, ou com quem fizer as suas vezes, empregando-se nesta aplicação pelo menos um ano.

3. Acabados os dois cursos preparatórios, passarão V.M.cês em direitura a Freiberg, no Artz, a fim de entrarem no curso completo das Minas daqueles distritos, para o que acharão V.M.cês ali tôdas as facilidades necessárias, em virtude das ordens que se devem expedir aos Directores, por via da sua Côrte; e neste exercício se demorarão V.M.cês por tempo de dois anos, por se julgar indispensável êste espaço de tempo.

4. Parecia conveniente que V.M.cês assentassem ali praça de mineiros, para adquirirem todos os conhecimentos práticos, para o que encontrarão V.M.cês igual facilidade por parte do Director.

5. Acabado o curso de Freiberg, passarão V.M.cês a visitar as minas da Saxônia e Boêmia, e as outras dos Estados do Imperador na Hungria Apostólica, e, se fôr possível, se aproveitarão das direcções de Mr. Born, como muito proveitosas, para o que acharão igualmente em Viena as recomendações convenientes nas mãos do Ministro de S. Majestade, a quem devem recorrer.

6. Terminada a viagem da Hungria, visitarão as minas de Ekatharinemburgo e as outras vizinhas na Rússia, passarão à Suécia e Noruega, e dali se dirigirão à Inglaterra, para examinarem as minas da Escócia e do País de Gales, e, terminando por Cornualha (Cornwall), se recolherão a Lisboa, por via do paquete de Falmouth.

7. Em tôdas as Côrtes por onde transitarem, e em que houver Ministros de S. Majestade, se lhes apresentarão imediatamente, comunicando-lhes as Instruções que levam para serem por êles protegidos e recomendados na forma das ordens, que se lhes devem expedir; e, quando houver necessidade de se fazerem compras de livros da profissão, máquinas e modelos, que se devam adquirir e remeter para a Côrte de Lisboa, o chefe da expedição o representará ao Embaixador ou Ministro da Côrte onde se achar, para que mande satisfazer as despesas necessárias de semelhantes aquisições; e, quando não houver Ministros no lugar da sua residência, escreverá o mesmo chefe ao da Côrte que lhe ficar mais vizinha, para que êste dê as providências necessárias a respeito dos pagamentos.

Palácio de Nossa Senhora da Ajuda, a 31 de Maio de 1790.

(a) Luiz Pinto de Souza

P.S. — Não obstante o que se determina no fim do § 6.º, deverão V.M.ces passar da Inglaterra em direitura à Biscaia, para examinar as minas daquele senhorio, e as mais que julgarem interessantes nas diferentes Províncias da Espanha.

(a) Luiz Pinto de Souza

(Documento original manuscrito em português, recolhido ao arquivo da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, sob o n.º Ms. C - 75, 7, 49.)

DOCUMENTO IV

CERTIFICADO DE FREQUÊNCIA DO CURSO DE MINERALOGIA E QUÍMICA COM O PROF. FOURCROY, DE PARIS.

Eu, abaixo assinado, Doutor em Medicina pela Faculdade de Paris, membro da Academia Real das Ciências e da Sociedade Real de Medicina, Professor de Química, certifico que o Senhor José

Bonifácio de Andrada, português do Brasil, freqüentou um curso particular de Mineralogia e Química em meu laboratório, desde 17 de Setembro de 1790 até 1.º de Janeiro de 1791, com tôda a assiduidade e zêlo possíveis, em testemunho do que lhe passei o presente atestado.

Paris, 16 de Janeiro de 1791.

(a) Fourcroy

(Documento original manuscrito em francês, recolhido ao arquivo do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, sob o n.º 4.067, lata 175.)

DOCUMENTO V

DIPLOMA DE MEMBRO CORRESPONDENTE DA SOCIEDADE FILOMÁTICA DE PARIS.

A Sociedade Filomática de Paris, em sua sessão de 29 de Janeiro de 1791, recebeu como membro correspondente o Senhor d'Andrada.

(aa) A. Brongniart
Presidente

Rielse e outro nome ilegível
Secretários

(Documento original caligrafado em francês, recolhido ao arquivo do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, sob o n.º 4.068, lata 175.)

DOCUMENTO VI

DIPLOMA DE MEMBRO DA SOCIEDADE DE HISTÓRIA NATURAL DE PARIS.

A Sociedade de História Natural de Paris, em sua sessão de 4 de Março de 1791, recebeu como seu associado o Senhor d'Andrada.

(aa) Ventenaz
Presidente

Rielse e Pelletier.
Secretários

(Documento original caligrafado em francês, recolhido ao arquivo do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, sob o n.º 4.069, lata 175.)

DOCUMENTO VII

CERTIFICADO DO CURSO COM O PROF. DUHAMEL, NA ESCOLA DE MINAS DE PARIS.

Eu, abaixo assinado, professor da Escola Real das Minas, certifico que o Senhor d'Andrada acompanhou meu curso com a maior assiduidade, em testemunho do que lhe passei o presente, para lhe servir conforme as circunstâncias.

Paris, 1.º de Abril de 1791.

(a) Duhamel

(Documento original manuscrito em francês, recolhido ao arquivo do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, sob o n.º 4.070, lata 175.)

DOCUMENTO VIII

RECOMENDAÇÃO DATADA DA CIDADE DE KUNGSBERG, EM 9 DE JUNHO DE 1792, SOLICITANDO AOS FUNCIONÁRIOS MINEIROS BOA ASSISTÊNCIA PARA JOSÉ BONIFÁCIO, EM SUA VIAGEM DE ESTUDOS PELOS PAÍSES NÓRDICOS.

O Senhor d'Andrada, estudioso mineralogista português, foi apresentado pela Câmara de Rendas ao Departamento Superior das Minas, a fim de poder penetrar nas usinas de ferro e de prata, bem como ter ingresso nas minas dêsses metais. As relações que mantenho com êle, seus profundos conhecimentos e bom comportamento, levam-me a recomendá-lo de modo especial, solicitando a todos a melhor assistência que lhe possam dar em sua viagem e estada nessa região. Com isso fica muito agradecido o seu servo obrigado

(a) ilegível

Kungsberg, 9 de Junho de 1792.

Aos Senhores Capatazes Reichelt e Folckenberg
em Östre e Vestre Langöe
no caminho entre Brevig e Kragerõe.

(Documento original manuscrito em dinamarquês, recolhido ao arquivo do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, sob o n.º 4.071, lata 175.)

DOCUMENTO IX

LICENÇA CONCEDIDA PELA DIRECÇÃO DAS MINAS EM FREIBERG A CÂMARA E ANDRADA PARA DESCEREM ÀS GALERIAS.

Com o conhecimento e aprovação da Superintendência das Minas, e mediante a apresentação dêste bilhete aos Chefes da Mineração, é permitido aos Exmos. Senhores

MANUEL FERREIRA DA CÂMARA e
JOSÉ BONIFÁCIO D'ANDRADA, ilustres filhos do Brasil,

irem às minas dêste lugar e colherem informes sôbre a mineração. Pelo que, damos ordem a todos os chefes de serviço e capatazes para que, mediante a apresentação dêste bilhete, deixem os mencionados Senhores seguir sem obstáculos para as obras de mineração e as instalações de depuração e lavagem a elas pertencentes, fornecendo-se-lhes tôdas as informações que solicitem.

Freiberg, 23 de Setembro de 1792.

Intendência de Mineração, autorizada por Sua Alteza o Eleitor da Saxônia.

(a) Christian Wilhelm Friedrich Schmid
Mineiro Chefe

(Documento original impresso em alemão, recolhido ao arquivo do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, sob o n.º 4.081, lata 175.)

DOCUMENTO X

ORDEM DO ELEITOR DA SAXÔNIA À DIRECÇÃO SUPERIOR DAS MINAS, A FIM DE PERMITIR AOS SRS. CÂMARA e ANDRADA VISITAR AS MINAS E FUNDIÇÕES E FREQÜENTAR AS AULAS DA ACADEMIA DE FREIBERG.

Friedrich August, Eleitor

Excelentíssimos e prezados fiéis Conselheiros:

Após termos benèvolamente concedido, em face da exposição humildemente a nós comunicada, que seja permitido aos dois reais pensionários portugueses, Manuel Ferreira da Câmara e José Boni-

fácio de Andrada, tanto o transporte e a visita às minas e às usinas metalúrgicas de Freiberg e do Alto da Serra, — com exclusão, todavia, das minerações de cobalto de Schneeberg e dos outros lugares, e bem assim das fábricas de azul e de arsênico de Geyer, — como também a freqüência às aulas da Academia de Minas mediante o pagamento dos honorários aos professores, desejamos dêste modo e delicadamente ordenamos a Vs. Ss. que tomem as providências necessárias, e comuniquem também aos dois suplicantes nossa resolução.

Com isso será cumprida a nossa vontade e decisão.

Datada de Dresden, aos 5 de Outubro de 1792.

(a) G. Conde de Wallwitz

À Superintendência das Minas de Freiberg

(a) Ernst Amadeus Martini

(Documento original manuscrito em alemão, recolhido ao arquivo do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, sob o n.º 4.072, lata 175. Anexados a êle se acham os dois documentos imediatos, sob a mesma numeração.)

DOCUMENTO XI

COMUNICAÇÃO DA DIRECÇÃO SUPERIOR DAS MINAS DO ELEITORADO DA SAXÔNIA, DANDO CONHECIMENTO, ÀS REPARTIÇÕES SUBORDINADAS, DA DETERMINAÇÃO DO ELEITOR DE PERMITIR AOS SRS. CÂMARA E ANDRADA, COM ALGUMAS RESTRIÇÕES, A VISITA ÀS MINAS E FUNDIÇÕES E BEM ASSIM A FREQUÊNCIA ÀS AULAS DA ACADEMIA.

Dignando-se S. Alteza, o Eleitor da Saxônia, nosso clemente Senhor, de acôrdo com a carta cuja cópia se acha aqui anexada, benignamente conceder aos dois reais pensionários portugueses, Senhores Manuel Ferreira da Câmara e José Bonifácio de Andrada, além do transporte, a permissão não só para visitar as minerações e usinas metalúrgicas, tanto daqui como do Alto da Serra, — com exclusão todavia das minas de cobalto de Schneeberg e restantes, e bem assim das fábricas de corantes azuis e das de arsênico situadas em Geyer, — como também para assistir às aulas da Escola de Minas local, mediante o pagamento dos honorários aos professores, tudo isso se torna legal perante a Superintendência das

Minas. À vista do que, já tomamos a respeito tôdas as providências necessárias junto às chefias das minas dêste lugar e dos restantes, e também dos Senhores Professores, dando-se disso ciência aos citados Senhores Câmara e Andrada, mediante apresentação dêste documento, e entregando-lhes o original da patente, que é enviada às demais intendências das minas do Eleitor.

Freiberg, 13 de Outubro de 1792.

Superintendência Autorizada das Minas de S. Alteza, o Eleitor da Saxônia.

(aa) Teod. Heynitz
E. Fr. von Schweding
Barão von Stuckschmidt.

Aos senhores da Câmara e Andrada,
com respeito à benévola licença concedida para o transporte e a visita às minas e às usinas metalúrgicas.

(Documento original manuscrito em alemão, recolhido ao arquivo do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, anexado ao de n.º 4.072, lata 175.)

DOCUMENTO XII

DETERMINAÇÃO NO SENTIDO DE INFORMAR OS SRS. CÂMARA E ANDRADA SÔBRE A LICENÇA DADA.

Informe-se aos reais pensionistas portugueses Manuel Ferreira da Câmara e José Bonifácio de Andrada. Anexo: dois documentos.

(Documento original manuscrito em alemão, recolhido ao arquivo do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, anexado ao de n.º 4.072, lata 175. Sem assinatura.)

DOCUMENTO XIII

AUTORIZAÇÃO PARA VISITAR AS SALINAS DE GMÜNDEN, DADA AO PROF. CÂMARA E AOS DOIS MINERÓLOGOS PORTUGUESES QUE O ACOMPANHAM, PELA DIRECÇÃO DA CASA DA MOEDA E DAS MINAS DE VIENA.

Pelo presente fica a Imperial e Real Superintendência do Sal autorizada a permitir, ao Prof. Ferreira da Câmara e aos dois mine-

ralogistas portugueses que viajam sob sua direcção, a visita às fervuras e minas de sal aí situadas, debaixo, todavia, das prescrições em vigor.

Da Câmara Imperial e Real da Moeda e das Minas.

Viena, 1.º de Abril de 1794.

(aa) J. G. von Stampferyn
Karl von Schloissnigg

(Documento original manuscrito em alemão, recolhido ao arquivo do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, sob o n.º 4.074, lata 175.)

DOCUMENTO XIV

CERTIFICADO DE FREQUÊNCIA DO CURSO DE ORICTOGNOSIA E GEOGNOSIA COM O PROF. WERNER, DE FREIBERG.

Atesto que o Senhor d'Andrada, pensionário de S. Majestade Fidelíssima, assistiu em meu serviço a cursos completos de Orictognosia e Geognosia, e, pela dedicação com que o fêz, se tornou profundamente versado nas matérias de que são objecto, bem como no método e princípios que professo nesses dois ramos da Mineralogia, em virtude do que lhe forneci êste certificado, para que lhe possa servir conforme as circunstâncias.

Freiberg, na Saxônia, 17 de Agosto de 1794.

(a) Abraham Gottlob Werner
Conselheiro da Comissão das Minas e Professor de Exploração das Minas e de Mineralogia

(Documento original manuscrito em francês, recolhido ao arquivo do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, sob o n.º 3.063, lata 142.)

DOCUMENTO XV

AUTORIZAÇÃO DA DIRECÇÃO DA CASA DA MOEDA E DAS MINAS DE VIENA, DADA A ANDRADA PARA VISITAR AS MINAS E FUNDIÇÕES DA HUNGRIA.

A Imperial e Real Directoria das Minas deve, com tôda complacência, conceder ao naturalista português M. d'Andrada, em

viagem às minas e usinas metalúrgicas da vizinha Hungria, a permissão para o acesso e visita a essas minerações e usinas.

Pela Câmara Imperial e Real da Moeda e Minas, de Viena, em 17 de Outubro de 1795.

(aa) J. G. G. von Stampferyn
Karl Etmayer

(Documento original manuscrito em alemão, recolhido ao arquivo do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, sob o n.º 4.076, lata 175.)

DOCUMENTO XVI

INSTRUÇÕES BAIXADAS AOS FUNCIONÁRIOS DAS MINAS E FUNDIÇÕES, A FIM DE PERMITIREM AOS TRÊS PORTUGUESES CÂMARA, ANDRADA e FRAGOSO VISITAR AS MESMAS.

Em virtude de ordem emanada da Imperial e Real Câmara de Superintendência, em 25 do mês passado, é benèvolamente permitida aos três portugueses, da Câmara, d'Andrada e Fragoso, a visita às minas e às usinas metalúrgicas. É transmitida essa ordem aos imperiais e reais Senhores Chefes-de-serviço, a fim de que possibilitem com tôda a complacência aos três supramencionados portugueses o acesso e visita às minas e às usinas metalúrgicas.

Da Chefia da Imperial e Real Câmara em Neüsohl, a 15 de Dezembro de 1795.

(aa) J. G. Barão de Schluga
Gottfried v. Puchner

(Documento original manuscrito em alemão, recolhido ao arquivo do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, sob o n.º 4.076, lata 175.)

DOCUMENTO XVII

SALVO-CONDUTO EXPEDIDO PELO ENVIADO EXTRAORDINÁRIO E MINISTRO PLENIPOTENCIÁRIO DE PORTUGAL JUNTO À CÔRTE DE VIENA, SOLICITANDO LIVRE-TRÂNSITO PARA JOSÉ BONIFÁCIO E DOIS ACOMPANHANTES DOMÉSTICOS, EM SUA VIAGEM COM DESTINO A ESTOCOLMO.

Dom Lourenço de Lima, Comendador da Ordem Real de São Bento de Aviz, do Conselho de S. Majestade Fidelíssima, e do de

suas Reais Finanças, Enviado Extraordinário e Ministro Plenipotenciário junto a S. Majestade Imperial, Real, Apostólica.

Rogamos, a todos aqueles a quem fôr êste apresentado, deixar passar livre e seguramente o Senhor José Bonifácio de Andrada, Cavalheiro Português, a serviço de S. Majestade Fidelíssima, o qual, com dois acompanhantes domésticos, parte desta cidade para a de Estocolmo. Outrossim, pedimos que não lhe criem quaisquer embaraços, pelo contrário, prestem-lhe tôda a sorte de ajuda e socôrro, do mesmo modo que faríamos em casos semelhantes, si solicitados. Em testemunho do que expedi o presente passaporte, assinado do próprio punho e com o sêlo de nossas Armas.

Viena, 1.º de Setembro de 1796.

D. L. Lima

Por ordem de S. Ex.ª

(a) Joaquim José de Miranda Rebelo

(Documento original manuscrito em francês, recolhido ao arquivo do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, sob o n.º 4.077, lata 175.)

DOCUMENTO XVIII

PASSAPORTE EXPEDIDO EM NOME DE FRANCISCO II, SOBERANO DO SACRO IMPÉRIO ROMANO, CONCEDENDO A JOSÉ BONIFÁCIO TÔDAS AS FRANQUIAS NECESSÁRIAS À SUA VIAGEM PARA ESTOCOLMO, NO PERCURSO DENTRO DOS DOMÍNIOS IMPERIAIS.

Em nome de S. Majestade Real do Sacro Império e da Alemanha, da Hungria Apostólica e da Boêmia, Francisco Segundo, Arquiduque da Áustria, etc. etc., Clementíssimo Senhor Nosso, foi concedida ao portador — o nobre senhor José Bonifácio de Andrada, que, a serviço do Sereníssimo Rei de Portugal, daqui parte para Estocolmo — a presente credencial, para que não só lhe seja permitido por todos, de qualquer estado, dignidade e condição, em qualquer lugar, ir, passar e permanecer, livre, segura e desimpedidamente, sem qualquer embaraço e incômodo, mas também, onde fôr necessário e o mesmo devidamente o solicitar, seja prontamente ajudado com salvo-conduto, fé e garantia pública, cicerones, pro-

visões, cavalos, carros, embarcações, ou outros elementos necessários para mais convenientemente realizar esta viagem, o que será particularmente grato ao Sacro Império e à Real Majestade Apostólica, e com absoluta certeza se espera da obediência dos súditos para com a Sua suprema vontade.

Por seu Sacro Império e pela Real Majestade Apostólica.

(a) Egídio, Barão de Collembach

Viena, 9 de Setembro de 1796.

(Documento original impresso em alemão, recolhido ao arquivo do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, sob o n.º 4.078, lata 176.)

DOCUMENTO XIX

PASSAPORTE EXPEDIDO PELO MINISTRO DE ESTADO, ENVIADO EXTRAORDINÁRIO E MINISTRO PLENIPOTENCIÁRIO DA PRÚSSIA EM VIENA, CONCEDENDO A JOSÉ BONIFÁCIO LIVRE-TRÂNSITO NO TRAJECTO PARA A SUÉCIA, DE PASSAGEM POR BERLIM.

N.º 121.

Tenciona o portador dêste, Senhor José Bonifácio de Andrada, fidalgo português que está em Viena a serviço de S. M. o Rei de Portugal, viajar para a Suécia, com passagem por Berlim, solicitando-me para isto um passaporte; assim, eu próprio, não só lh'o concedo, como também peço a tôdas as pessoas de sua categoria social que, durante tôda a viagem, deixem o mencionado Senhor José Bonifácio de Andrada passar com segurança e liberdade em todos os lugares. Prontifica-se êste Senhor a agir com reciprocidade em casos semelhantes.

Selado e autenticado com meu sinete de Conde, bem como assinado com meu próprio punho.

Viena, 9 de Setembro de 1796.

Ministro de Estado, Embaixador Extraordinário e Ministro Plenipotenciário de Sua Majestade Real da Prússia junto a esta Côrte Imperial e Real.

(a) Mayring von Lunhagiari

(Documento original impresso em alemão, recolhido ao arquivo do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, sob o n.º 4.073, lata 176.)

DOCUMENTO XX

PASSAPORTE FORNECIDO A JOSÉ BONIFÁCIO E SEU ESCUDEIRO, PELO ENCARREGADO DOS NEGÓCIOS DA SUÉCIA JUNTO À IMPERIAL CÔRTE DE VIENA, A FIM DE PODEREM VIAJAR PARA ESTOCOLMO.

Friedrich Silverstolpe, Encarregado dos Negócios de Sua Majestade Real da Suécia junto à Côrte Imperial Romana.

O portador dêste, Senhor Cavalheiro José Bonifácio de Andrada, a serviço de Sua Majestade o Rei de Portugal, esteve em minha presença, solicitando um passaporte de viagem para Estocolmo, para êle próprio e para seu criado. A todos que lerem o presente peço o obséquio de permitir passagem livre e prestar todo o auxílio ao mencionado Senhor José Bonifácio de Andrada, que se prontifica a proceder com reciprocidade em casos semelhantes. Autentiquei êste passaporte com assinatura do próprio punho, apondo-lhe o meu sinete de família. Assim se faça. Viena, 9 de Setembro de 1796.

(a) F. S. Silverstolpe

(Documento original impresso em alemão, recolhido ao arquivo do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, sob o n.º 4.079, lata 175.)

DOCUMENTO XXI

DIPLOMA DE MEMBRO DA SOCIEDADE DOS AMIGOS DA NATUREZA DE BERLIM.

Plenamente convencidos de que num lugar e numa região apenas é impossível realizar grandes progressos na observação e estudo da Natureza, nós, os da Sociedade dos Amigos da Natureza clementissimamente aprovada por Sua Majestade Real da Prússia, achamos indispensável possuir, em tôdas as partes e países, amigos devotados que participem com diligente e prazenteiro entusiasmo dos nossos objectivos de utilidade geral, ilustrem as nossas reuniões com notícias ou trabalhos importantes no campo da Física, enriqueçam o nosso museu e a nossa biblioteca mediante bons dádivas referentes às coisas notáveis de seus países, ou com as seus escritos, pondo-nos dêsse modo na posição de tirar maior proveito e resultado das nossas reuniões e dos nossos esforços.

Como já possuimos testemunhos oficiais e particulares dos grandes conhecimentos em História Natural e dos excelentes dotes de coração do Sr. José Bonifácio de Andrada, pensionista real português no estudo de ciências físicas, confiantes outrossim nas vantagens evidentes que pode trazer para o progresso da ciência da Natureza a acolhida em nossa Sociedade de uma pessoa de tão nobre carácter, temos a honra de, por meio dêste, e com a sincera afirmação do nosso subido aprêço e simpatia, nomeá-lo membro de nossa Sociedade de interêsse geral, felicitando-nos por tê-lo doravante como amigo verdadeiro e incentivador dedicado de nossa instituição.

Para documentação do que, juntando o estatuto em que a nossa associação se baseia, subscrevemos com o próprio punho êste diploma, fazendo imprimir nêle o sêlo da Sociedade. Em Berlim, aos 17 dias de Janeiro de 1797.

A Sociedade dos Amigos da Natureza.

(aa) Joh. Friedr. Wilhelm Herbst,

Predicante na Marienkirche; membro de diversas sociedades, como actual Director.

Martin Heinrich Klaproth,

Professor Régio de Química; Assessor do Real Colégio Superior de Medicina; membro da Academia Real de Ciências e muitas outras sociedades.

Dietrich Ludwig Gustav Karsten,

Doutor em Filosofia; Conselheiro Real da Prússia; Lente de Mineralogia e da Escola de Minas; Inspector do Real Gabinete Mineralógico e membro de muitas sociedades doutas.

Friedrich Wilhelm Siegfried

Real Tesoureiro da Caixa de Construções.

Carl Ludwig Gronau,

Predicante da Igreja Reformada Evangélica.

Friedrich August Ludwig von Burgsdorff,

Real Superintendente das Matas de Kurmark, na Prússia; Conselheiro Privado; Lente de Silvicultura, membro da Academia Real de Ciências e muitas outras sociedades cultas.

Friedrich Wilhelm Otto,

Secretário da Justiça do Reino; membro de diversas sociedades científicas.

Dr. Carl Ludwig Willdenow,

Da Academia de Ciências de Berlim e membro de várias sociedades científicas.

Dr. Jacob Philips Potessou,

Conselheiro do Superior Colégio Médico; Inspector do Ginásio Francês.

Marcus Eliezer Bloch, Dr.,

Membro de diversas sociedades científicas.

Joh. Elert Bade,

Astrônomo Real, membro das Academias de Ciências de Berlim, Londres, São Petersburgo e Estocolmo.

(Documento original impresso em alemão, recolhido ao arquivo do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, sob o n.º 26, lata 417.)

DOCUMENTO XXII

SALVO-CONDUTO CONCEDIDO PELO PROCURADOR DA COROA DA SUÉCIA, NO IMPEDIMENTO DE S. M. R., A JOSÉ BONIFÁCIO E SUA ESPÔSA, PARA TRANSITAREM LIVREMENTE A CAMINHO DA NORUEGA.

O Rei da Suécia, Herdeiro do Trono da Dinamarca e Noruega, Duque de Schleswig Holstein, meu benevolente Soberano e Senhor.

Na ausência do Rei, eu, Procurador da Coroa, Barão Samuel af Ugglas, Capitão da Província de Estocolmo e Comendador da Ordem da Estrêla do Norte, faço saber que o mineralogista português d'Andrada (*sic*) e sua espôsa tencionam dirigir-se para a Noruega, depois de primeiro haverem visitado Svenska Bergslagen (*), e, em virtude disso, solicitaram permissão que os autorize a viajar. Determino, por conseguinte, como representante do Rei

(*) Conhecida região rica em minas e minérios na Suécia Central.

em Conselho, que tôdas as autoridades fronteiriças os deixem prosseguir livremente em sua viagem para aquêle destino.

Estocolmo, 21 de Agosto de 1797.

(a) S. af Ugglas

(Documento original impresso em sueco, recolhido ao arquivo do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, sob o n.º 4.080, lata 175.)

DOCUMENTO XXIII

DIPLOMA DE MEMBRO DA REAL ACADEMIA DE CIÊNCIAS DE ESTOCOLMO.

A Real Academia de Ciências de Estocolmo, por voto unânime dos membros presentes, admitiu em seu seio, no dia 25 de Outubro de 1797, o nobilíssimo varão, Senhor José Bonifácio de Andrada, provecto conhecedor de metalurgia e, pelos seus méritos nessa ciência, estipendiado pelo Rei de Portugal, além de membro de várias Academias ilustres e Sociedades Literárias. Assim, por ordem e em nome da Real Academia de Ciências de Estocolmo, com êste solene diploma declaro sócio da mesma o mui célebre Senhor José Bonifácio de Andrada e, em testemunho da verdade, aponho aqui o sêlo maior da Academia.

(a) Daniel Melanderhielm

Secretário da Real Academia de Ciências de Estocolmo, Cavaleiro Áureo da Real Ordem da Estrêla Polar.

(Documento original caligrafado em latim, recolhido ao arquivo do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, sob o n.º 4.082, lata 175.)

DOCUMENTO XXIV

SALVO-CONDUTO CONCEDIDO PELO REI CRISTIANO VII DA DINAMARCA A JOSÉ BONIFÁCIO E SEU ESCUDEIRO, PARA SE DIRIGIREM LIVREMENTE À NORUEGA.

Nós, Cristiano VII, por graça de Deus, Rei da Dinamarca e Noruega, dos Vêndios e Godos, Duque de Schlesvig, Hollstein,

Stramarn, Dytmarsken e Oldenburg, solicitamos pelo presente a todos os funcionários civis e militares, graduados em todos os postos, de cima a baixo, súditos de S. M. o Rei da Suécia, e ordenamos graciosamente aos nossos próprios, deixar o mineralogista português d'Andrade (*sic*), acompanhado de seu servente e objectos, locomover-se livremente em sua projectada viagem para a Noruega, dando-lhe ao mesmo tempo a melhor assistência, a fim de que possa sem demora prosseguir nessa viagem. Tal concessão estamos prontos a retribuir aos súditos suecos em circunstâncias idênticas. Os nossos próprios devem obedecer a êsse pedido atencioso e ordem de nossa parte.

Dado em nossa cidade residencial de Copenhague, a 11 de Março de 1798.

Debaixo de nosso sêlo real

MANDATUM S.ræc. RIAELIS PROPRIUM

(a) irreconhecível.

(Documento original manuscrito em dinamarquês, recolhido ao arquivo do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, sob o n.º 4.083, lata 175.)

DOCUMENTO XXV

DIPLOMA DE MEMBRO DA SOCIEDADE MINERALÓGICA DE IENA.

A Sociedade Mineralógica de Iena atesta, pelo presente Diploma, que, por escolha unânime, foi nomeado seu Membro Correspondente, o Senhor D'Andrada, como grande Mineralogista e Metalurgista.

Iena, 22.VII.1798.

Conde Dominik Teleki von Szék
Presidente

Johann Georg Lens
Director

(a) Johann Friedrich Fuchs
Secretário

(Documento original impresso em alemão, recolhido ao arquivo do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, sob o n.º 4.856, lata 191.)

DOCUMENTO XXVI

SALVO-CONDUTO EXPEDIDO PELO ENCARREGADO DE NEGÓCIOS DE PORTUGAL JUNTO À CÔRTE DE S. M. DINAMARQUESA, DATADO DE COPENHAGUE, SOLICITANDO LIVRE-TRÂNSITO PARA JOSÉ BONIFÁCIO, EM SUA VIAGEM COM DESTINO À ALEMANHA E INGLATERRA.

O abaixo assinado, Encarregado de Negócios da Côrte de Portugal junto à S. Majestade Dinamarquesa.

Roga, a todos aqueles a quem de direito, queiram deixar passar segura e livremente o Senhor d'Andrada, Pensionário da Côrte de Portugal, que parte para a Alemanha com a intenção de se transportar para a Inglaterra, sem lhe causar nem permitir que lhe causem qualquer vexame, mas, pelo contrário, lhe favoreçam tôda a espécie de ajuda e assistência, tal como se faria em caso semelhante nos domínios de S. M. a Rainha de Portugal. E, para êsse fim, foi-lhe entregue o presente Passaporte, por mim assinado e carimbado com o meu sinete comum.

Feito em Copanhague, a 17 de Maio de 1799.

(a) Jean Rademaker

(Documento original manuscrito em francês, recolhido ao arquivo do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, sob o n.º 4.084, lata 175.)

DOCUMENTO XXVII

CARTA DE MERCÊ, CONCEDENDO A JOSÉ BONIFÁCIO DE ANDRADA E SILVA O CARGO DE INTENDENTE-GERAL DAS MINAS E METAIS DO REINO.

Dom João, por graça de Deus, Príncipe Regente de Portugal, e dos Algarves, d'Aquém e d'Além Mar, em África [Senhor] de Guiné, e da Conquista, Navegação e Comércio da Etiópia, Arábia, Pérsia, Índia, etc. Faço saber aos que esta minha Carta virem que, porquanto havendo eu, pelo meu real decreto de dezoito de Maio do presente ano, em consideração a que o B.el em Leis e Filosofia, José Bonifácio de Andrade (*sic*), depois de se ter habilitado para me servir nos lugares de letras, deixou a sua carreira de

magistratura e viajou por ordem e escolha da Rainha minha sôbre tôdas muito amada e prezada Mãe e Senhora, pela maior parte dos países da Europa, por espaço de dez anos, e visitou todos os seus estabelecimentos montanísticos e metalúrgicos, instruindo-se assim teórica como pràticamente em todos os seus respectivos trabalhos e manipulações, como também na administração pública e economia particular dos mesmos, voltando a Portugal com tôdas as luzes e conhecimentos necessários e próprios para ser um [falha do manuscrito] membros do estabelecimento público que me proponho criar, que tenha a seu cargo dirigir a Casa da Moeda, Minas e Bosques nos meus domínios, e promover de todos os modos possíveis o seu aumento e prosperidade, e para o bem do qual já vai desde agora concorrer, indò formar na minha Universidade de Coimbra, como lente da nova [falha do manuscrito] de Metalurgia, pessoas capazes de serem para o futuro membros da mesma instituição de que o dito B.^{el} José Bonifácio de Andrade (*sic*) será um dêles; hei por bem fazer-lhe mercê do cargo e título de Intendente Geral das Minas e Metais do Reino e membro futuro do novo estabelecimento público para a direcção das Casas da Moeda, Minas e Bosques, graduando-o com o predicamento de Primeiro Banco, e condecorando-o com a beca honorária. E mando aos oficiais da Câmara da cabeça da comarca da terra [falha do manuscrito] lhe dêm a posse do dito cargo, o qual exercitará na conformidade do meu real decreto de dezoito de Maio, acima mencionado e com êle haverá o ordenado, em... [falha do manuscrito]...mentos que direitamente lhe pertencerem. E jurará na Chancelaria aos Santos Evangelhos, de que bem e verdadeiramente sirva, guardando em tudo M... [falha do manuscrito]... tes seu Direito, de que se farão os assentos necessários nas costas desta Carta, que por firmeza do referido mandei passar, por mim assinada e selada [falha do manuscrito]... dente, que se cumprirá como nela se contém. Pagou de novos direitos mil e oitenta réis que se carregaram ao tesoureiro dêles no Livro [falha do manuscrito] receita a folhas cento quarenta e duas verso, e deu fiança no Livro décimo quarto dêles a folhas trinta; a pagar o que dever quando se estabelecer ordenado [falha do manuscrito] conhecimento em forma registado no Livro sessenta e quatro do Registo Geral a folhas quarenta e cinco. Dada em Lisboa aos vinte e cinco de Agosto de mil oitocentos e um anos.

(a) O Principe Regente Dom João

(Documento original manuscrito em português, recolhido ao arquivo do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, sob o n.º 4.085, lata 175.)

DOCUMENTO XXVIII

CARTA DO PRÍNCIPE REGENTE, DOM JOÃO, ENDEREÇADA A JOSÉ BONIFÁCIO, ENCARREGANDO-O DE DIRIGIR TRABALHOS NECESSÁRIOS AO COUTO DE LAVOS E OUTROS.

José Bonifácio de Andrade (*sic*) e Silva, Intendente Geral das Minas e Metais do Reino: Eu, o Príncipe Regente, vos envio muito saudar. Sendo-me presente a vossa douta informação, que dirigistes ao Conselheiro, Ministro e Secretário de Estado dos Negócios da Fazenda, Presidente do Real Erário, Inspector Geral das Minas e Metais do Reino, em data de doze de Junho dêste ano, sôbre o estado da arrecadação dos dízimos do pescado no Couto de Lavos; e sôbre a ruína a que tem sido reduzido o mesmo couto e muitas das costas marítimas dêste reino pelas areias que diàriamente vão fazendo consideráveis estragos, e que têm subterrado infinitos terrenos aráveis, e de arvoredo, em outro tempo muito florescentes e viçosos; progredindo cada vez mais estas ruínas, e estendendo-se muito anualmente por causa dos ventos nortes e noroestes que açoitam as sobreditas costas, e que, achando areia sôlta, a vão levando consigo, obstruindo novos terrenos; e porquanto deve ser um objecto do maior desvêlo, e dos meus paternais cuidados, acudir a semelhantes males, procurando a meus fiéis vassalos as grandes utilidades que hão-de seguir-se dos remédios que me proponho dar, não sòmente pelo aproveitamento de inumeráveis terrenos hoje estéreis e inúteis, que se podem reduzir a cultura, mas porque enquanto se defendem e abrigam as terras vizinhas produtivas, e se evita a sua progressiva e certa ruína, se prepara a produção de um gênero natural, e de primeira necessidade, de que cada vez se sente mais a absoluta precisão; por todos êstes motivos, e confiando muito das vossas luzes e zêlo que haveis de servir-me, e ao Estado, com muita distinção quando principalmente se trate de uma parte da maior dificuldade da ciência florestal, qual é a cultura de areais: hei por bem encarregar-vos de dirigir os trabalhos necessários para semelhante fim, e começareis logo pelo que respeita ao mencionado Couto de Lavos, tudo debaixo dos princípios que tendes exposto na vossa sobredita informação. Começareis por mandar levantar uma miúda planta topográfica do terreno em que se há-de trabalhar, a cujo efeito empregareis os estudantes hábeis que achardes na Universidade de Coimbra, ou que tenham estudado na mesma, notando-se a linha do areamento

bem exacta e marcada com todos os altos, quebradas e pequenos vales, pois que os cercados e cobertas devem seguir diverso rumo e posição, segundo o terreno é plano ou desigual. Os valados e estacadas devem ser em ângulo de sessenta e cinco graus, oposto à acção dos ventos principais e destruidores, com as distâncias e séries paralelas que exigir a natureza, e localidade do terreno; a altura das estacas fora da terra será sòmente de cinco palmos, suficiente para defender em planície das areias movediças os terrenos posteriores na largura de trezentos e sessenta palmos. Êstes trabalhos devem começar no inverno, logo que cessem as maiores chuvas, porque então a areia está firme e consistente, além de que as estacas e ramadas cortadas nesta estação se conservam por mais tempo verdes e melhor resistem depois aos temporais e calores. Se houver lugares (como há em Lavos) onde a benigna Natureza já tem principiado a criar matos, cumpre favorecê-la e ajudá-la, defendendo-os e ampliando-os. Também convém, em tôda a frente do primeiro cercado pela parte de fora, semear plantas arenosas, como camarinheiras, gramas próprias, tamargueiras e outros arbustos que vegetam na areia; o que também se praticará nas encostas desabrigadas, semeando ao mesmo tempo penisco nos lugares defendidos e cobertos com ramada, para o que é útil que os ramos dos pinheiros levem as suas pinhas a fim de se abrirem e semearem a si próprias. Aplicareis finalmente tôdas as mais regras fundamentais da arte, e aquelas que, segundo as vossas observações e experiência, achardes deverem praticar-se, e, particularmente, sôbre a plantação e sementeira de Lavos, procedendo na forma, e nos sítios que indicais na vossa referida informação. Para tôdas as despesas necessárias a estas plantações e mais trabalhos relativos, tenho mandado destinar o produto dos depósitos das dízimas do pescado de que fazeis menção, os quais hão-de ser arrecadados e recolhidos ao meu Real Erário, na forma do decreto cuja cópia vos mando remeter, que nesta data baixa ao Conselho de minha Real Fazenda, e ao presidente do mesmo Real Erário, de quem haveis de receber as ulteriores ordens sôbre êste importantíssimo objecto, em execução das quais espero que haveis de obrar com o vosso costumado acêrto, inteligência e zêlo. Escrita no Palácio de Queluz, em o primeiro de Julho de mil oitocentos e dois.

(a) Príncipe

(Documento original manuscrito em português, recolhido ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, sob o n.º 4.909, lata 191.)

DOCUMENTO XXIX

CARTA DE MERCÊ, CONCEDENDO A JOSÉ BONIFÁCIO DE ANDRADA E SILVA O CARGO DE DESEMBARGADOR DA RELAÇÃO DO PORTO.

Dom João, por graça de Deus, Príncipe Regente de Portugal e dos Algarves, d'Aquém e d'Além Mar, em África [Senhor] de Guiné, e da Conquista, Navegação e Comércio da Etiópia, Arábia, Pérsia, Índia, etc. Faço saber aos que esta minha Carta virem que, tendo atenção ao merecimento, letras e serviços do Doutor José Bonifácio de Andrade (*sic*) e Silva, lente da Cadeira de Metalurgia, hei por bem fazer-lhe mercê de um lugar ordinário de Desembargador da Relação e Casa do Porto, com exercício dêle no tempo das férias; e mando ao Governador da Relação e Casa do Porto, ou a quem seu cargo servir, lhe dê a posse do dito lugar, e lho deixe servir, e dêle usar, assim e da maneira que o servem os mais desembargadores dela, para ter o exercício no tempo das férias. E jurará, na Chancelaria aos Santos Evangelhos de que bem e verdadeiramente sirva, guardando em tudo meu serviço, e às partes seu direito, de que se farão os assentos necessários nas costas desta Carta, que, por firmeza do referido, mandei passar, por mim assinada e selada de o meu sêlo pendente, que se cumprirá como nela se contém. Pagou de novos direitos duzentos e seis mil réis, que se carregaram ao tesoureiro dêles a folhas oitenta e sete verso do Livro primeiro de sua receita, e se registou o conhecimento em forma a folhas sessenta do Livro primeiro do Registo Geral. Dada em Lisboa aos oito de Agosto de mil oitocentos e seis anos.

(a) O Príncipe Regente Dom João

(Documento original manuscrito em português, recolhido ao arquivo do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, sob o n.º 4.088, lata 175.)

DOCUMENTO XXX

ALVARÁ DE NOMEAÇÃO DE JOSÉ BONIFÁCIO PARA O CARGO DE SUPERINTENDENTE DO RIO MONDEGO E OBRAS PÚBLICAS DA CIDADE DE COIMBRA.

Eu, o Príncipe Regente, faço saber aos que êste Alvará virem que, tendo consideração ao merecimento e mais circunstâncias que

concorrem na pessoa do Doutor José Bonifácio de Andrade (*sic*), Desembargador da Relação e Casa do Porto, hei por bem fazer-lhe mercê do lugar de Superintendente do Rio Mondego e Obras Públicas da Cidade de Coimbra, que vagou pela promoção do Doutor José de Magalhães Castelo Branco a Desembargador da Casa da Suplicação, e haverá todos os ordenados e proveitos que lhe competirem e se acharem estabelecidos na forma com que os tinha o seu antecessor, o qual lugar êle servirá assim e da maneira que o serviram as mais pessoas que antes dêle o ocuparam, e com êle haverá o ordenado, prós e precalços que direitamente lhe pertencerem, e na Câmara da dita cidade lhe será dada a posse dêle, e jurará na Chancelaria abs Santos Evangelhos de que bem e verdadeiramente sirva, guardando em tudo meu serviço e às partes seu direito, de que se fará assento nas costas dêste Alvará, que êle cumprirá como nêle se contém, e valerá pôsto que o seu efeito haja de durar mais de um ano, sem embargo da Ordenação do Livro 2.º, Paragráfo 40.º, em contrário. Pagou de novos direitos cem mil réis, que se carregaram ao tesoureiro dêles no Livro 4.º de sua Receita a folhas noventa e três, como se viu de seu conhecimento em forma registado no Livro 74.º do Registro Geral a folhas duzentas e quarenta e seis verso. Dado em Lisboa, aos treze de Julho de mil oitocentos e sete anos.

(a) Príncipe

(Documento original manuscrito em português, recolhido ao arquivo do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, sob o n.º 4.089, lata 175.)

DOCUMENTO XXXI

CARTA DE MERCÊ, ASSINADA PELO REI DOM JOÃO VI, CONCEDENDO A JOSÉ BONIFÁCIO O TITULO DE MEMBRO DO CONSELHO DE ESTADO.

Dom João, por graça de Deus, rei do Reino Unido de Portugal e do Brasil e Algarves, d'aquém e d'além mar, em África senhor de Guiné, e da conquista, navegação e comércio da Etiópia, Arábia, Pérsia e da Índia, etc. Faço saber aos que esta minha Carta virem que, tomando em consideração a inteligência, zêlo e distinção com que me tem servido o Doutor José Bonifácio de Andrada e Silva, desembargador da Relação e Casa do Porto, assim no exercício da Cadeira de Metalurgia na Universidade de Coimbra, como na Inten-

dência Geral das Minas e Metais dos Reinos de Portugal e Algarves, e por confiar dêle que em tudo, de que o encarregar, me servirá muito à minha satisfação e contentamento: hei por bem e me praz fazer-lhe mercê do título do meu Conselho, com o qual haverá e gozará de tôdas as honras, prerrogativas, autoridades, isenções e franquias, que hão e têm os do meu Conselho, e, como tal, lhe competem. Jurará em minha Chancelaria que me dará conselho fiel, e tal como deve, quando eu lhe mandar. E, por firmeza de tudo o que dito é, lhe mandei dar esta Carta por mim assinada, passada pela minha Chancelaria, e selada com o sêlo pendente de minhas armas. Pagou de novos direitos cinco mil e seiscentos réis que foram carregados ao tesoureiro dêles a folhas uma do livro sétimo de sua Receita, como constou por um conhecimento em forma por êle assinado e pelo escrivão de seu cargo, que foi registado a folhas cinqüenta e uma verso do livro décimo sexto do Registo Geral dos mesmos novos direitos. Dada no Palácio do Rio de Janeiro, aos dezoito dias do mês de Agosto. Ano do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo de mil oitocentos e vinte. (aa) El Rei J. VI. Thomaz Antonio de Vilanova Portugal.

(Documento original manuscrito em português, recolhido ao arquivo do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, sob o n.º 5.018, lata 192.)

DOCUMENTO XXXII

CARTA DO IMPERADOR PEDRO I, CONCEDENDO A JOSÉ BONIFÁCIO DE ANDRADA E SILVA O OFÍCIO DE MORDOMO MOR DA CASA IMPERIAL DO BRASIL.

Dom Pedro, pela graça de Deus e unânime Aclamação dos Povos, Imperador Constitucional e Defensor Perpétuo do Império do Brasil: Faço saber aos que esta minha Carta virem que, atendendo aos muitos e mui relevantes serviços que há generosamente prestado, em benefício comum dêste Império, José Bonifácio de Andrada e Silva, do meu Conselho de Estado e meu Ministro e Secretário de Estado das Repartições dos Negócios do Império e Estrangeiros, em quem recaiu de modo ordinário o expediente do cargo de Mordomo Mor, que se acha vago, e por graça especial a serventia honorífica do dito ofício, em tôdas as funções da Côrte; e, querendo dar ao referido Ministro um público e mui patente testemunho, e o primeiro, que seu notável desinterêsse aceita, não sem grande repugnância, da minha imperial munificência: Hei por

bem e me praz conferir-lhe a propriedade do cargo de meu Mordomo Mor, que servirá segundo o Regimento que por mim fôr dado, e prestando em minhas mãos o juramento de bem e direitamente cumprir com os deveres do dito ofício, como dêle espero. E, por firmeza de tudo, mandei passar a presente Carta, que vai por mim assinada e selada com o meu sêlo pendente, que será registrada nos livros do Registro das Mercês, Chancelaria e Secretaria dos Filhamentos, por onde esta se expediu. Rio de Janeiro, oito de Março de mil oitocentos e vinte e três, segundo da Independência e do Império.

(Documento original manuscrito em português, recolhido ao arquivo do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, sob o n.º 4.927, lata 191.)

DOCUMENTO XXXIII

PORTARIA DE DEMISSÃO DE JOSÉ BONIFÁCIO DE ANDRADA E SILVA DO CARGO DE MINISTRO DE ESTADO DOS NEGÓCIOS DO IMPÉRIO E ESTRANGEIROS DO BRASIL.

Hei por bem conceder a José Bonifácio de Andrada e Silva a demissão, que me pediu, de Ministro e Secretário de Estado dos Negócios do Império e Estrangeiros, e terei sempre em lembrança o seu zêlo pela causa do Brasil e os distintos serviços que tem feito a êste Império.

Paço, em dezessete de Julho de mil oitocentos e vinte e três, segundo da Independência e do Império.

(a) Pedro, Imperador (sigla)

Referendada por Caetano Pinto de Miranda Montenegro.

(Documento original manuscrito em português, recolhido ao arquivo do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, sob o n.º 4.091, lata 175.)

DOCUMENTO XXXIV

DECRETO DE PEDRO I NOMEANDO JOSÉ BONIFÁCIO DE ANDRADA E SILVA TUTOR DE SEUS FILHOS MENORES.

Decreto

Tendo maduramente reflectido sôbre a posição política dêste Império, conhecendo quanto se faz necessária minha abdicação, e

não desejando mais nada neste mundo senão glória para mim e felicidade para a minha Patria: Hei por bem, usando do direito que a Constituição me concede no Capítulo 5.º, Artigo 130, nomear, como por êste meu Imperial Decreto nomeio, tutor de meus amados e prezados filhos ao muito probo, honrado e patriótico cidadão José Bonifácio de Andrade (*sic*) e Silva, meu verdadeiro amigo.

Boa Vista, aos seis dias do mês de Abril de mil oitocentos e trinta e um, décimo da Independência e do Império.

(a) Imperador Constitucional e Defensor Perpétuo do Brasil.

(Documento impresso na Tipografia de Thomas B. Hunt e Cia., Rua da Alfândega n.º 126, recolhido à Divisão de Obras Raras da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.)

DOCUMENTO XXXV

CARTA DE PEDRO I A JOSÉ BONIFÁCIO, CONFIANDO-LHE A EDUCAÇÃO DO FILHO MENOR, FUTURO IMPERADOR PEDRO II, AO PARTIR DO BRASIL, APÓS A ABDICAÇÃO.

Amicus certus in re incerta cernitur.

E' chegada a ocasião de me dar mais uma prova de amizade, tomando conta da educação de meu muito amado e prezado Filho, seu Imperador.

Eu delego em tão patriótico cidadão a Tutoria de meu querido Filho, e espero que, educando-o naqueles sentimentos de honra e de patriotismo com que devem ser educados todos os soberanos, para serem dignos de reinar, Êle venha um dia a fazer a fortuna do Brasil, de quem me retiro saudoso.

Eu espero que me faça êste obséquio, acreditando que a não mo fazer, eu viverei sempre atormentado.

Seu amigo constante

(a) Pedro

Bordo da Nau Inglesa, surta neste pôrto do Rio de Janeiro, 7 de Abril de 1831.

P.S. Veja se as filhas poderão vir comigo, para as fazer bem educar na Europa e serem um dia dignas princesas.

Do mesmo Brasileiro.

(Documento original manuscrito em português, recolhido ao arquivo do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, sob o n.º 20, lata 344.)

DOCUMENTO XXXVI

MENSAGEM DE PEDRO I À ASSEMBLÉIA GERAL LEGISLATIVA DO BRASIL, COMUNICANDO A NOMEAÇÃO DE JOSÉ BONIFÁCIO DE ANDRADA E SILVA PARA O CARGO DE TUTOR DO IMPERADOR-MENINO.

Augustos e Dignissimos Senhores Representantes da Nação.

Participo-vos, Senhores, que no dia seis do corrente Abril, usando do direito que a Constituição me concede, no Cap. 5.º, Artigo 130, nomeei tutor de meus amados filhos ao muito probo, honrado e patriótico cidadão, o meu verdadeiro amigo José Bonifácio de Andrade (*sic*) e Silva.

Não vos hei, Senhores, feito esta participação logo que a Augusta Assembléia Geral principiou seus importantíssimos trabalhos, porque era mister que o meu amigo fôsse primeiramente consultado, e que me respondesse favoràvelmente, como acaba de fazer, dando-me dêste modo uma prova da sua amizade; resta-me agora como pai, como amigo da minha Pátria adoptiva, e de todos os brasileiros, por cujo amor abdiquei duas Coroas para sempre, uma oferecida e outra herdada, pedir à Augusta Assembléia Geral que se digne confirmar esta minha nomeação.

Eu assim o espero, confiado nos serviços que de todo o meu coração fiz ao Brasil, e em que a Augusta Assembléia Geral não deixará de querer aliviar-me desta maneira um pouco as saudades, que me atormentam, motivadas pela separação de meus caros filhos, e da Pátria que adoro.

Bordo da nau inglesa "Warspite", surta neste pôrto, aos oito de Abril de mil oitocentos e trinta e um, décimo da Independência e do Império.

(a) Pedro

(Documento impresso na Tipografia de Thomas B. Hunt e Cia., Rua da Alfândega n.º 126, Rio de Janeiro, 1831, recolhido à Divisão de Obras Raras da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.)

DOCUMENTO XXXVII

VEEMENTE PROTESTO DE JOSÉ BONIFÁCIO DE ANDRADA E SILVA CONTRA A DECISÃO DA CÂMARA DOS DEPUTADOS QUE NEGOU APROVAÇÃO AO ACTO DE PEDRO I, NOMEANDO-O TUTOR DE SEUS FILHOS MENORES.

PROTESTO

À NAÇÃO BRASILEIRA E AO MUNDO INTEIRO

PELO CIDADÃO

JOSÉ BONIFÁCIO D'ANDRADA E SILVA

DEPUTADO PELA BAHIA

José Bonifácio d'Andrada e Silva crê do seu dever e honra declarar, à face do Brasil e do Mundo inteiro, que inibido pela fôrça de uma decisão da maioria da Câmara dos Senhores Deputados que denega ao Senhor Dom Pedro d'Alcântara o direito de nomear tutor a seus filhos (decisão esta que o abaixo assinado julga injusta e ilegal, apesar da fonte d'onde emanou, pois que o justo não provém de homens, mas sim da lei moral gravada por Deus no coração e entendimento humanos) que não pode sem faltar, como disse, ao seu dever e à sua honra, cumprir com a palavra dada ao ex-Imperador, de cuidar na Tutoria dos desgraçados órfãos que lhe tinha cometido.

O abaixo assinado, pelos motivos acima expendidos, julga não estar mais obrigado a satisfazer a promessa feita, logo que não valha a nomeação paterna que tinha aceitado por sensibilidade e em agradecimento à honrosa confiança que nêle pusera o ex-Imperador.

Paquetá, 17 de Junho de 1831.

(a) José Bonifácio d'Andrada e Silva

(Documento impresso no Rio de Janeiro, na Tipografia Imperial e Constitucional de É. Seignot-Plancher, Rua do Ouvidor n.º 95, recolhido à Divisão de Obras Raras da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.)

DOCUMENTO XXXVIII

CARTA DE JOSÉ BONIFÁCIO DE ANDRADA E SILVA A JOSÉ LINO COUTINHO, POUCO DEPOIS DE SUA POSSE NO CARGO DE TUTOR DE PEDRO II.

Il.mo e Ex.mo Snr.

Recebi ontem pela manhã a carta de V.Ex.a de 24 de Agosto que veio assás retardada; mas, antes de a receber, logo que V.Ex.a vocalmente me participou o que tinha havido na matéria, imediatamente dei as ordens para que o bibliotecário particular do ex-Imperador, o Senhor Dom Pedro de Alcântara, entregasse em mão própria o catálogo pedido; mas não sei se com efeito V.Ex.a está dêle entregue. Como já disse a V.Ex.a, eu nunca aprovarei a resposta cerebrina que o mesmo bibliotecário deu a V.Ex.a; creio, porém, que nisso houve mais êrro de entendimento que de vontade.

Tinha acabado a minha resposta; mas, permita-me V.Ex.a que lhe diga também que estou certo que, como tutor do jovem Imperador, e suas augustas irmãs, só me compete curar e fiscalizar o que pertence aos meus augustos pupilos; mas, por isso mesmo, é da minha obrigação, segundo o Direito e meu juramento, inteirar-me do que verdadeiramente lhes pertence, e do que possa pertencer ao ex-Imperador.

De V.Ex.a

Amigo afectuoso e obrigado

(a) José Bonifácio de Andrada e Silva

(Documento original manuscrito em português, o qual me foi transmitido pelo Dr. Durval Silva Lima, sob cuja guarda se encontra, no Rio de Janeiro.)

DOCUMENTO XXXIX

CARTA DE JOSÉ BONIFÁCIO A CHICHORRO DA GAMA, REAGINDO CONTRA A DESTITUIÇÃO DO CARGO DE TUTOR DO IMPERADOR MENINO, IMPOSTA POR ACTO DA REGÊNCIA.

Il.mo e Ex.mo Sr.

Tendo de responder ao ofício de V.Ex.a, que acompanhava o Decreto da Regência de 14 do corrente, digo que não reconheço na

mesma o direito de suspender-me do exercício de Tutor de S. M. o Imperador e de suas Augustas Irmãs.

Cederei à fôrça, pois que não a tenho; mas estou capacitado que nisto obro conforme a Lei e a razão; pois que nunca cedi a injustiças e a despotismos, há longo tempo premeditados, e últimamente executados para vergonha dêste Império. Os Juízes de Paz fizeram tudo para me comoverem; porém a tudo resisti, e torno a dizer que só cederei à fôrça.

Deus guarde a V. Ex.

Paço da Boa Vista, 15 de Dezembro de 1833.

(a) D.or José Bonifácio de Andrada e Silva

Il.mo e Ex.mo Sr. Antônio Pinto Chichorro da Gama.

(Documento original manuscrito em português, recolhido ao arquivo do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, sob o n.º 22, lata 344.)

DOCUMENTO XL

TESTAMENTO DO EXCELENTÍSSIMO CONSELHEIRO JOSÉ BONIFÁCIO DE ANDRADA E SILVA, FEITO NESTA ILHA DE PAQUETÁ E APROVADO POR MIM TABELIÃO.

(a) Francisco Manuel de Mello

Em Nome de Deus: Amém

Eu, José Bonifácio de Andrada e Silva, estando em meu perfeito juízo, e não sabendo o têrmo de minha existência, fiz êste Testamento, como minha última vontade, e é da maneira seguinte:

1.ª

Sou natural da Província de São Paulo, dêste Império do Brasil, nascido e baptizado na Vila de Santos, filho legítimo do C.el Bonifácio José Ribeiro d'Andrada com D. Maria Bárbara da Silva, ambos, ao fazer dêste, já falecidos.

2.ª

Fui casado com D. Narcisa Emília Oleary d'Andrada, já falecida, de quem tive duas filhas, a saber: D. Carlota Emília d'Andra-

da, casada com Alexandre Antônio Vandelli; e D. Gabriela Frederica Ribeiro d'Andrada, casada com o Conselheiro Martim Francisco Ribeiro d'Andrada.

3.ª

Declaro mais que tenho outra filha natural, chamada D. Narcisa Cândida d'Andrada, a quem sempre reconheci e criei como minha verdadeira filha e se acha legalmente legitimada.

4.ª

Nomeio por meu testamenteiro, em primeiro lugar, ao Desembargador Francisco de França Miranda; em segundo lugar, a meu irmão Martim Francisco Ribeiro d'Andrada; em terceiro lugar, ao Rev.do Luiz da Veiga Cabral, aos quais hei por abonados independente de prestação de fiança alguma.

5.ª

Nomeio para tutor e curador de minha filha D. Narcisa Cândida d'Andrada a meu prezado irmão Martim Francisco Ribeiro d'Andrada, a quem peço que, enquanto esta minha filha não tomar estado, a não separe da companhia de sua tia D. Maria Amália Nébias, em atenção ao amor de mãe com que a tem tratado, serviços que lhe tem prestado, e confiança que nela faço.

6.ª

O meu corpo será sem pompa sepultado na igreja aonde últimamente me tiver dado a vol, e o respectivo pároco dirá u'a missa de corpo presente por minha alma.

7.ª

Declaro que tenho na Província de São Paulo, distrito de Parnaíba, uma fazenda de terras para criação de gado, a qual se chama Monserrate.

Tenho mais na dita Província, distrito da Vila de Santos, uma porção de terras chamada Oiteirinhos.

8.ª

Tenho mais na dita Província, distrito de Piracicaba, uma parte num engenho de açúcar, com suas terras, e benfeitorias, do

qual meu irmão Martim Francisco Ribeiro d'Andrada é director e administrador.

9.ª

Tenho mais no distrito do Rio de Janeiro, em a Ilha de Paquetá, uma pequena chácara, com casas e mais benfeitorias, em cuja casa se acha depositada a minha numerosa livraria (pouco mais ou menos seis mil volumes), afora os meus manuscritos.

10.ª

Tenho encaixotada uma considerável colecção mineralógica em casa do T.te C.el José Joaquim dos Santos, assistente na rua do Lavradio; e tanto nesta como em livros empreguei quase tôda a minha tal ou qual fortuna.

11.ª

Tenho em guarda de Antônio Luiz Fernandes Pinto quatro apólices do Govêrno que vencem cinco por cento, a saber: três destas acções são de um conto de réis cada uma, e a quarta é sòmente de quatrocentos mil réis. Também se acha, ao fazer dêste, em sua guarda uma porção de dinheiro, que ao presente dêle vou gastando; o que tudo melhor constará da conta que êle apresentar, pois é negociante honrado nesta praça e homem de bem.

12.ª

Ficaram de minha falecida mulher as jóias seguintes: dois fios de pérolas, a saber, um mais fino, outro mais graúdo, uma pluma, brincos e alfinete do peito, também ornados de pérolas, quatro memórias d'ouro com suas pedras de pouco valor, um cordão d'ouro de quatro palmos de comprido, e duas caixas d'ouro para uso de rapé, a saber, uma esmaltada, outra lisa.

13.ª

Tenho, ao fazer, alguma prata para uso da mesa e luzes, que não declaro por poder desencaminhar-se alguma peça em minha vida, e será a que se achar por meu falecimento.

14.ª

Declaro que tive contas em vida do falecido Antônio Rodrigues da Silva, natural do Rio de Janeiro, e a meu ver as julgo saldadas

a meu favor, entrando nela duzentos mil réis que ùltimamente lhe tinha dado, e cem mil réis que dei a sua enteada para o entêrro daquele, do que existe recibo.

15.ª

Também me são devedoras algumas pessoas, cujos nomes e créditos se acham, parte em meu poder, parte em mão de Antônio Luiz Fernandes Pinto já mencionado, que ao todo andará pouco mais ou menos por um conto e seiscentos mil réis.

16.ª

Declaro que até a data de hoje, por conta que me foi remetida, devo ao Sr. Luiz de Menezes Vasconcellos Drummond a quantia de quatro contos duzentos e dezoito mil e novecentos réis, de prestações que me tem feito, entrando nelas o importe de minha passagem da França para o Brasil, e tôdas as despesas do funeral de minha falecida mulher.

18.ª *

Declaro que tenho despendido vários dinheiros em benefício de minha filha D. Carlota Emília d'Andrada e seu marido, em prejuízo dos mais herdeiros, e, para descargo da minha consciência, deverá entrar em colecção com as despesas que ùltimamente fiz com ela e seu marido, a saber: um conto cento e setenta mil réis de sua passagem de Portugal para o Brasil; cento e oitenta mil réis de sua passagem do Rio de Janeiro para Santos; cento e cinqüenta mil réis do dinheiro adiantado que por ela recebeu nesta ocasião seu marido para a dita viagem; e duzentos e oitenta mil réis por uma letra de câmbio passada em Lisboa, à ordem de João Ribeiro de Carvalho, o que tudo soma um conto setecentos e oitenta mil réis.

19.ª

Deixo à minha afilhada Carlota Emília Machado, que, ao presente, se acha em minha companhia, cem mil réis.

20.ª

Deixo a meu irmão Martim Francisco Ribeiro d'Andrada todos os meus manuscritos que se acharem desencadernados.

(*) Não consta a cláusula 17.ª no documento original.

21.ª

Declaro que deixo por universal herdeira de minha têrça a minha filha D. Narcisa Cândida d'Andrada, em cuja têrça é minha vontade entre em colecção as quatro apólices do Govêrno acima mencionadas, igualmente uma criança cabrinha chamada Constância e um preto de nação chamado Pedro.

22.ª

Deixo igualmente os meus serviços (se S. M. I. os julgar dignos de alguma remuneração) a José Maximiano Baptista Machado, na condição de se verificar o casamento com a dita minha filha D. Narcisa Cândida d'Andrada, por êste m'a ter pedido para sua espôsa e eu o julgar muito capaz; porém, no caso que por algum incidente se não verifique com êle o dito casamento, passarão à pessoa que com ela casar, com aprovação do tutor.

E por esta forma dou por concluído êste meu Testamento, que quero se cumpra, por ser esta a minha última vontade, e para êste fim imploro a protecção das Leis; e pedi ao Rev.do Luiz da Veiga Cabral que êste por mim fizesse, o qual vai por mim assinado.

Rio de Janeiro, na Ilha de Paquetá, nove de Setembro de 1834.

(aa) José Bonifácio de Andrada e Silva
P.e Luiz da Veiga Cabral

Auto de aprovação

Saibam quantos êste público instrumento de aprovação de testamento virem que, sendo no ano do nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo, de mil oitocentos e trinta e quatro, aos nove dias do mês de Setembro do dito ano, nesta Freguesia do Senhor Bom Jesus do Monte da Ilha de Paquetá, em casas de moradas do Conselheiro José Bonifácio de Andrada e Silva, onde eu, escrivão do Juízo de Paz do dito distrito, fui vindo a seu chamado, e sendo aí presente, compareceu perante mim o dito conselheiro, o qual reconheço pelo o próprio, do que dou fé, estando o mesmo em seu perfeito juízo e [têrmo indecifrável], assim como pelas as perguntas que lhe fiz e pelo o seu claro entendimento, segundo meu parecer e das testemunhas adiante nomeadas seguintes: José Martins de Castro, maior, de trinta anos e José Narciso de Cerqueira e Silva, maior, de trinta e cinco anos e João Pereira Carvalho e Silva, de idade dezessete anos

e Joaquim Antônio de Almeida e João Francisco Graça, maior de quarenta anos de idade e João Marcelino Rodrigues. À vista das seis testemunhas aqui nomeadas, foi dado, das mãos do testador para as de mim tabelião, um papel escrito em duas laudas e por êle assinado e feito pelo P.e Luiz da Veiga Cabral a rôgo do testador e depois de eu tabelião relatar à vista das testemunhas acima nomeadas, lhe perguntei a êle testador em presença das mesmas, foi por êle dito que o papel que apresentava a mim tabelião era seu testamento e feito muito de sua livre vontade e sem ser constrangido por pessoa alguma e me pediu a mim tabelião, como pessoa pública, que o aprovasse, e como de facto aprovo como aprovado o tenho, o qual se acha sem emenda alguma ou entrelinha, ou vício, ou outro, que vício possa ter. E tôdas as perguntas que lhe fiz, tôdas me respondeu sem interpretação alguma, cujo testamento se encerra em uma folha e rubricada por mim tabelião, e a sua aprovação de que tudo dou fé, e eu, Francisco Manuel de Mello, Tabelião Público dêste distrito, que o escrevi e aprovei e assinei com o testador. Em testemunho da verdade.

(aa) Francisco Manuel de Mello
José Bonifácio de Andrada e Silva
José Martins Vianna de Castro
José Narciso de Cerqueira e Silva
João Pereira Carvalho da Silva
Joaquim Antônio de Almeida
João Francisco Graça
João Martins Rodrigues

Comprove-se e registre-se

Niterói, 6 de Abril de 1838.

(a) Frias

Apresentação

Aos seis dias do mês de Março, digo do mês de Abril, de mil oitocentos e trinta e oito, nesta cidade de Niterói, em meu cartório, pelo primeiro testamenteiro, Desembargador Francisco de França Miranda, me foi apresentado êste testamento, que fôra aberto pelo juiz municipal interino, o cidadão Manuel de Frias e Vasconcellos, no dia supra mencionado, de que para constar faz-se êste têrmo. Eu, Silvestre dos Reis Nunes, escrivão interino da Provedoria que o escrevi.

(a) Francisco de França Miranda

Certifico que intimei por carta ao primeiro testamenteiro nomeado, o Desembargador Francisco de França Miranda, para declarar se queria ou não aceitar o encargo da presente testamentária, e por êle me foi respondido que aceitava e disso queria assinar o competente têrmo. O referido é verdade, do que dou fé e passo a presente.

Niterói, 7 de Abril de 1838.

O escrivão interino

(a) Silvestre dos Reis Nunes

Aceitação

Aos oito dias do mês de Abril de mil oitocentos e trinta e oito, nesta cidade de Niterói, e em meu cartório, compareceu presente o Desembargador Francisco de França Miranda que o reconheço pelo próprio, do que dou fé, morador na Côrte, e por êle me foi dito que, pelo presente têrmo que assina, se obriga por sua pessoa e bens a dar contas da presente testamentária por êste Juízo e tempo limitado pelo testador e, de como assim o disse e se obrigou, assinou com as testemunhas presentes, P.e Marcelino Pinto Ribeiro Duarte, e Serafim José dos Anjos Vieira e eu, Silvestre dos Reis Nunes, escrivão interino que o escrevi.

(aa) Francisco de França Miranda
Marcelino Pinto Ribeiro Duarte
Serafim José dos Anjos Vieira

N.º 537

Pagou trezentos e vinte réis de sêlo.

Niterói, 17 de Setembro de 1840.

(a) Luitgard Barros (?)

(Documento original manuscrito em português, recolhido ao Arquivo Nacional do Rio de Janeiro.)

DOCUMENTO XLI

BOLETIM VOLANTE, ASSINADO POR UM PAULISTA, COMUNICANDO AO PÚBLICO AS MELHORAS DO ESTADO DE SAÚDE DE JOSÉ BONIFÁCIO DE ANDRADA E SILVA, ACOMETIDO DUMA "CONGESTÃO CEREBRAL, ACOMPANHADA DE FEBRE PERNICIOSA".

Ao Público

GRÁTIS

No dia 25 de Março, aniversário do juramento da nossa Constituição, foi repentinamente acometido duma congestão cerebral, acompanhada de febre perniciosa, o Ex.mo Sr. José Bonifácio d'Andrada e Silva.

A tão assustador como inesperado acontecimento, à alegria e repouso sucederam as lágrimas, as angústias e as aflições, ao ver-se o encanecido varão perder tôda aquela vivacidade, todo aquêle brilho, e vigor de que era dotado. Seu rosto macilento já apresentava o têrmo final de sua existência; seus olhos, que brilhantes reverberavam em tôrno de seus filhos e amigos, tornavam-se opacos e mal podiam mostrar, pelos diversos movimentos, as emoções que seu coração sentia; seus lábios, êsses lábios por onde a verdade tem sempre se deslisado e por onde dirigia à Majestade Celeste preces para conservação da sua e nossa Pátria, já, qual papoula que, com o ardor do Sol, perde o brilhantismo que a aformoseia e a faz sobressair às demais flôres, também sentiam diversas mudanças e apenas pronunciavam vocábulos, cujos articulados sons contristavam sobremaneira os corações dos que, apesar das vicissitudes do tempo, jamais deixaram de respeitar e venerar o ínclito varão que, desinteressado e pelo amor da Pátria, rasgara o véu que nos vendava os olhos e nos conservava apáticos acêrca dos nossos foros, liberdade e independência!

Apesar da idade e duma vida bastante amargurada, o ilustre ancião não sucumbiu, graças à Providência e aos esforços dos ilustres médicos, que acudiram a empecer o progresso da enfermidade, e a servir, em tão triste conjuntura, de lenitivo ao venerando filósofo.

Nós que, como paulista, e já como brasileiros, banhávamos seu leito de dor com lágrimas da mais cordial amargura; que já nos

persuadíramos de vê-lo arrancado de nossos braços e transportado ao lugar que o Eterno destina para repouso dos justos e recompensa das almas benfazejas; julgamos acertado transmitir ao público a satisfatória notícia de suas melhoras, e mesmo à nossa Província, que, ufana de ser o berço dos campeões da nossa Independência, se vestiria de luto se a Providência arrebatasse aquêle de quem ora nos ocupamos!

(a) O Paulista

(Documento impresso no Rio de Janeiro, na Tipografia Imparcial de Brito, à Praça da Constituição n.º 66, recolhido à Divisão de Obras Raras da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.)

DOCUMENTO XLII

DIÁRIO DA ENFERMIDADE DO EXMO. SR. JOSÉ BONIFÁCIO DE ANDRADA E SILVA.

Dia 26 de Março às 4 horas da tarde. Março 26

Fêz-se uma sangria geral de seis onças; logo a temperatura elevada da pele baixou, o pulso diminuiu de freqüência e de dureza. O doente falou e mostrou-se menos indiferente. Prescrição: 8 sanguessugas atrás das orelhas, 8 ao ânus, 1 clister purgativo de 3 em 3 horas, uma bebida diluente antimoniada para tomar de 3 em 3 horas uma chávena. São 6½ horas. As sanguessugas sangram ainda, o doente está mais tranqüilo, a respiração quase livre, o pulso, menos freqüente e duro, dá 80 pancadas por minuto, porém intermitente. Fêz-se à espinha uma fricção com sulfato de quinina (18 grãos), tomou a 1.ª dose da bebida antimoniada, assim como o 1.º clister purgativo às 7¼. Às 7½ houveram náuseas, e alguma ansiedade, porém não vomitou até às 8. Continua a remissão, o pulso sempre intermitente. Daí a pouco houve uma larga evacuação. Aplicação de vesicatórios nas pernas. Às 8 e 40 minutos, fricção nas costas com 12 grãos de sulfato de quinina. Às 9 menos 10 minutos outro clister; às 9½ abundante dejecção alvina, e mais 2 ou 3 até 10 horas. Às 11½ mudou-se a camisa por estar muito molhada de um suor copioso geral e quente; continua a apirexia; o doente articulou algumas palavras. Tomou 6 grãos de sulfato de quinina em meio cálice d'água d'Inglaterra, tendo tomado antes cozimento de cevada com grelos de laranjeiras. Às 11¼ não existe a intermitência do pulso. Sono tranquilo de 3/4 de hora. Acordou 5 minutos depois da meia noite. Fêz-se nas costas a fricção com

12 grãos de sulfato de quinina em pomada estibiada; o doente evacuou grande porção de fezes.

Março 27 — Dia 27. A uma hora e meia tomou 6 grãos de sulfato de quinina em meio cálice d'água d'Inglaterra, sendo preciso para isso acordá-lo; então tinha a respiração mais alta, porém continuava a apirexia, e o pulso não tinha intermitência. Às 2 horas, tomou 2 colheres de caldo de galinha; às 2½, fricção de pomada estibiada com 12 grãos de sulfato de quinina. Às 2¼ bebeu água de cevada. Às 4½ tomou 6 grãos de sulfato de quinina com água d'Inglaterra. Depois dormiu tranqüilamente até às 5½; acordou, pediu água com açúcar, respondeu com precisão e ar risonho. A língua estava algum tanto sêca; nenhuma dor no ventre, o pulso dá 70 pancadas; pele húmida. Às 7 horas clister de 8 grãos de sulfato de quinina; fricção com pomada estibiada (pela madrugada urinou copiosamente, e às 4½, depois de ter tomado a água d'Inglaterra, teve dois soluços). Às 7½ o doente chupou uma laranja com satisfação, conserva-se acordado e presta atenção às pessoas que o rodeiam. Às 9 horas pulso bom, língua húmida; tomou meio cálice de água d'Inglaterra. Às 9¾ tomou um clister de 6 grãos de sulfato de quinina com água d'Inglaterra. Até uma hora da tarde continuou do mesmo modo; e em razão de não ter evacuado, deu-se-lhe um clister de cozimento de persicária com electuário de sene e 6 grãos de sulfato de quinina. Meia hora antes havia tomado com fácil deglutição meio cálice da poção emética. No acto de se lhe aplicar o clister, o doente evacuou espontâneamente matéria de côr escura e de cheiro corrupto. Às 2½ teve o doente segunda dejecção da mesma natureza. Fêz-se depois o curativo dos cáusticos que deram bastante serosidade amarela. Nessa ocasião desenvolveu-se e tornou-se mais freqüente (o pulso), chegando a dar 110 pulsações. A face tornou-se vermelha, porém a respiração continua a estar livre; há alguma sêde e observa-se que a língua está mais inclinada para o lado direito. Os Drs. Paula Cândido e Jobim e o cirurgião Geraldo concordam em dar-lhe uma bebida refrigerante (limonada de tamarindos em cozimento de cevada e grama). Tomou a limonada às 4 horas e bebeu um cálice com satisfação. A língua parece menos inclinada, movendo-se na bôca livre de embaraço, conserva-se húmida, e o pulso é mais regular: dá 74 pancadas por minuto. Urina copiosa. O doente conversa. À vista dêste quadro concordou-se em não excitar por ora com água inglesa, quinina e tártaro internamente, mas sim continuar com as fricções

pelo dorso, parte interna dos braços e coxas, usando da pomada estibiada com quinina, bem como internamente da limonada já prescrita, limões, laranjas, etc., tudo parcamente dado. Às 5 horas, continuando o estado apirético, e sendo a inteligência perfeita, fêz-se a fomentação. Das 6 às 6½ sono tranqüilo, o doente acordou, bebeu um cálice da limonada e conversou com o Dr. Silveira: fêz-se de nôvo a fomentação. Às 7½ estado de completa apirexia; face, testa e cabeça frescas; pulso cheio, regular, dando de 70 a 74 pancadas; ventre flácido, calor periférico igual, língua húmida. O doente se queixa de abatimento geral; deu-se então meio cálice de água d'Inglaterra, e fêz-se a fricção na espinha dorsal. Logo depois veio sono de mais de meia hora e, quando acordou, tomou meia xícara de caldo, e continuou a passar tranqüilo. Desde as 6½ às 11 horas dorme sossegado, o pulso mole e regular, a respiração livre; nada de injecção na face e de calor na cabeça, mãos frescas e húmidas.

Dia 28. O doente acordou à 1 hora e 10 minutos, tomou meio cálice d'água de Inglaterra, e passou sossegado; tornou a conciliar o sono às 2 horas e acordou às 3½; teve então uma ligeira dejecção alvina; dormiu de nôvo até às 5½. Às 6 horas fêz-se a fricção no dorso com a pomada estibiada, e deu-se-lhe meia xícara de caldo. Às 8, meio cálice de água d'Inglaterra, e logo depois alguns goles d'água. Continua a apirexia, o doente fala desembaraçado, respondendo com acêrto às questões que se lhe dirigem, e mostrando ùnicamente fraqueza na voz. Às 9 horas recebe uma deputação que o vem visitar, manifesta alegria, fala pouco, porém com clareza, e recebe também com satisfação a visita do seu amigo, o General Labatut. À 1½ o doente apresenta um quadro de melhoras, continuando a apirexia. Reunem-se os Drs. Silveira, Paula Cândido, Octaviano e Geraldo. O Sr. Geraldo participa que o Sr. Dr. Jobim não podendo demorar-se, comunicara a êle e ao Sr. Dr. Silveira, que supunha hoje a enfermidade = uma congestão cerebral com derramamento seroso nos ventrículos do cérebro =, e não a = existência de qualquer febre intermitente perniciosa =, e que por isso se opunha aos tônicos e antipiréticos. Os outros facultativos não concordaram em grande parte com esta opinião, e por isso continuaram no primeiro propósito de ser ainda a enfermiade = uma febre intermitente com congestão cerebral, porém com melhoras =; portanto concordaram no mesmo tratamento mais ou menos modificado, atentas as alterações que forem aparecendo. Combina- Março 28

ram pois no seguinte: 1.º Tomar durante os acessos febris uma bebida refrigerante tal como mistura salina simples com cozimento de altéia digo com emoliente, chupar limões e laranjas. 2.º Tomar durante a remissão da febre pequenas porções d'água inglesa, fazer no dorso fricções com pomada estibiada, dar clisteres de electuário de sene e persicária, continuar com os caldos. Às 2 horas o doente tomou ½ xícara de caldo, está no uso de sua inteligência, permanecendo apirético; às 4½ outro caldo. Pulso, 76 pancadas. Das 4½ às 9 da noite, tomou duas vezes a mistura salina; o mais conserva-se inalterável, a pele estava húmida. Em razão de não ter evacuado desde as 3 horas da madrugada, aplicou-se-lhe um clister purgativo que não foi expelido imediatamente. O pulso levantou-se até 98 pancadas por minuto, tornou-se mais duro; houve alguma inquietação. Às 11 horas começou o doente a evacuar, deu-se-lhe um clister mais enérgico, com o qual evacuou copiosamente as fezes retidas. O pulso desceu a 80 pancadas; a pele humedeceu, enfim o estado geral melhorou. Às 11½ tomou um caldo e água inglesa, foi fomentado com a pomada estibiada e sulfato de quinina.

Março 29 Dia 29. Passado algum tempo, o sono tornou-se algum tanto agitado. Foi só às 2 horas que acordou, e então tomou água inglesa, urinou copiosamente; mudou-se a roupa da cama. O doente dormiu até às 3 horas e meia, dando altos suspiros e ais. Acordou e obrou em abundância fezes retidas; depois dormiu até às 6 da manhã. Continuou o alívio; tomou então água inglesa. Às 10 horas, estado de sossêgo, pulso com 80 pancadas, semblante animado, ventre flácido porém sêco e quente, língua rubra ligeiramente húmida, calor regular na face, testa e cabeça: tinha evacuado bastante. — Acordamos (Octaviano, Paula Cândido e Geraldo) em suspender por ora os tônicos e clisteres irritantes, e usar agora de clisteres emolientes, banho de meio corpo morno, fomentação emoliente, e a grandes espaços a de sulfato de quinina; e internamente bebidas emolientes e refrigerantes, contendo algum sulfato de magnésia, de soda, etc. Dieta pouco severa, podendo tomar geléias, caldos, canjas, e frutas ácidas quando sazonadas. Ao meio-dia, tomou meia xícara de caldo com gôsto, e um quarto depois urinou copiosamente. À 1 hora tomou um clister, cuja maior parte foi logo expelida. À 1½ urinou e evacuou; às 2 horas, tomou um banho, mudou camisa e repousou. À 1¾ lavou-se e dormiu sossegado uma hora; quando acordou, curaram-se os cáusticos, que pouco purgaram. Pulso 88

pulsações, pele fresca, língua boa. Tomou um caldo com arroz; às 5¾ tomou mistura salina simples. Adormeceu às 6 horas; às 7 acordou e tomou outro caldo. Às 7½ o pulso dava 84 pancadas. Às 8½ tomou emulsão nitrada: pulso 86. Reconheceu-se o desenvolvimento de uma erisipela no escroto e nádegas. Tomou infusão de fedegoso e casca de limão. Dormiu quase tôda a noite sem mudar de posição; pela manhã cedo acordou suado, mudou Março 30
de camisa, e tendo sêde: tomou mistura salina; daí a pouco tomou caldo: pulso 82. Às 7½ tomou um clister purgativo, e uma hora depois evacuou abundantemente. O Sr. Octaviano compareceu às 9 horas: mandou aplicar um cáustico à nuca e avivar os das pernas com pomada de sabina e tártaro. Às 10 aplicou-se o cáustico à nuca, e tomou caldo. Ao meio-dia curaram-se os cáusticos das pernas, e tomou outro caldo. Pulso 88 pancadas; teve uma evacuação. À 1 hora tomou mistura salina, às 2 caldo de arroz; pulso 86. Dormiu quase tôda a tarde, e às 8 horas menos 10 minutos tomou um cálice de kale cidrado. Às 9 horas pulso 120; o doente não responde às perguntas que se lhe dirigem, não deita a língua fora; pupilas contraídas; as pálpebras do ôlho esquerdo movem-se com dificuldade: coma, grande calor na cabeça, aumento na inflamação do escroto e nádegas. Não se pode ver a língua. — 9½: tomou sem dificuldade 3 colheres de água tartarizada; 2 sobressaltos de tendões; começa a aparecer suor, o pulso dá 92 pancadas; continuam os sobressaltos; faz-se uma fricção às costas com 12 grãos de sulfato de quinina, às 9¾. Às 10 e 20 minutos tomou mistura salina; tiraram-se os sinapismos; respondeu a uma pergunta, continua algum suor; o pulso dá 88 pulsações. Continuam os sobressaltos nos membros inferiores; reaplicaram-se os sinapismos no dorso dos pés. Vômito bilioso. 11 horas e 5 minutos: fricção às costas e um clister d'água inglesa por não haver sulfato de quinina. 11 e 25 minutos: pulso 80; prostração e sonolência comatosa. Infusão de valeriana alcanforada com xarope de casca de laranja. Cataplasma de linhaça com ungüento de altéia no escroto. 11 e 35 minutos: clister de 18 grãos de sulfato de quinina com julepo canforado.

Dia 31. Vinte e cinco minutos depois da meia-noite, deu-se-lhe Março 31
pela bôca 6 grãos de sulfato de quinina em infusão de valeriana que o doente levou com facilidade; teve alguns movimentos carfológicos; o pulso conserva-se com 80 pancadas; ausência de modôrra; alguma inquietação. À 1 hora e 25 minutos tomou um clister de 12

grãos de sulfato de quinina, uma colher de julepo canforado, e meia xícara de água morna. A transpiração então era abundante. Às 2 horas, meio cálice de água inglesa com 6 grãos de sulfato de quinina. Conserva o clister. O suor continua copioso: muda-se-lhe a camisa. Cessação por mais de uma hora dos sobressaltos tendinosos. Pulso com 78. Sossêgo: o doente urinou e evacuou o clister. Às 3½ horas, tomou meio cálice de infusão de valeriana, com julepo alcanforado e xarope de cascas de laranjas. Às 5¾ clister de 12 grãos de sulfato de quinina e alcanfor. À 6 horas pulso com 78. O doente responde com acêrto, porém a língua move-se com dificuldade e está húmida. Por mandado do Sr. Octaviano, foi-lhe administrado o sacramento da Extrema-Unção. Às 7¼ o doente tomou três colheres de caldo, teve nesta ocasião algumas náuseas, que cessaram logo com o uso de chupar alguns gomos de laranja; às 7¾, mudou-se a cataplasma do escroto. Às 8¼, o doente respondeu a algumas perguntas, e tomou meio cálice de mistura salina simples; às 10 horas, tomou três colheres de caldo com repugnância; à meia-noite, tomou três colheres de água inglesa e, às 2 horas, um clister de julepo alcanforado, 12 grãos de sulfato de quinina e uma xícara d'água morna. O pulso dava 90 pancadas e a face estava algum tanto vermelha. Às 2¼, tomou meio cálice d'água d'Inglaterra; repetiram-se então os sobressaltos e carfologia. Às 3 horas o doente diz que tem sêde e toma 2 colheres de mistura salina simples; às 3¼, urinou. Às 4½, tomou meio cálice d'água d'Inglaterra com seis grãos de sulfato de quinina. Às 5¼, depois de algumas náuseas, apresentou o sintoma que os franceses designam por "fumer la pipe". Nesse momento, pulso linear. Ao meio-dia, curaram-se os cáusticos e renovou-se a cataplasma do escroto. 6 horas da tarde: pele bastante quente, algum suor na testa e resto da face, mãos e parte interior do antebraço; face avermelhada, pulso: 95 pancadas, língua saburrosa, húmida, retraída; algumas náuseas, borborigmos. O doente leva a mão à região do estômago; sonolência por intervalos. Êle responde com lentidão, porém com acêrto, a algumas perguntas: tomou uma pequena dose de limonada salina. Às 7 horas, nota-se diminuição no calor e na vermelhidão da face; o pulso dá 85 pancadas; a respiração é mais fácil; o doente responde bem; deu-se-lhe meio cálice de limonada salina, aplicou-se-lhe um clister de sene, e aos pés baetas molhadas em água quente com mostarda, com o fim de combater a sonolência. O pulso sustenta-se com 80 pancadas, às 9½ da noite, e o doente dorme tranqüilo. O calor é natural; tomou algumas colheres de

caldo e chupou dois gomos de laranja com satisfação. Às 10¼, curou-se o vesicatório da nuca, e aplicou-se de nôvo a fomentação sinapizada aos pés. O doente urinou, respondeu com acêrto, e queixou-se de borborigmos. Às 11 horas, chupou um gomo de laranja, e depois pegou no sono. À meia-noite, evacuou o clister. Mudou-se-lhe a roupa. Tomou com satisfação algumas colheres de caldo e um gomo de laranja; respondeu bem a várias perguntas. Pulso, 80, logo depois pequena evacuação. Sono tranqüilo.

Dia 1.º de Abril — Às 3 horas, o doente urinou. Tomou nôvo clister. O pulso dava 80 pancadas, pele húmida; tomou duas colheres de mistura salina. Às 3½, algum movimento nas mãos, e aumento de calor. O doente chupou um pouco de laranja. Às 5½, dormitava, o pulso tinha 80 pulsações, ligeira agitação de braços, quase sempre levando a mão à bôca e ao nariz. Calor e suor irregular. Às 9 horas, houve uma conferência dos Srs. Octaviano, Jobim e Valdetaro, e resolveu-se que o doente tomasse em várias doses a infusão de sene tartarizada. Até às 10 horas, não houve novidade. Tomou depois um clister emoliente e logo evacuou; reaplicou-se a cataplasma de linhaça no baixo ventre e escroto; e depois fêz-se-lhe uma fomentação, que o fêz arrotar fàcilmente por três vezes. Ao meio-dia, tomou duas colheres do purgante, e, pouco tempo depois, evacuou uma matéria amarelada sem excremento sólido. À 1 hora da tarde, deu-se-lhe 5 colheres do purgante. Às 3½, apareceram náuseas; tomou 2 colheres de caldo e um gomo de laranja. Às 5½, repetiu-se o mesmo; o pulso com 80. Às 6 horas e 10 minutos, deu-se-lhe seis colheres de valeriana, e, às 8 horas menos 10 minutos, 6 colheres do purgante. Depois disto urinou 2 vezes. No intervalo da noite fêz-se ao ventre uma fomentação com ungüento de altéia e alcanfor, e deu-se-lhe o resto da infusão de sene. A noite foi boa: o pulso conservou-se de 84 a 76, e o doente tomou por intervalos colheres de caldo, de mistura salina simples e de valeriana em infusão. Abril 1.º

Dia 2 de Abril — Às 9 horas e 20 minutos, o pulso dá 72 pulsações; a fisionomia parece melhor; as respostas são acertadas. Continuou-se no mesmo tratamento. O doente tem as côres da face naturais, e o calor do corpo igual. Renovou-se a cataplasma do escroto, e fêz-se ao ânus uma fomentação com manteiga de cacau e óleo de amêndoas doces. Meio-dia. Depois de um sono sossegado de hora e meia, o pulso dá 74 pulsações. A pele conserva-se fresca, Abril 2

a fisionomia composta. Deu-se-lhe 3 colheres de caldo, e alguns gomos de laranja, e também 2 colheres de mistura salina simples para acalmar a sêde. Curam-se os cáusticos, que purgam bem, sobretudo o do membro abdominal direito. À 1½, elevação do pulso, 80 p.; porém, meia hora depois diminuição do número das pancadas. Sono tranqüilo. Às 4½, acordou tendo o pulso a 70. Melhora geral. O doente urinou fàcilmente e tomou algumas colheres de caldo e de mistura salina simples. Às 5½, o mesmo estado, porém com a pele mais fresca. Tomou a infusão de valeriana com pequena dose de julepo canforado. Administrou-se-lhe um clister emoliente que logo depois foi lançado com algumas matérias fecais muito ralas. O doente adormeceu e às 6¾ acordou e tomou algumas colheres de caldo, e depois continuou em seu sono até às 8¼; notou-se então que estava um pouco mais quente, porém às 10 horas dissipou-se êsse aumento de calor. O pulso dava 70 pp., e nessa ocasião fêz-se o curativo dos cáusticos.

Abril 3 — Continuação do mesmo tratamento. À 1 hora da noite acordou o doente de um sono tranqüilo que durou perto de 2 horas. Pulso e calor do corpo quase naturais. Tomou 2½ colheres de infusão de valeriana simples. Às 2 horas menos 10 minutos, o doente bebeu água com satisfação, tomou um pouco de caldo e esteve tranqüilo até às 3 horas e 10 minutos; e foi então que urinou; depois pediu água e deu-se-lhe a mistura salina simples; e às 5 horas renovou-se o cálice da infusão de valeriana. Continuou em um sono tranqüilo. 6 horas da manhã. Pulso algum tanto mais freqüente, depois de se curarem os cáusticos da nuca e pernas, tendo purgado desta vez mais o da esquerda. O doente pediu água e bebeu com prazer. Fêz-se a fomentação com ungüento de altéia e alcanfor. Às 7¾, tomou algumas colheres de caldo: o pulso conserva-se no mesmo estado, a pele algum tanto mais quente, e o rosto um pouco mais animado, o que se supõe efeito do movimento que sofre para mudar de roupa molhada de urina, pois já se tem observado por vezes a mesma alteração quando se curam os cáusticos, ou quando o doente toma algum remédio, etc. Às 9 horas e 20 minutos, sendo presentes os Drs. Maia, Octaviano, Costa Guimarães, Queiroz Costa, assentaram que se desse ao doente doses de calomelanos com açúcar (4 grãos de 4 em 4 horas), quando a língua estivesse húmida, e que se suspendesse depois de suficientes evacuações. Aconselharam também clisteres emolientes, limonada de groselha, e três vezes ao dia infusão de valeriana simples, e curar os cáusticos das pernas,

que estão inflamadas, com pomada de Saturno. Das 11 ao meio-dia, sono tranqüilo, ligeira coloração da face, pulso no mesmo estado: o doente tomou algumas colheres de caldo e pediu laranja para chupar. À 1 hora, tomou um cálice de infusão de valeriana, curaram-se os cáusticos e mudou-se de roupa. Com isto todavia não teve sensível alteração no pulso e na côr da face. Às 2½ horas, notou-se algum abatimento, mudou-se de nôvo a roupa da cama, sem causar-lhe grande alteração no pulso, no calor e na injecção da face. Às 4 horas, apareceu o Dr. Meirelles, que notou o seguinte: estado de indiferença, face colorada e vultuosa, calor aumentado no hábito externo, máxime na cabeça, respiração normal, pulso cheio, mole e freqüente, dando 120 pancadas. À vista dêste estado, que denota aumento de congestão cerebral, provocada pelo acesso febril, o Dr. Meirelles foi de parecer: 1.º) de aplicar nas apófises mastoídeas 6 a 8 sanguessugas; 2.º) de cobrir a cabeça com uma cataplasma emoliente, quase fria; 3.º) de dar os calomelanos propostos, 8 grãos de uma vez, e durante o acesso só bebidas diluentes, e, depois de terminar, sulfato de quinina em alta dose, 12 grãos de uma vez. Os Drs. Jobim, Faivre, Octaviano e Valdetaro, tendo examinado depois o doente, notaram o que se segue: às 5 horas da tarde, além dos sintomas ditos, que, depois da aplicação das baetas embebidas de água com mostarda aos pés, na ocasião de pôr as sanguessugas, o pulso tornou-se mais mole, a pele mais fresca, alguma coisa húmida, e menos calor de cabeça. Deu-se os 8 grãos de calomelanos, e pouco depois das 5 horas, como o doente sentisse alguma sêde, bebeu um pouco de água fria com açúcar, e depois aplicou-se a cataplasma fria sôbre a cabeça. Às 5½, o pulso tornou-se mais freqüente, dando 112 pulsações: houve maior reacção de calor na cabeça e bastante no ventre; aumentou-se então o número de sanguessugas aplicadas nas regiões mastoídeas, e deu-se o cozimento de cevada com xarope de groselhas. Às 8 horas, o pulso dava 100 pancadas; às 9 horas, 90 pancadas: notava-se grande diminuição no calor da pele; a inteligência estava mais livre; o doente tomou algumas colheres de caldo. Às 10½ horas, tomou de nôvo calomelanos e uma dose da limonada. Continua o estado de modôrra, porém a respiração conserva-se mais livre. Às 11½, deu-se-lhe uma porção d'emulsão arábica com espírito de Menderer. À meia-noite, aplicou-se um clister de infusão de sene vigorada, que foi rejeitado pouco depois com uma porção de fezes de péssimo cheiro.

Abril 4 Dia 4 de Abril — À meia hora, tomou o doente duas onças de água de cevada com xarope de groselhas. Molhou-se a roupa da cama com água de Labarraque. À 1½, pulso com 100 pancadas; calor quase nenhum nas mãos. 3 horas, pulso 112, pele fria e húmida, respiração algum tanto anelante, sobressaltos de tendões pelos braços e pernas. Aplicação de panos molhados em ácido hidroclórico diluído na parte interna das coxas e no dorso dos pés. Deu-se de hora em hora cozimento de cevada com xarope de groselhas. Às 3½, o mesmo estado, um pouco de caldo foi administrado com uma colher d'água inglesa. O doente apresentou então uma face hipocrática; o pulso era irregular. Às 4 horas, respiração anelante, movimentos nervosos mais pronunciados, o calor quase desaparece, deglutição é difícil, ventre meteorizado, a inteligência imperfeita: não responde às perguntas, o coma vai em aumento. Às 5 horas, clister de água de linhaça e sal de cozinha; veio imediatamente depois uma copiosa evacuação alvina muito fétida e escura. O calor da pele diminuindo, depois de ter aparecido intenso, o pulso regulariza-se, o semblante da face parece ser mais natural, o estado da inteligência sem diferença; a deglutição continua a ser penosa. Repetiu-se o caldo com água d'Inglaterra. Às 5½, nova evacuação alvina mais copiosa de matéria mole denegrida, extremamente fétida. A respiração conserva-se anelante, o pulso dá de 95 a 100 pancadas: o doente dá poucos sinais de melhoramento da inteligência. Estas observações foram feitas pelos facultativos Faivre e Valdetaro. Às 8 horas, pulso 108; mandou-se aplicar gêlo sôbre a cabeça. Às 10 horas, tornou-se a face hipocrática, o pulso com 110 pulsações; o doente tomou algumas colheres de limonada; repetiram-se as baetas quentes sinapizantes nos pés e pernas: a deglutição cada vez é mais trabalhosa. À tarde, vieram sucessivamente os Drs. Meirelles, Faivre, Maia e Sigaud, e ficou êste com a direcção do tratamento determinado antes, sendo coadjuvado das 6 da tarde em diante pelo Sr. Valdetaro. Aparecendo uma remissão no pulso e no calor geral do corpo, deu-se às 4 horas da tarde 6 grãos de sulfato de quinina internamente: o pulso batia de 94 a 96 pancadas. Às 6 horas, parecendo menos difícil a deglutição, administrou-se-lhe algumas colheres de caldo. Como a reacção febril se caracterizasse pelas 8 horas da noite mais intensa, sendo maior o calor da face, e demasiado o da cabeça, renovou-se a aplicação do gêlo, e aplicou-se 2 bichas em cada apófise mastoídea. Às 9 horas, tomou a bebida refrigerante, e mais

algumas vezes; aplicou-se um clister de infusão de valeriana, que foi pouco depois rejeitado com uma porção de fezes denegridas e uns pós escuros e muito mau cheiro. Às 10 horas, tomou a limonada de groselhas; e como o doente parecia com menor fôrça de pulso e de calor, passou-se a fazer aplicação de algumas colheres de infusão de pau Pereira adoçada com xarope de avenca: o remédio provocou ligeira tosse. Às 11¼, administrou-se algumas colheres de caldo de galinha, porém a deglutição era mais difícil. À meia-noite, fêz-se aplicação de dois cáusticos na parte interna das coxas, por se notar aumento na congestão cerebral, maiores sintomas de hemiplegia do lado esquerdo, e começo de respiração estertorada com intervalos de sossêgo completo, a ponto de desconfiar-se por momentos da vida do enfêrmo. Em todo êste período da noite conservou-se a respiração intermitente, e o pulso variou de 96 a 108 e 112 pulsações. Deu-se-lhe de nôvo algumas colheres de caldo, e da infusão branda de pau Pereira, e da limonada. Também fêz-se nova aplicação das baetas sinapizadas aos pés, de botijas de água quente aos joelhos para manter o calor; à cabeça aplicou-se o gêlo. Lançou-se mão de um nôvo clister de infusão de valeriana e sal comum, o qual provocou em pouco tempo uma dejecção de fezes denegridas muito fétidas e com um sedimento muito escuro

Dia 5 de Abril — De meia-noite às 4 horas da manhã, continua o coma; nenhum indício de inteligência, nariz frio, e maior abertura da bôca, língua retraída, sêca e rubra, calor intenso na cabeça, pouco nos joelhos e nas mãos, respiração interrompida por intervalos, ora irregular, ora tranqüila, ora precipitada e com estertor ligeiro, grande dificuldade na deglutição; pulso com 108 a 116 pancadas; paralisia bem manifesta do lado esquerdo do corpo; pálpebra e braço contraídos. Coma mais profundo e assinalando completo derramamento, porém ausência de movimentos convulsivos da face e membros, ùnicamente maior inclinação da cabeça para a parte posterior. Continua-se no mesmo tratamento. Às 7 horas, nota-se maior esfriamento do nariz e impossibilidade de ingerir líquidos. Às 8 horas, evacuação alvina denegrida e fedorenta. Faz-se mudança da roupa e limpeza do corpo e leito com água de Labarraque. Às 9 horas, pôde engolir uma colher d'água simples. Às 10 horas e 30 minutos, notou-se que a deglutição era menos difícil, o calor repartido mais igualmente, o pulso com 108 pulsações, o ventre sem meteorismo. A respeito d'inteligência, nada se manifesta que patenteie a acção das funções cerebrais com os objectos exteriores; a

Abril 5

língua mais encolhida do lado esquerdo no interior da bôca; sòmente teve algum movimento das pálpebras no ôlho direito; o braço direito está um tanto contraído. Às 11 horas, a respiração ressoa mais e mais apressada; deu-se-lhe algumas colheres de caldo com dificuldade; nota-se esfriamento da face e do nariz e suor mais desenvolvido nas mãos, conservando ainda certo calor. Ao meio-dia e ¼, a respiração continua precipitada, porém o calor tornou à face e ao nariz, o suor tem aumentado. À 1 hora e 7 minutos, tomou um clister de caldo de galinha. Sustenta-se a reacção febril com a mesma intensidade. No acto de se ir a curar os vesicatórios das coxas, observa-se que ainda não formaram vesículas; reaplicam-se de nôvo. O clister foi logo rejeitado com algumas fezes. Das 7 horas da noite em diante, o doente continuou no coma, ora mais, ora menos profundo, porém o abatimento sempre em aumento; o pulso ora mais, ora menos freqüente, algumas vezes irregular e intermitente; a respiração mais ou menos precipitada e estertorosa; calor diminuído e por vezes suor frio pela face, mãos, peito; esfriamento do nariz e concha das orelhas; deglutição impossível; o doente não faz o menor movimento externo. O facultativo assistente (F. C. Valdetaro) continuou com os excitantes exteriores, e a humedecer-lhe de tempos a tempos a bôca e os lábios com substâncias mucilaginosas e bebidas aciduladas. Assim permaneceu até
Abril 6 às 2½ da madrugada, em que se tornou mais estertorosa a respiração e o pulso linear; mas, êste estado cessou pouco depois; a respiração tornou-se quase insensível e muito espaçada, e a face de hipocrática apresentou-se como risonha: o pulso era quase insensível. O Rev. Pe. Manuel Marcelino, que estava presente, lançou ao enfêrmo a absolvição; e pelas 3 horas da manhã, sem o menor movimento, e cercado de sua amargurada família e consternados amigos, expirou o venerando ancião!!!

Abertura do cadáver, etc.

(Redigido êste diário alternadamente pelos médicos assistentes — 1838. Assinado: Martim Francisco).

(Documento original manuscrito em português, recolhido ao arquivo do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, sob o n.º 4.892, lata 191.)

DE QUE MORREU JOSÉ BONIFÁCIO? (*)

A. DE ALMEIDA PRADO (**)

O diagnóstico retrospectivo da doença, ou doenças, que levaram ao túmulo José Bonifácio, sem embargo das informações recolhidas, dia a dia, em um extenso relatório de 16 páginas de compacta composição manuscrita, só pode ser pôsto em plano conjectural, sem conclusões definitivas.

E, digamos de passagem, mesmo com os recursos de exame de hoje, não seria possível chegar-se à completa identificação do seu quadro clínico dentro de um conceito causal unitário.

O relatório, ou melhor dito, de acôrdo com sua exacta enunciação, o "Diário da enfermidade do Exmo. Sr. José Bonifácio de Andrada e Silva", que me foi presente para esta averiguação póstuma, revive o estado cotidiano do doente e os recursos de assistência médica que lhe foram prestados, com clareza e minúcia.

Deixando de lado as idéias médicas e a terapêutica, as da época, encerra êle, no entanto, dados essenciais para um ensaio de recomposição patológica à luz dos actuais conhecimentos científicos.

Compreende o relato a observação dos doze dias finais do doente, de 26 de Março a 6 de Abril de 1838, o dia da sua morte.

Redigiram o "Diário", alternadamente, os seus médicos assistentes, facto autenticado pela assinatura de Martim Francisco Ribeiro de Andrada, aposta ao relatório.

Êsse período terminal da doença passou-se em Niterói, para onde, já adoentado, com padecimentos físicos engravescentes, veio José Bonifácio, de sua residência de Paquetá, em busca de maiores recursos médicos.

(*) Tentativa de elucidação diagnóstica *post-mortem*.

(**) Professor Catedrático Emérito de Clínica Médica da Faculdade de Medicina da U. S. P.

E, com efeito, todos os grandes clínicos do tempo — Paula Cândido, Maia, Jobim, Octaviano, Costa Guimarães, Queiroz Costa, — intervieram no tratamento do grande brasileiro.

"Quem tem um médico, tem um médico; quem tem dois tem demais; quem tem mais do que isso, não tem nenhum" — reza um dito popular.

No caso de José Bonifácio, como veremos adiante, houve, contudo, quase unanimidade de opinião, quer quanto à doença, quer quanto aos processos terapêuticos empregados.

Deixando de lado outras considerações marginais, vamos nos fixar nos pontos indiscutíveis referidos no "Diário": a existência de estado infectuoso de marcha renitente; o impaludismo, não mencionado por essa denominação, mas freqüentemente citado como "intermitente perniciosa"; infecção erisipelatosa no escroto e nádegas; ocorrência intervalada de profusas hemorragias intestinais, negras e pútridas; hemiplegia esquerda e, finalmente, bom estado de espírito e de inteligência.

Com êsses elementos, vejamos se é possível coordená-los num entrosamento diagnóstico que os abranja a todos.

Nessa base objectiva, comecemos pela hipótese palustre.

O impaludismo, em sua forma aguda, de primeira invasão parasitária, retrata-se por um quadro clínico algo incaracterístico, comandado por febre contínua ou subintrante, e de sintomatologia generalizada sem peculiaridades próprias; num segundo período, intercala-se a forma febril clássica e com grandes arrepios seguidos de abundantes sudações, premonitórias da elevação térmica, e cortejadas pelo aumento volumétrico do baço, surgido a pouco e pouco.

O impaludismo crônico, com quadro anêmico, desnutrição, baço e fígado aumentados, sói aparecer em pessoas mal nutridas, longamente infestadas às vezes desde a adolescência. As reacções de defesa orgânica supervenientes, dominam em parte, de certo modo, a doença, repontando nos equivalentes de fundo palustre — nevralgias, defluxos repetidos com arrepios de frio — espécie de acomodação evolutiva do mal com o seu hospedeiro.

A favor da hipótese palustre no caso falariam apenas a possibilidade, aceita pelos médicos assistentes, de tratar-se de *febre intermitente perniciosa* e a *hemiparalisia facial*, à qual se poderia atribuir origem palustre. Seria, como tantas outras, um episódio neurológico palustre, dentro das formas hemiplégica e monoplégica do neuro-impaludismo.

O facto de a febre não cessar completamente pelo tratamento quinínico, ministrado insistentemente durante o curso da doença, não assume maior relêvo no julgamento etiológico do caso, porque o sulfato de quinino em doses de 6 a 8 grãos, administrado por via oral ou como fricção, associado à pomada estibiada, seria talvez insuficiente para vencer o *Plasmodium imaculatum* da terçã maligna.

Fora dêsses possíveis pontos de contacto, o impaludismo, como factor único do quadro desenrolado no evolver da doença, é por demais insuficiente para conferir-lhe uma raiz causal comum. O doente vinha de Paquetá, lugar salubre por excelência, os seus registos térmicos não denunciavam as fases características, de arrepio inicial, rápida ascensão febril, e grande sudação terminal, clássicas do acesso palustre, e nem há referências às dôres da nuca, sinal que vem desde Hipócrates estigmatizando o quadro sintomatológico do mal.

A infecção de carácter erisipelatóide do escroto e nádegas, em divergência fundamental, marca outra origem etiológica: ao passo que o impaludismo é uma parasitose, a erisipela é uma infecção micróbica.

O organismo humano repele geralmente a coexistência de dois estados mórbidos num mesmo indivíduo, provàvelmente porque não ocorra, senão raríssimamente, mais de um biotipológico numa só pessoa.

Cada qual reage ao acometimento mórbido de acôrdo com suas condições constitucionais.

A febre poderia bem ser conseqüente à infecção erisipelatóide, consignada, de raspão, no "Diário", no relato do dia 29 de Março e em outro passo: "reconheceu-se o desenvolvimento de uma erisipela no escroto e nádegas".

Referências a cataplasmas renovadas do escroto não são acompanhadas de descrições características da espécie patológica. Ora, a placa erisipelatosa destaca-se, em relêvo, dos tecidos circunjacentes, dos quais se separa à vista e ao toque, como uma tumefação dolorosa, rubra e tépida, e de grande actividade invasora. Não se pode afastar por completo a possibilidade dessas manifestações dermatológicas serem conseqüências das cataplasmas.

Quanto à verdadeira natureza do acometimento testicular, surgem dúvidas. Não estaria, quem sabe, em causa, a infecção estafilocócica, de que o furúnculo, e sobretudo o antraz, são conseqüências piodérmicas habituais?

Seja como fôr, nem uma nem outra dessas infecções, explicaria a generalidade da fenomenologia clínica em análise.

Na sintomatologia do quadro intestinal pisa-se em terreno firme. As hemorragias intestinais seis vezes verificadas nos 12 dias de doença — fezes pretas, fétidas, "de côr escura e de cheiro corrupto", não deixam dúvidas, quanto à proveniência, e mesmo quanto à sua origem mórbida.

Essas melenas são manifestações peculiares às lesões altas do tubo digestivo: a úlcera duodenal e o câncer gástrico; a primeira, dada a idade do doente — 75 anos — com muito menor probabilidade, enquanto a do câncer se impõe irrecusàvelmente.

O próprio doente, no seu sofrimento "levando a mão à região do estômago", apontava a sede do seu mal.

Temos, pois, um diagnóstico, de sede e de natureza patológica, perfeitamente destacado no emaranhado quadro clínico em estudo; mas, deixa à parte a febre, a erisipela e o restante conjunto patológico.

Como entrosá-lo na tentativa de ajustar tudo a uma afirmação diagnóstica, por assim dizer, central?

Cabe observar que, no período final da doença, o único registrado no "Diário", não se assinala a precedência, ou a concomitância, do aparecimento das sintomatologias sobrepostas nesse período. Era, pois, uma situação já realizada, sôbre a qual não se poderá assentar o concatenamento da actuação mórbida por impossibilidade de reconstituição anamnéstica.

• • •

Afastada a hipótese palustre, três são, como vimos, as conjunturas mórbidas presentes no quadro geral da doença: estado febril infectuoso erisipelatoso, com localização escrotal e nadegueira, que levamos à conta de invasão estreptocócica, ou, com maior probabilidade, estafilocócica; hemiplegia, com paralisia facial do tipo central, e câncer gástrico.

A hemiplegia esquerda era clássica, embora o exame propedêutico fôsse a êsse respeito muito escasso; mas vem assim assinalada pelos médicos assistentes.

Demais, o doente apresentou, no fim, um sinal característico: a paralisia facial exteriorizada pela projecção da respectiva bochecha no lado acometido, impulsionada pelo movimento expiratório, dando

ao paciente o aspecto de quem fuma cachimbo — *fumer la pipe* — na comparação clássica dos franceses, citada na observação na própria língua gaulesa.

O grande obstáculo exegético reside na demonstração de correlação entre o câncer gástrico e o estado hemiplégico, se é que existe alguma, e, admitindo-a, qual seria o ponto de partida da possível interrelação, do cérebro para o estômago, ou dêste para aquêle.

Esta questão foi proposta na época por um dos médicos assistentes de José Bonifácio, o Dr. Jobim, que a formulou nos seguintes têrmos, em discórdia com os demais clínicos que acompanhavam o caso: na sua opinião estava-se em face de "uma congestão cerebral com derrame seroso nos ventrículos do cérebro", e não de febre intermitente perniciosa, conforme opinião da maioria.

Na primeira hipótese, como poderia um câncer cerebral dar metástase gástrica, ou inversamente, um câncer gástrico dar metástases cerebrais? A propagação dêste ao peritôneo e ao epíploon é bem conhecida; mas metástases em outros tecidos e órgãos são muito mais raras. O círculo inverso de propagação, do cérebro para o estômago, nem sei se existe exemplo patológico. Além disso, o câncer secundário do estômago é absolutamente excepcional.

Mas, à parte a tentativa de aproximação dos dois estados por causalidade comum, o quadro hemiplégico, considerado isoladamente, é de difícil acesso diagnóstico causal.

O síndrome hemiplégico vincula-se ordinàriamente ou a processo hemorrágico, ou a compressão tumoral, ou, raramente, à artério-esclerose cerebral.

A hemorragia e a compressão tumoral, parecem-nos fora de cogitação.

Resta o ateroma, elemento condicionador da hemiplegia dos velhos, por amolecimento cerebral. E José Bonifácio foi até o fim de seus dias em perfeito estado mental de entendimento e de ânimo. As suas faculdades de inteligência e de raciocínio permaneceram intactas até à véspera da morte.

De sorte que desta inócua explanação, se não alcançamos o intento do diagnóstico por inteiro, uma cousa ficou de pé: o diagnóstico da verdadeira causa mediata de morte, o câncer do estômago. Foram as profusas e freqüentes sangrias intestinais que o levaram ao túmulo.

• • •

Ao encerrarmos estas páginas, queremos agradecer ao nosso eminente colega, o Dr. Edgard de Cerqueira Falcão, o honroso convite para com êle colaborar, embora modestíssimamente, nesta obra gigantesca, sem precedentes no meio nacional: a publicação em "*Opera Omnia*", de tudo quanto se refere à vida e à produção escrita de José Bonifácio, sem dúvida o maior brasileiro de todos os tempos.

Nesta fabulosa exumação, José Bonifácio ressurge à luz da evocação histórica como se vivo fôra, e de nôvo esplende na sua inteira grandeza ante os olhos maravilhados da geração de hoje.

ESTADA EM FREIBERG

DOCUMENTOS DO INGRESSO DE JOSÉ BONIFÁCIO DE ANDRADA E SILVA E EMANUEL FERREIRA DA CÂMARA NA "BERGAKADEMIE" DE FREIBERG – 1792

VIKTOR LEINZ (*)

Neste ano do bicentenário do nascimento de José Bonifácio, inúmeros trabalhos e artigos reavivam a memória dêste grande brasileiro e cientista. Nossa nota, pretendendo apenas expressar uma pequena homenagem a êsse admirável pesquisador, focaliza alguns aspectos da matrícula dêle e de seu colega Câmara na célebre Escola de Minas de Freiberg.

A nosso pedido essa escola bissecular fêz uma busca nos arquivos e remeteu-nos 15 facsímiles referentes ao registro daqueles dois brasileiros na escola. Por esta grande gentileza, apresentamos nosso agradecimento à Direcção da "Bergakademie".

A 20 de Setembro de 1792, dois jovens brasileiros, Emanuel Ferreira da Câmara e José Bonifácio, ambos com 29 anos de idade, apresentaram um requerimento ao Conselho de Minas da Saxônia (Doc. n.º 1), solicitando autorização para visitar a mineração e freqüentar a Academia Montanística.

Nesse requerimento, escrito em francês, esclarecem que, pela sua Embaixada em Paris foram mal informados, tendo assim dirigido o pedido inicial a instância errada, mas, para não perderem mais tempo, rogam benevolência e vênia para tal permissão, já que, como bolsistas da Côrte de Portugal, estão altamente interessados

(*) Professor Catedrático de Geologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da U. S. P.

em mineralogia. Convém lembrar que os dois brasileiros saíram de Paris justamente no momento em que a revolução francesa entrava na sua fase sangrenta, com a tomada das Tulherias (10 de Agosto de 1792) e subseqüentes julgamentos, etc.

Freiberg, situada numa região de mineração multissecular, possuia então a primeira "Escola de Minas" da Europa, fundada em 1765, famosa pelo seu excelente corpo docente, como também pela possibilidade de estágios nas minerações e metalurgias da vizinhança.

O requerimento dos dois brasileiros foi encaminhado no dia 22 de Setembro, pelo Serviço Mineiro Superior de Freiberg, ao "Churfürst" da Saxônia, capital Dresden, pelo correio comum. "Churfürst" traduzido como "Eleitor" da Saxônia era um dos 8 príncipes reinantes que tinham o direito de eleger o Imperador "alemão" (Doc. II).

A 5 de Outubro, o príncipe eleitor, por intermédio do Conde de Wallwitz (Doc. III), dá autorização aos dois requerentes para visitarem as minas e instalações metalúrgicas da região. Exclui, todavia, as minas de cobalto e arsênico, e as fábricas de tintas azuis.

As "tintas azuis", provenientes da mineração do cobalto, eram então muito procuradas, principalmente para colorir a porcelana, tão célebre justamente na Saxônia (Meissen, onde Böttcher em 1708 redescobriu sua fabricação).

O arsênico foi também explorado na Saxônia, seja sob forma nativa ou combinada, principalmente com cobalto.

A proibição da visita a essas instalações lembra o receio da "espionagem industrial", ainda hoje em voga.

O govêrno eleitoral permitiu que os brasileiros assistissem às aulas na Academia Montanística, naturalmente mediante pagamento dos honorários devidos aos professores.

Ainda hoje é praxe professores de Universidade receberem honorários de cada aluno por disciplina na qual êstes se inscrevam: são os chamados "Kolleggelder".

A permissão dada pela Côrte de Dresden é então comunicada por escrito, não só aos professores interessados, como também aos diferentes serviços oficiais de minas e metalurgias.

O ofício de autorização é transmitido em forma de 2 cópias distintas. No ofício do Doc. III são citados no cabeçalho os principais títulos do "Eleitor da Saxônia", enquanto no do Doc. IV consta apenas o título principal.

Os ofícios subseqüentes dirigem-se às diferentes instituições e interessados, comunicando a decisão do príncipe eleitor. O Doc. V, do serviço mineiro superior, apresenta a assinatura, entre outras, do célebre mineralogista "pai da geologia", Abraham Gottlob Werner. Aliás, A. G. Werner possui ainda relação com o Brasil pela chamada "Colecção Werner", actualmente pertencente ao Museu Nacional. A coroa portuguesa teve grande colecção mineralógica. Foi Antônio de Araújo e Azevedo, futuro Conde da Barca, que comprou a colecção pertencente a "Freiherr" Pabst von Ohein na Alemanha. Por ordem da coroa portuguesa pagou o preço de 12 contos de réis, soma respeitável para o fim do século XVIII.

A classificação e organização desta colecção foi anteriormente realizada pelo pai da mineralogia moderna, A. G. Werner, que leccionava em Freiberg, escola de minas alemã. Êste cientista alemão foi o introdutor do primeiro sistema racional no mundo mineral, cujas bases ainda hoje são válidas. A colecção assim organizada, catalogada e ligeiramente descrita pelo maior mineralogista da sua época, é conhecida ainda hoje por "Colecção Mineralógica Werner". Contava originalmente cêrca de 3.200 peças, representando pràticamente tôdas as espécies de minerais então conhecidas. Ainda possuia exemplares representativos das variações de côres, hábitos, formas, etc.

Os Docs. VI, VII e VIII correspondem à comunicação desta autorização, dada pelo príncipe eleitor, às diferentes instituições interessadas.

O nome de José Bonifácio é sempre escrito na forma francesa, como aliás já consta no próprio requerimento.

No dia 13 de Outubro de 1792 é expedida a comunicação desta permissão aos professores Werner e Lampe como também aos dois bolsistas da Câmara e d'Andrada (Docs. IX, X e XI).

A êstes dois são ainda comunicadas as custas.

No dia 13.X.1792 é expedida em Freiberg a Comunicação da permissão e o rol das despesas aos interessados "da Camara" e "d'Andrada". Minuciosamente são aí enumerados as custas dos bolsistas, cópias, registros e despesas de remessa.

No dia 18 de Outubro — quase um mês após entrega do requerimento — os dois bolsistas pagaram o total de oito Thalers, como custas de inscrição, para a qual a chancelaria da academia deu quitação. Êstes oito Thalers deveriam corresponder então aproximadamente a 8 Dólares ou 8 grs. de ouro, muito valioso nessa época.

Deve-se ressaltar que êste recibo correspondia apenas às taxas oficiais e não inclui os honorários dos professores, o que mostra que os estudos universitários naquela época não eram baratos e tinham que ser pagos pelos interessados, como aliás ainda actualmente é praxe, na maioria das Universidades.

Esta pequena nota nos leva a um mundo escolar já muito distante, mas os nomes de alguns professores como Werner e Lampe (Lamparice) ainda hoje soam bem e os dois bolsistas brasileiros muito se aplicaram no seu estágio, tornando-se na Pátria grandes homens a merecerem o nosso respeito e admiração.

DOCUMENTOS ORIGINAIS
DA
"BERGAKADEMIE" DE FREIBERG

(REPRODUÇÕES FACSIMILARES)

praes: 21 Sept. 1792 105.

1105.

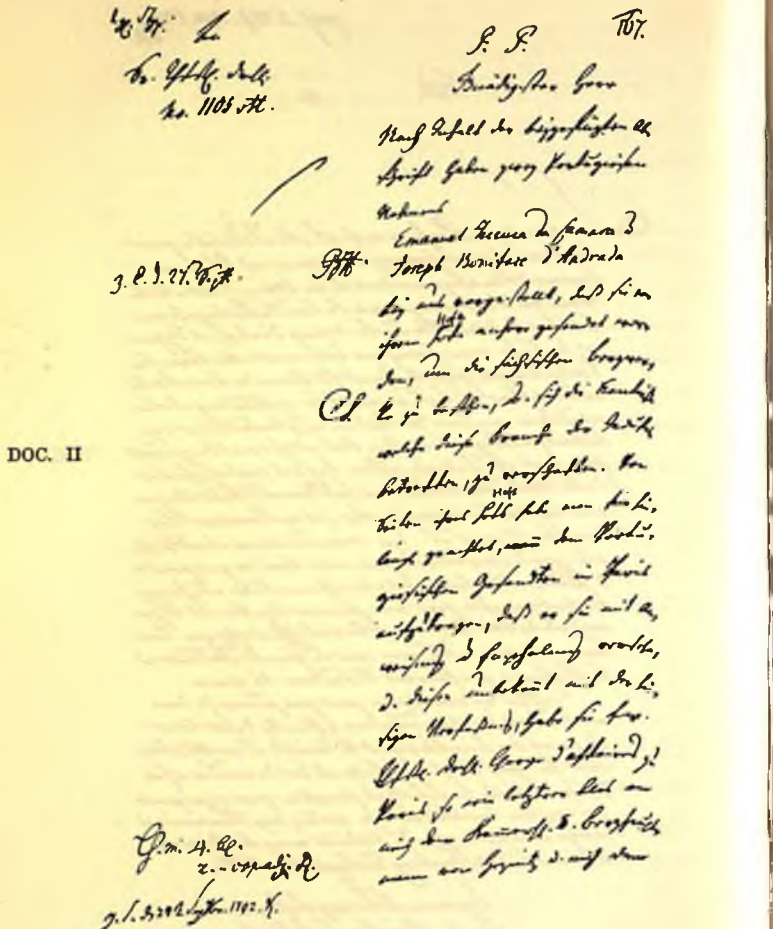
Les sous signés Pensionaires de S. M. T. Fidelle pour la Mineralogie et travaux des Mines ont l'honneur de presenter au Supreme Conseil des Mines de S. A. Electorale qu'étant envoyés par la Cour de Portugal avec le destin de visiter toutes les Mines de Saxe, et d'y puiser toutes les connaissances que concernent cette branche d'industrie, elle jugea suffisant d'ordonner a son Ambassadeur a Paris de leur procurer les instructions et recommandations necessaires a ce but — L'Ambassadeur ne sachant pas l'usage de ce Pais s'est adressé au Chargé d'affaires de S. A. Electorale a Paris, lequel crut suffisant de les recommander a Monsieur le Baron d'Heinitz premier Capitain des Mines de Saxe, et a Monsieur le Conseiller Werner — Ces recommandations etant de la plus grande importance pour avoir tout ce que peut de plaindre et des bontés et de connaissances de les Messieurs ne sont pas assez pour leur procurer legalement la permission de voir les mines et les etablissements que leurs concernent et en outre pour avoir la faculté d'entendre les Professeurs que forment l'Academie des Mines.

Dans ces circonstances pour pas perdre du tems en attendant des recommandations officielles de leur Cour ils prient tres humblement le Conseil de mettre devant les yeux de S. A. Electorale leur demande afin d'obtenir toutes les libertés et franchises qu'on a jusqu'ici par une tres louable coutume accordées aux Pensionnaires et envoyés dans ce pais par des Nations amies et alliées avec le meme but. Freiberg 20 Septembre 1792

Emmanuel Ferreira da Camara
Joseph Bonifacio d'Andrada

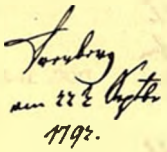
DOC. I

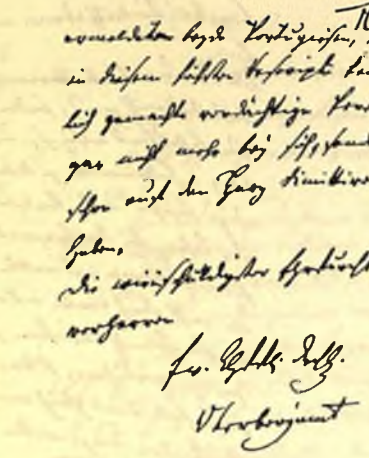
DOC. II

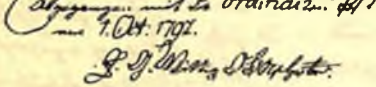


DOC. II-A

DOC. II-B



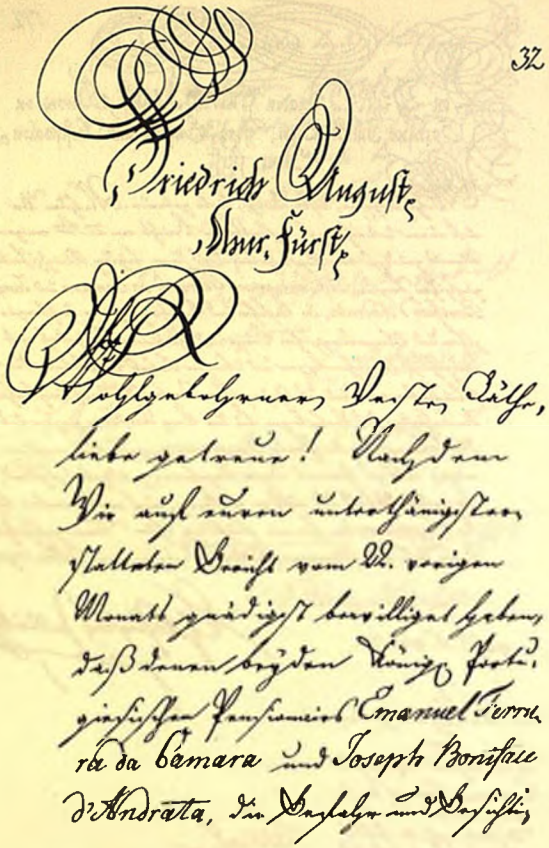




172.

Von Gottes Gnaden Friedrich August, Herzog zu Sachsen, Jülich, Cleve, Berg, Engern und Westphalen, Churfürst,

DOC. III



32

Friedrich August
Chur Fürst

Wohlgebohrner Vester Räthe,
liebe getreue! Nachdem
Wir auf euren unterthänigsten
stattaten Bericht vom 22. vorigen
Monats gnädigst bewilliget haben,
daß denen beyden Königl. Portu-
giesischen Pensionairs Emanuel Ferrer-
ra da Camara und Joseph Boniface
d'Andrata, die Gefahr und Gesichti-

praes. d. 10. Oct. 1792.

DOC. IV

gung der Freybergischen und
Obergebirgischen Berg- und Hüt-
tenwerke, jedoch mit Ausschluß
des Schneeberger und übrigen
Kobald Bergbaues, der Blaufarben-
Werke und des Geyerschen Ar-
senik Werks, ingleichen die Anhörung DOC. IV-A
der Vorlesungen bey der Bergaiz-
demie, gegen das den Lehrern
zu entrichtende Honorarium ge-
stattet werden möge; Als ist
hiermit Unser Begehren, gnä-
digst befehlend, ihr wollet des-

33.

halb das nöthige verfügen, auch
vorbenannten beyden Supplicanten
hiervon Eröffnung thun. Daran &c
Datum Dresden, den 5ten Octbr.
1792.

DOC. IV-B

Ch. Graf von Wallwitz.

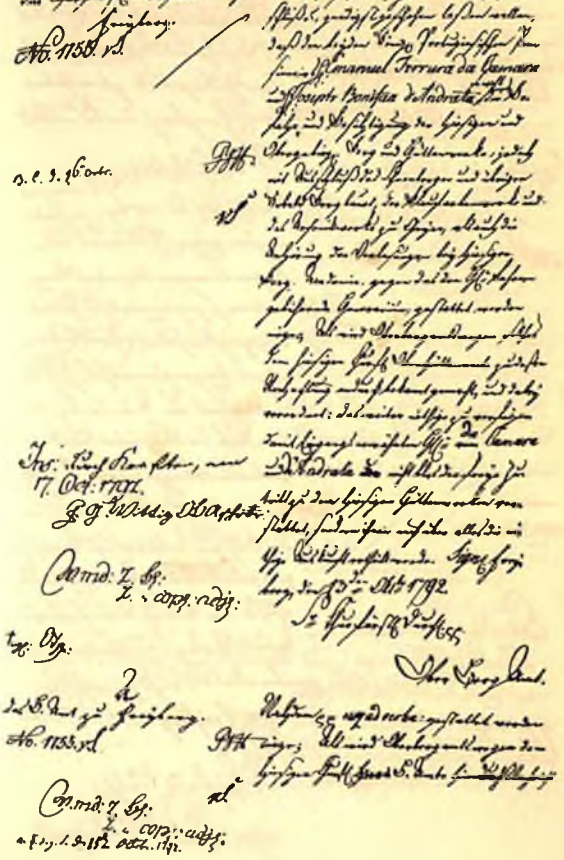
An
das Ober-Berg-Amt
zu Freyberg

Ernst Amadeus Martini.

DOC. V

DOC. V-A

DOC. VI

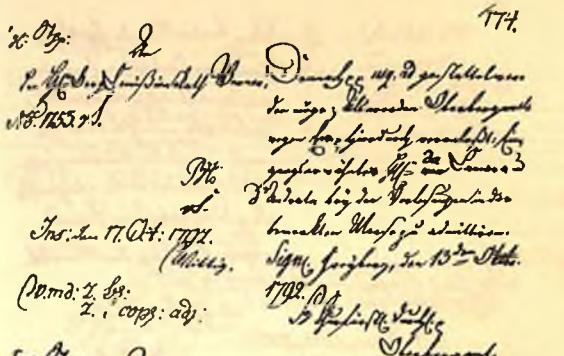


DOC. VII

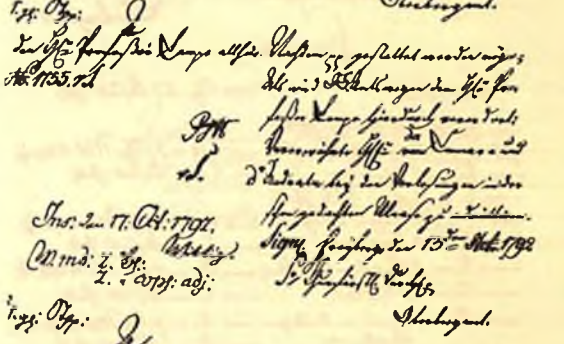
DOC. VII-A

DOC. VIII

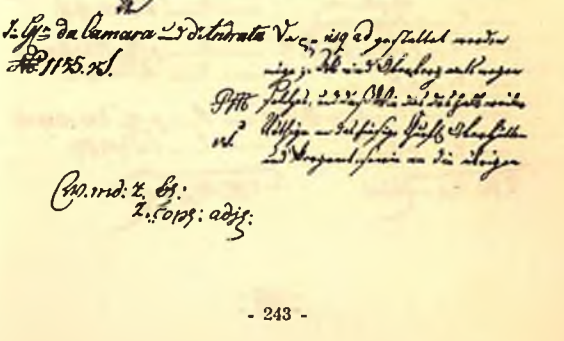
DOC. IX



DOC. X

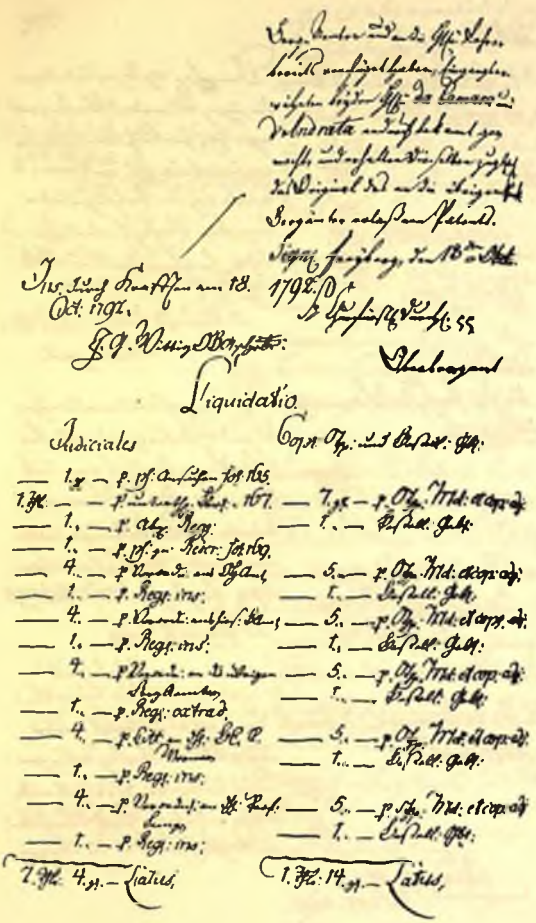


DOC. XI



DOC. XI-A

DOC. XII



- 244 -

175.

Judiciales.	Copt. Obj. und Bestell. Gebr.
2. Thl. 4 gr. — Transport	1. Thl. 14 gr. — Transport,
— 4. — p. [illegible]	— 5. — p. Obj. Md. et cop. adj.
— 1. — p. Regl. ins.	— 1. — [illegible]
	— 2. — p. 6. Lingv. et Mund.
2. Thl. 9 gr. — Fa.	1. Thl. 22 gr. — Fa.

DOC. XII-A

Einnahme:

— 4 gr. — [illegible]

2. Thl. 15 gr. — [illegible]

2. Thl. 19 gr. — Fa.

[illegible] da Camara und d'Andrada [illegible] Inscriptions. [illegible] academischen [illegible] 18 Octob. 1792.

[illegible]

SEQUÊNCIA DOS DOCUMENTOS RELATIVOS À ESTADA EM FREIBERG E À VISITA AS MINAS SAXÔNICAS.

I

Les sous signés, Pensionnaires de S. M. T. Fidèle pour la Minéralogie et travaux des Mines, ont l'honneur de présenter au Suprême Conseil des Mines de S. A. Électorale qu'étant envoyés par la Cour de Portugal avec le destin de visiter toutes les Mines de Saxe, et d'y puiser toutes les connaissances que concernent cette branche d'industrie, elle jugea suffisant d'ordonner à son Ambassadeur à Paris de leur procurer les instructions et recommandations nécessaires à ce but. — L'Ambassadeur, ne sachant pas l'usage de le Pays, s'est adressé au Chargé d'affaires de S. A. Électorale à Paris, le quel crut suffisant de les recommander à Monsieur le Baron d'Heynitz, premier Capitain des Mines de Saxe, et à Monsieur le Conseiller Werner. — Les recommandations étant de la plus grande importance pour avoir tout ce qui peut dépendre et des bontés et des connaissances de les Messieurs, ne sont pas assez pour leur procurer légalement la permission de voir les mines et les établissements qui leur concernent et en outre pour avoir la faculté d'entendre les Professeurs que forment l'Académie des Mines.

Dans ces circonstances pour pas perdre du temps en attendant des recommandations officielles de leur Cour, ils prirent très humblement le conseil de mettre devant les yeux de S. A. Électorale leur demande afin d'obtenir toutes les libertés et franchises qu'on a jusque ici par une très louable coutume accordées aux Pensionnaires et envoyés dans le pays par des Nations amies et alliées avec le même but. Freiberg, 20 Septembre 1792.

Emmanuel Ferreira da Camara
Joseph Boniface d'Andrada

An Sr. Churft. Durchl. N.° 1155 vs.

P.P.

Gnädigster Herr

Nach Inhalt der beigefügten Abschrift haben zwey Portugiesen Nahmens Emanuel Ferrura da Camara u. Joseph Boniface d'Andrada bey uns vorgestellt, dass sie von ihrem Hofe anhero gesendet worden, um die sächsischen Bergwerke zu befahren, u. sich die Kenntnisse welche diese Branche der Industrie betreffen, zu verschaffen. Von Seiten ihres Hofs habe man für hinlängl. geachtet, dem Portugiesischen Gesandten in Paris aufzutragen, dass er sie mit Anweisung u. Empfelung versehe, u. dieser unbekannt mit der hiesigen Verfassung habe sie Ew. Chfstl. Durchl. Charge d'affaires zu Paris so wie letzterer blos an mich den Kammerhr. u. Berghauptmann von Heynitz u. auch dem Berg-Commissionsrath Werner empfohlen.

Da sie nunmehr aber vernommen, dass diess nicht genügt, sondern höchste Erlaubniss nöthig sey, um die Berg u. Hüttenwerke zu befahren u. zu besehen u. die Vorlesungen der Lehrer bey der Bergacademie hören zu können; so wollten sie um nicht durch Warten auf officielle Empfehlung von ihrem Hofe Zeit zu verlieren, bitten, ihnen diese Erlaubniss gleich andern Ausländern auszuwirken.

Wie sich nun dagegen einiges Bedenken nicht findet; als ermangeln wir auch nicht Ew. Chfstl. Durchl. solches unterth. anzuzeigen, u. um die gesuchte Erlaubniss gehorsamst zu bitten, wobey jedoch ich der Kammerhr. u. Berghauptmann von Heynitz in pflichtschuldigster Befolgung des unterm 15ten May d.J. an mich erlassenen höchsten Rescripts annoch Ehrenbietigst zu bemerken habe, dass ermeldete beyde Portugiesen, die in diesem höchsten Rescripte kentlich gemachte verdächtige Person gar nicht mehr bey sich, sondern schon auf den Harz dimittiret haben.

Die wir in schuldigster Ehrfurcht verharren

Ew. Chrfstl. Drchl.
Oberbergamt

Freyberg am 22ten Septbr. 1792.

Abgegangen mit der ordinairen Post am 1. Oct. 1792.

J.(?)G. Wittig OBAschrbr.

III

172

Von Gottes Gnaden Friedrich August, Herzog zu Sachssen, Jülich, Cleve, Berg, Engern und Westphalen etc.

Chur-Fürst

Wohlgebohrene, Werthe, Räthe, Liebe getreue. Nachdem Wir auf euren unterthänigst erstatteten Bericht vom 22.sten vorigen Monats gnädigst bewilliget haben, dass denen beyden Königl. Portugiesischen Pensionairs, Emmanuel Ferrura da Camara und Joseph Boniface de Andrata, die Befahr- und Besichtigung der Freybergischen und Obergebürgischen Berg= und Hüttenwerke, jedoch mit Ausschluss des Schneeberger und übrigen Kobald Bergbaues, der Blaufarbenwerke und des Geyerschen Arsenick=Werks, ingleichen die Anhörung der Vorlesungen bey der Berg Academie gegen das den Lehrern zu entrichtende Honorarium, gestattet werden möge; Als ist hiermit Unser Begehren, gnädigst befehlend, ihr wollet deshalb das nöthige verfügen, auch vorbennanten beyden Supplicanten hiervon Eröfnung thun. Daran geschieht Unser Wille und Meinung. Datum, Dresden, den 5. Octbr. 1792.

G. M. Graf von Wallwitz

praes. d. 10.ten Octbr. 1792

An das Ober=Berg Amt zu Freyberg, die den beyden Portugiesen Emmanuel Ferrura da Camara und Joseph Boniface d'Andrata ertheilte Erlaubniss zu Befahr= und Besichtigung der Berg= und Hüttenwerke und was dem anhängig betr. 1155 vS. Ernst Amadeus Martini.

IV

32

Friedrich August, Chur=Fürst etc.

Wohlgebohrene, Werte, Räthe, liebe getreue! Nachdem Wir auf euren unterthänigst erstatteten Bericht vom 22. vorigen Monats gnädigst bewilliget haben, dass denen beyden König. Portugiesischen Pensionairs Emanuel Ferrura da Camara und Joseph Boniface d'Andrata, die Befahr und Besichtigung der Freybergischen und Obergebirgischen Berg= und Hüttenwerke, jedoch mit

Ausschluss des Schneeberger und übrigen Kobald Bergbaues, der Blaufarben=Werke und des Geyerschen ArsenickWerks, ingleichen die Anhörung der Vorlesungen bey der Bergacademie, gegen das den Lehrern zu entrichtende Honorarium gestattet werden möge; Als ist hiermit Unser Begehren, gnädigst befehlend, ihr wollet deshalb das nöthige verfügen, auch vorbenannten beyden Supplicanten hiervon Eröfnung thun. Daran etc.

Datum Dresden, den 5.ten Octbr. 1792.

G.A(?) Graf von Wallwitz

An das Ober=Berg=Amt zu Freyberg.

Ernst Amadeus Martini

V

31

Hochedelgebohrener Herr,

Hochgeehrtester Herr Berg=Commissions=Rath.

Demnach Sr. Churfürstl. Durchl. zu Sachssen, unser gnädigster Herr, Innhalts des abschriftlichen Beschlusses, gnädigst geschehen lassen wollen, dass den beyden Königl. Portugiesischen Pensionairs Herrn Emmanuel Ferrura da Camara und Herrn Joseph Boniface d'Andrata sowohl die Befahr= und Besichtigung der hiesigen und Obergebürgischen Berg= und Hüttenwerke, jedoch mit Ausschluss des Schneeberger und übrigen Kobald=Bergbaues, der Blaufarbenwerke und des Arsenickwercks zu Geyern, als auch die Anhörung der Vorlesungen bey hiesiger Berg=Academie, gegen das den Herren Lehrern gebührende Honorarium, gestattet werden möge; Als werden Ober=Berg=Amt wegen Ew. Hochedelgeb. hierdurch veranlasst, Eingangserwähnte Herren da Camara und d'Andrata bey den Vorlesungen in dem vermerkten Maase zu admittiren.

Sign. Freyberg, den 13. Octobr. 1792.

Sr. Chur=Fürstl. Durchl. zu Sachssen verordnetes
Ober=Berg=Amt

und

Ew. Hochedelgeb. dienstergebene

G.M.B. von Heynitz
? von Schirnding
? Freyherr von ??
A. G. Werner

VI

An das Churfürstl. Oberhütten Amt zu Freyberg No. 1155 vS.

Da Sr. Churfl. Durchl. etc. Inhalts des abschriftl. Beschlusses gnädigst geschehen lassen wollen, dass den beyden Königl. Portugiesischen Pensionairs Hr. Emanuel Ferrura da Camara und Joseph Boniface d'Andrata sowohl die Befahr= und Besichtigung der hiesigen und Obergebirg. Berg und Hüttenwerke, jedoch mit Ausschluss des Schneeberger und übrigen Kobald Bergbaues, der Blaufarbenwerke und des Arsenickwerks zu Geyer, als auch die Anhörung der Vorlesungen bey hiesiger Berg=Academie, gegen das den Hr. Lehrern gebührende Honorarium, gestattet werden möge; Als wird Oberbergamtswegen solches dem hiesigen Churfl. Oberhüttenamt zu dessen Nachachtung andurch bekannt gemacht, und dabey verordnet; das weiter nöthige zu verfügen, damit Eingangserwähnten Hr. da Camara und d'Andrata nicht blos der freye Zutritt zu den hiesigen Hüttenwerken verstattet, sondern ihnen auch über alles die nöthige Auskunft ertheilt werde. Sign. Freyberg, den 13.den Octbr. 1792.

Sr. Churfürstl. Durchl. Ober Berg Amt.

VII

An das B. Amt zu Freyberg. No. 1155 vS.

Nachdem etc. etc. usquad verba: gestattet werden möge; Als wird Oberbergamtswegen dem hiesigen Churfl. B.Amte hierdurch Nachricht ertheilt, und dabey verordnet: Eingangserwähnten beyden Hrn. da Camara und d'Andrata die gebetene Erlaubnis zu Befahr und Besichtigung der hiesigen Grubengebäude zu ertheilen.

Sign. Freyberg, den 13.den Octbr. 1792.

VIII

Patent an sämtl. Curfl. Bergämter. No. 1155 vS.

Da etc. etc. usq. ad verba: gestattet werden möge; Als wird Oberbergamtswegen denjenigen Berg-Ämtern, so gegenwärtiges Patent vorgezeigt erhalten, hierdurch verordnet: Eingangserwähnte

Hrn. da Camara und d' Andrata bei den ihrer, der Bergämter Aufsicht anvertrauten Berggebäuden, Poch=...?.. u.andern MaschinenWerken, nebst den diesfallsigen Arbeiten und Verrichtungen, jedoch mit dem schon erwähnten Ausschlusse der Kobald, Blaufarben und Arsenick Werke zu admittiren, und ihnen über alles Auskunft zu ertheilen.

Sign. Freyberg, den 13.den Octbr. 1792.

Sr. Churfürstl. Durchl. Oberbergamt

IX

174.

An den Hrn. BergCommissionsRath Werner

No. 1155 vS.

Demnach etc. etc. usq. ad. gestattet werden möge; Als werden Oberbergamtswegen Ew. etc. hierdurch veranlasst: Eingangserwähnte Hrn. da Camara u. d'Andrata bey den Vorlesungen in dem bemerkten Maase zu admittiren.

Sign. Freyberg, den 13.den Octbr. 1792.

Sr. Churfürstl. Durchl. Oberbergamt.

X

An den Hrn. Professor Lampe allhier. No. 1155 vS.

Nachdem etc. etc. gestattet werden möge; Als wird OBAmtswegen dem Hrn. Professor Lampe hierdurch verordnet: Vorerwähnte Hrn. da Camara und d'Andrata bey den Vorlesungen in dem schon gedachten Maase zu admittiren.

Sign. Freyberg, den 13.den Octbr. 1792.

Sr. Churfürstl. Durchl. Oberbergamt.

XI

An die Hrn. da Camara und d'Andrata. No. 1155 vS.

Da etc. etc. usq. ad gestattet werden möge; Als wird Oberbergamtswegen solches, und dass Wir das deshalb weiter Nöthige an das hiesige Churfl. Oberhütten und Bergamt, sowie an die übrigen Berg=Ämter und an die Hern. Lehrer bereits verfüget haben,

Eingangserwähnten beyden Hrn. da Camara und d'Andrata andurch bekannt gemacht, und erhalten dieselben zugleich das Original des an die übrigen Churfl. Bergämter erlassnen Patents.

Sign. Freyberg, den 13. Octbr. 1792.

Sr. Churfürstl. Durchl. etc. etc. Oberbergamt

XII

Liquidatio

Indicialen		Cop. 7und Bestell: Geb:	
— 1 gr.	— p. ph: Ansuchen fol. 165		
1 Thlr.	— p. unterthl. Verl. 167	— 7 gr.	— p. .....7..7.. et cop. ad.
— 1 "	— p. Ab. Reg.	— 1 "	— Bestell: Geb:
— 1 "	— p. ph. zu Rescr: fol: 169		
— 4 "	— p. Verordn: ans OHAmt	— 5 "	— p. ? ? et cop: ad:
— 1 "	— p. Reg: ins:	— 1 "	— Bestell: Geb:
— 4 "	— p. Verordn: ans hies: BAmt	— 5 "	— p. ? ? et cop: ad:
— 1 "	— p. Reg: ins:	— 1 "	— Bestell: Geb:
— 4 "	— p. Verordn: an die übrigen Bergämter	— 5 "	— p. ? ? et cop: ad:
— 1 "	— p. Reg: extrad:	— 1 "	— Bestell: Geb:
— 4 "	— p. Litt. an Hrn. B.C.R. Werner	— 5 "	— p. ? ? et cop: ad:
— 1 "	— p. Reg: ins:	— 1 "	— Bestell: Geb:
— 4 "	— p. Verordn: an Hrn. Prof: Lampe	— 5 "	— p. ? ? et cop: ad:
— 1 "	— p. Reg: ins:	— 1 "	— Bestell: Geb:
2 Thlr. 4 gr.	Latus	1 Thlr. 14 gr.	Latus

Indicialen		Cop. 7und Bestell: Geb:	
2 Thlr. 4 gr.	— Transport	1 Thlr. 14 gr.	— Transport
— 4 "	— p. Ausfert: an die Hrn. Portugiesen	— 5 "	— p. ? ? et cop: ad:
		— 1 "	— Bestell: Geb:
— 1 "	— p. Reg: ins:	— 2 "	— p. h. Liq: et Mund:
2 Thlr. 9 gr.	— Sa:	1 Thlr. 22 gr.	— Sa:

Hierüber:

— 4 gr. — verlegt Postgeld und

2 Thlr. 15 gr. — Geh: Finanz=Cantzley=Sportulen

2 Thlr. 19 gr. — Sa:

Acht Thaler — von den beyden Portugiesen Hrn. da Camara und d'Andrata erlegtes Inscriptions=Geld, habe zur academischen Casse richtig erhalten, den 18.Octbr:1792.

L. F. Fischer

VERSÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA DOS DOCUMENTOS LIGADOS À ESTADA DE JOSÉ BONIFÁCIO NA "BERGAKADEMIE" DE FREIBERG.

I

Os abaixo assinados, subvencionados por S. M. Fidelíssima para estudar mineralogia e observar os trabalhos nas minas, têm a honra de expor, ao Conselho Supremo das Minas de S. M. Eleitoral, que, havendo sido enviados pela Côrte de Portugal com a finalidade precípua de visitar tôdas as minerações da Saxônia, e de colher ensinamentos completos concernentes a êsse ramo de indústria, julgou aquela suficiente determinar ao seu Embaixador em Paris que lhes desse instruções e recomendações com tal objectivo. O Embaixador, ignorando os usos dêste país, dirigiu-se ao Encarregado de Negócios de S. A. Eleitoral em Paris, o qual, por sua vez, imaginou bastar recomendá-los ao Sr. Barão de Heynitz, chefe principal (capitão) das minas da Saxônia, e ao Sr. Conselheiro Werner. Semelhantes recomendações, sendo da mais alta importância para conseguir tudo quanto dependia da boa vontade e dos conhecimentos dêsses Senhores, não foram, todavia, bastantes para alcançar legalmente a permissão de visitar as minas e os estabelecimentos a elas concernentes, e bem assim para proporcionar-lhes a faculdade de assistir às aulas dos professores que constituem a Academia das Minas.

Em tais circunstâncias, para não perderem mais tempo em solicitar novas recomendações oficiais à sua Côrte, tomaram mui respeitosamente a deliberação de pôr diante das vistas de S. A. Eleitoral o seu pedido no sentido de obterem tôdas as liberdades e franquias que até agora, por um louvável entendimento, têm sido

concedidas aos pensionistas e enviados a êste país por nações amigas e aliadas, com a finalidade supramencionada.

Freiberg, 20 de Setembro de 1792.

(aa) Emanuel Ferreira da Câmara
José Bonifácio d'Andrada

II

Magnânimo Senhor

De acôrdo com a cópia anexa, representaram-nos dois portugueses, de nomes Emanuel Ferreira da Câmara e José Bonifácio d'Andrada, que vieram até aqui, comissionados pela sua Côrte, a fim de visitar as minas saxônicas e adquirir conhecimentos relativos a essa indústria.

Desconhecendo os nossos regulamentos, o Embaixador de Portugal em Paris, ao qual a Côrte de Lisboa incumbira de provê-los das instruções necessárias, julgou suficiente recomendá-los ao Encarregado de Negócios de V. Alteza naquela cidade, o qual, por sua vez, se limitou a apresentá-los a mim, o camarista e capitão de minas von Heynitz, e também ao conselheiro de minas Werner.

Cientificados agora de que isso não era bastante, tornando-se imprescindível licença de V. Alteza para poderem visitar as minas e assistir às aulas dos professores na academia montanística, e para não perderem mais tempo, aguardando recomendações oficiais de sua Côrte, solicitam permissão idêntica à dada a outros estrangeiros.

Como não vimos nisso qualquer inconveniente, não nos omitimos de comunicá-lo a V. Alteza e solicitar submissamente a permissão requerida.

Em observância, entretanto, ao ofício superior de 15 de Maio do ano corrente, que me foi dirigido, cumpre a mim, o camarista e capitão de minas von Heynitz, declarar respeitosamente que já não acompanha os dois portugueses em aprêço, a pessoa suspeita mencionada no sobredito ofício, pois foi ela afastada no Harz (*).

(*) Consoante se depreende da leitura dos documentos em análise, o terceiro pensionista português, Fragoso, não obteve permissão para visitar as minas saxônicas, nem para matricular-se na *Bergakademie* de Freiberg. Todavia, vamos encontrar mais tarde, no Doc. XVI, inserto na série dos quarenta e dois originais, referência nominal à pessoa dêle, como um dos dois companheiros de Câmara, aos quais foi permitida, oficialmente, pelas autoridades superiores mineiras sediadas em Neüsohl, a entrada nas minas e estabelecimentos metalúrgicos da Áustria. (Nota de E. C. F.)

Permanecemos com as devidas reverências.

Departamento Mineiro Superior

Freiberg, 22 de Setembro de 1792.

Remetido com o correio ordinário em 1.º de Outubro de 1792.

(a) J. G. Wittig
Escrivão do Serviço Mineiro Superior

III

Por graça de Deus, Friedrich August, Duque da Saxônia, de Jülich, Cleve, Berg, Engern e Westphalen, etc.

Príncipe Eleitor

Ilustres, estimados conselheiros, queridos fiéis.

Baseados na vossa comunicação de 22 do mês passado, houvemos por bem permitir aos dois bolsistas portugueses, Emanuel Ferreira da Câmara e José Bonifácio d'Andrada, a entrada e visita às minas e metalurgias de Freiberg e das Montanhas Metalíferas, excluindo, contudo, dêste consentimento as minas de cobalto de Schneeberg e outras, bem como as fábricas de tintas azuis e de arsênico de Geyer, e permitindo ainda assistirem às aulas da Academia Montanística, mediante o pagamento dos honorários devidos aos professores.

Sendo êste nosso desejo, ordenamos que providencieis o necessário e cientifiqueis aos dois requerentes. Isto é nossa vontade e parecer.

Dado em Dresden, 5 de Outubro de 1792.

(a) Conde de Wallwitz

Ao Serviço Superior de Minas de Freiberg, referente à permissão concedida aos dois portugueses Emanuel Ferreira da Câmara e José Bonifácio d'Andrada, para visitarem as minas e metalurgias e o que com isto se relacionar.

1155 VS.

(a) Ernst Amadeus Martini.

IV

32

Friedrich August, Príncipe Eleitor, etc.

Ilustríssimos, honrados conselheiros, queridos fiéis.

Atendendo ao vosso ofício submisso de 22 do mês passado, permitimos generosamente aos dois reais bolsistas portugueses, Emanuel Ferreira da Câmara e José Bonifácio d'Andrada, visitar as minas e metalurgias de Freiberg e das Montanhas Metalíferas, excluindo, no entanto, as minas de cobalto, tanto as de Schneeberg, como outras, e as fábricas de tintas azuis e de arsênico de Geyer, facultando-lhes ainda assistir às aulas da Academia Montanística, mediante o pagamento dos honorários devidos aos professores. Isto é portanto o nosso desejo e ordenamos que providencieis o necessário e cientifiqueis disso a ambos os suplicantes supramencionados. Assim, etc.

Dado em Dresden, 5 de Outubro de 1792.

(a) G. M. Conde de Wallwitz

Ao Serviço Mineiro Superior de Freiberg

(a) Ernst Amadeus Martini

V a XI

Os documentos de n.os V a XI se relacionam sem excepção com a transmissão dos têrmos da licença do Príncipe Eleitor às diversas repartições subordinadas ao Conselho Supremo das Minas da Saxônia e aos professores da Academia de Freiberg, no sentido de permitirem a Câmara e Andrada o livre ingresso nas minas e usinas metalúrgicas da região mineira, bem como a freqüência às aulas daquela escola, mediante pagamento de honorários aos mestres.

São todos redigidos com expressões idênticas, repetindo na íntegra a decisão do Príncipe Eleitor, pelo que nos escusamos de transcrevê-los um a um por extenso.

XII

Liquidatio (Relação das despesas)

Indiciales

1 gr. requerimento fol. 165
1 Thl. parecer fol. 167
1 gr. registro
1 gr. ofício fol. 169
4 gr. ordem ao Dep. Sup. das Minas
1 gr. registro
4 gr. ordem ao Dep. Sup. das Minas
1 gr. registro
4 gr. ordem aos demais Dep. das Minas
1 gr. reg. extraordinário
4 gr. ofício ao Sr. Conselheiro das Minas Werner
1 gr. registro
4 gr. ofício ao Sr. Prof. Lampe
1 gr. registro

7 gr. cop. ad.
1 gr. custas de remessa
5 gr. cop. ad.
1 gr. custas de remessa
5 gr. cop. ad.
1 gr. custas de remessa
5 gr. cop. ad.
1 gr. custas de remessa
5 gr. cop. ad.
1 gr. custas de remessa
5 gr. cop. ad.
1 gr. custas de remessa

2 Thlr. 4 gr. a transportar	1 Thlr. 14 gr. a transportar
Indiciales	*cop. e custas de remessa*
2 Thlr. 4 gr. transporte	1 Thlr. 14 gr. transporte
4 gr. vias para os Srs. portugueses	5 gr. cop. ad.
1 gr. registro	1 gr. custas de remessa
	2 gr. Liq. et Mund.
2 Thlr. 9 gr. — soma	1 Thlr. 22 gr. — soma

4 gr. despesas de correio
2 Thlr. 15 gr. espórtulas da Chancelaria das Finanças.

2 Thlr. 19 gr. — soma.

Recebi dos dois portugueses Srs. "da Camara e d'Andrata" oito *Thalers* como taxa de inscrição devida à Caixa Acadêmica.

Em 18 de Outubro de 1792.

(a) L. F. Fischer

(Nota de E. C. F.) — A palavra *Thaler*, antiga moeda de prata alemã, originou-se do facto de ter sido esta cunhada a principio, abundantemente, com o produto das minas da cidade de *Joachimsthal*. Denominada no começo *Joachimsthaler* ou *Jochenthaler*, com o andar do tempo passou a ser conhecida abreviadamente por *Thaler*. Na época em que José Bonifácio esteve na Saxônia, era o *Thaler* a moeda corrente e subdividia-se em 24 *groschen*. Da palavra *Thaler* derivou-se, por sucessivas corruptelas, a palavra *dollar*, que veio a constituir o padrão monetário norte-americano.

NOTA

Os textos alemães manuscritos, enviados de Freiberg ao Prof. Viktor Leinz, foram cuidadosamente copiados e interpretados pelo Prof. Helmut Andrã, que também reviu as traduções dêles para a língua portuguesa.

A êsse velho amigo e esplêndido colaborador, aqui ficam consignados os meus melhores agradecimentos.

E. C. F.

ADENDA

Não obstante o que consta explìcitamente dos documentos retro, mencionando a permissão oficial para visitar as minerações e assistir às aulas em Freiberg, concedida apenas aos dois bolsistas Câmara e Andrada, vim a encontrar por último certa referência que induz a crer haver o terceiro pensionário, Fragoso, conseguido também obter aquela licença, talvez após comprovação de sua idoneidade perante as autoridades saxônicas. Trata-se da nota em rodapé, inserida à pág. X do Tomo III, Parte II, das "Memorias de Mathematica e Physica da Academia Real das Sciencias de Lisboa", no discurso histórico anual proferido por João Guilherme Christiano Müller, em 24 de Julho de 1810, assim redigida: "Em 22 de Junho de 1808 lêo o Senhor Joaquim Pedro Fragoso de Siqueira algumas observações sôbre os trabalhos da Amalgamação, praticados em Freiberg na Saxônia".

E. C. F.

WERNER, O MESTRE DE JOSÉ BONIFÁCIO

C. H. Liberalli (*)

O espírito e o método científicos de José Bonifácio foram, certamente, moldados em Freiberg. Antes do estágio na *Bergakademie* podemos apontar-lhe apenas tendências, conquanto inegáveis, para o estudo das ciências. A "Memória sôbre a pesca das baleias", apresentada em 1790 à Academia Real das Ciências de Lisboa, incorpora várias observações pessoais que só poderiam ter sido feitas *in loco*, pelo jovem de 20 anos, antes da sua saída do Brasil. Do curso de Filosofia Natural em Coimbra (1784-1788), ficaram-lhe também razoáveis bases que vão permitir sôbre elas se assente o futuro edifício da sua educação científica. É de presumir, por exemplo, que a Botânica tenha sido bem aprendida em Coimbra, pois José Bonifácio não cultivou especialmente essa disciplina em suas viagens ao estrangeiro, e nem por isso deixou de mostrar nela segurança e proficiência, como se vê, notadamente, na "Memória sôbre a necessidade e utilidade do plantio de novos bosques em Portugal". Se o Abade Corrêa de Serra (*de* Serra, é como êle assinava), o maior botânico português de então, de renome internacional, andava na época exilado em Paris e só assumiria a cátedra em 1790, o paduano Domingos Vandelli regia a cadeira e foi o professor da *scientia amabilis*, para José Bonifácio (**). Para a Química e a Mineralogia, devemos admitir que as bases coimbrãs eram demasiado fracas. A revolução química de Lavoisier e seus partidários, embora iniciada em 1775, não ganhara maioria nem na própria França. O "Traité élémentaire de Chimie" do criador da Química Moderna, que lhe divulgaria amplamente as idéias, só seria publicado em 1789. José Bonifácio sòmente iria tomar conhe-

(*) Professor Catedrático da Faculdade de Farmácia e Bioquímica da Universidade de São Paulo.

(**) Foi Domingos Vandelli quem primeiro ensinou, em grau superior, História Natural e Química em Portugal — diria o próprio José Bonifácio, em sua Memória sôbre o plantio dos bosques.

cimento dêsse surto de progresso, em 1790, quando no estágio em Paris, no laboratório de Fourcroy.

Quanto à Mineralogia, sòmente em 1791 seria incluída especìficamente no currículo da Faculdade de Filosofia, e dela pouco deveria conhecer José Bonifácio, à época da graduação. O estágio parisiense, de 17 de Setembro de 1790 a 1.º de Janeiro de 1791, com Fourcroy, e desta última data até 1.º de Abril, com Duhamel (que é quem lhe assina o certificado), deveria ter fortalecido o preparo fundamental de Química do moço Andrada, mas não lhe poderia ter dado muito: três meses e meio num laboratório e três noutro, dirigidos provàvelmente para o adestramento em análise química de minerais e ligas. Pode-se presumir, com fundamento, que foi aí que José Bonifácio adquiriu alguma iniciação mineralógica, que era, aliás, o objectivo principal dêsse estágio em Paris, confessadamente propedêutico para o "curso completo de minas" em Freiberg, como reza a "Instrução" de Luiz Pinto de Souza, Ministro dos Negócios Estrangeiros e da Guerra (incluída na presente colectânea). Essa instrução fixava de antemão, aos "bolsistas" (como hoje diríamos) Ferreira da Câmara e José Bonifácio, o período de dois anos de estudos em Freiberg, "por se julgar indispensável êste espaço de tempo".

Que José Bonifácio, durante a permanência em Paris, já freqüentava os meios científicos e nêles era ouvido, provam-no os diplomas de sócio da "Société Philomathique", datado de 29 de Janeiro de 1791, e da "Société d'Histoire Naturelle", datado de 4 de Março do mesmo ano. A "Memória sôbre os diamantes do Brasil", lida nesta última agremiação (e publicada, em francês, nos "Annales de Chimie", em Outubro de 1792, quando José Bonifácio já se ausentara da França), é um trabalho de divulgação, sem maior pretensão, que procura esclarecer dúvidas e erronias correntes quanto à origem e localização das nossas jazidas diamantíferas, cuja exploração se achava, aliás, em plena fôrça.

Com êsse cabedal é que José Bonifácio foi para Freiberg. Não sabemos se êle já teria alguns rudimentos de língua alemã. É provável que já a começasse a estudar em Paris, ciente do rumo futuro. Para a fase de adaptação, o francês, que dominava, ser-lhe-ia suficiente. É em francês que, a 20 de Setembro de 1792, Ferreira da Câmara e José Bonifácio apresentam, na Academia de Minas, o seu pedido de inscrição que, passados os trâmites, lhes é plenamente deferido a 13 de Outubro, que deve ser considerado como a data inicial do seu curso em Freiberg.

Não se pode dizer que aí é que foram "descobrir" Abraham Gottlob Werner.

A fama do Mestre é que aureolava Freiberg; a Academia era Werner. Nomes reputados integravam, é certo, o seu corpo docente: Klotzch, Freiesleben e Lampadius, respectivamente para ensaios químicos, para Química prática e para a Metalurgia. Mas havia sido Werner quem "por seu gênio, erguera a Escola de Minas, de mero seminário local, fundado para o treinamento de alguns poucos mineiros saxões, à importância de grande academia ou universidade, para a qual, como nos tempos medievais, a sua fama como professor trazia alunos de todos os cantos do mundo civilizado" — faz notar Andrew Geikie ("Founders of Geology", 2a. ed., New York, 1905), tal como o fizera Cuvier, no seu elogio póstumo de Werner.

O único certificado conhecido do curso feito em Freiberg por José Bonifácio é o que lhe forneceu Werner, datado de 17 de Agosto de 1794, e cujo texto, em francês, é perfeitamente legível na reprodução inserta na presente colectânea. Escrito embora com caligrafia *desenhada*, como convinha a documento daquele gênero, não pode haver dúvida de que texto e assinatura são do próprio punho do mestre (*). A ordem e meticulosidade do escrito são características do temperamento e hábitos de Werner, metódico e ordenado em tudo, como salientam seus biógrafos. No original, guardado entre as relíquias andradinas do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, conserva-se intacto o sêlo de lacre, onde se lêem as iniciais A.G.W.

O curso de José Bonifácio, "curso completo de Orictognosia, como de Geognosia" — reza o atestado — foi, pois, inteiramente dado por Werner, ao menos em sua parte formal. Graças a Werner é que tomaram corpo os conhecimentos de José Bonifácio no sector científico onde êle se iria distinguir. A personalidade do mestre de Freiberg teria sido, portanto, o paradigma científico do nosso Andrada. Na massa amorfa da formação coimbrã, a que o estágio parisiense dera solidez, Werner modelaria o homem de ciência, à sua feição. Isso, êle o sabia fazer, aos seus discípulos, de modo inexcedível.

(*) Confronte-se a assinatura do atestado com a rubrica de Werner, que aparece sob o seu retrato, reproduzido da sua clássica biografia, devida a Beck (Richard Beck, "Abraham Gottlob Werner, eine kritische Würdigung des Begrunders der modernen Geologie, zu seinem hundertjährigen Todestage", Berlim, 1918).

Abraham Gottlob Werner

(Retrato extraido da obra de Richard Beck: *"Abraham Gottlob Werner, eine kritische Würdigung des Begrunders der modernen Geologie, zu seinem hundertjährigen Todestage"*, Berlim, 1918).

Abraham Gottlob Werner tinha, em 1792, quarenta e três anos, e ensinava em Freiberg havia dezessete. Já antes do início do seu magistério, publicara uma obra de 300 páginas, sôbre os caracteres externos dos minerais ("Von der äusserlichen Kenzeichen der Fossilien", Leipzig, 1774), que constituira, por si só, uma revolução na maneira de expor o assunto, e que trazia sistema e clareza a um domínio onde antes só existia confusão e arbítrio.

Revelava-se assim, de início, uma das suas características, o amor do método, a paixão da classificação, o espírito didáctico levado ao mais alto grau. Perante sua exposição, tudo se tornava claro, evidente mesmo, e os alunos experimentavam a sensação de uma iluminação reveladora. Daí a magia da sua influência e da fidelidade às suas ideias, mantida pelos discípulos, que continuavam a sua obra, fidelidade que nem sempre serviu, sobretudo no campo da Geologia, ao progresso da Ciência.

Devemos recordar que Werner ministrava, sob a rubrica de Mineralogia, dois cursos realmente distintos: o de Orictognosia (*"Oryktognosie"*) e o de Geognosia (*"Geognosie"*). A primeira dessas disciplinas (cujo nome fôra provàvelmente cunhado pelo próprio Werner, aliás forrado de cultura filológica), ensinava a maneira prática de determinar os minerais, sem implicações teóricas. Na segunda (cujo nome fôra certamente inspirado na *"scientia geognostica"*, expressão empregada por Füchsel, 24 anos antes) estudava êle o corpo sólido da Terra, como um todo, as ocorrências das rochas e minerais que o compõem, suas origens e correlações". (O vocábulo "Geologia", embora conhecido, não tinha ainda entrado no uso corrente). A Geognosia era ciência *de observação* e só se fundamentava em factos, desdenhando as especulações em que se compraziam as "teorias da Terra", no tipo das obras de Burnet e de Buffon. Seja dito, de passagem, que essa "paixão pelos factos", apanágio do espírito científico, e que distinguiu Werner dos seus precedessores e contemporâneos, é que o levou, estranhamente, a erigir em dogma a doutrina "neptunista" da origem das rochas, a especulação mais desprovida de base observacional, que já tenha sido levantada como teoria científica.

Pois foi êsse homem brilhante, que aliava profundo conhecimento das suas disciplinas com uma verdadeira eloqüência no expô-las, e que seduzia os discípulos, não só pelo vigor e encanto das suas lições, mas pelo interêsse humano que nêles punha, foi a êsse Werner que José Bonifácio encontrou como mestre. Podemos

avaliar a avidez com que o moço Andrada, já amadurecido em seus 29 anos, com tôda a sua vocação de naturalista e sua formação humanística, lhe ouviria as lições.

"Sua maneira de expor era também tão atraente e estimulante que êle prendia a atenção dos seus alunos, incitava-os a prosseguir os estudos que lhe eram caros, e inflamava-os do desejo de aplicar os seus métodos. Aparentemente, tinha de ensinar Mineralogia, ciência que em mãos comuns dificilmente se dirá que desperte entusiasmo. A Mineralogia de Werner, porém, abraçava o conjunto da Natureza, o conjunto da História humana, o conjunto dos interêsses e aspirações da Humanidade. De uns poucos fragmentos de pedra, dispostos quase ao acaso na mesa, diante dêle, lançava-se numa exposição da influência de rochas e minerais na geografia e topografia da superficie terrestre. Contrastava os cenários montanhosos dos granitos e dos xistos com as paisagens mais mansas dos arenitos e dos calcáreos. Traçando os limites dêsses contrastes sôbre a área da Europa, insistiria na sua influência no agrupamento e nas características das nações. Ligaria, dêste modo, os seus espécimes com a migração das raças, a difusão das línguas, o progresso da civilização. Mostraria como o progresso das artes e indústrias da vida tem sido orientado pela distribuição dos minerais, e como guerras, batalhas e estratégia militar em geral, têm dependido da mesma causa. O cientista, o político, o historiador, o médico, o soldado, todos aprendiam que o conhecimento da Mineralogia os ajudava a atingir os seus diversos objectivos. Afigurava-se que a mais eficiente das preparações para os negócios da vida seria obtida sòmente na Escola de Minas de Freiberg" (A. Geikie, *op. cit.*).

Esta vívida descrição dá-nos bem a medida da influência que, sôbre um temperamento e uma cultura tais quais os de José Bonifácio, pôde exercer, como exerceu sôbre tantos outros, o ensinamento de Werner. A ponto de manter essas inteligências sob o império do seu prestígio e das suas teorias, enquanto viveu, pois seus discípulos viram a Natureza pelos olhos do mestre, e não se puderam libertar dos preconceitos científicos que êle lhes tinha imposto, com tamanha fôrça de persuasão.

Em 1794, ao deixar Freiberg, José Bonifácio empreende uma viagem de estudos à Itália, da qual resultou a sua memória "Viagem geognóstica aos Montes Eugâneos no território de Pádua", lida no ano social de Junho de 1812 — Junho de 1813, perante a Academia Real das Ciências de Lisboa. Êsse estudo está inédito,

mas de sua orientação werneriana diz o autor, no seu discurso anual de Secretário da Academia: "... fundado em observações mineralogicas, diversifico da opinião de Strange, Ferber, Fortis e Spallanzani, que atribuem origem vulcanica ás rochas que fórmão estes outeiros". Como se sabe, a teoria de Werner, da formação da crosta terrestre, tudo explicava pela sedimentação, química ou mecânica, das substâncias dissolvidas ou suspensas nas águas de um oceano primevo que envolvia todo o núcleo da Terra. Sendo assim, não existiriam rochas vulcânicas; os próprios vulcões se explicavam pela combustão subterrânea de jazidas de carvão e outros materiais inflamáveis. Os discípulos de Werner só viam *depósitos* e *sedimentos* onde outros viam formações plutônicas; e para explicar as contradições aventavam as mais absurdas hipóteses. A "Viagem geognóstica aos montes Eugâneos" seria a demonstração de que também José Bonifácio não logrou escapar ao sortilégio do gênio de Freiberg. A êsse sortilégio só após a morte do mestre, puderam evadir-se seu discípulo preferido, Leopoldo von Busch, e outros eminentes geólogos, como D'Aubuisson e Humboldt.

Não é dificil rastrear, aqui e ali, nos trabalhos científicos de José Bonifácio a marca do pensamento werneriano, tanto no seu aspecto negativo como no positivo. Não sabemos até que ponto o colapso do neptunismo, com a conversão total dos ex-discípulos de Werner, afectou as convicções de José Bonifácio. Talvez nunca tenha renunciado ao seu ponto-de-vista, mesmo porque, ainda depois do seu retôrno ao Brasil e conseqüente encerramento da sua carreira científica, as doutrinas geológicas de Werner continuaram a encontrar estrênuos defensores, de que era núcleo a *Wernerian Society*, de Edimburgo, que durou até 1839.

Ao lado, porém, dêsse aspecto predominantemente negativo na Geologia, o ensinamento de Werner na Mineralogia imprimiu extraordinário surto de progresso às pesquisas. Já seu livro de 1774 "criou um imenso interêsse científico por tôda a Europa e inspirou ampliadas investigações no campo particular que êle tinha tão brilhantemente renovado, isto é, a determinação e classificação dos minerais, de acôrdo com os caracteres externos" (A. V. Carozzi, *Isis*, 51, n.º 166, 1960, p. 554) (*).

(*) Esse livro foi traduzido para o francês por Mme. Guyton de Morveau, em 1790 (Dijon), e para o inglês, por Thomas Weaver, em 1805 (Dublin). Ambas as traduções tiveram aditamentos provenientes de notas das aulas de Werner e dos acréscimos que êle ia fazendo à obra original, as quais circulavam entre os alunos. Uma segunda e última edição alemã, publicada em Viena, em 1785, fôra apenas reimpressão da primeira. Tam-

Durante dois anos, José Bonifácio recebeu êsse influxo e ensinamento, suplementado pelas viagens intercalares às minas e jazidas, não só as que rodeavam Freiberg, mas as demais do Erzgebirge, e as da Áustria e Itália. A aplicação científica do que aprendera na escola mineralógica de Werner foi o seu estudo, descrição e classificação dos minerais da Escandinávia, feito durante os anos de 1797 e 1798, por ocasião de sua permanência nessa região. Êsse foi o seu trabalho científico de maior envergadura, que o colocou entre cientistas de renome internacional "como grande mineralogista e metalurgista", qual reza o diploma da Sociedade Mineralógica de Iena (Junho de 1798). E nesse trabalho, que é uma carta-relatório dirigida a Beyer, Inspector de Minas em Schneeberg (*) e que nunca chegaria a ser mais amplamente desenvolvido, como prometera, José Bonifácio, seguindo as directrizes wernerianas da descrição dos caracteres externos, já introduz alguma coisa de seu ("*nach meiner eigenen Art*" diz êle): é a menção de propriedades químicas e, mesmo, da composição química dos minerais, segundo análises feitas por êle próprio, ou por Abilgaard, o célebre químico de Copenhague. Aí há dados químicos, alguns muito importantes, como a menção da existência de ácido fluorídrico ("ácido fluórico") combinado, na criolita da Groenlândia. Êsse ácido havia sido descoberto por Scheele em 1771.

Mas a dívida para com Werner, José Bonifácio procurou saldá-la: o único minério para cuja denominação nosso Andrada discrepou das raízes gregas, que adoptara nos demais, o único a que ligou um nome de pessoa, chamou-o "*wernerite*".

---

bem sairia em 1850 um segunda tradução em inglês, por Charles Moxon, editada pelo Wernerian Club, de Londres. A edição de 1774, com os acréscimos e notas do proprio Werner, que servia como roteiro para as suas aulas, está agora em poder da biblioteca da Universidade de Illinois, onde Albert V. Carozzi, do Departamento de Geologia, empreende a tradução completa em inglês, visando publicação.

(*) Schneeberg é uma cidade e serra ("montanha de neve") do Erzgebirge, perto de Freiberg. Em Schneeberg existiam importantes minas de prata, ferro, cobalto e bismuto.

ELOGIOS PÓSTUMOS

ELOGIO HISTORICO

DO ILLUSTRE

JOSE BONIFACIO DE ANDRADA E SILVA,

lido na sessão publica da Academia Imperial de Medicina,
30 de Junho do corrente anno,

POR

EMILIO JOAQUIM DA SILVA MAIA,

Dr. em Medicina pela Escola de Paris, Bacharel
Formado em philosophia natural pela Universidade de Coimbra,
Professor de sciencias naturaes do Collegio de D. Pedro II,
Membro Titular
DA ACADEMIA IMPERIAL DE MEDICINA
desta Corte,
da Sociedade de Sciencias naturaes de França,
da Sociedade Medico-litteraria do Porto,
da Auxiliadora da Industria Nacional, da Litteraria, e
da Amante de Instrucção do Rio de Janeiro.

RIO DE JANEIRO,

NA TYPOGRAPHIA IMPARCIAL DE F. DE P. BRITO,
PRAÇA DA CONSTITUIÇÃO N. 66.

1838.

ELOGIO HISTORICO.

On doit des egards aux vivants,
on ne doit aux morts que la vérité.
VOLTAIRE.

Senhores!

Si o nome do Brasil, como diz Freycinet (1), recorda tudo quanto a natureza tem de mais bello e fecundo; si, como diz Southey (2), os Brasileiros recebêrão por herança huma das mais bellas porções da terra; si, como diz Beauchamp (3), he impossivel fallar deste abençoado solo, sem nos lembrarmos que o ouro e os diamantes sahem do seu seio, ao mesmo tempo que todas as culturas ahi prosperão; muito nos devemos ufanar de termos nascido em hum tal paiz! Mil graças pois rendamos ao Criador, por hum tal beneficio.

Todavia, Snrs., estes não são os unicos favores com que nos quiz brindar o Supremo Ser. Não satisfeito com os milhares de bens fisicos que já tinha-mos recebido; tambem muito nos enriqueceo fazendo appa-

(1) Freycinet, voyage au tour du monde, tom. 1. pg. 12.
(2) Southey history of Brasil.
(3) Beauchamp, Independence de l'empire du Bresil pag. 15.

1 *

recer na terra de Santa Cruz os talentos e os genios. Assim, ao lado dos gigantescos montes, dos magestosos rios, e desta fertilidade sem limites, temos tido hum Durão, hum Basilio da Gama, hum Gonsalo Ravasco, e &c. He verdade que huma grande parte do Mundo litterario ignora, quem sejão os homens illustres do Brasil; porem isto he devido, como diz mui judiciosamente Ferdinand Denis (1), a que os Brasileiros instruidos, (bem como a riqueza da terra, hindo engrossar o thesouro da Metropole), forão, e são conhecidos como sabios Portuguezes.

Hoje mesmo, Snrs., neste mesmo augusto recinto, quando vós tiverdes ouvido os immensos trabalhos feitos por hum dos nossos illustres Patricios, de certo vos convencereis de que no Brasil, onde a natureza desenvolve tanta pompa, existem homens de genio, e de eminentes talentos.

No entretanto seja-me permittido por hum momento abrir as paginas pouco lidas da nossa historia, que nós ahi encontraremos a veracidade do que avançamos. Assim nellas veremos, que o nome de Antonio José da Silva, de Botelho de Oliveira, de João Pereira Ramos, de Visconde de Cayrú (2), e de outros muitos, il-

(1) Resumé de l'histoire litteraire du Brésil, par Ferdinand Denis pg. 514

(2) Barbosa na sua Bibliotheca Lusitana traz a vida dos dois primeiros: o 3.° foi homem de muito saber, exercêo em Portugal os primeiros lugares da Magistratura e hera da intimidade do Marquez de Pombal; o quarto he assás conhecido entre nós pelos seos immensos trabalhos litterarios, e por seos importantes serviços a prol da nossa emancipação.

lustrarão a Jurisprudencia entre nós; que a nobre sciencia de Hyppocrates muito deve aos illustres Medicos Andrade Velosino, José Francisco Leal, José Pinto d'Azeredo, Mello Franco (1) e outros; que a philosophia natural e as mathematicas devem muito dos seus progressos aos illustres Coelho de Seabra, Arruda da Camara, Fr. Leandro, João da Silva Feijó, Valente do Couto (2), Dr. Pontes (3), e outros; em fim, alem do

(1) A vida deste primeiro medico, que era natural de Pernambuco tem na Biblioteca Lusitana: o segundo foi lente de Materia Medica na Universidade de Coimbra, e publicou alem de outros opusculos huns elementos de pharmacia, huma das melhores obras da epoca neste genero: o terceiro foi Medico de D. Maria I., publicou alem de outras cousas hum tratado sobre as doenças de Angola, e huma interessantissima memoria sobre as propriedades Chimicas e Medicas de substancias tithoutripticas, trabalho que recebêo o grande premio da Sociedade Harveiana de Edinburgo: o quarto he bastante conhecido pelo seo tratado de Hygiene, e pelo seo trabalho sobre as febres do Rio de Janeiro.

(2) O primeiro he conhecido pelos seos elementos de Chimica, publicados em Lisboa em 1788: o segundo por muitas Memorias interessantes sobre plantas do Brasil: o terceiro pelos seos grandes serviços prestados como director do Jardim Botanico do Rio de Janeiro: o quarto, de quem possuimos alguns interessantes manuscriptos sobre plantas do Rio de Janeiro, apresentou á Academia Real das Sciencias de Lisboa, trabalhos de muito sabêr: o quinto foi hum lente de muita reputação na Academia de Marinha de Lisboa.

(3) Antonio Pires da Silva Pontes, Dr. em Mathematica Capitão de Fragata, Lente da Academia de Marinha de Lisboa e depois Governador do Espirito Santo, prestou grandes e importantes serviços tanto nesta provincia durante a sua administração como anteriormente no Pará, empregado na demarcação da Goyana Franceza. De seo nome faz honrosa menção o Sr. Acciolli tanto

grande historiador Rocha Pita, forão insignes nas bellas letras sobre tudo na poezia, os illustres Noronha, João Calmon, Teixeira de Brito, Guerra, Alvarenga e outros (1).

Estes grandes homens, de que acabamos de fallar, tem-nos deixado provas immensas dos seus conhecimentos, em muitas obras suas, impressas, e em manuscriptos de muito merito que se achão em diversas Bibliotecas; e tal he a importancia litteraria de todos, que cada hum delles basta para ennobrecer o Brazil.

Alem destes illustres nomes, a historia nos apresenta ainda outros muitos, que desde a descoberta do Brasil até hoje tem-se tornado celebres ou pelas armas e letras, ou por serviços importantes feitos ao seu paiz natal. Nestes ultimos annos sobre tudo tem descido ao tumulo grandes genios Brazileiros; entre estes occupa sem duvida alguma o primeiro lugar, o homem que sendo hum dos principaes fundadores da emancipação do seu paiz, deixou-nos alem disto immensos e importantes trabalhos litterarios, scientificos e politicos, que o fizerão celebre nos dous mundos. Hum tal genio merece certamente que nos occupemos com elle especialmente.

Seja-me pois permittido, a mim Brasileiro, a mim que tive a honra de partilhar a sua amizade, a mim, membro desta Academia, da qual elle era hum dos ornamentos, elevar a minha fraca voz para tornar patente os factos que tanto illustrarão este grande Brasileiro.

na corographia do Pará, como nas Memorias historicas Politicas da Bahia.

(1) Barbosa falla de todos estes na sua interessante Biblioteca Lusitana.

Este homem, Srs., hum dos nossos primeiros genios, huma das nossas grandes glorias, cuja vida empregada sempre a prol dos seus semelhantes, foi huma pratica constante de todas as virtudes, era o illustre Conselheiro o Sr. José Bonifacio de Andrada e Silva, honra do Brasil pelos raros talentos e profundo saber. Percorramos pois esta gloriosa vida, que tanto nos interessa; e para podermos notar os seus illustres feitos, comecemos pelo seu berço.

A villa de Santos, Srs., já celebre por ter visto nascer o illustre Diplomata Brasileiro Alexandre de Gusmão (1), de quem o illustre Andrada vinha a ser ainda parente, foi o lugar onde pela primeira vez elle vio a luz do dia a 13 de Junho de 1763, sendo seu Pai o Coronel Bonifacio José de Andrada, e sua Mãi D. Maria Barbara da Silva. Seu Avô paterno era militar oriundo de huma nobre familia do norte de Portugal.

Desde a sua mais tenra infancia, ja elle apresentava vestigios do que havia de ser no futuro, e por isso seu pai, que era homem de espirito, esmerando-se muito na sua instrucção primaria, fez com que elle a recebesse na mesma villa debaixo da sua inspecção, empregando para isto todos os meios ao seu alcance. Em pouco tempo tendo aprendido tudo que se ensinava em Santos, passou-se na idade de 14 annos para a cidade de S. Paulo, para ahi seguir os Cursos de Philosophia racional, Rethorica, e Linguas vivas.

Os seus progressos nestas materias forão então mui rapidos, e em 3 annos elle tinha concluido a sua ins-

(1) Vêde Barbosa, Bib. Lusitana.

trucção secundaria. O Bispo Diocesano daquella cidade, D. Fr. Manoel da Resurreição, vindo ao facto das bellas qualidades, que ornavão o moço José Bonifacio, e do muito que elle se tinha distinguido nas suas escollas (1), fez altos esforços para o fazer abraçar o estado ecclesiastico, ao que nem o joven nem a sua familia annuirão. Alem destes estudos elle em S. Paulo dedicou-se especialmente á Litteratura propriamente dita, para o que foi-lhe de grande auxilio a escolhida Biblioteca do sabio Bispo, e forão sem duvida alguma estes bons principios, que o vierão a fazer hum tão grande litterato; foi nesta cidade, que elle sentindo pela primeira vez a inspiração poetica, compoz alguns excellentes sonetos, muitos dos quaes achão-se impressos na collecção de versos intitulada — Americo Elysio, — e outros ineditos. Ahi elle compoz tambem hum elogio ao Bispo de quem fallámos.

Na idade de 17 annos e alguns mezes, deixou S. Paulo, e veio ao Rio de Janeiro para daqui hir á Coimbra concluir os seus estudos naquella celebre universidade. Nesta corte o nosso joven Andrada era amado e estimado de todos que o conhecião, já pela amabilidade do seu caracter, já pela erudicção que apresentava na sua conversação. Aqui, onde elle compoz tambem alguns versos (2), ha huma passagem muito interessante da sua vida, que bem deixa ver o cabedal de saber, que ja tinha naquella época. Desejando

(1) Este sabio Bispo tinha estabelecido á sua custa na cidade de S. Paulo, aulas para o ensino da Logica, da methaphisica e Ethica, da Rhetorica e da Lingoa Franceza.

(2) Vêde poesias avulsas de Americo Elisio.

muito ver a melhor Biblioteca que houvesse no Rio de Janeiro, levarão-no á Biblioteca dos Monges Beneditinos, como a melhor que então aqui havia. Os Religiosos admirados do muito desejo, que este joven apresentava de ver huma grande livraria, achando-se elle na salla, forão pouco a pouco collocando-se atraz delle sem serem presentidos, para ouvir o que dizia á huma pessoa da sua comitiva, e grande foi a sua admiração quando perceberão, que elle estava notando o valor litterario de muitos de seus livros: e elle mui maravilhado ficou, quando se vio rodeado de quasi toda a corporação Religiosa (1).

Do Rio de Janeiro o nosso illustre Patricio partio para Lisboa, e de lá foi á Coimbra continuar os seus estudos: nesta Universidade matriculou-se então nas faculdades de Philosophia natural, e de direito, nas quaes, no fim de 6 annos tomou o gráo de Bacharel Formado com grande louvor de seus professores. Durante todo o tempo que foi estudante, mostrou a maior aptidão para os estudos scientificos, mormente para os das sciencias naturaes, muita assiduidade e grande approveitamento, o que tudo lhe fez grangear excellentes notas nos seus exames e a amisade de todos os seus professores. O seu cabedal de litteratura tambem augmentou-se muito com a sua estada em Coimbra, o que bem se collige de algumas de suas poesias feitas ahi, e de algumas dissertações por elle ahi compostas, prin-

(1) Este facto foi-nos referido por pessoa de todo o credito, que então se achava nesta Côrte: e foi-nos igualmente confirmado pelo mesmo Sr. José Bonifacio.

cipalmente de humas sobre indios e escravos do Brasil (1).

Concluida a sua formatura, retirou-se á Lisboa para seguir os lugares litterarios, porem tanta era já a sua reputação, que, apresentado ao Duque de Lafões, este o fez logo entrar como socio na Academia, Real das Sciencias de Lisboa, que então se organisava; e por proposta della foi eleito pelo governo Portuguez para viajar a Europa como Naturalista, e Metallurgista (2).

Entre outros trabalhos, que elle nesta occasião apresentou á Academia, acha-se huma excellente Memoria sobre a pesca da Baleia, sobre os melhores processos para a preparação do seu azeite, e sobre as vantagens que o governo tiraria animando e favorecendo as immensas pescarias que se poderia fazer nas costas do Brasil; este interessante trabalho foi impresso na collecção das Memorias da Academia. Logo depois da sua chegada á Lisboa, elle ligou-se a huma amavel e estimavel Sra. de nome D. Narciza Emilia de Oleary, de quem teve 3 filhos.

(1) Isto foi-nos communicado pelo mesmo Sr. José Bonifacio: assim ja desde esta epoca, este grande homem occupava-se de remediar a sorte infelis destas duas extensas classes de individuos do Brasil.

(2) A este respeito naõ devemos deixar passar em silencio, que os tres individuos nomeados nesta epoca pelo Governo Portuguez para viajarem como Mineralogistas, foraõ os Srs. José Bonifacio, Manoel Ferreira da Camara, e hum outro, natural do Alemtejo, sendo os dois primeiros filhos do Brasil; o que de certo corrobora a nossa opinião sobre os homens illustres do Brasil, emittida no começo deste elogio.

Em hum dos dias do mez de Junho de 1790, elle deixou as praias Portuguezas para, viajando o resto da Europa, adquirir profundos e variados conhecimentos de Metallurgia, Botanica e Chimica, ouvindo as sabias lições dos illustres Werner, Jussieu, Lavoisier e outros, á imitação desse celebre Medico Portuguez Sanches, que no seculo decimo oitavo se dirigio de Coimbra á Leyde para ouvir ao immortal Boerhave.

Não contente somente com as lições dos illustres professores, que então havia nas diversas partes da Europa, quiz tambem de per si observar a propria natureza, examinar os diversos estabelecimentos metallurgicos de cada paiz, e ver o estado das sciencias naturaes em todos elles; para isto foi necessario que percorresse huma grande parte da França, da Allemanha, da Belgica, da Hollanda, da Italia, da Hungria, da Bohemia, da Prussia, da Suecia, da Norwega, da Dinamarca, e da Turquia; sequioso de tudo saber e aprender, tudo vio e notou com grande penetração.

Durante estas peregrinações, em que gastou 10 annos e 3 mezes, escreveo memorias de huma importancia immensa, adquirio a estima e amisade de muitos Monarchas, e dos principaes sabios de então, e foi recebido membro das principaes Sociedades scientificas e litterarias da Europa inteira (1).

(1) Para que o publico possa fazer ideia das Sociedades scientificas a que elle pertencia, aqui apresentamos a lista de todas de que elle era membro, tanto nesta epoca como posteriormente. Era membro da Academia Real das Sciencias de Lisboa, da de Stockolmo, da de Copenhague, e da de Turin, da Sociedade dos investigadores da natureza de Berlim, das de Historia natural e phi-

2*

Ufanemo-nos, Srs., de termos tido hum tal Patricio! Gloriemo-nos de ter havido hum Brasileiro, que, possuindo hum saber profundo, recebesse as homenagens de todos os homens instruidos da Europa! Sim, illustre auditorio, os Werner, os Jussieu, os Bergman, os Davy, os Duhamel, os Volta e outros sabios do norte e sul da Europa presavão muito a amisade do nosso illustre José Bonifacio de Andrada e Silva!

As suas memorias escriptas nesta época justificão sobejamente que todas estas honras, que lhe erão tributadas, forão bem merecidas, e para que possaes, vós mesmos fazer ideia do seu grande merito, passamos a fallar das principaes.

Logo que elle chegou á Pariz, vendo que o mundo scientifico não estava bem informado da historia dos diamantes do Brasil, descobertos a mais de 60 annos (1) leo na celebre sociedade de historia natural daquella cidade hum interessante trabalho sobre estes preciosos productos. Ahi, depois de fazer ver quaes erão as localidades onde se achavão os nossos diamantes, mostrou quem tinhão sido seus primeiros descobridores, e quaes erão os seus caracteres distinctivos. Esta me-

lomatica de Pariz, da Geologica de Londres, da Wernerianа de Edinburgo da Mineralogica e da Linneana de Jena, da de Fisica e historia natural de Genova, da Sociedade Maritima de Lisboa, da Philosophica de Filadelfica, e em fim da Academia Imperial de Medicina do Rio de Janeiro.

(1) Os Diamantes do Brasil forão descobertos pela primeira vez no anno de 1727 em alguns ribeirões da comarca do Serro Frio por Bernardo da Fonseca Lobo. Mem. hist. Sobre os diamantes do Brasil, por J. de Resende Costa, pg. 4.

moria, que lhe grangeou o titulo de membro daquella Sociedade, acha-se impressa nos annaes de Chimica de Fourcroy. He depois della que na Europa se ficou conhecendo melhor os diamantes do Brasil.

A Suecia e Norwega, celebres por suas minas, sendo hum dos paizes mais bem explorados pelo Sr. José Bonifacio, foi tambem sobre elles, que elle mais escreveo. Em huma carta, que foi publicada pela primeira vez em Allemão, e que temos á vista (1), dirigida ao engenheiro Beyer, inspector de minas em Schneeberg, elle dá, segundo hum methodo particular a elle, huma breve descripção dos caracteres distinctivos de huns doze (2) novos mineraes por elle descobertos em aquelles paises, sobre dois dos quaes trabalhando o Chimico Arfwidsou descobrio o corpo simples metalico Lithium (3). Este he sem duvida alguma o mais importante trabalho mineralogico deste illustre Brasileiro, do qual apparecerão logo traducções nos jornaes scientificos da França e Inglaterra. Estes mineraes forão ao depois estudados por Delametherie, e Hauy; e Abilgaard pro-

(1) Esta carta existe na Biblioteca publica do Rio de Janeiro.

(2) Estes doze mineraes, são: 1.° Akanthikone; 2.° Spodumène; 3.° Sablite; 4.° Ichtyophtalme; 5.° Coccolite; 6.° Aphrizite; 7.° Allochroite; 8.° Indicolite; 9.° Wernerite; 10.° Petalite; 11.° Chsiolite; 12.° Scapolite.

(3) O 1.° he a pitalite, substancia mineral achada pelo Sr José Bonifacio na mina de Uto na Suecia, Arfwidson analisando a achou hum alcali a que Berzelius deo o nome de Lithina: o 2.° he o spodumen de Werner no qual Arfwidson descobrio tambem a Lithina: ainda que Valquelin foi quem primeiro descobrio hum alcali neste mineral, com tudo não dando-lhe nome, pertence a descoberta ao chimico ácima citado.

fessor de mineralogia em Copenhague analysou tambem quasi todos. Quando elle não tivesse feito mais nada, bastava só isto para immortalisal-o, pois esta carta mostra sobejamente ser o nosso Andrada profundo Mineralogista. Elle escreveo tambem algumas memorias sobre diversas minas da Suécia, e a mais interessante he a que appareceo publicada em Allemão no Jornal de minas de Freiberg, sobre as preciosas minas de Salba. Todos estes trabalhos fizerão com que elle recebesse com toda a justiça o titulo de membro da Academia Real das Sciencias de Stockolmo.

Em 1894 quando elle percorria a Italia escreveo huma memoria com o titulo de —viagem geognostica aos montes Euganeos no territorio de Padua; — a qual veio a apparecer á luz somente dahi a 16 annos, pois elle a leo pela primeira vez na Academia das Sciencias de Lisboa em huma das sessões de 1812. Neste trabalho, que he bastante interessante, elle attribue a origem vulcanica á rocha que fórma estes outeiros.

Temos tambem delle nesta época, alem de outras memorias de menos importancia, hum trabalho sobre o fluido eletrico (1), que appareceo a luz nos annaes da chimica de Fourcroy.

No meio das suas numerosas occupações scientificas, e dos seus importantes trabalhos, que elle hia escrevendo e publicando, ora aqui ora acolá, o nosso illustre viajante consagrava tambem alguns momentos ao

(1) Nós ainda não vimos este trabalho: porem fallamos delle, por que o Sr. Dr. Sigaud no seo artigo necrologico sobre o Sr. José Bonifacio, transcripto nos ns. 9 e 10 do l'Echo Français publicado no Rio, falla delle.

culto das muzas e á litteratura. Com effeito as saudades do seu paiz natal, e as bellezas de alguns lugares por onde passava lhe inspiravão muitas vezes, e o levarão para poeticamente exprimir o que sentia. O seu ardente desejo de tudo saber, e as suas relações diarias com os homens mais instruidos da Europa, fiserão com que elle muitas vezes se distrahisse com leituras e trabalhos puramente litterarios.

Poucos viajantes tem gozado de tanta fama e celebridade, como o nosso Illustre Andrada, sobre tudo nos ultimos annos de suas peregrinações. Por toda a parte era consultado sobre diversas materias; todos os sabios desejando conhece-lo, vinhão-no visitar; muitos Monarchas mesmo querendo rete-lo nos seus Reinos, fiserão-lhe immensos offerecimentos, como por exemplo o de Dinamarca que com grandes rogos lhe offereceo o emprego de inspector das minas da Norwega. O que elles sem duvida não praticarião, se não estivessem intimamente convencidos das nobres qualidades, e do muito saber deste grande Brasileiro.

Depois de ter adquirido estas grandes honras, depois de ter deixado o seu nome celebre no mundo scientifico, o nosso grande Andrada, rico em fim de muito saber, recolheo-se á Portugal em Setembro de 1800. O governo Portuguez querendo aproveitar tanta sciencia e tanta reputação, o nomeou logo depois, Intendente Geral das Minas, Dezembargador da Relação do Porto, e criou de proposito huma cadeira em Coimbra para elle ir ali professar a geognesia e a metallurgia; lugares que elle preencheo com muita dignidade, e onde fez immensos beneficios ao paiz. Nesta

occasião a faculdade de sciencias naturaes de Coimbra, attendendo aos seus profundos conhecimentos, e á impossibilidade em que elle se achava, segundo os estudos daquella escolla de poder liccionar nella, sendo simplesmente Bacharel Formado, conferio-lhe por graça especial, o titulo de Dr. em philosophia natural. Preenchendo estes lugares com hum tal homem, o governo Portuguez dava indicios evidentes do quanto premiava o merito; e a este respeito muitos encomios merece o illustre Ministro Conde de Linhares; nome que será sempre grato aos Brasileiros e ás letras.

Dous mezes depois de sua volta á Portugal elle fez huma viagem minerographica pela Provincia da Estremadura até Coimbra(1): nella, depois de descrever os principaes mineraes por elle ahi encontrados, e a natureza dos terrenos por onde transitou, occupou-se tambem hum pouco d'agricultura, mostrando o estado della nestes lugares. Esta viagem feita e escripta no outono de 1800, foi lida por elle pela primeira vez em huma das sessões da Academia de Lisboa de 1812.

O sabio Andrada, já dezembargador, já intendente geral das minas, já criador de huma importante cadeira na universidade de Coimbra, foi encarregado ainda dahi a pouco do encanamento do Mondego, e em 1802 de dirigir as sementeiras e plantações nos areaes das costas, executando todas as suas funcções de juiz, de professor, de intendente das minas, e do botanico com

(1) Elle fez esta viagem por ordem do governo em companhia do seu illustre Mano o Sr. Martim Francisco, e do Tenente General Napion: sendo o Sr. Martim Francisco o encarregado de escrever o que fosse observado.

muito saber e honra. Infatigavel no cumprimento dos seus deveres, elle foi hum juiz recto e energico: hum professor cheio de zelo e habilidade; hum intendente activo e probo; em fim, hum botanico esclarecido.

Que serviços importantes não forão por elle ahi prestados! Quanto não ganhou Portugal com a sua acquisição! Basta só lembrar-vos, Srs., que terrenos estéreis e doentios, tornárão-se férteis e sadios com as suas novas plantações! Que minas de chumbo, de ferro, de carvão de pedra, e de ouro forão por elle ou descobertas ou tiradas do estado de despreso em que se achavão! He a elle, que se deve o ter-se ensinado em Portugal, pela primeira vez, a montanistica; que foi elle em fim quem introduzio muitas melhorações nos diversos ramos da industria Portugueza!

Animado do sagrado amor das sciencias, e desejando concorrer quanto em si coubesse para que ellas progredissem em Portugal, instituio tambem huma cadeira de chimica em Lisboa; entrou pouco depois na mesma cidade para Sociedade maritima, e com a sua assiduidade e trabalhos importantes, fez a Academia Real de Sciencias tomar maior incremento e brilho.

No meio destes seus trabalhos scientificos sobreveio a invasão Francêsa de Portugal; este grande acontecimento, que tanto influio na sorte futura de Portugal e do Brasil, despertou em seu peito o sentimento de hum nobre amôr pela liberdade e independencia da Nação a que pertencia. Não se deixando seduzir pelos meios que o Governo intruso empregou para o chamar a si; logo que o povo Portuguez, reconhecendo os seus sagrados direitos, procurou expulsar os injustos

invasôres, elle foi hum dos primeiros que se apresentou, mandando das ferrarias de Thomar, onde então se achava, algumas armas e os espingardeiros de que podia dispor para ajudar os bravos Coimbrienses (1). Não contente com isto, tambem alistou-se no Batalhão Academico formado com os estudantes daquella Universidade e ahi como Major e depois Tenente Coronel prestou relevantes serviços á causa Portugueza; e este illustre Brasileiro, que parecia unicamente destinado á sciencia, foi tambem grande pelas armas, nas quaes desenvolveo hum immenso valor.

Nomeado depois da expulsão dos Francezes intendente da policia do Porto, exerceo este emprego com tanta dignidade e energia, que salvou muitas vidas e bens dos Portuguezes que então passavão por afrancesados, e desta maneira soube conciliar o que exigia a justiça com a clemencia que se devia ter com homens enganados ou illudidos; e este he sem duvida alguma hum dos factos da sua vida, que mais lhe enchem de gloria.

Concluida a guerra Franceza, José Bonifacio entregou-se de novo á suas occupações ordinarias, explorando algumas minas Portuguezas, ordenando as uteis sementeiras nos areaes das costas (2), e entregando-se tambem ao estudo pratico da agricultura, para o que

(1) José Acurcio das Neves. Invasão dos Franc. em Port. t. 3 pag.

(2) Principiou a plantação dos areaes pelos do Couto de Lavos, cujas terras de lavoura estavão em perigo de ser alagadas e extragadas pela visinhança do mar: esta sementeira no entretanto so teve principio em 1805, mas findou em 1806. Esta foi a primeira sementeira methodica que vingou em Portugal, e hoje os ferteis campos de Lavos estão deffendidos e amparados.

muito lhe servio a quinta, que elle tinha arrendado no Almegue perto de Coimbra (1). Por esta occasião elle compôz igualmente algumas memorias de summo interesse que forão lidas na Academia de Lisboa, e que quasi todas achão-se impressas nas collecções desta sabia associação.

Estas memorias e os seus trabalhos anteriores tinhão-lhe grangeado tal reputação na Academia, que em huma das sessões do mez de Junho de 1812 elle foi eleito unanimemente seu secretario perpetuo; lugar que elle exerceo com muita dignidade durante 7 annos; e tal foi o impulso, que a Academia recebeo com esta nomeação, que esta foi a época da sua maior florecencia. He depois desta época sobre tudo que datão os seus grandes trabalhos apresentados áquella corporação. He durante o exercicio deste nobre lugar, que elle mostrou ser profundo naturalista e grande litterato; he como secretario da Academia, em fim, onde sobresahem as suas boas qualidades moraes, e a sua immensa actividade.

Durante a sua residencia em Portugal elle muito escreveo, e em todos os seus escriptos, versando muitos delles sobre assumptos de huma grande importancia, nota-se perfeito conhecimento do objecto e huma erudicção mui vasta. Eu já tenho fallado de alguns destes trabalhos, porem, para que possaes melhor ajui-

(1) Elle occupou-se muito de Lavoura não só nesta quinta, mas tambem nos montes de Santo Amaro perto da Figueira: neste ultimo lugar, para a sua pratica, alem de hum grande Pinhal que possuia, elle plantou arrôs, trigo, centeio, legumes, hortaliças, flores etc.

3*

zar do muito que elle fez a prol dos seus semelhantes, seja-me permittido ainda dizer alguma cousa sobre outros de huma grande utilidade.

O primeiro que nos apparece he a sua interessante memoria sobre as minas do carvão de pedra de Portugal, que foi impressa pela primeira vez em hum jornal litterario desta corte (1). Neste trabalho, depois delle fazer ver o quanto a lavra das minas he de summo interesse para os paizes que as possuem, depois de ennumerar as causas que tanto concorrerão para a decadencia das minas portuguezas, passa a descrever as localidades onde se achão em Portugal as minas de carvão de pedra, o estado dellas; quaes forão as escavações feitas pelos Romanos, quaes as novas, e quaes as mandadas executar por ordem sua. No contheudo deste escripto tambem se vê que nas mesmas localidades elle descobrio veios novos de huma grande abundancia, e que as escavações methodicas por elle ahi empregadas, mostrarão a toda a evidencia que as minas de carvão de pedra do Porto e de Buarcos erão mui ricas deste precioso combustivel. Este trabalho foi escripto em Lisboa em 1809 e lido em huma das sessões da Academia daquella época.

Depois desta memoria vem huma outra de hum interesse ainda maior; he a que tem por assumpto a necessidade e utilidade do plantio de novos bosques em Portugal. Ahi depois de mostrar o quanto he nocivo

(1) O Patriota, Jornal litterario, politico, mercantil e etc. do Rio de Janeiro: teve começo em Janeiro de 1813, e acabou em Dezembro de 1814. Atribui-se geralmente a sua redacção ao illustre Bahiano Manoel Ferreira de Araujo Guimarães, ex-professor da Academia Militar

a saude publica e á economia domestica a falta de matas, expõe a melhor maneira de fazer estas plantações, e qual o methodo mais preferivel de sementeira. As ideias ahi emittidas sobre a sciencia florestal, como elle mesmo confessa, são quasi todas tiradas das lições do seu sabio mestre e collega o Conde de Burgsdorff de Brandeburgo. Este trabalho he de summo interesse não só pelas cousas novas, que contem, mas tambem por ter despertado a attenção publica á este respeito, fazendo ver os inconvenientes da falta de arvores. He á elle a quem Portugal deve muitas plantações de pinhaes, que tem nos areaes de suas costas, que defendendo e amparando os campos férteis, tem tornado productivos terrenos estéreis. Esta util memoria foi escripta em 1812, e publicada 3 annos depois.

Em 1815 elle leo na Academia a sua bella memoria sobre a nova mina de ouro da outra banda do Tejo, chamada Principe Regente; nella elle discorre sobre a antiguidade das minas de ouro em Portugal; sobre a abundancia desta nova, e sobre o methodo por elle ahi empregado para a lavrar. Em 1816 foi publicada outra memoria minerographica delle sobre o districto metallifero entre os Rios Alve e Zezere. Em 1818 huma outra sobre as pesquizas e lavras dos veios de chumbo na Provincia de Tras dos Montes (1).

Si a isto reunirmos os interessantes trabalhos feitos

(1) Estas memorias achão-se todas impressas na collecção das memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa, e algumas forão impressas a parte.

sobre a metallurgia e a geographia dos antigos, huma introducção aos elementos de metallurgia, os discursos e outros trabalhos lidos na Academia das Sciencias (1); de certo que devemos confessar que o illustre Andrada foi de huma erudicção mui vasta, de hum saber profundo, e de huma actividade extraordinaria.

Taes forão, Srs., os seus principaes feitos na Europa. Taes forão os importantes trabalhos por elle ahi publicados; tudo isto justifica certamente os honrosos titulos que elle ahi recebeo de sabio abalisado e de grande litterato.

Cançado em fim de huma vida tão agitada, avivando-se no seu peito as saudades de seu paiz natal, elle obteve do governo licença para voltar á sua querida Patria, e em 1819 deixou as praias Portuguezas para vir adquirir nova gloria no paiz onde tinha visto a luz.

Chegado á esta capital o governo de D. João VI o quiz de novo empregar, porem elle tudo recusou dizendo que o seu unico desejo era terminar em socego os seus dias na sua Villa natal, e quando elle e seu illustre Mano o Sr. Martim Francisco (2), forão se despedir do Monarcha na sua partida para Santos, este novamente instou com elle para que ao menos acceitasse o lugar de Director da Universidade, que então se projectava criar

(1) Em algumas de suas obras, e mesmo muitas vezes na Academia, elle prometteo escrever hum compendio sobre a mineralogia: este nunca appareceo á luz, porem elle tanto trabalhou nelle, que entre os seus preciosos manuscriptos acha-se hum trabalho delle a este respeito, que tivemos occasião de o ver na sua residencia em Paquétá.

(2) Isto foi-nos referido pelo Exmo. Sr. Martim Francisco.

no Brasil, ao que elle disse que responderia de Santos.

Recolhido á esta Villa, com o titulo de conselheiro, elle foi habitar o seu sitio chamado dos Outeirinhos. Foi nesta agradavel situação que elle poz em ordem os seus importantes manuscriptos (1); foi ahi que elle classificou a sua preciosa collecção de mineraes, de plantas, e de medalhas trasidas da Europa (2); foi ahi a fim que

(1) Julgamos, que o publico estimará saber quaes são os seus principaes manuscriptos; e por isso vamos nomear os que tem vindo ao nosso conhecimento: 1.º Jornal de suas viagens: 2.º Tratado de Mineralogia, parte do qual vimos em Paquetá: 3.º Parte das obras de Virgilio traduzidas com commentarios: 4.º Compendio de Montanistica, Geometria-subterranea, e Docimasia metallurgica, este era o seu compendio da sua cadeira da Universidade de Coimbra; 5.º Memoria sobre o trabalho e manipulação das minas de ouro em geral: julgo que este manuscripto acha-se agora na bibliotéca publica; 6.º O testamento metallurgico, do qual se imprimirão em Lisboa as primeiras folhas, sendo prohibida a publicação das outras por ellas irem de encontro a algumas opiniões theologicas: este interessante manuscripto julgo achar-se nas mãos do seu genro o Sr. Vandelli, que hoje habita S. Paulo; 7.º Hum ensaio de historia contemporanea; 8.º Alguns elogios historicos, entre estes occupa sem duvida o primeiro lugar o de D. Maria I.; 9.º Muitas observações suas sobre diversas minas da Europa; 10. Elle copiou igualmente por sua propria letra muitos manuscriptos existentes nas diversas bibliotecas de Lisboa sobre o Brasil, as suas producções e outros objectos: muitos dos quaes são de hum grande valor. Deos permitta que todos estes preciosos manuscriptos se não percão como tantos outros de outros illustres Brasileiros, e que com a sua publicação possão ainda ser uteis.

(2) Esta collecção era muito interessate, e muito rica sobre moedas Portuguesas, entre as quaes tinha algumas muito antigas e raríssimas, nós tivemos tambem occasião de a ver em Paquetá.

tranquillo meditava sobre o estado do Brasil, e sobre a necessidade que elle já tinha de se constituir nação independente.

Pouco depois da sua chegada em Março de 1820, elle e seu Irmão o Exm. Sr. Martim Francisco fizerão huma excursão montanistica em parte da Provincia de S. Paulo para determinar os terrenos auriferos. Neste bello trabalho, que appareceo impresso no *Journal des Mines*, elles não só designão estes terrenos, como apresentão muitos mineraes novos, e huma immensa variedade de minas de ferro de diversas qualidades, das quaes as principaes por elles nomeadas são as de ferro magnetico, as de ferro vermelho, as de ferro brunio, as de ferro micassio, as de ferro especular, as de ferro octaedrico, e as de ferro hematitico: assim ficou-se sabendo que a Provincia de S. Paulo era riquissima em minas deste util mineral.

Do Brasil o nosso illustre Andrada ainda se correspondia com os principaes sabios da Europa. Humbold, a quem a America Meridional tanto deve, era hum desses que sempre lhe escrevião; e em huma de suas cartas que tivemos a honra de ver, ainda nos lembramos da promessa que elle lhe fazia de o vir ver no Brasil, e da communicação que lhe faz da sua viagem á Tartaria Independente para determinar a altura do Hyamala. Infelizmente para o Brasil Humbold nunca emprehendeo a sua visita ao nosso Sabio Patricio!

Eis, Srs., os principaes feitos do Illustre José Bonifacio como homem de sciencia; só elles o fizerão conhecido em toda a Europa; só elles bastão para o immortalisar. Porem, Srs., hum facto immenso ainda existe na sua

vida; na sua volta ao Brasil lhe estava destinada a maior gloria a que póde aspirar hum mortal, elle foi hum dos principaes collaboradores da Independencia do seu paiz!

Tendo seguido do fundo do seu retiro a marcha dos acontecimentos politicos, elle vio a má conducta das cortes Portuguezas a respeito do Brasil; vio que o Principe que o podia unicamente salvar era chamado a Portugal; vio o abysmo dos males em que hia precipitar-se sua patria; por isso, unindo sua voz a de outros illustres Brasileiros, dirige aquella memoravel representação (1), que decido o Principe a ficar entre nós; com o que se começa a edificar os primeiros alicerces do Imperio de Santa Cruz.

Porem o grande Principe vendo, que só Andrada pelo seu muito saber, pela sua grande experiencia, e pela sua illibada probidade, he capaz de levar ao fim a grande obra começada, pede, que o vindo ajudar, venha salvar o Brasil. Então este Homem só igual a si mesmo, deixa o seu retiro, as suas mais doces occupações, vôa ao Rio de Janeiro, e vem tomar parte nos negocios politicos entrando na administração. Pouco depois as cortes Portuguezas renovando as suas ordens para a sahida do Principe, e ordenando de mais a prisão de alguns dos ministros de então, obriga quanto antes a administração a fazer do Brasil nação livre e independente; e recebendo o Grande Pedro esta decisão no memoravel

(1) Esta representação, que ja se acha traduzida em muitas linguas, he hum chefle d'obra pelo seu estilo energico, e pelas excellentes ideias contida nella, que bem indicão estar o seu author ao facto das circunstancias politicas do Brasil: ella foi composta pelo illustre José Bonifacio.

campo do Ypiranga, sólta no mesmo momento o electrico grito de Independencia ou Morte (1). Ha desde este celebre dia, 7 de Setembro de 1822, que data a nossa Independencia.

Quem, nascido no Brasil; quem se interessando pela sua sorte não se recorda do primeiro ministerio (2), que teve o Imperio Brasileiro, do qual fazião parte José Bonifacio e seu nobre Irmão o Sr. Martim Francisco! Quem não sabe que foi elle, quem restabeleceu o credito da fazenda publica; quem criou hum exercito e huma armada; quem bateo os inimigos de sua patria por mar e por terra em Pernambuco, na Bahia, no

(1) Este facto sendo ainda pouco conhecido, e de muito interesse para a historia do Brasil, precisa de mais algum desenvolvimento, o que vamos fazer, assegurando a sua veracidade por elle nos ter sido referido por hum membro dessa administração que ainda hoje vive. Achando-se nesta epoca reunida em conselho toda a administração presidida pela Princeza D. Leopoldina, o Sr. Martim Francisco, ministro então dos negocios da fazenda, propos que o Brasil devia se declarar independente de Portugal visto a má conducta das cortes portuguezas para com elle; esta ideia foi energicamente defendida pelo Sr. José Bonifacio, ministro do Imperio, e dos negocios Estrangeiros, e appoiada pelo resto do ministerio, ficando o dito Sr. Martim Francisco encarregado de mandar o officio, declarando esta decisão ao Principe que então se achava em S. Paulo. O que logo tudo teve lugar decidindo ao Principe a praticar a heroica acção do campo do Ypiranga, pela qual os Brasileiros lhe devem ser eternamente gratos.

(2) Este ministerio era composto dos dous Andradas com as pastas acima mencionadas, do Exm. Farinha (conde de Souzel) com a da Marinha, de Caetano Pinto de Miranda Monte-Negro com a da Justiça, e de Luiz da Nobrega com a da Guerra.

Maranhão e no Oceano? Esta he sem duvida alguma a época mais brilhante de gloria para o Brasil.

Ao mesmo tempo que o Illustre Andrada como ministro muito concorria para estas grandes cousas, elle tomando igualmente parte nos debates da Assemblea Constituinte, á qual pertencia por eleição dos seus comprovincianos, apresentava grandes projectos, e ideias de hum profundo estadista (1).

He José Bonifacio, Srs., quem dirigio os primeiros passos do immortal Pedro I.; he elle quem o fez aclamar Imperador do Brasil apesar das cortes Portuguezas; quem fez callar tantos partidos e tantas ambições desmedidas; he elle em fim quem, sem mortes nem estragos, dirigindo a náo do estado com mão forte e energica, firmou a Independencia do seu paiz. Gloria para hum homem como José Bonifacio, que soube servir sem interesse, que soube amar seu Soberano assim como amou sua patria.

Si os Alexandres, os Cesars, e os Napoleões fizerão seus nomes celebres, destruindo cidades, arrasando castellos, e levando a morte e a desolação por toda a parte, quanto não deve ser a gloria do nosso illustre Patricio, que tornou nação livre e independente a aben-

(1) Devemos aqui mencionar dous dos seus trabalhos apresentados á constituinte, que são muito bem escriptos e de muito interesse para o Brasil: o 1.° he a representação sobre a escravatura, trabalho que foi impresso em Pariz em 1825 e que he digno de ser consultado por todos os nossos estadistas por algumas ideias optimas, que contem a este respeito: o 2.° he a memoria sobre a cathequese dos indios, objecto de que o Brasil tanto preciza.

4*

çoada terra de Santa Cruz! De certo que muito-grande, pois aquelles vertendo as algrimas da misera humanidade só fizerão-se respeitar e temer sem nunca serem amados, quando este, felicitando hum povo inteiro no meio do qual nasceo, era cordialmente querido por todos.

Porem, quem diria, Srs., que este homem que fez coisas tão assombrosas; este homem que merecia as homenagens dos seus compatriotas, e a estima do seo Principe, hia em pouco tempo ser victima da intriga! Todavia assim aconteceo; o infelis monarcha o afasta de si, e como Aristides, e Seneca, Andrada he desterrado, por ordem daquelle mesmo Principe tão seu amigo, mas tão enganado. Muita rasão pois tinha Cicero quando dizia — *Misero interdùm cives, optimè de republica meritos!!* (desgraçados aquelles cidadãos, que tiverem feito mais serviços ao seu paiz)!

He nesta occasião, que elle mostrou toda a grandeza da sua alma; he então que se póde dizer delle o que se disse de Julio Cesar, que a natureza precisava fazer exforços para produzir outro igual, pois huma palavra, huma queixa não se ouve, e sempre o mesmo porte, sentindo só a desgraça que vai accometter sua patria.

Expatriado em França com seus dous Irmãos e outros deputados (1), elle foi habitar os arrebaldes de

(1) Os nomes dos cidadãos expatriados forão os seguintes Srs. José Bonifacio, Martim Francisco Ribeiro de Andrada, Antonio Carlos Ribeiro de Andrada Machado, J. J. da Rocha e seus dous filhos, Francisco Gé Acayaba de Montezuma, e o Vigario Belchior Pinheiro de Oliveira: e elles sahirão para o seu desterro a 2 de Novembro de 1823 a bordo do navio Luconia.

Bordeos: ahi livre do barulho das grandes cidades, e rodeado das pessoas que lhe erão mais caras, se consolava com a leitura e cultura da poesia. Foi neste retiro que elle compoz as suas eximias Odes aos Bahianos, aos governos e ao poeta desterrado; suas cantigas bachicas, que forão impressas nesta corte: e durante a sua estada em França, elle fez igualmente apparecer á luz a sua excellente representação dirigida á assemblea constituinte sobre a escravatura.

No fim de 7 annos de desterro em 1829, José Bonifacio volta de novo ao Brasil, porem já muito avançado em idade, e afflicto pela perda de huma esposa querida. O nobre velho he bem recebido do Imperador; porem elle de pouco lhe póde servir pois os caminhos da gloria por onde tinha começado a sua carreira, estavão semeados d'abrolhos impossiveis de se arrancar. Por este tempo o corpo legislativo, reconhecendo os grandes serviços prestados á patria por este illustre cidadão, satisfez aos desejos do governo que lhe concedeu a pensão annual de quatro contos de réis. Louvores pois sejão dados a esta patriotica legislatura, que premiando o merito, soube recompensar de alguma maneira serviços tão importantes.

Sequioso do descanço elle foi habitar então a ilha de Paquetá, esperando encontrar ahi o reposso tantas vezes desejado; porem em breve sobrevem os acontecimentos do sete de Abril, que lhe obrigão a novos sacrificios. D. Pedro abdica a coroa imperial, e, decidido a deixar ficar seus amados Filhos entre nós, nomeia por Tutor destes Augustos Mininos ao Illustre José Bonifacio. Este verdadeiro Patriota conhecendo o quan-

to era precioso este deposito, que lhe tinha sido confiado, tratou delle com o maior cuidado, tendo sempre em vista, que esta era a unica barca da salvação para o nascente Imperio da America. Assim salvou o Brasil pela segunda vez. He por isso que grande foi a dor dos verdadeiros amigos do paiz, quando o virão esbulhado dos seus sagrados direitos.

Esta foi sem duvida alguma huma das maiores contrariedades, que elle teve na sua longa vida, e elle foi a causa mais forte da sua existencia não se prolongar mais, no entretanto ainda o soffreo com bastante resignação, e julgando-se muito superior aos seus inimigos, nada fez, nada dice para a sua defeza, e esperou que a calumnia se desmentisse a si mesma. Este grande Brasileiro, este Illustre Paulista, que já pelos seus grandes feitos se acha collocado no templo da memoria, concluio a brilhante carreira da sua existencia no dia 6 de Abril do corrente anno, recebendo do governo e de todos os verdadeiros Patriotas as homenagens que erão devidas a tão grande genio.

Assim deixou de viver o homem a quem as letras, as sciencias, e a humanidade muito devem; assim expirou quem illustrou Portugal, e libertou o Brasil. Eis, Srs., o genio que S. Paulo criou e a Europa fortificou. Quem não verá nelle o profundo mineralogista, o grande poeta, e o excelso patriota a quem muitas sciencias e linguas (1) erão familiares. He por isso que o nome

(1) Nós tivemos ainda occasião de o ouvir fallar perfeitamente o Inglez, Allemão, Francez, Italiano, e Hespanhol, alem do conhecimento que tinha das linguas mortas.

do José Bonifacio já conhecido do todo o mundo, sera respeitado de todas as gerações futuras. Este sabio, de quem hoje lamentamos a perda, que nos illustrou com as suas descobertas, e que nos engrandeceu com as suas uteis producções, deixou hum grande vacuo no mundo scientifico, e entre nós huma falta por muito tempo dificil de se preencher.

Si o quadro da vida dos sabios como dos Cabanis (1), he em geral o da virtude, que bello exemplo não temos nós disto na longa vida do illustre Andrada passada no meio de grandes prosperidades e infortunios. A sabedoria, a humanidade, a fidelidade, a justiça, a modestia, a resignação, em fim quasi todas as virtudes fiserão de sua existencia huma pratica constante de acções nobres e sublimes, e do dia de sua morte como diz eloquentemente Bossuet (2) fallando de hum grande homem, o melhor, o mais glorioso, e o mais feliz dia de sua vida.

Aqui tendes pois, illustre audictorio, hum modelo para grandes acções; aqui vos offereço este bello exemplo d'imitação, elle merece certamente ser seguido tanto pelo que tem de bom, como porque o individuo, que o apresenta respirou no berço o mesmo ar que respiramos. E nunca vos esqueçaes, que si elle morreo pobre, deixou ao seu paiz obras de hum immenso valor, e á sua familia huma reputação sem mancha.

Tal foi a vida deste grande Brasileiro, que alem de ser sabio, poeta, e politico, foi bom esposo, bom pai e bom amigo.

(2) OEuvres de Cabanis, tom. 5. pg. 193.
(1) Sermons panegyriques. Bossuet, tom. 7. pag. 516.

E vós, Augusto Monarcha (1), que honraes com vossa Imperial presença esta illustre Sociedade; vós que fostes por vosso Augusto Pae confiado ao grande homem de quem lamentamos a perda, quando a idade augmentar os vossos já tão felizes conhecimentos, tereis hum prazer bem vivo em vos lembrardes, que foi José Bonifacio, quem primeiro dirigio vossos nascentes passos, quem delineou vossos estudos, e quem traçou a linha da vossa importante instrucção, que promettem fazer-vos hum dia hum dos mais grandes Principes do vosso seculo; então o mundo mostrará com assombro á mais remotta posteridade o grande Imperador do Brasil, e dirá — eis o pupillo de — José Bonifacio de Andrada e Silva.

(1) Este ultimo paragrafo não o lemos na sessão publica, por não se achar presente S. M. o Imperador; porem como estava composto, o publicamos agora.

APENDIX

—

Illm. e Exm. Sr. D. Rodrigo de Souza Coutinho (Conde de Linhares (1).

Tenho sido desleixado, he verdade, em escrever á V. Ex.ª, mas não criminoso, como talvez o queirão alguns Farisêos, agora de volta de Figueiró he do meu dever dar conta ao creador d'aquelle bello estabelecimento, e dos outros, do estado em que estão todos.

Para poupar 10 ou 12 mil crusados por anno, e facilitar as provisões de combustivel, resolvi-me fazer hum *experimentum crucis*, qual o de fundir ferro com cêpa. No dia dos annos de S. A. R. comecei a carregar a fornaça, e no dia sabbado pe as 4 horas da manhãa consegui vazar o primeiro ferro: em todo este tempo nem dormi, nem soceguei; mas graças á Deos continúa a fundição com felicidade maior do que podia dezejar. Já dá a fornaça por semana 200 quintaes, e espero que chegue á 250. O refino vai muito bem, bem que por velho e remendado o martello e apparelhos, só dá por semana 60 arroubas de ferro, forjado melhor do que

(1) Esta carta a publicamos agora, pois ella esclarece muitos factos da vida do illustre José Bonifacio. Huma copia della achava-se nos papeis do Sr. José de Resende Costa, que francamente nos confiou para dar-mos a luz.

5

todo o que nos vem de fora. Si houver dinheiro para o provimento de cêpa para 4 mezes, pois o forno consome 24 carradas por dia e noite, faremos neste tempo pelo menos 3:740 quintaes, os quaes para serem refinados precisão de mais dois refinos, para o que não ha vintem. Na Machuca, onde houve outra fabrica, se devia estabelecer outra de aço, e huma de espingardas para a tropa, onde com muita economia e commodidade se poderia fazer todos os annos 10 até 12 mil espingardas, obras de ferro coado, e ferragens de toda a casta: podem igualmente ser feitas com muito proveito, e para tudo isto precisava que me emprestassem 40 mil cruzados a juros, que os pagaria em 2 annos com o lucro de 20 mil cruzados de resto. Mas quem fará isto? Pasciencia! iremos remando contra maré, e combatendo as furias do inferno.

No Porto descobrimos outro veio de carvão parallelo, possante, de seis pés, que já começamos a attacar, e por hum calculo que fiz, temos carvão para mil e quinhentos annos. No primeiro quartel, dicto anno, tiramos 2:105 carradas de carvão, das quaes vendemos 1:315, alem de 40 que forão para Lisboa: o resto he de carvão miudo, que ainda tem pouca sahida por falta de providencias: desde Abril até meiado deste extrahirão-se e venderão-se 601. Em breve tempo, promptos mais dous poços que trago entre mãos, duplicaremos a extracção. Os Inglezes que vendião a pipa do seu carvão a 60 e 70 mil reis, já agora o dão por 24. Para cozinhar não ha em todo o mundo carvão melhor, pois nem fuma, nem dá cheiro, e qualquer outra nação teria avaliado huma tal descoberta como huma graça especial da Providencia. Ha 4 mezes que eu me não sirvo de outro combustivel, e apesar dos

fretes e carretos carissimos, ainda assim faz-me muita conta usar do carvão em Coimbra. Que utilidade para a marinha Real e mercantil, para o exercito e uxaria! Mas nós somos cafres em verdade. Em Buarcos abondonei a maldita mina velha, malfadada desde o seu bestial começo, e abri huma nova para o norte em regra, e livre de todos os perigos do mar, donde já vou tirando o carvão, melhor que o antigo, e com metade da despesa antiga. Logo que conclua hum novo poço de extracção, que já estaria prompto si houvesse dinheiro, tirarei ao menos por semana 25 á 30 pipas de carvão. Para o sul da mina velha alagada tinha começado outra nova, cujo poço já estava em meio, mas por falta de meios está por ora abandonado e cheio d'agoa. Ordenou-se-me que fizesse huma fabrica de tijôlo; com effeito a fiz á maneira Ingleza, em que se gastou perto de 2 contos de reis, que ainda se está devendo ao honrado patriota, que os adiantou de sua algibeira. O tijôlo devia ir para Lisboa; mas até hoje ainda não veio hum só hiate á buscal-o, e o peior he que encommendando-se 10 cargas de carvão, em cuja conducção gastei 600 e tantos mil reis, lá está elle á chuva, e ao tempo a perder-se. Si as fabricas de Lavos e Tavarede estivessem em actividade, e consumissem carvão, pouco me importava da falta de dinheiro; mas do modo como estão as cousas, a não ser as minas do Porto, que me dão para a de Buarcos 200 mil reis por mez, já tinha despedido toda a gente que ali trabalha.

As sementeiras de Lavos estão sem vintem, por que o dinheiro que havia servio para as minas, e a consignação do rendimento do pescado entra no erario. Tem-se feito muitos uteis descobrimentos de carvão em varias

5*

partes, principalmente no termo de Santarem junto ao Tejo; e de prata e estanho atrás dos montes, para onde mando hum dos extrangeiros fazer os trabalhos da pesquisa; e si puder obter 200 mil reis por mez, em 4 espero ter muita prata nossa.

Mas eu, Ex.mo Sr., estou doente, afflicto, e cançado, e não posso mais com tantos dissabores e desleixos. Logo que acabe meu tempo de Coimbra, e obtenha a minha jubilação, vou deitar-me aos pés de S. A. R. para que me deixe ir acabar o resto de meus cançados dias nos sertões do Brasil, a cultivar o que he meu. Já saberá V. Ex.a que me preparo para isto desde longe; pois já estou lavrador, tendo arrendado aqui huma grande quinta por 600 mil reis por anno, que me tem enriquecido de conhecimentos praticos de agricultura, e empobrecido a magra bolça. Ao menos nisto quero imitar á V. Ex.a Aqui vou rusticando e durando. De cousas academicas não lhe fallo, por que já as saberá por via do Tristão: de politicas estou aborrecido com este melhor dos mundos possiveis, e tomara, passando á America, que o grande Rio fosse o meu Lethes completamente. Temo entretanto cahir em huma inteira misantropia com quem ando a braços de continuo.

Tenha V. Ex.a saude e pasciencia com os males deste mundo christão, e ponha-me aos pés da Ex.ma Sr.a D. Gabriella e mais Senhoras, e do meu honrado amigo o Sr. Principal, de quem tenho saudades sem conta. Faça-me V. Ex.a a mercê de dizer á estimadissima Sr.a D. Gabriella, que para dar hum exemplo de imitação de virtudes e boas qualidades, e não podendo tomal-a por comadre por estar de longo tempo *engagé*,

puz o seu auspicioso nome á minha ultima filha, que he muito linda e boa.

Acceite V. Ex.ª o coração de quem he com a maior ternura e respeito de

V. Ex.ª

Venerador, amigo, e criado muito e muito obrigado.

José Bonifacio de Andrada e Silva.

Quinta do Almegue 26 de Maio de 1806.

Imprensa Imparcial, praça da Constituição n. 66.

ESBOÇO

BIOGRAPHICO E NECROLOGICO

DO CONSELHEIRO

JOSÉ BONIFACIO DE ANDRADA E SILVA.

Quis desiderio sit pudor aut modus
Tam cari capitis? . . . . . .
. . . . . .
Ergo Quinctilium perpetuus sopor
Urget; cui non lex et Justitiæ vocat
Incorrupta Fides, nudaque Veritas,
Quando ullum inveniet parem?
HORAT. ODE AD VIRGILIUM.

Rio de Janeiro,

NA TYPOGRAPHIA IMPARCIAL DE F. DE PAULA BRITO,

PRAÇA DA CONSTITUIÇAÕ N. 66.

1838.

ESBOÇO

BIOGRAPHICO E NECROLOGICO

DO CONSELHEIRO

JOSÉ BONIFACIO DE ANDRADA E SILVA.

Quæ dandetur sit pudor aut modus
Tam cari capitis? . . . . . .
. . . . . .
Ergo Quiritium perpetuus sopor
Urget? cui pudor et Justitiæ soror
Incorrupta Fides, nudaque Veritas,
Quando ullum inveniet parem?
HORAT. ODE AD VIRGILIUM.

Rio de Janeiro,
NA TYPOGRAPHIA IMPARCIAL DE F. DE PAULA BRITO,
PRAÇA DA CONSTITUIÇÃO N. 66.
1838.

ESBOÇO BIOGRAPHICO E NECROLOGICO.

Quis desiderio sit pudor aut modus
Tam cari capitis? . . . . . .
. . . . . .
Ergo Quintilium perpetuus sopor
Urget! cui pudor et Justitiæ soror
Incorrupta Fides, nudaque Veritas,
Quando ullum inveniet parem?

(HORAT. ODE AD VIRGILIUM)

Morreo o Ex.mo Conselheiro José Bonifacio de Andrada e Silva, ás 3 horas do dia 6 de Abril, e deixou aos verdadeiros Brasileiros saudades e remorsos. Para aliviar humas e curar outros, he destinado o breve esboço biographico e necrologico que se apresenta.

O Conselheiro José Bonifacio nasceo na Villa de Santos, Provincia de S. Paulo, aos 13 de Junho de 1763,

1

do huma familia nobre daquella Provincia, ramo dos antigos Srs. de Bobadella, hoje Condes, e dos Srs. d'entre Homem e Cavado na Provincia do Minho, que tiverão outr'ora o titulo de Condes de Amares, e Marquezes de Montebello; familia illustrada na Republica das Lettras pelos Doutores José Bonifacio de Andrada, e Tobias Ribeiro de Andrada, e o Padre João Floriano Ribeiro de Andrada, tios do Ex.mo Conselheiro; o primeiro dos quaes se distinguio nas Sciencias physicas e medicas, como se mostra das obras manuscriptas que delle existem; e o segundo, Thesoureiro-Mor da Sé de S. Paulo, primou como grande Canonista e Jurisconsulto. O terceiro, o Padre João Floriano, dotado de imaginação a mais rica, foi hum Poeta celebre; delle ainda existem diversos fragmentos poeticos, entre elles a — Vida de S. João Nepomuceno —, testemunho da sublimidade de sua fantesia poetica, da multiplicidade de seus cabedaes de literatura, e da força de sua razão.

O amavel menino, pois desde então se distinguião ja suas qualidades futuras, recebeo sua primeira instrucção na mesma Villa de seo nascimento, sob os olhos de seu Pai o Coronel Bonifacio José de Andrada, homem assaz instruido para o seu paiz e classe, e de sua Mãi D. Maria Barbara da Silva, matrona exemplar por suas virtudes,

zelo com que educou seus filhos, e caridade para com os pobres, e que ali mereceo o nome de — mãi da pobreza —; cuja memoria nunca se perderá entre os seus patricios, e cujo nome he ainda recordado com saudade e respeito por toda a sua Villa.

Finda sua instrucção primaria, passou o menino para a Cidade de S. Paulo a fazer o seu curso de Logica, Methaphysica e Ethica, o de Rhetorica, e Lingua Franceza nas escólas que, á sua custa, o Bispo Diocesano D. Fr. Manoel da Resurreição, nome charo ás Sciencias, erigira naquella Capital; e ali o moço José Bonifacio tanto se distinguio, que o Bispo, que era ligado com sua familia, e desejava a gloria do estado ecclesiastico, fez todos os esforços para conseguir que elle se dedicasse á Igreja, ao que porem nem o joven, nem sua familia, que tinha sobre elle outras vistas, annuirão. Foi em S. Paulo que elle começou a amontoar o cabedal de Litteratura em que tanto se avantajou depois; a Litteratura propriamente dita, a Philologia e a Linguistica captivárão seus momentos; o uso da Bibliothéca escolhida que para o publico franqueára o sabio D. Fr. Manoel da Resurreição, enriqueceo sua memoria, desenvolveo o seu entendimento e razão, e fortificou o seu juizo; ali pela primeira vez sentio a inspiração poetica, de que ha amostras

1 *

na collecção de fragmentos poeticos, que imprimio em Bordéos, debaixo do nome de — Americo Elysio —.

Passou depois o joven José Bonifacio á Portugal a ultimar sua educação litteraria na Universidade de Coimbra; e ali, alem de estudar a Jurisprudencia, se distinguio no estudo das sciencias naturaes, mormente da Chimica, que tinhão reformado Lavoisier e outros sabios da escóla Franceza; tomou os gráos de Bacharel formado em Direito Civil e de Bacharel em sciencias naturaes, e se fez senhor do empyrismo Francez, á que as obras de Condillac, e outros Ideologistas tinhão dado voga desgraçadamente, e adquirio novas riquezas em Litteratura geral e Linguistica.

Acabada a sua educação litteraria, foi o joven Andrada para Lisboa, onde, apresentado ao Duque de Lafões, foi escolhido por socio da Academia Real das Sciencias, que se então organisava, e depois, por proposição d'ella, despachado para viajar a Europa, como Naturalista e Mineralogista. Foi então que tomou estado casando-se com D. Narciza Emilia Oleary, senhora amavel, de origem Irlandeza, e que foi assaz conhecida nesta Corte pela sua amabilidade e amenidade de caracter, e doçura

de costumes. Partido José Bonifacio para Europa, dez annos a correo, desde os verdes campos da Lombardia até a gelada Suecia e Norwega; sequioso d'instrucção e conhecimentos, tudo observou e notou com a perspicacia e penetração do sabio; do que podem fazer fé os jornaes de suas viagens, que ainda existem manuscriptos. Mereceo o conceito da Europa culta; foi aggregado a muitas Sociedades sabias; e suas memorias, escriptas nas linguas Portugueza, Franceza e Allemãa, são testemunhos irrefragaveis do seu aproveitamento; as mais abstrusas doctrinas das escólas critica e transcendental, as Lucubrações dos Kants, Ficktes, Bouterwek e Schelings se lhe tornárão familiares. A Sociedade Philomatica, a dos Naturalistas em Paris, a Sociedade Lineana de Iena, a dos Investigadores da Natureza de Berlin, a Academia Real das Sciencias de Stockolmo, a de Compenhagen, e muitos outros Institutos Litterarios da Italia e Austria o chamárão ao seu seio. Os sabios mais distinctos do Norte e Sul da Europa o honrárão com a sua amisade.

Rico em fim de conhecimentos adquiridos, tendo desprezado offerecimentos vantajosos e honrosos de estabelecimentos em paizes extrangeiros, como por exemplo o convite pelo Principe Real da Dinamarca para Inspector das Minas da Norwega, recolheo-se á Portugal, onde

pelo Conde de Linhares, ministro amigo das lettras, foi mandado a criar a cadeira de Mineralogia na Universidade de Coimbra, e nomeado Intendente Geral das Minas do Reino e Desembargador da Relação do Porto, e depois encarregado do encanamento do Rio Mondego, lugares que encheo com honra e zelo, e onde fez todo o bem que se podia esperar de suas vastas luzes e probidade; e, criada a Sociedade Maritima de Lisboa, fez della parte.

Sobreveio a invasão Franceza, que forçou a retirada de D. João VI para o Brasil, e o nobre Andrada foi sempre surdo ás palavras assucaradas, com que o Governo intruso buscou allicial-o; e quando por fim o Povo cançado de soffrer, e inspirado do enthusiasmo patriotico ergueo o pendão da Liberdade e Independencia, e buscou enxotar do sólo Portuguez os invasores, foi José Bonifacio hum dos primeiros, que correo ás armas, e como Major, e depois Tenente Coronel Commandante do Batalhão Academico, prestou relevantes serviços á causa Portugueza, e recebeo honrosos testemunhos nas ordens do dia do tempo. Expulsos os Francezes, o Conselheiro Andrada, nomeado Intendente da Policia do Porto, açaimou o exagerado dezejo de castigo contra os afrancesados, e soube conciliar o que exigia a justiça contra os verdadeiros inimigos de sua Patria com a indulgencia

que se devia mostrar á simples seducção e aos erros d'entendimento, que cumpre tolerar.

Finda a grande luta Portugueza, a latente saudade do Brasil, que a azafama dos negocios tinha como abafado no coração patriotico do Conselheiro José Bonifacio, lançou novas labaredas: vir ainda acabar os seus dias na terra abençoada de Santa Cruz, onde a fortuna o fez nascer; respirar antes de morrer as frescas viraçõs peneiradas por entre os esbeltos coqueiros e copadas mangueiras, que aformozião o risonho Brasil, era o pensamento que sempre o occupara, e que então mais do que nunca o occupava. Conseguio pois licença do Governo e veio apresentar-se nesta Corte ante o Monarcha. Fallava-se então da criação de huma Universidade no Brasil; e era natural escolher-se para seu criador, e primeiro Reitor hum sabio abalisado o encyclopedico como o Conselheiro Andrada, o unico capaz de erguer este estabelecimento ao par dos mais perfeitos da Europa; mas a amarella inveja, que já o espiava, para roubar-lhe a gloria, fez mangrar o projecto. Descontente, mas sem despeito, indemnisado apenas com ametade do que perdera na Europa, e com o titulo de Conselho, retirou-se para Santos, seu berço natalicio, e ali nas suas terras dos—Outeirinhos—, novo Cincinato, occupou-se na cul-

tura de seu terreno, na communicação de alguns amigos, e na conversação dos amigos velhos, os sabios d'outr'ora, em que abundava sua escolhida livraria, esquecido do mundo e seus barulhos, e das ambições e invejas pequenas de huma Côrte em tudo o mais pequena, mas grande em corrupção, venalidade e desmoralisação, e de huma inepcia e incapacidade alem de toda a concepção. Já de então a ingratidão dos Reis o ensinava a preparar-se para a da Nação, que depois devia sentir.

No remanso da paz corrião iguaes seus dias, quando o brado da Liberdade, que em Portugal soára, échoou até o Brasil, e em S. Paulo se criou hum Governo Provisorio, no qual tiverão assento o Conselheiro Andrada e seu irmão Martim Francisco, e aos seus esforços foi devida a honrosa escolha dos dignos Deputados daquella Provincia ao Congresso de Lisboa, entre os quaes se avantajou outro irmão do Conselheiro Andrada, Antonio Carlos, que secundado por seus collegas, á excepção de hum, soube conservar a dignidade do Brasil, e calçar o caminho para sua Independencia. Huma facção no Congresso queria arteiramente, á cuberto de palavras sonoras de igualdade e liberdade, refazer no Brasil o antigo regimen colonial; decretou pois a retirada do Principe Regente, mancebo esperançoso, bem que des-

leixadamente educado, e que parecia, coisa rara em Principes, amar as instituições liberaes. Ao ouvir tamanha traição, levantou-se o Brasil em massa, e o nobre Principe abraça a nossa causa, e chama para seu lado o Conselheiro Andrada, que parte para a Côrte, deixando em S. Paulo, seu irmão para dirigir o Governo da Provincia. Chegado á Corte, aniquilla as vistas traidoras da tropa Luzitana e a fôrça a embarcar; em quanto em S. Paulo seu irmão aprompta forças para debellal-as, e as faz marchar; e o outro seu irmão nas Cortes troveja contra as violencias Portuguezas, e prediz a Independencia do Brasil, senão mudarem de conducta. Reunido depois com seu irmão Martim Francisco, a quem expulsára huma conspiração no sentido Luzitano, conspiração em que tivera grande parte hum caracter politico, qualificado depois de eminente Brasileiro! decidirão a declaração da Independencia, que promoveo de boa fé o Principe Real, depois Imperador D. Pedro I. Nome venerando, lá do assento celestial, onde sem duvida estás, escuta a voz de hum verdadeiro Brasileiro, austero censor de tuas faltas, porem o maior respeitador de tuas virtudes. O severo buril da historia, a cujo dominio hoje pertences, gravará imparcialmente nos seus fastos tuas innumoraveis faltas politicas posteriores, tuas fraquezas e falhas; mas este só serviço eminente, escripto em caracteres indeleveis nos livros da

memoria, te absolverá de toda a culpa no conceito do bom Brasileiro, e pesará tanto que no oceano do tempo, quando teus defeitos tiverem cahido ao fundo, elle sempre sobreaguará, para levar teu nome até a mais remota posteridade, rodeado de gloria, e orvalhado das lagrimas do reconhecimento do Brazil inteiro!

Decidida a Independencia, seguia-se marcar a forma do Governo: os serviços do Principe Real, os prestigios de que elle estava rodeado, a vastidão do Brasil, os habitos e costumes monarchicos, de que estavão embebidos os Brasileiros, tudo indicava que a forma monarchico-representativa, era a que nos convinha, e que o tronco da nova Dynastia outro não podia ser que D. Pedro. Estas razões poderosas comprehendeu o Conselheiro José Bonifacio, a quem demais tinhão azedado os disturbios e violencias das republicas limitrophes. Foi pois acclamado e depois coroado Imperador do Brasil D. Pedro, e o Conselheiro José Bonifacio, seu Ministro, curou de conservar intacto o Imperio, vigiando com ciosa suspeita tudo o que tendia a abalal-o. Seu zelo o levou talvez a actos discrecionarios, que o verdadeiro liberal reprova, porem escusa e respeita pelos motivos que os produzirão.

A Assembléa Constituinte, antes convocada por D. Pedro, juntou-se em fim, e nella o Conselheiro José Bonifacio conservou a maioria precisa para poder dirigir o Governo; mas a este tempo huma coalisação monstruosa dos ultra-liberaes com os absolutistas e Lusitanos, conseguindo apoderar-se do inexperto Reinante, obrigou o Ministerio Andrada a demittir-se; o Conselheiro José Bonifacio insultado d'envolta com seus irmãos, sem aggredir a nova Administração, desapprovava os seos actos; e embora previsse a sua sorte, para evital-a nenhum só passo deo que podesse comprometter a tranquillidade publica, e a authoridade do Imperador. Todavia tanta moderação, tanto respeito ás leis e ao Imperante não pôde desviar da sua innocente cabeça o raio da vingança, despedido pelas mãos criminosas dos Cortesãos, Lusitanos, e Demagogos. Sua eliminação da Assembléa, e a de seus irmãos, he exigida com imperio; e porque a Representação Nacional se envergonhou do suicidar-se a si mesma; he sua dissolução resolvida com a mais manifesta usurpação dos Poderes Nacionaes, e o Conselheiro Andrada e seus irmãos com mais dois innocentes Deputados, Rocha, e Montezuma, são prezos pela Força Militar, conduzidos aos carceres da Lage, e dahi deportados para a França, ou talvez ainda para peior destino. Dahi data a serie não interrompida de desgraças que assaltárão a Monarchia Bra-

2 *

sileira; o desgraçado Principe, seu chefe, privado dos verdadeiros amigos do paiz e da liberdade, ludibrio das paixões de partidos oppostos, sem força real para oppor-se a nenhum delles, não fez mais que escorregar de desacerto em desacerto até sua final ruina. Em seu desterro o Conselheiro Andrada, cada vez que nos Periodicos lia os desvarios que a traição preparava, e á que a inexperiencia arrastrava o Imperador, seu coração mavioso carpia os males da Patria que adorava, e as desgraças previstas do Monarcha, de quem era ardente amigo, apezar de sua ingratidão.

Pareceo em fim estar satisfeita a vingança, e voltarem dias de mais justiça: depois de longos annos de exilio, voltou o Conselheiro Andrada ao Brasil, e tendo perdido na travessia sua boa esposa, companheira dos seus trabalhos, aviso que lhe mandava a Providencia dos males que o aguardavão na Patria, beijou coberto de luto as praias do Nichteroy. Bem recebido pelo Monarcha arrependido, olvidou com hum só sorriso delle longos annos de soffrimento, amou-o como d'antes, porque seu coração amante não podia deixar de amal-o; porem não o servio mais senão com os seus desinteressados conselhos, que forão quasi sempre desprezados. Retirado á Ilha de Paquetá ainda ali o foi desenterrar

a calumnia, forja-se plano de republicas ridiculas, e se apregôa como seu chefe o venerando ancião, que não responde senão com desprezo. He porem neste mesmo tempo que huma Sociedade sábia, a Sociedade Imperial de Medicina desta Corte, como para indemnisal-o, o escolheo seu socio honorario, honrando-o assim, e honrando-se igualmente. Igual tributo lhe pagou a Sociedade de Instrucção Elementar.

Eis chegados os ominosos dias de Abril de longa mão preparados; huma eleição imprudente de ministros he o pretexto de que se serrem os corifêos da revolução para sublevarem as massas do Povo, e o Imperador, ou seduzido por phantasticas promessas, ou fatigado da porfiada luta, abdica o throno no Augusto Menino, em cujo nome somos ora regidos, e deixa o Brasil, encommendando seus tenros filhos ao mesmo ancião que deportara, e então reconheco por seu verdadeiro amigo. A nomeação he annulada por huma Assembléa só guiada pela sanha, e sem respeito ás leis e á natureza, nega-se a hum Pai, coisa estupenda!!! o direito de dar tutor a seus Filhos; todavia o mesmo Tutor que o Imperador nomeára he o escolhido pela Assembléa, e o nobre velho imprudentemente acceita o perigoso cargo, que, como a boceta de Pandora, vinha para elle prenhe de todos

os desgostos. Desde então huma enfiada de surdas perseguições o não deixou socegar; não houve movimento popular em que não implicassem o nome do Conselheiro Andrada, e de sua familia; a nobreza de sua alma, a pureza de sua conducta o não salvou dos mais improvaveis arguições. Paciente e corajoso, como era o seu espirito, a carne fraca ressentio-se de tanto abalo; e dois repetidos ataques de paralysia annunciárão a deterioração de seu cerebro, que progredio sempre, até que os aziagos dias de Dezembro de 33, o reduzirão quasi á vida vegetativa. Nesses dias fataes, canalha amotinada, capitaneada pelo Chefe de Policia, quebra-lhe as vidraças, cobre de baldões e injurias seu nome respeitavel, e o Governo, se he que de Governo merece o nome a cafila então apoderada do poder, sem o menor direito suspende o eleito da Assembléa, e o Tutor de D. Pedro II he conduzido á prizão por hum Capitão!!!! Velho Venerando, ainda hoje talvez te não chorarião tua familia e amigos, se o amor da tua Patria, se a amizade que sempre mostraste ao Principe decahido te não persuadissem a cuidares nos tenros pimpolhos, confiados ao teu cuidado; privado das vistas dos queridos orfãos, filhos da Nação que amavas como teus, definhaste como tenra flor a que falta a agua, e que o sol cresta. Cruel lembrança! E houve huma Assembléa que ratificasse a violencia! Houve!.... e no Brasil sempre haverá em

quanto os partidos dictarem a lei!! As paixões fogosas que nos lavrão o peito nos impellem sempre a saltar as barreiras da justiça, a inveja, ingrediente principal, de que são amassadas nossas almas, faz-nos achar hum prazer divinal em abater quanto ha de sublime!

Depois da terrivel catastrophe, os restos de vida sensitiva e intellectual, que ainda animavão o Conselheiro Andrada, forão-se pouco a pouco esvaecendo, até que no dia 6 de Abril deste anno, no mesmo dia em que fôra nomeado por D. Pedro I, Tutor de seus Filhos, no mesmo dia em que se amontoou o combustivel em que devia arder a paz e a tranquillidade do Brasil, foi sua alma pura receber o galardão de seus feitos da mão d'aquelle que sonda os corações, e, indulgente ás fraquezas da mizera humanidade, leva-lhe em conta até a menor parcella de virtude.

Tal foi José Bonifacio, viveo e morreo pobre; não recebeo de sua Nação distincção alguma; no Senado que a lei criara para o merito e a virtude, e aonde tem achado assento até o vicio, a crapula, a inepcia, a intriga e a traição, não houve nunca hum lugar para o Criador do Imperio!!!!. Talvez por isso mais sobressahirá seu

nomo, como os de Bruto e Cassio mais lembrados erão, por não apparecerem suas estatuas nas pompas funebres das familias, á que pertencião. Vergonha eterna sobre os malvados que desvairárão a Nação!...

José Bonifacio era de estatura menos que ordinaria, de figura regular, branco e louro na sua mocidade, de olhos pequenos e vivos, que descobrião a delicadeza de suas sensações, e finura de seu espirito. Sua conversação era amena e jovial, e recheada de labaredas d'espirito, cheia de allusões finas e engraçadas. Os seus costumes erão dôces, sua bondade quasi angelica estava pintada no seu rosto, sua paciencia era stoica, sua tolerancia evangelica, sua caridade verdadeiramente christãa; nunca conservou rancor, nunca esqueceo beneficio, nunca recusou soccorro a quem lh'o pedia. Não procurou inimisades, senão por bem do Brasil; se a difficuldade das circumstancias em que se achou collocado o fez desviar da senda do stricto direito, o seu coração não teve parte no que a cabeça prescrevia. Em fim teve defeitos, porque era homem, porem os seus defeitos erão pontos imperceptiveis no mar de suas boas qualidades.

OREMOS POR ELLE, CHRISTÃOS.

NA IMPRENSA IMPARCIAL.

ELOGIO HISTORICO

DE

JOSÉ BONIFACIO DE ANDRADA E SILVA

ELOGIO HISTORICO

DE

JOSÉ BONIFACIO DE ANDRADA E SILVA

LIDO NA SESSÃO PUBLICA

DA

ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS DE LISBOA

EM 15 DE MAIO DE 1877

POR

JOSÉ MARIA LATINO COELHO

SECRETARIO GERAL INTERINO DA MESMA ACADEMIA

LISBOA

TYPOGRAPHIA DA ACADEMIA

1877

ELOGIO HISTORICO

DE

JOSÉ BONIFACIO DE ANDRADA E SILVA

LIDO NA SESSÃO PUBLICA

DA

ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS DE LISBOA

NO DIA XXIII DE MAIO DE 1877

POR

JOSÉ MARIA LATINO COELHO

SECRETARIO PERPETUO DA MESMA ACADEMIA

LISBOA

TYPOGRAPHIA DA ACADEMIA

1877

ELOGIO HISTORICO

DE

JOSÉ BONIFACIO DE ANDRADA E SILVA

SENHORES:

Se fôra necessario comprovar mais uma vez esta verdade intuitiva—e comtudo tantas vezes contestada pelo preconceito ou pela inveja,—de que o talento nos seus graus mais eminentes é egualmente prestadio nas quietas cogitações da litteratura e da sciencia e nas tempestuosas turbações da vida publica, nenhum exemplo se nos podera deparar com mais persuasiva auctoridade que o do benemerito varão, a quem hoje em nome da Academia, venho prestar as honras solemnissimas, com que ella tem por timbre e por costume inscrever os nomes mais illustres no livro de oiro do seu patriciado litterario.

Ao contemplar os grandes homens, a quem a natureza concedeu o insigne privilegio do talento, ao vel-os no primeiro alvorecer da inspiração e nas épocas florentes da existencia, como que inteiramente segregados dos vinculos do mundo, alheios ao movimento das paixões e dos interesses, que no *forum* se debatem com vehemencia, ao observal-os aflagando no gabinete os aureos devaneios do seu estro, ou buscando decifrar com o telescopio e a balança, nas viagens e excursões, o perpetuo enigma do universo, quem ousará dizer que o sabio e o poeta poderão nunca desprender-se da amoravel predilecção com que ambos, desdenhando por mesquinho o trato da sociedade e da politica, estão nos sublimes vôos da phantasia ou da razão, um creando o mundo vaporoso das poeticas ficções, o outro revelando á humanidade o mundo verdadeiro da sciencia.

Parece que o sabio e o poeta, o que descobre em severissimos estudos a verdade da razão, e o que idealisa em cantos immortaes a verdade do sen-

1

timento, nada mais desejam nem cobiçam do que a serena gloria consagrada aos puros entendimentos. Parecera quasi profanação, quasi crime de lesa-magestade intellectual ir bater á porta dos grandes pensadores, e turbal-os no quieto remanso d'estas admiraveis officinas, d'onde sae como producto inestimavel o heroico poema dos *Lusiadas*, pelo estro patriotico do vate portuguez, ou a lei da gravitação universal, pelo genio potentissimo do geometra britannico. Muitas vezes a plebe dos indoutos e o vulgo dos medianos entendimentos proclama como verdade experimental, que os mais intensos luminares da litteratura e da sciencia, não os destinou a natureza para allumiar o governo dos estados e o caminho das nações.

E com esta decretoria condemnação intentam declarar incompativeis as mais altas cogitações do sabedor com o politico lavor do cidadão.

E bem. Apesar da sentença, que julga cerradas as portas do governo ao grande talento especulativo, virão as tremendas perturbações da sociedade chamar os sabios e os poetas á suprema direcção da vida publica. Veremos o Dante esquecer o sinistro pincel que debuxou a satyra divina, e tomar em Campaldino a espada vingadora do terrivel partidario. Veremos, aos primeiros assomos da triumphante revolução, o candido poeta das *Meditações e Harmonias* fazer da nova lyra, a eloquencia, n'um cortejo de ferocissimas paixões, a arma com que domar e reprimir os impetos da multidão apaixonada. Veremos o principe dos oradores na antiguidade governar a seu sabor os affectos do povo mais voluvel e soberano, e demonstrar que o engenho litterario, na sua mais assombrosa perfeição, não amesquinha, nem desdoura a acção e o vigor do estadista. Veremos Francklin deixar as dilectas investigações do physico eminente, para fundar na terra do seu berço a grande nação da liberdade. Veremos Arago, o ardente republicano, o astronomo famoso, repartir o tempo e os cuidados entre a contemplação pacifica dos ceos e a agitação politica da terra.

É que de todos os privilegios do acaso e da natureza, sómente o da intelligencia póde conferir a auctoridade indisputavel para dirigir e illuminar as sociedades nos criticos momentos da sua evolução. Não ha na terra potestades, que em nome da sua tradição ou do seu direito, detenham no impeto invasor a onda da revolução. Mas a palavra de Lamartine, como o tridente mythico do nume, póde, pelo seu prestigio incontrastavel, quebrar a furia inconsciente do Oceano popular. As potencias, que na predestinação do genio não trazem os titulos authenticos da sua grande valia social, podem como os chefes barbaros, instituir pela conquista as monarchias da violencia, mas sómente os homens populares, que cingem na sua fronte o diadema do talento, são capazes de fundar as nações da liberdade.

Estranho fôra certamente que o engenho singular, que sabe descobrir os

arcanos do universo, ou esculpir nas maravilhas da palavra as mais formosas creações da phantasia, ficasse desde logo sentenciado e proscripto dos maximos negocios da cidade. Pois que? Seria o governo e a direcção das sociedades o monopolio da ignorancia, o privilegio da mediania? Para illuminar os povos nos passos mais escuros e escabrosos da vida nacional, seria mais guiadora a treva do que a luz? O empirismo, ou a theoria? A razão jubilada em discernir e ponderar ou a experiencia desillustrada dos reflexos do entendimento? A idéa que é o facho da civilisação, ou a tradição que é o carcere sombrio das idéas?

Deixemos os homens que se levantam pela fortuna, os ephemeros heroes que não terão estatua, nem capitolio, deixemol-os guiar os destinos das nações nas épocas tranquillas, nos tempos sem grandeza e sem historia, quando a vida das nações é, pela negação do pensamento, um parasitismo na humanidade. Mas quando um povo tem de abrir um capitulo novo nos seus fastos, quando o tempo tem prescripto que se cumpram os novos destinos nacionaes, é forçoso que as grandes intelligencias, desamparando os seus lavores quotidianos, encaminhem as multidões na conquista da independencia e liberdade. Então o sabio surge transfigurado no estadista. Com a sciencia, satisfez o que a razão cosmopolita devia á natureza. Com a acção, pagou o que á patria devia o cidadão.

Tal foi José Bonifacio de Andrada e Silva. Na Europa o eminente professor da universidade, o illustre secretario d'esta Academia, o eximio naturalista, que a fama ennobreceu como um dos mais insignes do seu tempo. Na America o apaixonado e vehemente agitador pela emancipação da sua patria contra estranha sugeição, o ministro energico e devotado, o glorioso fundador da nacionalidade brasileira, o estrenuo luctador na arena tormentosa dos que aprenderam oscillando entre a dictadura e a anarchia, o custoso *a*, *b*, *c* da liberdade. Na Europa festejado como sabio e acclamado como uma gloria nacional. Na America saudado como benemerito republico e logo proscripto duramente como rebelde cidadão.

Foi o Brasil a patria de José Bonifacio de Andrada e Silva. S. Paulo a provincia onde nasceu. Terra, onde parece vivera em intimo consorcio a uberdade nativa do Novo-Mundo e o caracter energico e tenaz do europeu.

Ao contemplar quanto, nos fins do seculo XVIII, se desentranha no Brasil a natureza em dar á luz tantos e tão singulares entendimentos, bem podera dizer-se que a terra americana de longe se dispunha e apparelhava com próvido cuidado, para abrigar no seu girão immenso uma nação poderosa e independente. As épocas memoraveis vem sempre e em toda a parte precedidas e quasi annunciadas pela turba das valentes e grandes vocações. Vêde ao concluir a edade media, como vem brotando copiosos e fecundos os espiritos elei-

1*

tos, que estão já prenunciando a Renascença. Vêde como os celebres talentos se succedem quando está a ponto de travar-se a requesta memoravel em favor da livre consciencia religiosa. Vêde como a França do XVIII seculo faz surgir das suas entranhas os grandes justadores da palavra escripta, philosophica, antes que appareçam nas assembléas revolucionarias os heroicos luctadores da oração ardente, improvisada. Vêde como a Allemanha se apercebe desde Leibnitz até Schelling, desde Goethe a Haeckel para a admiravel metamorphose, que lhe põe nas mãos, com a unidade nacional, o sceptro da civilisação.

Quando se ia aproximando o termo improrogavel d'esta longa gestação, em que Portugal, o povo descobridor, haveria de brotar do seio a sua maior e derradeira creação — um imperio florente além do Oceano — os homens eminentes começam a nascer na terra destinada a quebrar as algemas de colonia para cingir o diadema de nação. Pullulam os bons engenhos na terra de Santa Cruz. A natureza americana como que se correra e affrontara de que só lhe attribuissem por unica vantagem a fecundia inexhaurivel dos seus veios metalliferos e das suas florestas millenarias. Não se diria que a Europa tinha por graciosa concessão da Providencia, o privilegio do talento. A America para justificar a sua pretenção á independencia, carecia de mostrar ao Velho-Mundo que as sementes intellectuaes, trasladadas á sua gleba, filhavam e produziam messes tão copiosas e sazonadas como nas ribas orientaes do Atlantico.

D'entre os celebrados escriptores, que tendo florecido no seculo passado n'elle mesmo perfizeram a carreira, quem não applaude Antonio José da Silva, o ousado restaurador do theatro portuguez, o malaventurado christão-novo, a quem a natureza consagrou os loiros de poeta, a intolerancia a corôa do martyrio? Quem não conhece a José Basilio da Gama, o cantor épico do *Uruguay*? Quem não leu a frei José de Santa Rita Durão, que de tantos annos precede a Longfellow, na formosa concepção do poema fielmente americano? Quem não sabe de cór alguma d'aquellas sentidissimas endechas, com que Thomaz Antonio Gonzaga, o melancolico *Dirceo*, tomou um logar de honra na litteratura patria e alcançou a lauréola de insigne entre os lyricos de Portugal? Quem não ouviu fallar de Claudio Manuel da Costa, de Alvarenga Peixoto, a quem o estro fez semelhantes na inspiração, a liberdade irmãos no sacrificio, a fortuna eguaes na adversidade? Quem não sabe que os tres ultimos poetas ficaram egualmente memorados, como as victimas illustres immoladas na primeira tentativa de quebrar os grilhões coloniaes?

Nos fins do seculo XVIII e nos primeiros decennios do seculo XIX — digamol-o sem vaidade nacional — a maioria dos nossos talentos mais formosos haviam tido o seu berço no Brasil. A lyra portugueza honrava-se com o nome de Pereira Caldas, o poeta da inspiração religiosa. Brasileiro era tambem Antonio de Moraes e Silva, que dotara a litteratura nacional com o mais copioso

diccionario, que em seu tempo se escrevera. Brasileiro Hippolyto Costa, o patriarcha dos jornalistas de Portugal e do Brasil. Brasileiro o que podemos appellidar na ordem chronologica o primeiro economista portuguez, o bispo de Elvas, D. José Joaquim da Cunha Azeredo Coutinho. Brasileiro o eminente geometra e professor, antigo secretario d'esta Academia, Francisco Villela Barbosa, marquez de Paranaguá, um dos mais illustres cooperadores na fundação do imperio americano. Brasileiro Manuel Jacintho Nogueira da Gama, lente da academia de marinha, depois marquez de Baependy, e notavel estadista, que divulgara em Portugal, vertendo-as em portuguez, algumas obras classicas de hydraulica e applicara a chimica moderna a importantes problemas da vida industrial. Mas era sobretudo nas sciencias naturaes, que as glorias nacionaes se deviam principalmente aos que tinham nascido em terra americana. Vicente Coelho de Seabra, fazia resplandecer em Portugal com os seus *Elementos de Chimica* os primeiros clarões da sciencia já rebelde ás phantasiosas tradições da alchimia e da spagyrica. Fr. José Mariano da Conceição Velloso, deixava o seu nome memorado entre os botanicos pelos seus valiosos trabalhos originaes, entre elles a *Flora fluminense*. Alexandre Rodrigues Ferreira percorria o Amazonas como infatigavel explorador, e alliava ás suas glorias de egregio naturalista o funesto destino de uma existencia attribulada. João da Silva Feijó com as suas explorações transatlanticas e os seus escriptos mineralogicos legava de si honrada fama, como investigador da natureza. Manuel Ferreira de Araujo Camara, companheiro de José Bonifacio nas excursões scientificas pela Europa, se não egualava o nome do collega, inscrevia-se como um dos notaveis representantes da sciencia em Portugal. Mello Franco e Elias da-Silveira ambos nascidos no Brasil, ambos secretarios da nossa corporação, illustravam a medicina portugueza com os seus livros e memorias, estampadas por esta Academia.

Esses homens, que ennobrecem presentemente a historia intellectual do imperio brasileiro, então eram ainda portuguezes. Em Portugal reflectiam o seu luzimento, a sua gloria. Cultivavam as lettras patrias. Ensinavam nas escolas, honravam as academias, resplandeciam no exercito, nas dignidades ecclesiasticas, nos officios da magistratura. Entre elles era certamente o primeiro pela sciencia, pelo engenho, pela funcção que devia desempenhar na historia do seu povo, o doutor José Bonifacio de Andrada e Silva.

No ultimo quartel do decimo oitavo seculo achamol-o cursando a universidade de Coimbra, e preparando-se para as multiplicadas obrigações da sua vida aventurosa com os estudos das sciencias, que interrogam a natureza, ou ensinam a reger as sociedades. Laureado em ambas as faculdades, a de philosophia e a de leis, eil-o ahi ao mesmo tempo naturalista e jurisconsulto, comprehendendo como philosopho na sua indissoluvel travação e unidade as sciencias do universo physico e as sciencias do mundo social.

Terminados em Coimbra os trabalhos academicos, vem provar sua fortuna á capital. Eram os tempos em que o duque de Lafões, quebrando o costume e a tradição dos magnates portuguezes, em vez de vulgares aduladores e de interesseiros cortesãos, se deliciava em recrutar entre sabios e pensadores a sua côrte. Ali brilhavam, em fraternal convivio e amisade, nomes de tamanho esplendor e engenhos tão florentes, quaes eram Corrêa da Serra e Garção Stockler, ambos elles reverenciados ainda hoje por esta Academia, como seus eminentes secretarios. N'aquelle tempo os grandes pagavam a frivolidade e a lisonja. Mas D. João de Bragança só aos talentos concedia a sua predilecção e o seu favor. Conheceu o mancebo brasiliense, que saia das escolas mimoso já da fama, porém ainda mal avindo com a fortuna. Eram poucos os que n'aquelles dias se empenhavam no cultivo do saber. As sciencias da natureza eram pelas classes eminentes da sociedade havidas na conta de suspeitas ou ignobeis. A reformação da universidade pelo impulso do grande legislador era ainda mui recente, e mal podera acaso produzir os fructos desejados. A falsa philosophia, calumniando a Aristoteles, o maior pensador da antiguidade, dominava ainda triumphante nos claustros, onde viviam arraigadas e intractaveis a toda a revolução intellectual, os hereditarios preconceitos. A theologia, os canones, as leis, monopolisavam o condão de abrirem largo estadio ás ambições. As sciencias naturaes eram como que bastardas, a quem a generosidade e a clemencia de Pombal tinham dado moradia e agasalhado n'aquelle arrogante morgado litterario, que assentara em Coimbra o seu solar. Eram sciencias de plebeus e quasi desdenhadas por advenidiças e carecentes de costado genealogico. Não era com os *Principios* de Newton, que se alcançavam as mitras em Portugal, nem com o *Systema naturae* de Linneu, que se poderia ascender aos conselhos e tribunaes. O genio do previdente reformador, ao crear a faculdade de philosophia, não podera de todo o ponto emancipar-se das abusões da sua terra. O ensino das sciencias physicas e naturaes ficara apenas esboçado com imperfeitos lineamentos. O seculo, em que principiava com fervor inquebrantavel e com pasmosa fecundidade, a brilhante iniciação da sciencia nova na Europa de alêm dos Pyreneos, apenas tinha escassos representantes em Portugal. Apenas aos espiritos eleitos, aos que se anticipam á cultura nacional, transparecia a funcção, que a sciencia era agora chamada a exercer, como principal cooperadora na transformação das modernas sociedades.

Passava quasi desconhecido em nossa patria o assombroso movimento, que então ia assignalando a transição desde o seculo XVIII, a era da philosophia demolidora, para o decimo nono seculo, a edade da sciencia, que produz.

Para que Portugal participasse na energia scientifica do seu tempo, se fundara a Academia das Sciencias de Lisboa, egualmente devotada ao progresso da sciencia especulativa e ás suas fructuosas applicações á vida social.

N'esta nascente instituição haviam tido ingresso todos os talentos, que podiam efficazmente collaborar na obra delineada pelo duque de Lafões e pelo egregio naturalista Corrêa da Serra. Não é pois para estranhar que os dois instituidores da Academia, ao saber que uma provada vocação se annunciava, buscassem desde logo recebel-a no seu gremio o associal-a á sua empresa.

Ao sair da universidade, generosamente acolhido pelo duque entrou José Bonifacio na Academia, como socio livre, em annos tão verdes e juvenis, que o viço da mocidade parecia contradizer a grave compostura do academico.

Ao instituir a reforma dos estudos buscara o ministro de D. José attrair a Portugal alguns sabios forasteiros, que viessem como que inocular em nossa terra a estranha sapiencia. Fôra esse de seguro o unico remedio, com que restaurar o perdido vigor espiritual de uma nação, que no conceito scientifico se deixara ficar inerte e descuidosa na rectaguarda dos povos europeus. Fundados os estudos regulares, se bem incompletos, das sciencias naturaes, aprendidos sequer os seus primeiros rudimentos na universidade reformada, saidos já de suas escolas alguns bons engenhos, sequiosos de mais larga e experimental doutrinação, era o ensejo accommodado para seguir o processo opposto ao de Pombal. Em vez de convidar ao magisterio a estrangeiros professores, que não seriam nunca os de maior saber e auctoridade, era mais congruente o enviar ás celebres escolas europeas alguns talentos fervorosos de observar e aprender. Nenhum mais recommendavel, que o do illustre brasileiro, para que nos principaes fócos da sciencia, sob os mais insignes e afamados cathedraticos, nos institutos melhor apercebidos de gabinetes, museus, laboratorios, fosse ampliar e enriquecer a sua educação intellectual.

Pela efficaz recommendação do duque de Lafões, deputou o governo d'aquelle tempo ao nosso benemerito naturalista para que, na companhia do seu estudioso conterraneo, Manuel Ferreira de Araujo Camara, e do portuguez Fragoso de Sequeira, fosse em sabia e demorada peregrinação, discorrendo por todos os logares onde na Europa podesse accrescentar, praticamente, o seu já copioso cabedal nas sciencias da naturesa. Visita as capitaes mais nomeadas pela fama dos sabios mais insignes pelo esplendor das suas magnificas escolas. Convive intimamente com todos os grandes luzeiros da sciencia em França, na Gran-Bretanha, na Italia, na Hollanda, na Allemanha, na Suecia, em Dinamarca.

Era a principio seu proposito o cursar em Paris a chimica e a mineralogia, que vira professadas em Coimbra com insufficiencia manifesta e minguada applicação experimental. A este fim se encaminhavam os intentos do governo, que lhe dera o encargo, o auxilio, a protecção. Terminados em um anno os primeiros estudos na grande metropole do espirito, fôra lastima que tão ardente e peregrina vocação se contentasse com os primeiros triumphos alcançados e desde logo volvesse a Portugal.

Tivera por mestres e amigos aos sabios mais famosos d'entre os que floreciam em Paris na época da revolução, a Chaptal e a Fourcroy, continuadores de Lavoisier, a Jussieu, o botanico famoso, a Haüy, o verdadeiro fundador da mineralogia em França.

Ideou nova e mais larga traça de viagem. Tomou o parecer dos sabios com quem tivera conversação. O naturalista Sage, director da escola das minas, incitava-o a proseguir em peregrinação mais demorada. Terçou por elle com empenho o embaixador portuguez em França, D. Vicente de Sousa Coutinho, a quem fôra encommendado pelo secretario d'estado Luiz Pinto, zeloso promovedor dos progressos intellectuaes. Dilatou-lhe o governo o termo á commissão. Sae de Paris com os seus dois antigos companheiros. Encaminha-se a Freyberg, a cuja celebrada academia accorriam da Europa e da America os alumnos cobiçosos de ouvirem a preciosa doutrinação de Werner, a quem n'aquelle tempo veneravam como oraculo na sciencia mineralogica. Fundava o eminente sabio da Saxonia a mineralogia systematica, separando-a da chimica geral como disciplina independente, estribando a diagnose nos caracteres exteriores dos mineraes, e completando o que pelo exame crystallographico havia feito o celebrado Romé de Lisle.

Em Freyberg ouviu as lições de Werner, que professava a oryctognosia, a geognosia, a montanistica; de Lempe, que ensinava as mathematicas puras e applicadas, especialmente a theoria das machinas; de Köhler, que explicava o direito e legislação das minas; de Klotzsch, que demonstrava os ensaios chimicos dos mineraes; de Freiesleben, que regia a chimica pratica, de Lampadius finalmente, que revelava aos escolares os arcanos da metallurgia. Quantos investigadores da natureza, os quaes no seculo seguinte haveriam de ser a gloria da sciencia, cursavam em fraternal camaradagem os amphitheatros e os laboratorios de Freyberg! Que illustres condiscipulos se deparavam ao grande naturalista portuguez, ao futuro estadista brasileiro!

«Os companheiros de Humboldt em seus estudos (diz o astronomo Karl Bruhns na sua recente biographia do immortal physico germanico) eram entre outros, estes que haviam de ser depois os *mestres da sciencia:* Leopoldo von Buch, o dinamarquez Esmark, o portuguez Andrada, o hespanhol Del Rio.» Nomes todos registrados na historia das sciencias physicas e naturaes como grandes e fecundos descobridores.

Concluidos em Freyberg os cursos academicos, é tempo de pedir á propria observação da natureza o que os livros, os gabinetes, as lições não podem completar. Começam para Andrada as excursões aos territorios, onde é classica e instructiva a lavra e tratamento dos minerios. Visita as minas do Tyrol, da Styria, da Carinthia. Alonga até á Italia as suas jornadas. Ouve em Pavia as lições de Volta, que pela racional interpretação do descobrimento de

Galvani, e pela invenção da pilha, demudara a face da sciencia, e dotara a humanidade com o mais admiravel instrumento da sua transformação. Em Turim examina a estructura geologica dos montes Euganeos, no territorio de Padua, e seguindo a these neptunista do grande mestre de Freyberg, attribue com fundamento áquellas formações uma origem sedimentar e contradiz a seu respeito as doutrinas vulcanistas de Ferber, de Fortis e Spallanzani, que antes d'elle haviam estudado a geologia da Italia superior.

Conheceu na Gran-Bretanha a Priestley, o emulo de Lavoisier nas invenções da nova chimica, e um dos mais celebrados precursores do moderno materialismo.

Era porém na Scandinavia que se abria mais ampla e mais fecunda a scena da investigação ao naturalista portuguez. Abundam n'aquella bravia região as florestas e os jazigos metalliferos. Ali tinha segura o estudioso mineralogista copiosa colheita de preciosas observações. Ali foi mais dilatada a estancia do sabio portuguez, ali foram mais variados e intensos os seus estudos naturaes. Observa com minuciosa inquirição as minas e os terrenos da Suecia e Noruega. Estuda praticamente a oryctognosia e descobre as especies e variedades mineraes, que lhe valeram entre os sabios do primeiro terço d'este seculo um nome canonisado na sciencia. Aproveita a valiosa doutrinação de Bergmann, que em Upsala professava a mineralogia; em Copenhague escuta na cadeira a Abilgaard. Nos paizes scandinavos e na Allemanha septentrional se torna consumado nas sciencias florestaes e frequenta os sabios mais insignes na moderna sylvicultura.

É d'esta época, que datam as originaes perquisições, que lhe deram na Europa scientifica a sua grande nomeada como um dos primeiros naturalistas. É então que José Bonifacio escreve e publica nas actas da Sociedade de Historia Natural de Paris, a sua memoria, tão citada nos livros de mineralogia, sobre os diamantes do Brasil. É então que elle descobre as novas especies mineraes, a que dá o nome de *Petalite*, *Spodumène* e *Scapolite*, com que ficaram denominadas na sciencia, e com que hoje se conhecem nos tratados mineralogicos em todas as linguagens européas.

Analysada por Arfwedson a *Petalite*, descobriu n'ella o chimico sueco a *lithia*, e coube ao mineralogista americano a honra inestimavel de deixar o nome portuguez associado a um dos notaveis descobrimentos da chimica moderna.

Além dos mineraes, que a sciencia adoptou como novas especies particulares, de todo o ponto distinctas das já conhecidas e congeneres, não ficou menos honrosamente memorado o que era então nosso distincto compatriota, pelo descobrimento e descripção de outros muitos mineraes.

Algumas curiosas e desconhecidas variedades revelou ao mundo scientifico a indefessa applicação do illustre brasileiro ao estudar as minas da Sue-

2

cia e Noruega, em Arendal, em Sahla, em Krageroe. Assim se avolumou o peculio da sciencia com os mineraes denominados por Andrada *Akantikone*, inclusa no *Epidoto*, *Sahlite*, *Coccolite*, da especie *Pyroxène*, *Ichtyophthalma*, variedade da *Apophyllite*, com a *tormalina azul*, que José Bonifacio appellidou *Indicolite*, com a *Allochroite*, pertencente á granada commum ou grossularia; e a *Wernerite*, que é apenas synonymia da *Scapolite*.

Durava a romagem scientifica do egregio naturalista justamente n'aquelles tempos turbados e revoltos, em que a humanidade, já cançada do seu diuturno captiveiro, fazia esforços inauditos para se despear de seus grilhões. Era cabalmente na decada famosa, que decorre desde 1790 até o anno derradeiro do seculo XVIII, época fecunda em successos assombrosos, que estremeceram e convelliram nos seus carcomidos fundamentos a Europa monarchica e feudal. Em quanto o professor eximio de Freyberg, com seu predilecto systema neptunino, explanava como as aguas haviam transmudado, nos periodos immensos da historia geologica, o intimo do nosso globo, e sepultado nas camadas um mundo de petrificados organismos, reliquias da vida que passou, os exercitos da republica franceza aravam com o ferro das batalhas em todas as direcções o continente absorto e humilhado, modelavam a seu talante a velha carta, levantavam ardentes democracias em logar de realezas immemoriaes, e entregavam á historia, como os restos fosseis de uma nova geologia social, as decrepitas instituições, que na lucta da existencia caiam supplantadas e proscriptas pela nova idéa da humanidade.

E José Bonifacio seguia cursando a Europa em meio dos seus tumultuosos acampamentos, como que isolado e inconscio dos successos que o cercavam, para contrair o entendimento ao fanatico desvelo da sciencia. No meio das paixões impetuosas, que aos povos conturbavam no delirio febril da revolução e do combate, parece que o futuro agitador apenas conhecia uma paixão quieta e remansada, o amor da natureza e do saber. Contavam os antigos que Protogenes pausadamente debuxava e coloria o seu mais celebre painel, o *Ialyso*, no meio do arraial, em que Demetrio estava assediando a patria do celebre pintor.

E quem sabe se ao estudar porfiosamente as rochas e os mineraes, não andariam já incubadas no pensamento do sabio investigador as idéas sociaes do estadista? Quem poderá dizer o que elle, quanto á politica sciencia e ao regimen pratico dos homens, aprendeu n'aquella escola, cuja terrivel doutrinação tinha por evangelisadores e missionarios os canhões? Não podera ser a inteira transmutação das sociedades européas um exemplo e um aviso de que seria brevemente amanhecida a quadra, em que a America portugueza romperia com a Europa, na sujeição e vassallagem, o seu cordão umbilical?

Não é crivel que um engenho tão mimoso, e uma tão energica vontade,

se podessem eximir ao influxo prodigioso das novas theses consagradas pela França. Quando mais tarde volvendo a Portugal, nos seus discursos academicos, publicamente declamados, o naturalista se refere de caminho á grande revolução, e a condemna em phrases mais cortezans que philosophicas, não é o pensador a desvendar a sua occulta opinião, senão o funccionario da monarchia absoluta a repetir o anathema vibrado pela orthodoxia official. Sabia que a emancipação do seu Brasil sómente viria a ser possivel ao victorioso clamor da liberdade. E esta fecunda, se bem tormentosa revolução, principio logico, de que havia de nascer a independencia brasileira, deixal-a-hia o sabio desenrolar á vista d'elle os seus epicos paineis, sem lhe levarem após si os olhos do entendimento e as esperanças do porvir?

Durante um decennio inteiramente dispendido em jornadas, excursões e estudos scientificos, haviam sido principalmente as rochas e os mineraes o que mais convidara e attraira a attenção do eximio naturalista. Parece ao primeiro assomo que aos geologos n'este lidar continuo com as pedras e os organismos das edades paleontologicas, se lhes haveria de mirrar o espirito e esfriar o sentimento para as graves cogitações ácerca da humanidade e seu destino. Attento a seguir a direcção dos estratos fossiliferos, a examinar a sua concordancia e inclinação, a apontar as suas qualidades petrographicas, a colligir e interpretar as reliquias da vida animal e vegetal em épocas distantes de nós por milhões de annos, dir-se-hia porventura que o perscrutador da terra e da sua tessitura superficial, devera de todo o ponto abstrair dos homens, que a povoam, contrapondo as trabalhosas e mesquinhas transacções da ephemera existencia á perpetua magestade da natureza. Parece que nenhuma proveitosa doutrinação podera do espectaculo physico do globo derivar, sob o aspecto social, o mais profundo pensador. E todavia a racional contemplação dos phenomenos telluricos é fecunda propedeutica para entender, na accepção mais larga e luminosa, as leis ineluctaveis, que presidem á evolução das humanas sociedades. É o Kosmos um immenso laboratorio, onde nem no espaço, nem no tempo, ha um ponto sequer, ou um só instante, onde não succeda uma nova transmutação. Não ha em toda a natureza nada, que se chame *ser*, antes é tudo passar, fugir, metamorphosear. A nebulose, que se affigura irresoluvel, e a que já denuncia no seu nucleo um processo de concentração; o planeta, a estrella, o asteroide; as cordilheiras submarinas, que como Athlantes do Oceano, o supportam e sopesam nos seus cumes e alcantis; as montanhas, que arremeçam até ás nuvens os seus picos azulados; os gigantes das florestas e as confervas mais humildes; a massa do sol, ou o corpo do planeta Urano, e a cellula microscopica ou a molecula inorganica, tudo isto é perpetuo movimento, e incessante renovação. É a natureza empenhando o seu esforço em realisar na serie indefinida do progresso, a mudança dos seus typos

2*

anteriores em mais perfeitas contexturas. É o eterno estatuario desbastando o marmore á sua imagem e retocando e embellecendo as linhas e as feições. É o Vate infinito limando e corrigindo a epopéa do universo para que se chegue mais e mais á *idéa*, que a materia com a sua nativa rebeldia não póde fielmente representar.

Mas este processo interminavel da natureza não é apreciavel á inspecção em todos os logares da immensa officina universal. Olhaes para o ceo? Parecer-vos-ha que é o mesmo sol, que em todas as alvoradas se levanta e resplandece; a mesma estrella polar, que sempre vos aponta para o norte. Requerem talvez milhões de seculos as transformações do firmamento. Quereis agora uns fastos segurissimos, onde seguir passo a passo a chronologia da creação, e contar as suas metamorphoses, e saltear quasi a natureza na sua feminil volubilidade? Ahi tendes a terra e a pautada gradação dos seus tempos geologicos. Cuidaes porventura que as montanhas mais soberbas e entonadas, que nos Alpes o Monte Branco, ou o pico de Everest no Himalaya, ao seu conspecto giganteo e magestoso, se poderão tomar como o emblema da immortalidade, e que bem lhes quadra a sentença do *Ecclesiastes*; *Generatio praeterit, generatio advenit: terra autem in aeternum stat?*

E comtudo as mais altas serranias tem escriptas nas suas vertentes as epigraphes da sua edade. As massas mais possantes de leitos siliciosos, calcareos, argillosos, se foram lentamente accumulando em periodos tão largos e remotos, que excedem os poderes da mais audaciosa phantasia. No seio das camadas viveram numerosas gerações de plantas e de animaes, succedendo-se os typos e as creações organisadas, como se foram dynastias, que umas a outras se desthronaram, signalando com o seu nome as diversas phases de um imperio. Ali se põe de manifesto as leis da ininterrupta evolução. Ali se descortina como a natureza esteve a principio ensaiando o seu escopro no alfeiçoar os mais rudes e singelos organismos, os rhyzopodes e os zooides das esponjas, para se aventurar depois a obras de mais tomo e valentia. Ali se exemplifica e patenteia como as fórmas, que uma vez desappareceram, não volvem nunca mais a resurgir. Que admiravel confronto e parallelo para os que desejam interpretar pelas soberanas leis da natureza as leis historicas da humanidade! Quem ousará defender e professar que em presença das transformações do mundo physico não ha de haver mudança no homem individual ou collectivo? Quem acreditará que hão do ser inviolaveis e perpetuos os costumes e as instituições? Quem dirá que os imperios se não hão de corromper e desmembrar? Que novas e florentissimas nações não hão de germinar do seio de nações enfraquecidas ou decrepitas? A geologia é o prologo da humanidade, como no livro cosmogonico de Moysés a creação da terra e das suas innumeraveis producções antecede a apparição do humano progenitor. A historia do

globo é o preambulo á chronica do homem. Em ambos a instabilidade, o progresso, a mutação.

O genio de Shakspeare n'um d'estes raptos frequentes da sua vidente inspiração, em formosos versos debuxou este commum destino da natureza e da humanidade:

> The cloud cap'd towers, the gorgeous palaces,
> The solemn temples, the great globe itself,
> Yea, all which it inherits, shall dissolve.

Volta em fim á patria o insigne brasileiro em 1790, festejado por nacionaes como uma das suas glorias, saudado por estranhos como um consumado sabe dor, inscripto nos seus catalogos pelas mais notaveis academias, que o egualam na honra e veneração aos cultores mais eminentes da sciencia contemporanea.

Após tão honroso conversar com os sabios mais insignes e tanto lidar em beneficio da sciencia, bem podemos indultar o illustre naturalista, quando, respondendo porventura a implacaveis detractores, exclamava perante a nossa academia, se bem immodesto, verdadeiro: «Desvaneço-me de que entre as nações e os sabios da Europa não deshonrei jámais o nome de academico e portuguez.»

Agora principia nova quadra de incansavel energia intellectual.

Fizera na sua longa romagem scientifica amplissima colheita de factos e observações. Viera do Brasil, terra ainda quasi ignota á moderna civilisação, estanceara em Portugal, paiz divorciado quasi da sciencia e em minimo grau participante dos progressos europeus. Saira da metropole para que podesse respirar desaffogado em sofregos anhelitos as auras da sciencia, as quaes só em frouxissimas lufadas chegavam a transpor os Pyreneos, guardados por estes dois não fabulosos, mas tremendos Adamastores, que na Peninsula se chamavam a inquisição e o absolutismo,—a intolerancia de mitra e pluvial, e a ignorancia de sceptro e diadema, regendo ambas suspicases o destino das nações. Discursara em paragens onde era já licito professar publicamente, sem tacha de impiedade, que a idéa de Copernico exprimia uma verdade comprovada, e as conchas fossilisadas nas entranhas das mais alterosas cordilheiras não eram as inscripções lapidares do diluvio universal.

Dilatara principalmente os seus estudos e excursões em terras, onde o livre exame era já desde muito consagrado como um direito do pensamento, como a condição impreterivel da sciencia; em terras, onde os proprios reis e potentados, ao manter ciosamente os seus fóros immemoriaes, se envergonhavam de firmar as suas corôas em cabeças desertas de luz e de saber; em terras finalmente, onde Frederico, o philosopho entre os monarchas, rei-

nara nas vontades, Kant, o revolucionario entre os philosophos, governara os entendimentos.

Deixara os estreitos ambitos intellectuaes da sua patria para colher de improviso a propria natureza em seus arcanos e os sabios nas suas meditações.

Chegara a conjunctura de ordenar e estender por escripto em seu fallar vernaculo o fructo das suas observações, principalmente no que podiam ser de proveito e incitamento pelas applicações das sciencias naturaes á cultura e opulencia do paiz.

É então que elle enriquece as nossas memorias academicas com tantos escriptos scientificos e economicos, que ainda apesar do rapido incremento do saber, se veneram e consultam como uteis repositorios no que respeita á industria mineral, á botanica applicada, e a outros ramos industriaes, em que é luz inestimavel a sciencia.

N'aquellas duas decadas, que vão desde o fim do seculo passado até 1819, completa o naturalista os seus magnificos trabalhos scientificos. Nos que emprehendera e acabara durante a sua larga peregrinação, tinha sido proeminente a feição especulativa. Agora os seus lavores e os seus escriptos teem principalmente um destino technologico. Os primeiros tinham sido consagrados á sciencia pura, cosmopolita. Os segundos põe o fito na sciencia nacional, applicada.

Em épocas remotas haviam gosado no mundo grande fama os thesouros mineraes de Portugal. Agora estava caida no derradeiro abatimento a arte de os extrair e grangear. Buscou estimular a mineração, publicando escriptos valiosos, consagrados á narração do que mais importante se lhe havia deparado nas viagens e excursões emprehendidas com a mira de estudar sob o aspecto mineralogico algumas regiões de Portugal.

Publica então Andrada com breve intermissão as suas memorias mineralurgicas, ou de mineralogia industrial, uma *Sobre as minas em Portugal*, outra *Sobre a nova mina da outra banda do Tejo*, terceira *Sobre os veeiros e jazigos metalliferos de Traz-os-Montes*. Lê na Academia, sem lhes dar porventura os ultimos retoques, a *Viagem mineralogica pela provincia da Extremadura até Coimbra*, e a *Memoria sobre a minerographia da serra que decorre do monte de S. Justa... até Santa Comba*. E por que o não tachassem de esquecer o muito que da geologia experimental lhe havia deparado a sua indefessa curiosidade em territorios estrangeiros, apresenta á nossa corporação a *Viagem geognostica aos montes Euganeos*.

Lembrando-se da sua America, a terra das suas esperanças e das suas affeições, apresenta á Academia as *Instrucções praticas e economicas para os mestres e feitores das minas de oiro de desmonte e lavagem no Brasil*.

Trazia Andrada presentes na memoria as selvas opulentas, que na patria

americana lhe haviam ensombrado o berço e a adolescencia. Lustrara depois na Europa aquellas boreaes e sombrias regiões, onde a natureza, por forrar-se á nota de avarenta e de madrasta, o que lhes cercêa em luz e agasalho, o está perennemente compensando, vestindo de sylvestre e gigantea vegetação as conchas dos seus valles, e as faldas dos seus montes glaciaes. Punha em parallelo a exuberancia vegetal d'aquellas paragens tão agrestes e a pobreza e desnudez do sólo em Portugal. Mui ao revès da natureza scandinava se lhe estava representando fielmente a condição do seu paiz. O clima doce, amoravel e temperado; o ceo esplendido e creador; muitos cerros e montanhas, ingratas ás culturas arvenses; os medãos e areiaes a invadirem com a sua devastadora persistencia os terrenos do littoral; a terra nua de arvoredo, como se fôra um d'estes mendigos indolentes, que no sol tem sobeja vestidura, e, envoltos em miserrimas roupagens, adormecem nas lages de um portal. Porque não buscariamos repovoar os bosques rareados e cobrir de essencias prestadias os terrenos, onde as gramineas, a vinha, as arvores pommiferas não podessem fructificar? Determinou-se em estimular a desidia innata dos governos e a proverbial inercia dos cultores.

Escreve então a sua memoria sobre o *Plantio dos novos bosques em Portugal*, uma das mais notaveis composições do eminente sylvicultor.

A esta época pertencem egualmente os encargos scientificos, de que, por utilisar os meritos de Andrada, o incumbira logo no principio d'este seculo o governo portuguez. Ficara amesquinhado, imperfeito desde a origem, o ensino das doutrinas da natureza na universidade reformada. Uma só cadeira havia consagrada ás lições da zoologia e da sciencia dos mineraes. A botanica merecera um professor especial. A chimica e a physica tiveram desde logo o mesmo privilegio. É facil adivinhar que mui de leve e remotamente se haveriam de saudar na faculdade philosophica tão vastas disciplinas, quaes eram a mineralogia e a geologia, conjunctas no mesmo curso com a sciencia dos animaes. Responderia então aquelle ensino a menos porventura que breves rudimentos de lyceu. Agora que á patria regressavam, opulentos de saber, taes e tão peritos seus cultivadores, bem era que se ampliasse o quadro dos estudos. Institue em Coimbra o principe regente uma cathedra especial de metallurgia e confia a sua leitura ao eminente brasileiro, para quem expressamente a legislara. É então que o governo, despertando da sua longa somnolencia em tudo o referente ás riquesas mineraes da nossa terra, nomea a José Bonifacio por intendente geral das minas e metaes, lhe commette o dirigir e administrar as minas e fundições de ferro de Figueirò dos Vinhos, e lhe veste por suprema distincção a beca de desembargador, como se n'esse tempo a sciencia, por humilde e obscura, só podesse luzir e ennobrecer-se, coberta com a toga veneranda dos legistas officiaes. Eram poucos, raros os ho-

mens, que para os officios das sciencias naturaes tivessem tal e tão canonisada capacidade, como o naturalista americano. Por isso lhe vão dia a dia accumulando nos hombros os encargos, que são maior testemunho de valia verdadeira, que as barateadas e inanes distincções, com que as regias chancellarias aferem e aquilatam na sua tarifa graciosa os talentos de eleição. È José Bonifacio nomeado tambem superintendente e director das obras do Mondego. Accresce-lhe a honra de fundar na capital o ensino das sciencias chimicas e mineraes, professando na casa da moeda um curso especial de docimasia, no qual tem por valiosos coadjutores ao brasileiro Nogueira da Gama, e ao mineralogista portuguez João Antonio Monteiro.

Das suas pacificas empresas o veiu divertir um dos maiores acontecimentos da historia de Portugal. Avançavam contra esta nação, sempre ciosa de sua independencia e liberdade, os exercitos do grande conquistador. Firmaram por algum tempo a sua dominação em terra mal apercebida para a defensão e resistencia. Ficara sem chefe o povo portuguez, porque o soberano—ás vezes dá a fortuna azas ao terror—fôra buscando asylo em terra americana. Tudo se conjurara então para que á nação improvisamente salteada se inoculasse a fraqueza e a desesperança. A invasão quasi inopinada, e encoberta nas apparencias de amparo e protecção. O governo fraco, dividido, irresoluto. O exercito, segundo é immemorial costume portuguez, apparelhado apenas para a paz, inerme quasi para a guerra. O principe ordenando ao povo que festeje como bons alliados os francezes, em quanto elle proprio foge d'elles como de perfidos amigos. Nunca em Portugal em tempo das mais funestas invasões se vira tamanha ignavia e desamparo. Quando o estrangeiro de outras eras transpunha a fronteira portugueza, tinha a certeza de encontrar um chefe no seu posto, ou fosse um monarcha já nascido sobre o throno, como D. Fernando, ou um rei levantado pelo povo, como D. João I. O rei fraco e o magnanimo á frente da sua grei affrontavam egualmente o perigo e a victoria. Agora porém estava acephalo o povo portuguez. Para vencer sem caudilho hereditario e com desegual poder as lanças de Carlos o Temerario, é necessario ter nascido na Helvecia e respirado entre as geleiras dos seus montes o ar vivificador da liberdade. Para ensinar em Valmy aos invasores o caminho dos vencidos, quando está vacante um solio dez vezes centenario, é preciso ter do antemão substituido ao sceptro de Carlos Magno a força de um principio, á gloria de Luiz XIV o prestigio da revolução. Mas um paiz monarchico sem principe é um rebanho sem pastor. Um rei que foge é menos que um rei que morre. A fuga vale menos que o patibulo. A sombra de Luiz XVI com a dupla corôa da realeza e do martyrio precedia nas suas remettidas contra a França as hostes da coalisão. A imagem do principe regente era menos que uma sombra para incutir nos seus vassallos o horror da estranha vassallagem. Entregou-

se Portugal imbelle e humilhado á insolente dominação do que nem podera chamar-se vencedor. Era a primeira vez, que desde a fundação da nacionalidade portugueza, se vira o estrangeiro pisar arrogante o solo de Portugal, sem que apenas uma espada se cruzasse para o simulacro de um combate, para que ao menos caissemos vencidos, sem a ultima deshonra, aos pés do invasor. Nem Philippe II, mau grado á ponte de oiro que lançara desde Hespanha á corrupção da fidalguia, podera gabar-se de que a sua bandeira se desfraldara triumphante sem que a portugueza galhardia, n'um arrojo infeliz, mas generoso, mostrasse já gastado, mas ainda com os restos da velha tempera, o ferro de Aljubarrota.

Depressa, porém, resurgiu do seu opprobrio momentaneo a honra de Portugal. Correram-se os portuguezes de que insolentes legiões rasgassem publicamente o estandarte nacional, profanassem os sepulchros de seus antepassados e fizessem de uma nação, que dominara a tantas e tão remotas gentilidades, uma obscura provincia governada pelo pretor do novo Cesar. Démos então o exemplo grandioso de um povo, que resgata por assombrosas heroicidades a culposa imprevidencia dos governos. Deixámos de nos aparelhar para a peleja n'uma época tremenda, em que ameaçava rebentar a guerra a cada passo nas que pareciam mais tranquillas regiões, á semelhança d'estes plainos virentes e floridos, onde no continente americano se nos affigura ter a natureza assegurado a abundancia, a paz, a quietação, e que n'um dia apparecem improvisamente atormentados, rotos, devastados pelas crateras fumegantes dos vulcões. Esquecemos que nas quadras bellicosas da humanidade não ha direito que valha contra a espada, nem humilhações e covardias, que domestiquem a sedenta ambição dos potentados, quando á força de libar na taça da victoria, se inebriaram no delirio da conquista e do poder. Deslembrámos que as nações pequenas é bem se façam grandes pela prudencia e o valor. Julgámos que as allianças e as tutellas nos haviam de abroquelar e defender, como se resguarda contra a prepotencia e a cobiça, os que na edade provecta ou infantil se não podem com seus proprios esforços amparar. Vieram depois os impetos do brio. A honra é o derradeiro sentimento, que se apaga em as nações, ainda quando condemnadas a perecer. Insurgiu-se o povo portuguez contra a oppressão dos invasores. Ardeu em guerra exterminadora, crudelissima, a Peninsula de áquem dos Pyreneos. E singular e estranho paradoxo na historia da humanidade! Os dois povos acaso mais incultos e mais debeis pela diuturna influencia do absolutismo theocratico e real, foram justamente os que pela insurreição dos populares, pela guerra sem arte e sem commando, ensinaram primeiro ás gentes europeas que os exercitos cem vezes laureados pelos caprichos da fortuna podem hesitar o retrahir-se diante das armadas multidões, ao sagrado clamor de patria e liberdade.

Tornara-se Portugal um acampamento. Não podia o brioso professor ficar-se remansado estudando os seus dilectos mineraes, ou pensando em desentranhar do solo os thesouros que revela a natureza á sciencia e ao trabalho. Apercebem-se para a guerra os escolares, que não fallam jámais a alinhar-se na ordem de batalha, quando as grandes idéas ou os sentimentos generosos intimam á sciencia que, á semelhança da Bellona antiga, vista as armas reluzentes sobre as insignias do saber. José Bonifacio é major, logo depois tenente coronel e commandante do animoso e devotado batalhão. A sciencia abre o seu thesouro a improvisados armamentos. Os laboratorios das escolas são agora activos arsenaes. Não ha estado, nem condição que exima das refregas. Os prelados ajustam sob o roquete a armadura, os sabios lançam o sago bellicoso sobre o capello doutoral.

Como em todas as épocas de memoravel e dura provação, desde a guerra da independencia contra o dominio castelhano, o fogoso batalhão dos academicos, agora em frente das hostes imperiaes, demonstra mais uma vez que a juventude, ao deixar os pacificos lavores da intelligencia, não cede o passo aos mais intrepidos soldados, envelhecidos na marcha e na peleja. São n'essa conjuncção os guerreiros das escolas, os que na primeira plana se distinguem pelas audazes e bem succedidas entrepresas contra a Nazareth e a Figueira, senhoreadas por valentes invasores. Os mais graves e austeros cathedraticos esquecem as suas quietas meditações para acudir enthusiastas á commum defensão dos portuguezes.

O vice-reitor da universidade, ecclesiastico e professor das leis da Egreja, mais versado nas *Decretaes* de Gregorio IX, que na arte perigosa de Turenne e de Condé, governa militarmente a quieta cidade litteraria, agora convertida n'um estrepitoso acampamento.. Outro canonista, o decano da faculdade, Fernando Saraiva, manda o corpo militar formado pelos lentes. O professor de chimica, Thomé Rodrigues Sobral, toma desde logo a direcção de uma officina pyrotechnica. A sciencia, que opera prodigiosas maravilhas durante a paz em honra da civilisação e da riqueza, faz na guerra milagres assombrosos em prol da independencia e liberdade. Tão verdadeiro é sempre e em toda a parte que os dois potentissimos agentes da victoria são a sciencia e o valor.

Anda José Bonifacio briosamente empenhado na resistencia aos invasores. Tempera o animo para as varonis empresas, que o terão ainda por illustre paladino no fronteiro littoral do Oceano. Incende-se no desculpavel e ardente fanatismo contra os inimigos de Portugal.

Em publicos testemunhos ficou assignalada a galhardia e o primor do grande naturalista como soldado e como chefe. Elle proprio, depois que terminada a campanha contra Soult volvera a proseguir as suas fainas scientificas, ao dirigir-se como secretario á nossa corporação n'um seu discurso his-

torico, seguro de que a fama o não desmentiria, exclamava ainda respirando glorias militares: «Em tão arriscadas circumstancias mostrei, senhores, que o estudo das lettras não desponta as armas, nem embotou um momento aquella valentia, que sempre circulara em nossas veias, quer nascessemos áquem, ou além do Athlantico.»

E n'este ponto appositamente ponderemos um reparo. Peleja José Bonifacio contra os batalhões napoleonicos, porque tem irrompido em Portugal. E é justamente a agressão do glorioso general o principio e a occasião de nascer forçosamente a independencia do Brasil. A invasão, que para Portugal é a perda ignominiosa, ainda que passageira, da sua liberdade e soberania, é para as terras portuguezas do Novo Continente o alvorecer da propria soberania e liberdade.

Na ordem maravilhosa, mas necessaria dos humanos acontecimentos, nos feitos, de que se tece a historia das nações, nada pertence á jurisdicção do acaso, nada ha que não seja logico, fecundo, creador. O que se affigura calamidade nacional, é um successo que traz no seio os germens de uma proveitosa revolução. È como os terremotos e os incendios, após os quaes resurgem mais soberbas e magnificas as grandes povoações. Sem as oppressões de Carlos I, as guerras civis e religiosas, a intolerancia dos puritanos, a reacionaria feresa dos realistas, sem Cromwell, nem James II, a Inglaterra não poderá firmar seguramente em inabalaveis fundamentos a liberdade e o governo parlamentar. A jornada de Jena, que pareceu um dia luctuoso para a Prussia e para as glorias de Frederico, é a data d'onde se conta o renascimento e a grandeza da nação conquistadora. Caiu. Notou que precisava de vestir uma invencivel armadura. Advertida e castigada pela fortuna, principiou a forjar desde essa época a terrivel espada, que venceu em Leipzig e Waterloo, e quasi meio seculo depois acabou de sepultar nos plainos de Sedan o poder e a ambição da raça napoleonica.

Diante das baionetas, perfidamente amigas, do primeiro Napoleão, converte-se em metropole a colonia. Portugal é durante largos annos uma delegação do reino brasileiro. Acostuma-se o Brasil á vida propria. Já tem na sua capital poderes soberanos; já tribunaes, já conselhos, administração, magistratura, escolas, força publica, sem que estes attributos da soberania sejam apenas a pura emanação de alheia potestade. Já livremente póde mercadejar sem que venha a metropole cerrar-lhe os portos do immenso littoral ao tracto e communicação dos estrangeiros. A vanguarda do exercito da Gironda ao apontar ás fronteiras de Portugal, é para o Brasil o sol meio sepulto ainda no horizonte, a dourar com os primeiros clarões as cumeadas. Se pois sobre os destroços de Portugal ha de erguer-se mais presto e mais florente o novo imperio brasileiro melhor quadra ao civismo do eminente americano o servir, do que oppugnar,

o soberbo conquistador. Pois que importa ao ardente e fervoroso patriota, que já no animo insoffrido e orgulhoso está affagando a independencia da sua terra, que lhe importa que nas torres e fortalezas de Portugal, em vez das quinas tremoladas no Brasil por Pedro Alvares, estejam adejando as arrogantes aguias imperiaes? È que propulsando estranhos agressores aprende a combater os que opprimem ou tyranisam a nação, que tem direito á liberdade. Hoje a expulsar do reino, aonde é ainda cidadão, os francezes que o intentam avassallar. Ámanhã a resistir á metropole imperiosa, quando pretenda impor a sua força e o seu mando á colonia emancipada.

O ferro, com que fere os invasores na velha Europa, ficará temperado em suas mãos para vindicar o direito, com que a America em temerosas explosões dará fim á sua longa minoridade.

Não tenhamos a simplesa de julgar que ao illustre pensador, em quanto serve com tão proveitosa dedicação a sua metropole, na cadeira, na academia, na milicia, nos officios da administração e magistratura, se lhe não vão os olhos instinctivamente para o fadado berço americano. Andrada é antes de tudo eminentemente brasileiro. Cursara as terras da mãe patria, embuira-se na sua civilisação, como o grego das colonias respirava em Athenas a cultura, sem renegar a terra natalicia. O Brasil é, na sua propria affirmação, a patria natural, Portugal apenas a patria de adopção. Com a maravilhosa intuição do talento, habituado a observar e a predizer a sequencia dos phenomenos, veria José Bonifacio que não vinham já remotos os dias decretorios, em que a immensa colonia brasileira teria existencia independente. As idéas, os exemplos, os precedentes estavam todos assegurando que uma forçosa innovação se haveria de operar nas relações do Brasil com Portugal. A emancipação das colonias inglezas tinha dado rebate ao Novo Continente, e exercera nas possessões americanas das duas corôas peninsulares, a mesma irresistivel influencia, que a revolução de 89 produzira na consciencia politica dos povos acorrentados á monarchia absoluta. A frustrada conjuração republicana de Minas Geraes em fins do seculo xviii fôra o primeiro signal da impaciencia. Quando um principio novo alcança transitar desde o que os myopes chanceam com o nome de utopia até realisar-se em fórma social, não é difficil antever que em tempo mais ou menos dilatado, a idéa convertida em instituição, virá a ser commum aos povos semelhantes no sentir e no viver. Á libertação das velhas plantações dos puritanos, seguira-se já no seculo presente a successiva e vencedora insurreição das colonias hespanholas. Que patriotismo, por mais irracional e persistente, ousaria augurar por largas gerações a mystica união do Brasil e Portugal?

Arrojados para longe das fronteiras em bisarros feitos militares os exercitos d'este heroico scelerado, que se chamou Napoleão, urgia restaurar a paz

domestica e restituir á lei o seu imperio, quebrantado pela inevitavel anarchia de um povo, que a si mesmo, em nome da fatal necessidade, se governa sem norma e sem modelo. Que este é o perigoso fructo que a monarchia traz pendente de seu tronco. Quando a turba durante largos seculos se educou na servidão e idolatria de um senhor quasi preternatural e alheio ao povo, se o acaso ou a revolução lhe põe nas mãos o sceptro e a magestade, o poder é o capricho das multidões succedendo ao arbitrio dos monarchas. A ferocidade e a vindicta, desde o alto do throno professadas, inoculam nos instinctos animaes de uma deseducada população a cruesa e a atrocidade. As carnificinas de Carlos IX antecedem e explicam as vinganças do Terror. A Bastilha creou a guilhotina. Não foi puro de cruentas iniquidades o alçamento do povo portuguez contra os estranhos dominadores. A nota de jacobino apontava os infamados ao summario julgamento da fanatisada plebe. Cumpria quietar os animos revoltos e refrear a violencia e o attentado, vestidos na apparencia do zelo patriotico. Passa José Bonifacio ao Porto com o officio de intendente da policia. Pouco depois despedem-n'o do encargo, achacando-lhe o ser fogoso, violento, apaixonado. Foi austero, talvez duro n'esta nova magistratura. Não é porém factivel equilibrar de novo a sociedade, quando rotos por largo tempo os vinculos moraes, sem que a gente acostumada á soltura dos costumes e das leis pareça draconiano e severissimo o que apenas é justo e salutar.

Eil-o de novo restituido ás lettras e ás sciencias, de que o trouxeram afastado as obrigações de soldado e cidadão. Por alguns annos se demora ainda na metropole e n'ella continúa a bem merecer a fama crescente do seu nome.

Fizera-se, porém, intoleravel para o seu altivo temperamento o permanecer em Portugal, aonde então dominava um governo proconsular, cioso da minima expansão de liberdade. Pungiam-n'o os invejosos e maledicos. O seu trato com os governadores do reino não era cordial, nem o convidava a que passasse a vida longe do Brasil. Na carta, em que o grande naturalista, acolhendo-se ao patrocinio de um ministro, seu consocio e valedor, sollicita do principe regente a licença de voltar á sua patria, desafoga em acerbissimas palavras o desgosto que o trazia lacerado e offendido. Na oração, em que o illustre secretario se despede da Academia, percebe-se o doloroso resentimento do varão attribulado pelas injustiças e malquerenças dos seus adversarios. «Se almas degeneradas... procuraram, exclamava o eminente brasileiro, amargurar por vezes a minha cansada existencia, e buscaram, mas em vão, mallograr o meu patriotismo e bons desejos, o estudo da natureza e dos livros no seio da amisade, e a voz da consciencia foram sempre o balsamo salutifero, que cicatrisava estas feridas do coração. Cumpre pois deslembrar-me do passado.» No discurso historico recitado perante a nossa Academia, na sessão

anniversaria de 1815, é clara e terminante a exprobração «contra a ignorancia timida ou desleixada, e ousarei dizer, contra o obscurantismo de algumas toupeiras, que temem ou não podem supportar a luz.» É plausivel que essas lobregas toupeiras se acoutassem nas eminencias do governo, avesso á liberdade e exempção do pensamento.

Da propria efficacia em adiantar e promover a melhoria de Portugal no tocante ás empresas e commissões, de que o sabio tinha sido encarregado, nenhuma esperança lhe affagava as já desvanecidas illusões. Ainda antes da invasão franceza manifestava o naturalista, n'uma carta a um ministro da sua intimidade, o pouco ou nenhum fructo das suas instancias reiteradas em favor do fomento portuguez. Queria finalmente libertar-se de todos os publicos officios, e volver á patria americana, onde acaso podera lograr dias mais tranquillos. E não irá talvez mui distante da verdade o presuppor que a recente insurreição de Pernambuco, presagiando-lhe as politicas tormentas, que iam toldar o ceo americano, lhe aguçava o desejo de achar-se no Brasil em sazão accommodada aos seus patrioticos intentos.

As aspirações separatistas apparecem reveladas nos discursos do academico em os tempos derradeiros da sua morada em Portugal. Teria elle já n'aquella época a noção definida, intransigente, de um estado brasileiro, sem nenhum vinculo politico ou nacional com a antiga metropole européa? Ficariam satisfeitos os seus votos com a fundação de um reino americano, que a si mesmo se haveria de reger, reconhecendo todavia por soberano o rei de Portugal? Não é facil descortinar qual seria antes da primeira revolução constitucional o fito do estadista. Que elle repugnava abertamente á dominação absoluta exercida no Brasil pela mãe-patria, o põe de manifesto o seu ultimo discurso á Academia, quando ao narrar as transacções litterarias d'este corpo, em larga digressão historiava os eventos principaes da propria vida, e se despedia saudoso e agradecido á terra que o recebera e amimara por seu filho.

«Consola-me (dizia o illustre secretario) consola-me egualmente a lembrança de que da vossa parte, pagueis a obrigação em que está todo o Portugal com a sua filha emancipada, que precisa de pôr casa, repartindo com ella de vossas luzes, conselhos e instrucções.»

A emancipação da filha americana, até ali estreitamente recatada pelo egoismo da metropole, é pois no conceito do sabio naturalista uma necessidade impreterivel. Já não occulta Andrada aos seus consocios a altesa do pensamento, que tem delineado a respeito do Brasil e seu futuro. A peroração do seu discurso historico é o eloquente panegyrico da terra brasileira e a encarecida exposição dos attributos, que a fazem merecedora de abrigar um povo do porvir. «E que paiz esse, senhores (exclamava o americano enthusiasta) para uma nova civilisação e para novo assento da sciencia! Que terra

para um grande e vasto imperio!... Seu assento central quasi no meio do globo; defronte e á porta com a Africa, que deve senhorear, com a Asia á direita, e com a Europa á esquerda, qual outra nação se lhe póde egualar? Riquissimo nos tres reinos da natureza, com o andar dos tempos nenhum outro paiz poderá correr parelhas com a nova Lusitania.»

Punha depois em parallelo as condições politicas da colonia americana com as enraizadas e abusivas instituições da velha Europa. Ali nenhuma influencia theocratica poderia empecer ou amesquinhar a civilisação. O clero era abastado, porém não opulento e dominador; os claustros poucos: escassa em numero a gente da nobreza e das classes mais poderosas, cujo predominio e ambição é perigosa á liberdade e ao equilibrio social.

D'esta generosa terra americana, que o sabio com tanto amor descreve em sua affectuosa allocução, lhe estavam estimulando o sentimento vivissimas saudades. Tinha as glorias de naturalista, as honras de academico, a toga de magistrado, a laura de cathedratico. A nenhum filho seu nativo por mimoso que fosse da fortuna, podia Portugal ter conferido mais honrosas distincções do que a esse, que a si proprio se dizia portuguez por adopção. As vozes dos inimigos e invejosos ficariam abafadas no clamor, com que os sabios o saudavam por insigne, a patria por benemerito. Tinha na metropole o que lisongea a ambição. Faltava-lhe porém o que delicia o sentimento. Uma invencivel nostalgia lhe abrumava porventura o coração. E quem sabe se tambem este obscuro presentimento, de que se iam avisinhando os tempos de crise mais perigosa, á qual seria desdouro o esquivar-se, fraudando de seus fructiferos esforços a final libertação do seu Brasil? Sentia flammear um entendimento habituado ás grandes cogitações, pulsar um coração propenso aos arrojos varonis. Era talvez o instincto do audaz revolucionario que se escondia na saudosa aspiração do lar paterno. Quando um homem está fadado para ser o poderoso instrumento de uma grande revolução, parece que a Providencia lhe segreda as resoluções e lhe encaminha os passos de maneira, que se ache a ponto fixo na scena dos seus maximos triumphos. O sabio tem completado o seu curriculo. Levanta-se agora o estadista para lustrar veloz a sua carreira.

«Não sei que doçura encerra em si este nome de patria, que vendo entrar o arcebispo n'ella assim nos alegra escrevendo, como se com elle foramos peregrinando e com elle tornáramos triumphando. Promette a patria descanso, quietação, paz e alegria. Mas é miseravel a condição dos que governam por mais que a doure a ambição.»

Bem poderamos applicar a elegante sentença de frei Luiz de Sousa ao Brasil e ao seu egregio filho. No Brasil o espera a patria, a gloria, a satisfação dos seus votos mais ardentes. Mas no Brasil, com ser tão florida e mimosa a natureza, tambem abrolham, mais violentos que na Europa, os odios,

as invejas, as vinganças. Tambem no Brasil se aguçam os espinhos para pungir a fronte dos seus grandes cidadãos.

Agora se abre a arena mais larga e mais brilhante ao estadista brasileiro. Voltou á America. Tornou a ver a terra do seu berço. O cosmopolitismo é a idéa generosa do philosopho, que sonha a humanidade congraçada n'uma unica familia. A patria é o indelevel sentimento do homem, a quem a mais altiva intelligencia não inhibe de ver na sua aldeia a miniatura do universo.

Chama-se com razão a America o Novo Mundo, porque em si tem quanto póde adivinhar a phantasia, appetecer a ambição. Novo, porque é a esperança e o porvir da humana stirpe em contraposição á moral decrepidez do Velho Continente. È nova a terra, nova a natureza, novos os costumes. E porque novas não serão tambem as leis e instituições? Chamava-lhe a Europa novo, no significado geographico, e queria já que fosse velho nos preconceitos e abusões. Descobrira-a? Era sua. Povoara-a? Era um feudo. Arroteara-a? Era a sua granja, o seu trapiche, o seu engenho. Dava-lhe leis, governadores, e magistrados, e tantas vezes infelizmente d'aquelles de quem diz o eloquente, e não raro malicioso prégador, que parodiando aos phariseus, desdenhavam como peita um cacho de uvas, e enguliam galhardamente alguns fechos de assucar americano. Dava-lhe a sugeição e o senhorio. Pedia-lhe as copiosas producções do seu torrão. Queria a Europa ter na America o seu immenso latifundio. Não era uma colonia que a si propria se governa, rendendo homenagem voluntaria á sua metropole e conservando com ella o vinculo politico, e uma só Vesta nacional. Dera-lhe por primeiros povoadores colonos na servidão, por humanos instrumentos escravos africanos.

A funcção social seria para a America trabalhar e obedecer. Para a Europa fruir e governar. Este era funestamente o systema colonial adoptado pelas nações, que copiavam sem o entender nem fecundar como os romanos, o governo discricionario das provincias avassalladas. A Europa gerara do seu seio a America social. Havia de exercer perpetuamente sobre a America, segundo o velho direito quiritario, o patrio poder absoluto.

A America reagiu e combateu. E resistiu em nome do direito, da razão, e do futuro. As colonias não são para as nações uma vaidade feminil ou uma fidalga ostentação. Não são apenas uma tradição ou uma memoria, como o escudo, que remata o palacio aristocratico, ou o velho e descosido reposteiro que deixa ainda perceber na mansão do fidalgo ocioso e empobrecido os heraldicos stemmas das antigas gerações. Não são um ornato para os povos, nem um diche das soberanias. São o patrimonio commum da civilisação e a esperança da humanidade. Não são apenas o cortejo das metropoles, mas os fecundos seminarios, d'onde a arvore da civilisação para longe transplantada, ha de cobrir com a sua rama frondente e fecundissima a gleba maninha e des-

povoada. Em quanto a colonia serve melhor ao seu destino, ficando dependente da metropole, a união é previdente e natural. Mas quando a terra-mãe inhibe com a sua legislação estreita e egoista que o povo, saido do seu gremio, pague inteiro o seu tributo ao progresso commum da humanidade, a colonia é como filha, qué por uma fatalidade ineluctavel, se desprende e emancipa do claustro maternal. Na vida social como na vida do organismo. O embryão, que se faz feto. O feto, que se converte em ser independente, mas ainda delicado e infantil. O infante, que se faz adolescente. O adolescente agora feito homem, pater-familias, cidadão.

Depois da emancipação das colonias britannicas na America, o centro de gravidade no harmonico systema da civilisação christã deslocou-se do Velho Continente ao Novo Mundo. A civilisação segue na sua larga trajectoria o caminho do Occidente. Principia na Asia, onde as dominações e os imperios sobrepondo-se e vencendo-se até chegar ás fronteiras européas. Da Asia vem á Grecia. Da Grecia a Roma. De Roma ás paragens mais occidentaes da Europa, á Iberia, á Gallia e á Britannia. Os barbaros são apenas um affluente ao rio caudaloso das civilisações antigas. A humanidade estanceia quieta e repousada até que principiam as ousadas navegações dos portuguezes, prefacio glorioso da nova cultura americana. Colombo é o corollario d'esta heroica premissa, que no largo raciocinio do progresso se chamou Henrique, o navegador. Á nação mais occidental cabia logicamente o papel de iniciadora. Proseguindo na rota do Occidente, a civilisação alcançou o continente americano e desentranhou-se ali em mil prodigiosas maravilhas. A America é a civilisação capitalisada. É o peculio intellectual de milhares de gerações, accumulado nas terras onde a natureza pela sua inexcedivel uberdade e formosura é o digno, o esplendido theatro do homem emancipado. A America juvenil, herdeira da velha Europa, devia recolher a herança copiosa das idéas, sem acceitar o encargo das viciosas tradições.

Portugal foi a grande nação, assignalada na historia universal pelo seu incansavel empenho e heroica sollicitude em dilatar os breves horizontes do mundo conhecido. Cada povo tem um *momento*, uma funcção capital na longa evolução da humanidade. Uns são destinados, como a Grecia em seus dias mais florentes, a mostrar a que altura póde erguer-se o genio especulativo e os poderes estheticos do homem. Outros, como a Italia da Renascença, a lançar no crepusculo vespertino da edade média o redivivo clarão da bella antiguidade. Estes, como a França da Revolução, a resuscitar com a belleza e o vigor da juventude, o innato sentimento da humana dignidade, perdido e oblitterado na diuturna servidão dos povos europeus. Aquelles, como a União Americana. a ensinar como a liberdade, a sciencia, e o trabalho, tendo por ancilla a natureza e por officina os seus thesouros, podem operar no Novo Mundo as

4

maravilhas da industria e os milagres do regimen democratico. Portugal não primou nas invenções admiraveis da sciencia: não teve Newtons, nem Platões. Não meneou com galhardo luzimento o escopro ou o pincel: não teve Raphaels, nem Buonarottis. Não evangelisou a liberdade, antes largos annos se mostrou rebelde em a aprender: Não teve Franklins, nem Mirabeaus. Não logrou nunca assombrar com os prodigios do trabalho, nem com os espantosos descobrimentos do talento industrial: não teve Watts, nem Stephensons. A sua missão foi comtudo insigne e principal. Fomos os spartanos da moderna Europa, mais rudes na doutrina, menos fecundos na invenção que as demais gentes latinas ou tentonicas. Mas tivemos, como os lacedemonios entre os gregos, o dom das heroicas temeridades, o amor do ferro e da peleja, a constancia tenaz e invencivel, o requestar os perigos como delicias, o affrontar o impossivel como facil; a ferrea disciplina, se nem sempre como os laconios para a cega obediencia, ao menos como elles para avançar e para morrer. O privilegio, que a Providencia nos conferiu, quando a Europa nem sonhava longinquas expedições, foi o de buscar perseverantes, obstinados, quasi fanaticos da idéa, as novas regiões, em que expandir a nossa força, que mal cabia nos angustos ambitos da patria. Quem sabe se o termos por assento minutissima orla de terreno á beira do Oceano, nos incitava como por genial instincto a alargar além do Atlantico as naturaes fronteiras? Tambem a aguia tem o ninho na estreiteza de um rochedo, e d'elle, abrindo a ampla envergadura, voeja, ascende, altêa-se, e perde-se entre as nuvens, librando-se rainha na immensa vastidão da atmosphera. Assim passou com este pequeno povo de Portugal: pequeno como Athenas nos lindes estreitos da sua terra, porém grande na pujança insaciavel das suas ambições. Nenhum povo antigo nem moderno se abalançou jámais a tão longas e temerarias aventuras. Se Colombo representa o acaso coroando a perseverança, os descobrimentos portuguezes são o valor realisando o que a sciencia deduz e prognostica. O erro imaginoso encaminha a derrota do mareante genovez. Mas a verdade cosmographica vae indicando o rumo aos frageis galeões de Portugal.

O que nos sobra em gloria de ousados e venturosos navegantes, mingua-nos em fama de energicos e providentes colonisadores. Parece que o destino particular dos portuguezes era descortinar aos outros os terminos do mundo. Eramos os guias e mystagogos da nova civilisação. Conquistámos a India para que estranhos a lograssem. Devassámos a China, para que utilisassem depois os seus commercios. Levámos ao Japão o nosso nome, para que outros mais felizes implantassem n'aquella terra singular os primeiros rudimentos da civilisação occidental. Lustrámos a Africa, para que alheios povos, tachando-nos de inertes e remissos, nos disputassem o que não soubemos nunca aproveitar. De infindos territorios, que a nosso poderio avassallámos, resta-nos apenas no

Oriente quanto de terra era sobejo para cravar, como heroica tradição, a bandeira nacional. Só na America fizemos excepção á desidia hereditaria com que semeámos sem colher. Só ali colonisámos, na propria accepção d'esta palavra.

Mas que erroneo systema proseguimos em erigir os fundamentos ao futuro imperio americano!

Legislámos, como se foram os portuguezes de além-mar os parias da metropole. Governámos, como se o Brasil fosse apenas uma herdade, onde trouxessemos a gages obscuros e oppressos jornaleiros. Defendemos-lhe a communicação e o tracto de gentes peregrinas. Reduzimos a estanco e monopolio grande parte das suas mais valiosas producções. Prohibimos-lhe que erigisse um tear, uma forja, uma officina. Declarámos por attentado que um só prelo diffundisse timidamente a sua luz n'aquellas regiões escurecidas. Condemnámos por subversivas as sociedades litterarias. Receámos que a minima illustração do pensamento nos roubasse a colonia emancipada. E a colonia um dia lassa de sujeição e de ignominia ergueu-se, rugiu, como o jaguar das suas florestas, e espedaçou as rexas da estreita jaula, onde a tinha clausurado o cioso egoismo da metropole. A intolerancia é a mãe da insurreição. A oppressão o germen da liberdade.

Tal se desenha aos olhos do pensador o Novo Mundo na quadra tormentosa, em que José Bonifacio é chamado á vasta scena da politica, no empenho de firmar a independencia do Brasil.

A revolução tem proclamado na metropole os fóros populares. O soberano é quasi violentado a abandonar o quieto retiro americano para vir mesclar-se aos episodios de uma quadra borrascosa. Deixa na vasta colonia a regel-a o seu herdeiro. As côrtes, que por um reprehensivel paradoxo professam a democracia em Portugal e a perpetua vassallagem na terra brasileira, pretendem restaurar o odioso governo proconsular, e abolir as instituições que ali estabelecera em sua longa demora a monarchia. A restauração é sempre e em toda a parte a guerra e depois o impossivel. A principio a discordia, o sangue, o exterminio, e depois o que se julgou ter evocado do preterito, é apenas um phantasma; o que se quiz desentranhar dos seus antigos ossuarios, não é mais que a mumia a dissolver-se e a delir-se na poeira dos sarcophagos. A humanidade é como os astros, que apenas parece retrogadarem por um erro de visão. O estado social, que uma vez desappareceu, é como o organismo fossilisado, que não torna a revelar-se como vivo nos mais novos horizontes geognosticos.

As côrtes insistiram pela servidão colonial. O Brasil pugnou pela sua justa immunidade. Queria ser subdito á metropole, mas subdito da lei, que elle proprio tivesse ajudado a instituir. O congresso desmandou-se em providencias repressivas. O Brasil rompeu e separou-se. O principe, que devia ser mais

4*

tarde o chefe illustre na heroica restauração da liberdade portugueza, fez-se interprete convicto do sentimento brasileiro. Era a principio defensor perpetuo do Brasil. Agora já é imperador. Está cumprida contra nós a sentença do famoso presidente: «A America é só dos americanos.»

E quem foi o instrumento principal d'esta empresa felicissima? Quem com a sua varonil resolução, a sua comprovada sabedoria, a sua convicção profundamente democratica, assistiu ao primeiro imperador na obra de crear a nacionalidade brasileira? Foi o homem venerando, que honrou como sabio a Portugal, como sabio e estadista deixou o seu nome perennemente associado á maxima gloria do Brasil. É exalçado ao ministerio para dirigir desde as eminencias do poder a revolução. Depois a malevolencia e a inveja das facções afastam-n'o dos conselhos do soberano. Logo após brevissima intermissão, é levantado nos escudos populares e restituido ao governo da nação, onde é o penhor mais seguro de que o Brasil será ao mesmo tempo um estado independente, e, segundo cumpre a homens americanos, um povo de livres e soberanos cidadãos.

O exilio é a dolorosa, mas suprema consagração dos grandes meritos. Não faltou a José Bonifacio o desterro longamente agonisado nas terras extrangeiras. É expulso do Brasil, forçado a buscar asylo em França, quando os seus adversarios alcançam predominar nos conselhos do juvenil e ainda inexperiente imperador. É então que elle pede ás inspirações da phantasia a consolação das suas magoas, o doce lenitivo contra o feio desamor, com que a patria, apenas se vê nascida, perpetra, como se disseramos, um tremendo parricidio contra aquelle a quem devia o ser.

É a sciencia dos mineraes a mais arida e positiva, a menos amoravel, e conchegada á phantasia d'entre todas as sciencias naturaes. Da severa contemplação das fórmas na apparencia inertes da materia, já a José Bonifacio, durante os seus estudos scientificos, o desenfadavam certamente as fugitivas digressões a conversar com as musas, suas familiares e companheiras desde os annos da primeira juventude. Raros seriam n'aquelles tempos os grandes talentos de Portugal, que nos ocios das grandes occupações ou das sciencias mais severas, não pulsassem com subida ou modesta inspiração a lyra nacional. Geometras eminentes eram Stockler e Villela, e um e outro se inscreveram na historia litteraria pelas suas amenissimas canções. Do illustre brasileiro, que a sciencia ainda hoje commemora pela sua elegante *Geometria*, é citada com louvor a esplendida *Cantata*, que anda impressa em as nossas memorias academicas. Garção Stockler deixou o seu nome tão insigne pela *Theorica dos limites* como pelo magnifico elogio de Alembert. Mello Franco é egualmente venerado como poeta e como sabio. Não admira pois que José Bonifacio conciliasse a austera devoção pelas sciencias com o ameno tracto

das musas nacionaes. Elle proprio ao fallar do seu consocio, o eminente geometra portuguez, dizia no mais notavel dos seus discursos academicos: «Deu o sr. Stockler mais uma prova ao mundo litterario de que o estudo das sciencias exactas não embota a imaginação, nem afrouxa a sensibilidade.» E de feito, assim como o homem physico, para satisfazer ás condições da sua existencia biologica, se ha de compor de orgãos e de apparelhos diversisssimos, e todavia consonantes e mantidos em admiravel equilibrio, assim tambem o homem espiritual só poderá dizer-se perfeito quando n'elle se revelem, em justa proporção, as faculdades intellectuaes e affectivas. Sómente nas intelligencias incompletas e frustradas se faz inconciliavel com a imaginação o raciocinio.

Os poderes estheticos do homem podem conviver e aprimorar-se com a mais grave e austera dialectica. A summa perfeição do entendimento reside cabalmente em que o espirito senhoreie, á mesma altura e com a mesma lucidez, a etherea região da phantasia e o mundo positivo da razão, como de uma subida cumeada os olhos descortinam a uma parte as asperas e escalvadas penedias, a outra parte as veigas entapizadas de mimosa e florida vegetação. É então que o espirito, como se fôra um espelho de muitas faces, reflecte sem as mesclar nem confundir, as imagens que se dirigem á razão, e as que deliciam a sensibilidade. É então que elle póde comprehender, com egual prazer intellectual, a *Mechanica Celeste* e a *Iliada*, os *Dialogos de Galileu* e o *Jupiter Olympico* do grande estatuario atheniense.

Em França José Bonifacio desafoga em sentidas poesias a profunda saudade e melancholia, que no exilio lhe está minando o intimo da alma. Á semelhança do cantor florentino, o poeta brasileiro paga com sinistra severidade aos seus perseguidores, em estrophes impregnadas de amor da liberdade e de odio á oppressão e tyrannia, o que lhe fazem padecer longe da terra sua natal. É *Americo Elysio* (este era o nome arcadico do vate) que em muitas das suas odes, as quaes não deslustram o seu estro, demonstra que no espirito dos grandes pensadores póde ao mesmo tempo haver logar para o severo culto da sciencia, para as altas cogitações da vida publica e para as lyricas audacias do cantor.

José Bonifacio era ao mesmo passo um pensador, profundamente iniciado na sciencia do seu tempo, um poeta por vezes varonil, sempre correcto e um espirito versado largamente nas antigas e modernas litteraturas. Das lettras classicas, hoje tão desamparadas de cultura em Portugal e no Brasil, injustamente havidas por avessas ao positivo saber dos nossos tempos, patenteam os escriptos do grande mineralogista a sua boa e copiosa erudição.

Bastariam como irrecusavel testemunho as regras, que n'um seu discurso academico estatue discretamente, para que trasladados ás modernas linguagens os escriptores da antiguidade, conservem na versão o estylo e a graça

do original. Bastariam as elegantes paginas, aonde o eruditissimo philologo, em substancial e rapido painel, bosqueja em traços vigorosos a historia intellectual desde as primitivas civilisações até os principios do seculo presente. D'este seu empenho em cultivar a antiga litteratura é documento o escripto valioso, em que Andrada se propunha explanar a *Historia Natural* de Plinio, e de que dá conta á Academia em um dos seus publicos discursos annuaes. Versava principalmente aquelle trabalho de philologia e de sciencia na douta commentação dos cinco ultimos livros, em que o romano compilador tracta da mineralogia e da arte metallurgica entre os antigos. Na primeira entre as memorias, de que deveria compaginar-se esse tractado, extractava e traduzia do livro XXXII o sabio naturalista o que era conveniente ao seu proposito, illustrando com philologicas e criticas annotações o parallelo entre a sciencia dos antigos e a moderna comprehensão do reino mineral.

Das novas litteraturas é Andrada erudito apreciador.

Shakspeare é-lhe tão familiar como o Dante ou o Camões. As musas francezas no seu periodo aureo e mais florente, disputam no espirito do sabio a primazia com os arrebatamentos originaes da musa da Allemanha, chegada ao apogéo das suas glorias na lyra contemporanea de Schiller e de Goethe, ambos elles tambem naturalistas.

Mudam os tempos. Restitue-se á patria. Volve já velho, amargurado. Embalam o berço do novo imperio novas e temerosas agitações. Abdica o imperador. Tinha feito um Brasil independente. Restava-lhe outra empresa não menos gloriosa, a de crear um Portugal de cidadãos. O soldado ia succeder ao estadista. Amava o imperador ao seu leal e velho conselheiro. Confia-lhe a tutella de seus filhos. Não desistem porém os seus inexoraveis inimigos de mostrar a ultima vez ao sabio naturalista que a popularidade é o dourado sonho dos republicos e o triste desengano dos philosophos. Prendem-n'o. Processam-n'o, imputando-lhe que planéa a restauração do primeiro imperador. Sae absolvido. Intimam-lhe agora os annos e as ingratidões da patria que é chegado o momento de esquecer o mundo e repousar um pouco á beira do sepulchro, antes de legar á terra o que era da materia, o nome e a memoria ao seu Brasil. Quatro annos depois que o primeiro imperador, apenas terminada a sua obra, descançava no regio pantheon, finava-se na ilha de Paquetá o seu cooperador na fundação do imperio brasileiro.

Tal foi em breves traços memorada a vida do eminente mineralogista, do politico sem macula, a quem o Brasil, agora que é já emmudecida a inveja e a paixão, põe em glorioso parallelo com o grande general, a quem se deveu principalmente a União Americana.

Teve pois José Bonifacio de Andrada e Silva todas as fortunas que lisongeiam a ambição, todas as contradicções com que se fortalece o desengano.

Teve a idolatria das multidões e a perseguição dos inimigos; o favor das corôas, e a ingratidão dos potentados; a estatua e o exilio.

Saudemos hoje a sua memoria, como um dos mais egregios representantes da sciencia portugueza nos primeiros annos d'este seculo, como o illustre secretario, a quem esta Academia deveu boa parte do seu brilho, como o energico estadista, que pela fundação do imperio brasileiro estreitou, em vez de os afrouxar, os vinculos moraes de Portugal e do Brasil, agora em vez de senhorio e de vassallo, convertidos em dois povos independentes, mas irmãos.

NOTAS

Nota 1.ª

«Foi o Brasil a patria de José Bonifacio de Andrada e Silva» pag. 3.

Nasceu José Bonifacio na villa de Santos, na provincia de S. Paulo, a 13 de junho de 1765. Foram seus paes o coronel Bonifacio José de Andrada e D. Maria Barbara da Silva.

Nota 2.ª

«No ultimo quartel do XVIII seculo» pag. 5.

Aprendeu José Bonifacio as primeiras lettras e as humanidades na sua patria. Encaminhou-lhe os primeiros passos na educação intellectual o bispo D. Manuel da Resurreição. Como a grande maioria dos homens eminentes logo desde o seu primeiro alvorecer esteve denunciando a alteza do entendimento e a curiosidade inexhaurivel do saber. Era habitual n'aquelle tempo que fossem requestados para o serviço ecclesiastico os mancebos, que por seus talentos se distanciavam do commum. Por isso o bispo se empenhára em conquistar para a hierarchia um homem, que poderia vir a ser um famoso luminar para a egreja.

Tentou persuadil-o a que recebesse ordens, augurando-lhe o esplendido futuro, que o esperava, se viesse em acceder ás insinuações do sollicito prelado. Não sobejava, porém, no joven estudante a vocação para a vida clerical. O seu fogoso e arrebatado temperamento, antes o estava desde aquelles tempos convidando para as agitações da vida publica do que para o quieto repousar do presbyterio.

Da sua villa natal, cumprindo as prescripções paternas, foi José Bonifacio ao Rio de Janeiro, onde haveria de aguardar a sasão propria de fazer-se de vela para Lisboa. Era em 1780.

Poucos mezes depois dirigia-se á metropole. Vinha determinado a cursar a universidade, aonde então de todos os pontos da vasta monarchia portugueza acudiam quantos desejavam alcançar por suas lettras honrada e lucrativa posição na sociedade. As faculdades, que chamavam positivas, eram as mais seguidas e cobiçadas pelos que aspiravam a luzir na egreja ou no estado. Obedecendo ás ordens de seu pae, cursou José Bonifacio a faculdade de leis, como aquella que mais seguramente habilitava para as carreiras pingues e lustrosas da nação, quando a béca de desembargador era quasi condição essencial para todos os officios da republica. Não se contentava o espirito de José Bonifacio com o ensino arido e formalista, em que então se resolvia na universidade portugueza toda a encyclopedia juridica. A vocação do mancebo americano incitava-o principalmente aos estudos naturaes, que então já começavam a distinguir-se e avantajar-se sobre as sciencias moraes, como quem haveria de ser no seculo presente a feição essencial e caracteristica da nova civilisação. Frequentou José Bonifacio ao mesmo passo as faculdades de leis e philosophia e em ambas recebeu o grau de bacharel formado.

Nota 3.ª

«Pela efficaz recommendação do duque de Lafões» pag. 7.

A viagem scientifica de José Bonifacio e dos seus dois companheiros principiou em junho de 1790.

Em officio de Luiz Pinto de Sousa, ministro dos negocios estrangeiros e da guerra, para o embaixador de Portugal em Paris, D. Vicente de Sousa Coutinho, com data de 31 de maio de 1790, participa o governo portuguez ao seu agente que para aquella côrte partiam os tres naturalistas Manuel Ferreira da Camara, José Bonifacio de Andrada, e Joaquim Pedro Fragoso, todos formados na universidade e socios da Academia Real das Sciencias, com o fim de fazerem ali um curso de chimica e mineralogia docimastica, e particularmente lhe encommenda que dé aos tres viajantes toda a protecção para que se lhe facilitem os estudos. (Liv. 1, da corresp. dipl. no arch. do minist. dos neg. estr.)

Nota 4.ª

«Ideou nova e mais larga traça de viagem» pag. 8.

No tempo, que decorreu desde a primavera de 1790 até ao seguinte anno de 1791 concluiram José Bonifacio e os seus dois companheiros os cursos, a que era particularmente consagrada a sua missão. Fôra porém tal o aproveitamento, com que se haviam

applicado á chimica e á mineralogia, que seria grave injuria á sua capacidade e á sciencia nacional, o não lhes continuar o governo portuguez a permissão e o subsidio para que podessem tornar ainda mais fecunda a sua viagem. Ao patrocinio do embaixador portuguez em Paris, D. Vicente de Sousa Coutinho, deveram principalmente o proseguir nas suas excursões.

É o que se collige do officio d'aquelle diplomata para o secretario de estado dos negocios estrangeiros e da guerra, Luiz Pinto de Sousa, com data de 25 de abril de 1791, no qual se lê o trecho seguinte:

«Na carta inclusa de Manuel Ferreira da Camara, que tenho a honra de dirigir a V. Ex.ª verá que tanto elle como José Bonifacio de Andrada, e Joaquim Pedro Fragoso se teem applicado na conformidade das instrucções, que receberam, terminando com muito proveito, como me tem constado, os cursos das sciencias, que tiveram por objecto a sua missão; em cujos termos julgo será conveniente ao progresso de outros, que retiraram das viagens, que V. Ex.ª os auctorise a proseguil-as, aproveitando assim mais o tempo sobejo: elles me communicaram o parecer que ao mesmo intento lhe dera M. Sage, e ainda que pouco differe da regra, que se lhes prescreveu, os subsidios que pretendem, e dizem lhes são necessarios, os impossibilitam de sairem d'aqui antes de V. Ex.ª mandar expedir as relativas ordens.» Officio de D. Vicente de Sousa Coutinho para Luiz Pinto de Sousa. Paris, 25 de abril de 1791. (Arch. do min. dos neg. estr.)

Nota 5.ª

«Os companheiros de Humboldt» pag. 8.

A passagem citada no texto é traduzida do allemão, e da obra, que sob a direcção do professor Karl Bruhns, astronomo distinctissimo, professor e director do observatorio de Leipzig, se consagrou á memoria de Alexandre de Humboldt, foi publicada em tres volumes sob o titulo de *Alexander von Humboldt. Eine wissenschaftliche Biographie.* Leipzig, 1872 e contém a mais ampla e noticiosa biographia do illustre sabio prussiano. O trecho citado encontra-se no vol. I, pag. 128. São estas cabalmente as suas palavras:

«Humboldt's Studiengenossen waren unter andern die spätern Meister der Wissenschaft Leopold von Buch, der Däne Esmark (starb 1840 als Professor der Mineralogie in Christiania), *der Portugiese Andrada*, der Spanier Del Rio.»

O titulo de *mestre da sciencia*, conferido por tão notavel auctoridade scientifica ao mineralogista portuguez, gloriosamente associado e posto em parallelo com sabios de tão universal e eminente reputação como Humboldt e Leopoldo von Buch, é o mais honroso testemunho do conceito em que ainda em nossos tempos é havido na terra das sciencias, o nome benemerito do nosso compatriota.

Nota 6.ª

«Visita as minas do Tyrol» pag. 8.

Não se limitava José Bonifacio com os seus estudiosos companheiros a estudar apenas na academia de Freyberg. Os ocios, que lhes deixavam as escolas, dispendiam em proveitosas excursões ás minas de maior trafego, onde podiam ver exemplificadas as doutrinas, que aprenderam com tão consummados professores, quaes eram Werner e Lampadius. Não desamparava o governo portuguez os alumnos eminentes, que por sua commissão tinha enviado a aperfeiçoarem-se nas sciencias. Procurou-lhes valiosas recommendações, com que vissem patente e franqueado quanto importava a seus estudos. No officio do secretario de estado dos negocios estrangeiros e da guerra, Luiz Pinto de Sousa a Agostinho Neri da Silva, encarregado de negocios em Vienna de Austria, em 17 de fevereiro de 1794, recommendava aquelle desvelado fomentador das sciencias em Portugal ao seu agente, que obtivesse para Andrada e seus confrades a permissão de visitarem as minas de Austria, do Tyrol, da Styria e da Carinthia. Arch. do min. dos neg. est.

Nota 7.ª

«É então que José Bonifacio publica nas Actas da Sociedade de Historia Natural de Paris...» pag. 9.

A memoria de José Bonifacio a respeito dos jazigos de diamantes no Brasil foi a primeira, que com mais exacção os descreveu sob o seu aspecto mineralogico e geologico muito antes do escripto de Claussen, publicado no annuario scientifico allemão, *Leonard's Jahrbuch*, 1842, e do trabalho de Heusser no *Zeitschrift deutschen geolog. Gesellschaft*, 1839, XI (jornal da sociedade geologica allemã).

O abbade Haüy refere-se honrosamente ao escripto de José Bonifacio e d'elle deriva principalmente o que no seu classico tratado de mineralogia se refere aos diamantes do Brasil. O sabio francez escreve: «Suivant les observations faites sur les lieux, et consignées dans les actes de la société d'histoire naturelle, par M. de Dandrada, minéralogiste portugais, d'un mérite trés distingué, le lieu natal des diamants dont il s'agit, est la croûte des montagnes situées dans le district de Serro do Frio...» Haüy, *Traité de Minéralogie*, Paris, 1822, IV, pag. 427.

Á mesma época, em que Andrada escreveu a memoria sobre os diamantes, pertence egualmente o escripto ácerca do fluido electrico. Veiu á luz esta composição do illustre mineralogista nos *Annaes de Chimica* de Fourcroy.

Antes de emprehender a viagem scientifica pela Europa havia José Bonifacio, logo desde os primeiros tempos de academico, publicado nas *Memorias Economicas* da Academia Real das Sciencias de Lisboa, tomo I, o seu escripto ácerca da pesca da baléa.

Nota 8.ª

«É então que elle descobre...» pag. 9.

José Bonifacio de Andrada e Silva é mais conhecido geralmente em Portugal e no Brasil como o principal e mais ardente propugnador da independencia brasileira do que pela sua gloria de profundo mineralogista, inscripta com memorias indeleveis nos fastos da sciencia. Para completar a ligeira exposição, que no *Elogio* se fizera dos seus descobrimentos scientificos, pareceu bem accrescentar mais alguns esclarecimentos n'este ponto.

Os biographos limitam-se a dizer que o sabio americano descobrira doze novos mineraes, que descreveu e nomeou. Copiam (alguns d'elles erradamente) os nomes d'estas a que chamam sem descrimo especies novas. É bem que n'este assumpto digamos a verdade, a qual ainda feitos os descontos á exagerada apreciação, é de sobra para qualificar o famoso estadista americano como um dos mais insignes cultores da sciencia n'este seculo.

José Bonifacio não descobriu propriamente doze especies, que inteiramente houvessem por ignotas os seus predecessores ou contemporaneos. É verdade que deu o nome e a descripção de outros tantos mineraes, que se lhe depararam como novos em varios jazigos, que percorreu e estudou em suas excursões pela Suecia e Noruega.

Entre os mineraes nomeados e descriptos ha quatro especies reconhecidas como authenticas pelos mestres mais illustres da sciencia.

A especies já d'antes determinadas pertencem os oito restantes mineraes. É todavia justo e necessario advertir que muitos d'elles constituem variedades importantes, ainda hoje particularisadas como taes nos mais auctorisados livros da sciencia. E se attentamos em que a noção de especie, sujeita a contradicções, e a incertezas na propria natureza organisada, não tem ainda seguros fundamentos no reino mineral, por serem n'esta categoria de corpos inorganicos, deficientes e falliveis os criterios de uma racional especificação, já podemos convir em que ou fossem especies originaes ou desconhecidas e singulares variedades, os mineraes descobertos por Andrada bastaram a conferir-lhe em todo o mundo scientifico uma indisputavel reputação.

No tempo, em que o nosso naturalista floreceu para a sciencia, o seu nome andava equiparado ao dos mais notaveis mineralogistas britannicos, francezes, scandinavos, allemães. Nenhum sabio, que estudasse mineraes, desconhecia a fama do egregio investigador da natureza, o qual então, porque não era ainda fundado o imperio americano, reflectia com plena intensidade a sua gloria sobre o nome portuguez. Nenhum livro magistral dos que ácerca dos mineraes n'aquella época se escreveram, ou de presente se publicam, deixou de assignalar com a auctoria de Andrada as especies e variedades, que elle primeiro descobriu, denominou e descreveu. Desde o abbade Haüy, o eminente fundador da mineralogia franceza, até os modernos sabios allemães, classicos na sciencia dos mineraes, Naumann e Quenstedt, e aos modernos mineralogistas francezes, entre os quaes é Dufrénoy preeminente, o talento portuguez ficou associado aos progressos mineralogicos nos livros estrangeiros de maior auctoridade. Os escriptos e memorias, em

que Andrada noticion ao mundo scientifico os seus valiosos descobrimentos, saíram estampados nas mais celebradas publicações consagradas ás sciencias physicas e naturaes, no *Jornal de chimica de Scheerer*, de Allemanha, no *Jornal das minas*, de França, nas *Actas da sociedade de historia natural*, da mesma nação, nos *Annaes de chimica*, de Fourcroy, o eminente chimico francez, e no *Journal de Physique*, de Paris.

Tres portuguezes havia nos principios do seculo presente, que nas sciencias naturaes tivessem o seu nome registado como o de mestres na commum opinião do mundo sabio.

Eram o abbade Corrêa da Serra, espirito encyclopedico de varia e profunda erudição scientifica e litteraria; João Antonio Monteiro, a quem os grandes luzeiros da sciencia se honravam de associar-se nos trabalhos, citando-o com palavras de encarecida veneração; José Bonifacio de Andrada e Silva, que ao primeiro egualava certamente na immensa vastidão dos seus conhecimentos, e ao segundo por ventura no talento observador e inventivo em tudo o referente á mineralogia.

Principalmente representado pelos tres sabios naturalistas entrava Portugal no pasmoso movimento scientifico operado nos annos derradeiros do seculo xviii e nos primeiros tempos do xix seculo. Eram aquelles nomes realmente cosmopolitas na sciencia. Se o abbade Corrêa ficou para sempre classico nos livros da botanica, os nomes de Andrada e de Monteiro são ainda citações obrigatorias nos tratados mineralogicos. Monteiro revelava na direcção dos seus estudos a influencia da escola franceza, então principalmente crystallographica. Andrada cedia naturalmente ao exemplo e á tradição werneriana, que em França tinha o seu divulgador no mineralogista Brochant, alumno e continuador do mestre de Freyberg. Os caracteres crystallographicos, racionaes, convidavam particularmente o espirito do Monteiro. Os caracteres externos, empiricos dos mineraes, attraiam de preferencia o estudo do mineralogista americano. Monteiro cultivava com maior predilecção a sciencia pura e por isso a fórma das substancias mineraes, com a sua admiravel regularidade, subordinada a principios e a leis strictamente geometricas, enlevavam o seu entendimento habituado ás especulações da morphologia mineral, em que tivera por mestre e collaborador ao abbade Haüy, o grande instituidor da crystallographia mathematica. José Bonifacio representando os dogmas e as tradições da escola de Freyberg, essencialmente practica, mineira, technologica, sentia a insufficiencia dos caracteres geometricos para a perfeita diagnose dos mineraes, cujas mais numerosas variedades a natureza nos manifesta em fórmas irregulares, resultantes da capriehosa associação de individuos geometricamente indeterminaveis pela exiguidade das suas dimensões.

Os caracteres exteriores e empiricos, a estructura, a côr, o peso especifico, a dureza, o *facies* particular, que aos olhos perspicazes do mineiro denunciam a natureza de um mineral, excitavam peculiarmente a attenção de José Bonifacio, no exame e descriminação dos corpos inorganicos.

A escola historico-natural, cujo fundador e *scholarcha* fôra Abraham Gottlob Werner, dominava com imperio exclusivo na Allemanha. Representava a tradição de um paiz onde os mineiros antes buscavam o conhecimento practico, util, immediatamecto applicavel dos mineraes, do que a diagnose altamente scientifica, cifrada na escola de Haüy e dos geometras mineralogistas, ou na escola chimica desde Walerius, Cronstedt e Bergmann até Vauquelin e Klaproth.

De Werner, como patriarcha da oryctognosia germanica, principiavam já a ramificar-se as seitas mais ou menos divergentes, das quaes umas buscariam, como Brochant, ater-se com mais escrupulosa observancia á doutrina puramente historico-natural do mestre venerando, emquanto outras, acceitando os descobrimentos e os progressos operados em varias direcções do pensamento mineralogico, temperavam a austera simplicidade do methodo werneriano, dando, como Weiss, aos caracteres geometricos uma nova e importante significação e creando a moderna geometria dos crystaes, como ella se comprehende e se estuda na Allemanha desde os notaveis descobrimentos d'este sabio e dos escriptos de Neumann e de Mohs, até os admiraveis trabalhos de Naumann, o illustre cathedratico do Leipzig.

José Bonifacio de Andrada e Silva pertence a este eclectismo racional, em que aos caracteres externos e empiricos, predilectos do mestre de Freyberg, vem associar-se o exame chimico dos mineraes, tomando-o como subsidio valioso e complemento ás vezes necessario, sem todavia converter a mineralogia n'uma pura dependencia da chimica inorganica. É principalmente na Scandinavia que o sabio americano realisa os seus mais notaveis descobrimentos. E era ali tambem que dominava e tinha os seus representantes mais insignes a escola chimico-mineralogica.

Walerius, mineralogista sueco, na sua obra publicada em 1747 com o titulo de *Mineral Riket* (o reino mineral) dera á composição chimica o logar preeminente sobre todos os caracteres dos mineraes. Cronstedt no seu livro *Försök til Mineralogi* (investigações sobre a mineralogia) estampado em 1758, instituia a applicação dos ensaios pela via secca á descriminação dos mineraes e fundava a sua *caracteristica* e *systematica* nas propriedades chimicas. Bergmann, pela sua celebrada *Sciagraphia regni mineralis, secundum principia proxima digesti*, dada á luz em 1782 punha o ultimo remate á fundação da mineralogia chimica, depois aperfeiçoada e diffundida com a auctoridade imperiosa de um nome famosissimo e a simplicidade seductora de um principio scientifico — o principio electro-chimico — por Berzelius, gloria da Suecia, e mais tarde por Mitscherlich, Fuss, Gustav Rose, Plattner e Rammelsberg.

A influencia das sciencias chimicas na mineralogia não podia deixar de revelar-se no espirito do eminente americano. O fim especial dos seus estudos havia sido a mineralogia e a chimica applicada ao tratamento metallurgico dos minerios. Andrada era ao mesmo tempo chimico e mineralogista. Era pois de razão que a sciencia tivesse para elle um caracter mais eclectico, de mais racionavel alliança dos dois methodos, — o chimico e o historico-natural, — do que permittia a pura tradição werneriana. Todavia Andrada na maioria das suas descripções mineralogicas aproveita exclusivamente os caracteres exteriores.

A analyse chimica e a determinação strechiometrica dos mineraes descobertos por Andrada teve de esperar pelos trabalhos de sabios ulteriores, Arfvedson, Berzelius, Hagen, Rammelsberg, Smith, Brush, Sartorius von Waltershausen, Wolff, Gerhard von Rath, Berg, Thomson, Hermann, Stadtmüller, Gustav Rose e outros mais.

Nas suas investigações principalmente realisadas nos jazigos e nas minas da Suecia e Noruega, em Arendal, em Sahla, em Krageroe, em Langbanshytta, descobriu o nosso antigo e illustre compatriota quatro especies bem determinadas, a *Petalite*, a *Spodumène*, a *Kryolithe* e a *Scapolithe*, e oito mineraes, que podiam incluir-se como variedades, muitas

d'ellas desconhecidas e importantes, em especies já descriptas pelos seus antecessores ou contemporaneos, se bem que a *Ichthyophthalma* se possa até certo ponto considerar como especie nova, por ter sido mais exactamente determinada por Andrada do que pelo mineralogista Rinmann, que primeiro a descobriu e denominou *Zeolite de Hallestad*.

Comecemos pela *Petalite*. É um silicato de alumina, soda e lithia, cuja composição chimica é representada pela formula $3(Li, Na)Si^2 + 4\ddot{A}l\,Si^2$, contendo, segundo Hagen (*Ann. de Poggendorf*, XLVIII, 361) 77 de silica, 18 de alumina, 2,7 de lithia, e 2,3 de soda. É desconhecido o seu systema crystallino. Talvez seja, segundo Naumann, o monoclinico ou triclinico. Tem duas direcções de *lascado*, que formam entre si um angulo de 141° e muitas vezes ainda apresenta uma terceira direcção de lascado, mui difficil de reconhecer. A côr é branca de leite. A dureza é 6 como no feldspatho: o peso especifico 2,43. Deu-lhe Andrada o nome de *Petalite*, de πέταλον, folha, alludindo á divisão mechanica do mineral em laminas ou folhas pelos seus planos de lascado. A auctoria d'esta especie é plenamente attribuida a José Bonifacio por eminentes mineralogistas. Quenstedt, um dos primeiros entre os sabios allemães nossos contemporaneos, diz o seguinte a respeito da *Petalite* e do seu descobridor: «*Petalit* (πέταλον Blatt). Andrada (Scheerer's Journ. Chem. IV, 36) beschreibt ihn schon 1800 von der Insel Utö südlich Stockholm, aber man blieb darüber lange ungewiss, bis endlich wieder gefunden Arfedson darin 1818 das Lithium (λιθεῖον Steinern), ein dem Steinreich ausschliesslich angehöriges Alkali, entdeckte.» E trasladado a portuguez: «*Petalite* (πέταλον, folha) Andrada (no *Jornal de chimica de Scheerer*, IV, 36) descreve já em 1800 este mineral proveniente da ilha de Utö, ao sul de Stockholmo. Ficou-se porém largo tempo na incerteza a seu respeito até que Arfwedson n'este mineral, achado novamente, descobriu em 1818 a *lithia*, alkali exclusivamente pertencente ao reino mineral.» *Handbuch der Mineralogie* (Manual de mineralogia) von Fr. Aug. Quenstedt, *Professor zu Tübingen*. 2.ª ed. Tübingen, 1863, pag. 236.

Ácerca da *Petalite* escreve Haüy: «M. Dandrada a publié il y a environ vingt ans la description de ce minéral dans le *Journal des mines*. Cette description, comme beaucoup d'autres, ne dépeint que les caractères extérieurs.» Haüy, *Traité de Minérologie*, III, 139.

Naumann, que na Allemanha tem exercido com o seu compatriota Quenstedt o pontificado da sciencia mineralogica, ao descrever a *Petalite*, não se esquece de citar como seu descobridor ao nosso mineralogista. Naumann *Elemente der Mineralogie*, Leipzig, 1859, pag. 293.

Dufrénoy escreve: «*Pétalite*. Ce minéral a été observé pour la première fois par d'Andrada dans la mine de fer d'Utoe en Suède, où il forme une veine dans la pegmatite.» *Trait. de Minéralogie* par A. Dufrénoy, Paris 1859, IV, pag. 83.

A composição chimica da *Petalite* não mereceu a José Bonifacio a mesma investigação, com que elle particularisou os caracteres exteriores e empiricos do seu novo mineral. Arfwedson, chimico sueco, analysando esta substancia, descobriu a lithia. Mais tarde os trabalhos de Hagen, Rammelsberg, Smith, Brush, e Sartorius von Waltershausen fixaram a composição chimica da *Petalite*. Segundo este ultimo sabio a *Petalite*, além da alumina, da lithia, e da soda contém a cal e a magnesia. Depois de descoberto por Andrada foi novamente encontrado em Utö o mineral por Svedenstjerna.

José Bonifacio descreveu a principio a *Petalite* no *Allgemeines Journal der Chemie*, publicado em Leipzig em 1798 e continuado por Gehlen, em Berlin desde 1803 até 1810

com o titulo de *Neues allgemeines Journal der Chemie* (Novo jornal universal de chimica). Não satisfeito porém o insigne mineralogista com a publicação do seu descobrimento no jornal de Leipzig, quando a linguagem allemã era quasi inteiramente desconhecida para áquem do Rheno, fez estampar nova memoria a respeito da *Petalite* no *Journal des mines*, de Paris.

Em quanto ao nome attribuido por Andrada á nova especie, é curioso que o eminente conego de *Notre-Dame*, o grande mineralogista de Paris, desconheça a que propriedade morphologica apontava o seu confrade portuguez, ao chamar *Petalite* a este mineral. Haüy (*Trait. de Minéralogie*, III, 140) diz que Andrada imposera o nome sem declarar-lhe a significação. Era porém manifesta a allusão á unica propriedade crystallographica, que se póde observar na *Petalite* e a trazem expressamente, além do já citado Quenstedt, os notaveis mineralogistas allemães Gustav Leonhard, professor de Heidelberg, nos seus *Grundzüge der Mineralogie* (Principios fundamentaes de Mineralogia), Leipzig e Heidelberg, 1860, pag. 240, Carl Justus Andrä, *Lehrbuch der gesammten Mineralogie* (Tratado de toda a Mineralogia) Brunswich, 1864 I, pag. 207, o mineralogista sueco Axel Erdmann no seu *Lärobok i Mineralogien* (Tratado de Mineralogia) Stockholm, 1860, em cuja pag. 368 se lê na linguagem sueca: «Namnet bildadt af πέταλον, blad, med afseende pa den ena af dess genomgangars öfvervägande tydlighet och dess i samma rigtning egendomliga fjälligt bladiga textur.» Que em portuguez significa: «O nome é derivado de πέταλον, folha, com referencia á extrema evidencia de um dos seus lasceados, e á textura folheada que se manifesta na sua direcção.»

A segunda especie descoberta por Andrada é a *Spodumène*. Encontrou-a o nosso antigo compatriota associada em Utö á *Petalite*. É como esta um silicato de alumina, lithia e soda. A sua formula é $(\dot{L}i, \dot{N}a)^3\ddot{S}i^2 + 4\ddot{A}l\ddot{S}i^2$. O seu systema crystallino é o monoclinico. A *Spodumène* é isomorpha com a *Pyroxène*. A sua côr é verde montanha. A dureza 6,5 até 7; o peso especifico 3,2. Ao maçarico tinge de côr purpurea a chamma.

A *Spodumène* é a *Triphane* de Haüy. Este sabio, ainda que attribue á nova especie mineral um nome differente do que lhe deu José Bonifacio, não deixa todavia de reconhecer expressamente que o merito principal do seu descobrimento pertence ao mineralogista portuguez. São frequentes na parte descriptiva das sciencias naturaes as numerosas synonymias. Encontra-se a cada passo na diagnose das especies mineraes esta multiplicidade na sua denominação. O illustre naturalista francez ao descrever a *Spodumène* diz: «*Triphane* (*Spodumène* de Dandrada)». *Trait. de Minéralogie* tom. III, pag. 134. Mais adiante accrescenta: «*Caractères chimiques:* Chauffé dans un creuset il se délite en parcelles, qui sont d'abord d'un jaune métallique et deviennent ensuite d'un gris foncé. Elles ressemblent alors à de la cendre, et c'est de là qu'est tiré le nom de *Spodumène*, que M. Dandrada a donné au minéral et qui signifie *couvert de cendre*. J'ai préféré une dénomination déduite de la structure.» *Trait. de Minéralogie*, III, pag. 135.

Haüy estabelece formalmente a prioridade do descobrimento em favor do sabio americano. «M. Dandrada (escreve o mineralogista francez) est le premier qui l'ait reconnu pour une espèce particulière.» *Trait. de Minéralogie*, III, 136.

Quenstedt attribue sem nenhuma contestação a auctoria da especie a José Bonifacio e é o nome de *Spodumène*, que o mineralogista allemão admitte como principal, trazendo o de *Triphane* como synonymo o secundario. «*Spodumen* Andrada (von σποδέω?) Haüy's

6

Triphan nach seinem 3fachen Blätterbruch etc.» Que diz em portuguez: «*Spodumène* de Andrada (de σποδίω?), Triphane de Haüy, assim denominada em razão do seu triplice lascado etc.» *Handbuch der Miner.*, 237. Quenstedt não sabe com certeza d'onde o nome foi derivado por Andrada, ainda que Haüy muitos annos antes o tinha já fielmente interpretado.

Com o nome principal de *Spodumène* descrevem a especie entre outros além do Quenstedt, loc. cit., Kurr, *Grundzüge der ökonomisch-technischen Mineralogie* (Principios fundamentaes da mineralogia economico-technica), Leipzig, 1851, pag. 186, Andrä, *Lehrbuch der gesammten Mineralogie*, Brunswick, 1864, 208, Naumann, *Elemente der Mineralogie*, Leipzig, 1859, 292, Girard, *Handbuch der Mineralogie*, Leipzig, 1862, 201, Leonhard, *Grundzüge der Mineralogie*, Leipzig, 1860, 215. Dufrénoy, apesar de trazer como nome principal da especie o de *Triphane*, dado por Haüy, e como synonymia o de *Spodumène* attribue expressamente a Andrada o descobrimento do mineral. «Ce minéral (escreve Dufrénoy) comme le précédent (*Pétalite*) a été découvert par d'Andrada dans la mine de fer d'Utoë en Suède.» Dufrénoy, *Trait. de Minéralogie*, IV, 86.

A *Spodumène* foi de novo encontrada no Tyrol em 1807 e em Sterling, no Massachussets pelo celebre Leonhardt, professor de mineralogia na universidade de Heidelberg.

A terceira especie mineral authenticamente estabelecida por Andrada é a *Scapolite*. É um mineral no aspecto e na composição mui affin com os feldspathos.

Esta semelhança induziu Scheerer (Poggend. Ann. LXXXIX, 15) a admittir que a *Scapolite* por uma paramorphose se transforma frequentemente em feldspatho. Assim em Krageroe encontram-se no gneiss crystaes de *Scapolite*, que inteiramente se acham convertidos em feldspatho granular.

O nome do mineral derivou Andrada da apparencia e da fórma dos seus crystaes prismaticos, extremamente alongados. A palavra σκαπος significa em grego uma vara. O systema crystallino é o tetragonal, cuja fórma fundamental (pyramide de base quadrada) tem por valor da aresta terminal 136° 7′ segundo Mohs, 136° 11′, segundo Kokscharov, e 136° 38′, na opinião de outros crystallographos. O peso especifico da *Scapolite* é 2,6, a dureza de 5 até 6. É verde-montanha na variedade encontrada em Arendal, côr de rosa nas que se acham em Bolton, no estado de Massachussets, na America septentrional.

As analyses feitas por differentes sabios estão mui longe de concordarem entre si. A *Scapolite* é porém na maioria dos casos composta de silica, alumina, cal e soda. A formula attribuida á variedade propriamente chamada *Scapolite* (porque a especie, segundo Quenstedt, comprehende as duas variedades principaes, *Meionite*, de Haüy e *Scapolita* descriptas, ainda que com certas restricções, como especies distinctas por Dufrénoy, *Trait. de Minér.*, III, 644), póde ser representada pela formula $(\dot{C}a, \dot{N}a)^3 \ddot{S}i + 2\ddot{A}l\ddot{S}i$.

Andrada publicou a descripção da *Scapolite* no Scheerer's *Allgemeines Journal der Chemie* (Jornal universal de chimica de Scheerer), do anno de 1800, IV, 35, 38.

Á *Scapolite* pertencem os mineraes, que Haüy denominou *Paranthina*, Abilgaard *Rapidolite*, Werner *Arctizite*, Brook *Nuttalite*, Weybie *Atheriastite*, Fisher *Glaucolite*, Scacchi *Mizzonite*, Covelli e Monticelli *Humboldtilite*, Thomson *Sarcolite*.

Quenstedt (*Handbuch der Mineralogie*, pag. 350, 351) reconhece a Andrada a prio-

ridade no descobrimento da *Scapolite*. São estas as palavras do sabio mineralogista de Tübingen: «*Skapolith* Andr. Von σκάπος Stab, auf die säulenformigen Krystalle anspielend. Die glasige kannte schon Delisle, die frischen unterschied zuerst Andrada als Skapolith und Wernerit...» E em vulgar: «Scapolite de Andrada. De σκάπος, vara, bordão, alludindo aos crystaes prismaticos. A vitrea era já conhecida por Delisle, a compacta distinguiu pela primeira vez Andrada como *Scapolite* e *Wernerite*.»

A *Wernerite*, que segundo os mineralogistas do nosso tempo, deve ser incluida na *Scapolite* como simples variedade, foi descripta por Andrada como especie independente. Haüy reconhece-a tambem como distincta e em termos claros attribue o seu descobrimento e a sua denominação ao insigne mineralogista portuguez. «M. Dandrada (assim escreve o sabio francez) qui le premier a décrit cette substance, l'a appelée *wernérite* en l'honneur du célèbre professeur de Freyberg...» Haüy, *Trait. de Minéralogie*, tom. II, p. 586.

O illustre mineralogista francez descreve como especies distinctas a *Scapolite* ou *Paranthina* e a *Wernerite* ou *Arktizite*. *Trait. de Minéralogie*, II, 582—595. Haüy comparando porém os caractères das duas supposta especies independentes, previa já desde os primeiros dias do seu descobrimento, que ambas viriam a fundir-se em uma só, a que, segundo o voto do eminente sabio, deveria conservar-se o nome de *Wernerite*, em honra do egregio mineralogista de Freyberg. «Il est vraisemblable (escreve Haüy) que le wernérite rentrera un jour dans la même série, comme simple variété du paranthine; ou pour mieux dire, le paranthine et le wernérite ne formeront plus qu'une seule espèce, à laquelle il faudra conserver le nom de wernérite, qui réclame à juste titre la préférence.» *Trait. de Minéralogie*, II, 594. E é notavel que esta opinião, então dubitativamente professada por Haüy e hoje canonisada por todos os mineralogistas, a fundasse o grande instituidor da mineralogia franceza nas valiosas investigações de um naturalista portuguez, tão notavel por seus trabalhos e talentos como Andrada, de quem foi collega no magisterio. Era João Antonio Monteiro o sabio em cujas demonstrações se firmou o abbade Haüy, para augurar a identificação das duas especies.

«Les motifs de cette opinion sont fondés (assim prosegue Haüy) sur des recherches dont nous sommes redevables à M. de Monteiro, qui réunit un excellent esprit à un ensemble de connaissances qu'il est rare de posséder à un si haut degré. Le mémoire qu'il a publié à ce sujet se trouve dans le Journal de Physique, février de 1809, p. 176 et suiv.» *Trait. de Minéralogie*, II, 591.

E depois de expor as indagações de Monteiro ácerca dos caracteres geometricos, physicos e chimicos da *Scapolite* e da *Wernerite*, conclue o naturalista francez a sua digressão: «J'avoue qu'il ne me paraît pas douteux que, quand on pourra l'interroger (la géométrie des cristaux) d'une manière plus pressante qu'on ne l'a fait jusqu'ici, sa réponse définitive ne soit un hommage rendu à la sagacité et aux grandes connaissances de M. de Monteiro.»

É glorioso para Portugal e para o Brasil, que entre os primeiros mineralogistas do principio d'este seculo, dois dos mais illustres e dos mais glorificados pelas grandes auctoridades da sciencia, sejam filhos d'aquella patria, que então conglobava n'uma só nacionalidade o Brasil e Portugal. Um portuguez americano, José Bonifacio, descobriu e descreveu as que por imperfeito confronto crystallographico suppunha especies distinctas en-

6*

tre si. Um portuguez da Europa, Monteiro, sem desluzir a gloria do seu eminente compatriota, rectificou a diagnose d'aquelles dois novos mineraes, e anticipando-se aos maiores mineralogistas, estabeleceu pelo profundo exame geometrico, a identidade depois reconhecida e consagrada por todos os mestres da sciencia.

Dufrénoy associa expressamente á *Wernerite* o nome do mineralogista portuguez como seu descobridor. «Elle (la wernérite) comprend la *scapolite* et l'*arktisite* de Werner, la *wernérite* de Dandrada.» Dufrénoy, *Trait. de Minér.*, III, 643.

A quarta especie mineral determinada e descripta por Andrada é a *Kryolithe*. Da palavra κρύος, gello, derivou Andrada o nome da substancia mineral, alludindo á sua brancura e á extrema facilidade, com que se funde á chamma de uma vela.

Os allemães dão-lhe tambem o nome de *Eisenstein*, pedra de gello. Apparece o mineral em massas lamellares, crystallinas. Apresenta tres direcções de lascado perpendiculares entre si. Não está ainda bem determinado se o seu systema crystallino é o rhombico, o tetragonal, ou mesmo o monoclinico ou o triclinico. Naumann *Elem. der Mineral.*, 210. Quenstedt *Handbuch. der Mineral.* 463. Leonhard, *Grundzüge der Mineral.* 143. *Andrä, Lehrbuch der gesamm. Miner*, 355, teem por mais provavel que seja o rhombico. Dufrénoy, *Trait. de Minér.*, II. 480, sem resolver a questão julga que o systema crystallino da *Kryolithe* deve ser symetrico. Kurr, *Grundzüge der ökonomisch-technischen Mineral.* 204, dá como seguro que esta substancia mineral pertence ao systema crystallino rhombico. O peso especifico é 2,95, a duresa 2,5—3. É branco de neve, ás vezes tambem acinzentado, amarellado ou avermelhado. O brilho é vitreo, um pouco nacarado. Quanto á composição chimica é um fluoreto de aluminio e de sodio, representado pela formula $3Na.Fl+AlFl^3$.

De todos os mineraes descriptos e denominados por Andrada, sómente a *Kryolithe* não foi por elle encontrada na Scandinavia. Trouxeram-n'a da Groenlandia a Copenhague em 1793. Apparece em grandes massas em Ivigtok na costa do Arkasut-Fjord, na Groenlandia occidental.

Os mineralogistas francezes, suecos, allemães, com a excepção de Naumann, guardam profundo silencio ácerca de quem fosse o descobridor scientifico da nova especie mineral, aquelle que primeiro a descreveu e denominou. Haüy, tão reverenciador do mineralogista portuguez, usurpa-lhe todavia a gloria d'este descobrimento, attribuindo-o a Abilgaard, de quem diz que a todos se antecipara a examinar com attenção a *Kryolithe*, e a dar-lhe este nome significativo da sua extrema fusibilidade. *Trait. de Minér.* II, 159 e 161.

Dufrénoy, *Trait. de Minér.* II, 483-486, cita apenas a proposito d'esta especie o nome de Berzelius, referindo a analyse, que da *Kryolithe* fez o eminente chimico sueco Quenstedt, *Handb. der Miner.*, 463, incorre no mesmo erro de Haüy, escrevendo que Abilgaard, no *Jornal de Chimica*, de Scheerer, II, 502, lhe dera a denominação. Mas o testemunho de Naumann é decisivo para attribuir a prioridade a José Bonifacio. O sabio mineralogo de Leipzig vincula expressamente o mineral ao nome do nosso antigo compatriota, dizendo, *Element. der Mineral.* 210. «*Kryolith, Andrada.*» A contradicção entre estes auctorisados testemunhos póde resolver-se admittindo que Andrada tivera a prioridade em denominar e descrever, quanto aos caracteres exteriores, a nova substancia mineral, e que Abilgaard fôra o primeiro a analysal-a chimicamente. Andrada con-

tentou-se porventura com os ensaios pelo maçarico, em tempo, em que elles, applicados a principio por Cronstedt, aperfeiçoados por Bergmann e Gahn, estavam ainda mui distantes da admiravel perfeição, que lhes deu Berzelius na sua obra *Die Anwendung des Lothröhrs in der Chemie und Mineralogie* (Applicação do maçarico na chimica e na mineralogia) e que ainda levantaram a maior grau os trabalhos de Smithson, de Turner, de Harkort, e principalmente os de Plattner e de Richter, em quanto que o eminente professor de Copenhague determinára rigorosamente a composição da *Kryolithe*.

Além das quatro especies, que deixamos apontadas, numerosas variedades mineraes foram descobertas pelo eximio naturalista, com que se honra ao mesmo passo Portugal e o Brasil.

Da *Akanthikone*, descripta por Andrada, fazem menção especial Haüy no *Traité de Minéralogie*, e Quenstedt no *Handbuch der Mineralogie*. Achou o sabio portuguez, nas minas de ferro de Arendal em a Noruega e nas minas de egual minerio em Langbanshyttan na Suecia grandes crystaes da que julgou nova substancia, alguns d'elles, com o peso de cinco libras. Descreveu a *Akanthikone* no *Jornal de Chimica* de Scheerer, IV, 29.

A *Akanthikone* é apenas uma variedade do *Epidoto*, cujo systema crystallino é o monoclinico, segundo a nomenclatura de Naumann. Quenstedt, fallando da *Akanthikone* diz: «Andrada (Scheerer *Journ. Chem.*, IV, 29) beschreibt schon 5 Pf. schwere Krystalle aus den Eisensteingruben von Arendal unter dem Namen *Akanthikone*.» *Handbuch der Mineralogie*, pag. 280. O que significa em portuguez: «Andrada (no *Jornal de Chimica de Scheerer*, IV, 29) descreve já sob o nome de *Akanthikone* crystaes de cinco libras de peso, provenientes das minas de ferro de Arendal.»

Haüy, citando na descripção do *Epidoto*, a que dera o nome, a variedade *Akanthikone*, escreve: «*Akanthikone* de D'Andrada.» *Trait. de Minéralogie*, II, pag. 568. E honra já com a designação de sabio, *ce savant*, ao illustre naturalista americano. *Trait. de Min.*, II, pag. 577. Andrada publicou no *Journal de Physique*, fructidor, anno VIII da republica, pag. 240, uma noticia sobre a *Akanthikone*, attribuindo-lhe propriedades thermo-electricas. Haüy declara porém que em repetidas e accuradas experiencias não podera descobrir n'esta substancia a minima apparencia de electricidade. «Suivant M. de Dandrada (sic) l'épidote, dit *akanthicone*, est un peu électrique par la chaleur. J'ai essayé de vérifier ce fait en employant aux expériences tout le soin et toute l'attention dont je suis capable, et je n'ai jamais pu obtenir la moindre apparence d'électricité.» Haüy, *Trait. de Minér.*, II, 581-582.

Não podemos saber com que fundamentos o grande mineralogista portuguez tinha attribuido á *Akanthikone* as propriedades thermo-electricas. As ulteriores investigações effeituadas quasi meio seculo depois dos trabalhos scientificos de José Bonifacio, ampliaram a thermo-electricidade a muitos mineraes, além da *Turmalina*, da *Boracite*, da *Scolezite*, da *Calamina*, do *Topasio*, da *Azinite*, da *Sphène*, da *Prehnite* e poucos mais, que eram classicos exemplos da electricidade pelo calor.

Os trabalhos recentes de Riess e G. Rose contribuiram para adiantar n'este ponto a mineralogia. E se Hankel (*Poggendorf Ann.*, LXI, 281) levantou contra as investigações thermo-electricas d'aquelles sabios allemães objecções mui semelhantes ás de Haüy contra a asserção de José Bonifacio ácerca da *Akanthikone*, Riess e Rose provaram (*Poggend. Ann.*, LXI, pag. 639) que o seu contradictor não tinha alcançado os mesmos resul-

tados em muitos mineraes, porque empregara nas suas experiencias um electroscopio de Bohnenberger, inadequado a delicadas investigações.

Os estudos de Wiedmann (*Poggend. Ann.* LXXVI, 404, e LXXVII), de Hankel (*Pogg. Ann.* LII, 197 e *Abhandlungen der Math.-Physischen Classe* da Academia Real das Sciencias de Saxonia, VI, 151-252) de Plücker (*Poggend. Ann.* LXXXVI, 1) de Svanberg (*Poggend. Ann.* LXXXVII, 153) adiantaram consideravelmente o que a sciencia conhecia a respeito dos phenomenos electricos nos crystaes.

Entre os mineraes, em que as modernas investigações teem reconhecido propriedades electricas notaveis, numera-se cabalmente o *Epidoto*. Vej. *Uebersicht der Resultate mineralogischer Forschungen in den Jahren* 1844 bis 1849 (Conspecto dos resultados das investigações mineralogicas nos annos de 1844 a 1849) pelo dr. Gustav Adolph Kenngott, Viena, 1852, pag. 299 a 302.

Todavia devemos accrescentar que nenhum mineralogista, inscreveu ainda o *Epidoto* na lista dos mineraes thermo-electricos. É possivel pois que José Bonifacio, empregando nas suas experiencias instrumentos e processos de insuficiente exactidão, tomasse por phenomenos thermo-electricos na *Akanthikone* o desenvolvimento da electricidade não produzida pelo calor.

É a *Salite* a segunda variedade descoberta por Andrada nas suas excursões scientificas pelos jazigos mais notaveis de Scandinavia. Haüy demonstrou que a *Salite*, assim como a *Coccolite*, tambem descripta pelo sabio portuguez, eram apenas variedades de uma unica especie, a *Augite* ou *Pyroxéne*. *Traité de Minéralogie*, II, pag. 432.

A *Salite* foi descoberta em Sala, na provincia de Westmanland, na Suecia, e do sitio derivou o descobridor o nome da nova substancia mineral. Quenstedt descrevendo a *Salite* como variedade da *Pyroxéne* diz: «Salite (D'Andrada, Scheerer Journ. IV, 81) von der Salasilbergrube in Westmanland, berggrüne trübe strahlige Massen etc.» Salite (de D'Andrada Scheerer *Journ.* IV, 81) das minas de prata de Sala em Westmanland, massas de côr verde montanha, opacas e de textura irradiada etc.» Quenstedt, *Handbuch der Minér.* pag. 259.

A *Salite*, juntamente com a *Coccolite* é incluida na sub-especie *Pyroxéne* ou *Augite magnesio-calcarea* por Plattner e Richter, *Probirkunst mit dem Lothröhre* (Arte dos ensaios ao maçarico) 4.ª ed. Leipzig, 1865, pag. 180. São ambas silicatos de cal e de magnesia com algum ferro e manganez.

A terceira variedade que José Bonifacio descobriu na sua opulenta colheita mineral nas minas de Suecia e Noruega, é a *Cocolite*, já citada. É uma variedade verde, granular da *Pyroxéne*. É a *Diopside granuliforme* de Haüy e de Dufrénoy. Dufr. *Trait. de Minér.*, IV, 425. Haüy ao descrever a *Pyroxéne*, attribue ao mineralogista portuguez a auctoria d'esta variedade, chamando-lhe «*Coccolite* de D'Andrada.» *Traité de Minéralogie*, II, 421. Haüy, entre cujos serviços á sciencia não é certamente o menos relevante o de ter buscado reduzir á mesma especie muitas variedades, que sem motivo se reputavam como especies independentes, accrescenta ainda: «On a fait de cette variété une espèce à laquelle on a donné le nom de *coccolithe, pierre à noyaux*, d'après l'usage qui s'est introduit depuis long temps de prendre une modification accidentelle pour l'indice d'une distinction spécifique.» *Trait. de Miner.* II, 421.

E de feito nada contribue mais altamente para alterar a simplicidade do systema

do que a intemperança ambiciosa, com que varios mineralogistas se julgam auctorisados a formar especies novas, dando-lhes apenas por caracter especifico alguma qualidade independente da sua fórma crystallina, ou da sua constituição stœchiometrica. Assim na especie *Pyroxéne* além da *Coccolithe* se comprehendem tão numerosas variedades, quaes são a *Augite basaltica*, a *Augite commum*, a *Diopside*, a *Traversellite*, a *Baikalite*, a *Salite*, a *Malacolithe*, a *Fassaite*, a *Mussite*, e ainda muitas mais.

É todavia justo observar para credito do illustre mineralogista americano, que muitas das mais notaveis auctoridades da sciencia em nosso tempo, eliminando na enumeração das variedades na *Pyroxéne* dezenas de nomes, que apenas representam uma extensa e confusa synonymia, conservam expressamente como variedades authenticas as duas que o sabio portuguez descobriu e nomeou, a *Salite* e a *Coccolithe*. Assim Naumann, *Elem. der Mineralogie*, 333, reconhece á *Pyroxéne* cinco variedades, a *Diopside*, a *Salite* (com a *Malacolithe*), a *Fassaite*, a *Coccolite* e a *Augite*.

E Quenstedt associa com justiça á designação do mineral o nome illustre do naturalista americano. «Kokkolith Andrada (κόκκος, Kern).» Coccolite, de Andrada (de κόκκος, caroço). *Handb. der Miner.* 259.

A quarta variedade, cujo descobrimento a sciencia deveu a José Bonifacio é a *Ichthyophthalma*. Achou-a o naturalista americano em Utö, não longe de Stockholm.

O mineral havia sido já descoberto em Hällesta na Suecia pelo mineralogista Rinmann. Dera-lhe o nome de *Zeolithe d'Hallesta*. Havia comtudo caido em total esquecimento, quando foi de novo suscitado por Andrada. Póde pois asseverar-se que se não foi o sabio portuguez o primeiro descobridor da nova especie mineral, a sciencia deveu a José Bonifacio o havel-a tornado conhecida, e o tel-a descripto e appellidado com o nome pelo qual anda em muitos livros classicos de mineralogia. Eis-aqui as palavras, com que Haüy se refere ao novo mineral e ao illustre mineralogista: «*Apophyllite. Zeolithe d'Hallestad*, Rinmann, *Ichthyophthalme* de d'Andrada.» Haüy, *Trait. de Minér.* III, 191. Mais adiante escreve:

«Ce minéral était entièrement oublié, lorsqu'en 1800 M. Dandrada, célebre minéralogiste portugais, publia la description de plusieurs substances, qu'il avait recueillies dans un voyage en Suède et Norwège et parmi lesquelles se trouvait celle-ci.» *Haüy, Trait. de Minér.*, III. 196.

Haüy, em vez de confirmar o nome attribuido á especie por Andrada, obedeceu á viciosa vaidade, com que os naturalistas, multiplicando com grave damno de sciencia as inuteis synonymias, buscam associar o proprio nome ás especies, que descrevem. Chamou pois Haüy á nova substancia mineral *Apophyllite*, alludindo á propriedade, que ella tem de se dividir em laminas ou folhas, pela natureza particular do seu lascado.

Quenstedt, porém, adopta como nome principal o de *Ichthyophthalma*, citando como synonymos o de *Zeolite d'Hällesta*, e o de *Apophyllite*.

Eis-aqui as suas palavras textuaes ao encabeçar a descripção da especie: «*Ichthyophtalm.* Der Portugiese d'Andrada gab ihm diesen auffallenden Namen (Scheerer's. Journ., IV, 82), weil der blättrige Bruch silberartig wie «Fischaugen glänzt» Quenstedt, *Handb. der Mineralog.*, 343.

As palavras do professor de Tubingen dizem em portuguez: «*Ichthyophtalma*. O por-

tuguez d'Andrada deu-lhe este nome fóra do commum, porque a fractura folheada (lamellar) brilha com um lustre prateado, à semelhança dos *olhos dos peixes*.»

Crystallisa esta substancia no systema tetragonal, ou de pyramide de base quadrada. É um silicato de cal e de potassa contendo uma pequena quantidade de fluor que segundo Rammelsberg substitue uma porção equivalente de oxygenio. Vej. *Uebersicht der Resultate mineral. Forschung. in den Jahren* 1844 bis 1849, pelo dr. G. A. Kenngott, Vienna, 1852, pag. 120. Tem nos livros uma larga synonymia como *Albina*, *Tessulite*, *Oxahverite*, *Apophyllite*, *Xylochlora*.

A quinta variedade entre as que devemos a Andrada, é a *Indicolite*, assim appellidada pelo sabio por causa da côr de anil, que a caracterisa. É uma variedade azul da *Turmalina*. Haüy considerou-a como uma especie distincta e attribuiu a José Bonifacio as honras de seu descobridor. «Une seconde espèce (diz Haüy) était la tourmaline bleue de Utton en Suède que D'Andrada, auquel nous en devons la connaissance, appela *Indicolite*.» *Trait. de Minéralog.*, III, 31. Dufrénoy commemora egualmente o nome do nosso antigo compatriota, como descobridor da *Indicolite*. «A Utö en Suède, il existe une variété d'un beau bleu indigo... qui a été désignée sous le nom d'*indicolite* par *Dandrada*.» Dufr. *Trait. de Minér.* IV, 527. Segundo Hermann (Erdmann's *Journal*, XXXV, 232, citado em Kenngott's *Uebersicht*, 1852, pag. 178) as turmalinas, cuja composição chimica, é por extremo complexa e variada, distribuem-se em tres grupos, o *Schörl*, a *Achroite*, e a *Rubellite* e no primeiro se comprehende a *Indicolithe* e todas as variedades azues, verdes, negras e côr de castanha. A *Indicolite* identifica-se com a *Saphira do Brasil*. A *Indicolite* é notavel pela circumstancia de que em muitos dos seus crystaes se deparam exemplos de *dichroismo*, apparecendo do côr purpurea, quando o raio visual se dirige ao longo do eixo, e azul de saphira, quando observados no sentido de uma secção transversal.

A sexta variedade é a *Aphrizite*, que por brevidade se omittiu no texto do discurso. Haüy citou-a, e attribuiu o seu descobrimento a José Bonifacio. É como a *Indicolite* uma variedade de *Turmalina*, aquella que o mineralogista francez appellidou *Nonoduodecimal*. É a *Turmalina* chamada de ferro, *Eisenturmalin*, e *Schörl commum*, dos mineralogistas allemães. Haüy enumerando as variedades d'esta especie mineral diz: «*Nonoduodécimale*... Aphrizite de Dandrada. En Norwège» *Trait. de Minér.* III, 20. E mais adiante escreve:» La variété nonoduodécimale (aphrizite de Dandrada), qui se trouve prés de Krageroe dans l'ile de Langoé en Norwège, adhère à un fer oxidulé mêlé de quarz.» *Trait. de Minér.* III. 28. Dufrénoy, *Trait. de Minér.*, IV, 524, cita apenas a *Aphrizite* como synonymia da turmalina, sem referencia ao nome do mineralogista americano. O mesmo fazem Kurr, *Grundz der ökon.-techn. Min.* 176, Andrä, *Lehrbuch der gesammten Miner.*, 186. A denominação licou mui pouco vulgarisada na sciencia.

A setima variedade, cujo descobrimento e descripção devemos a Andrada é a *Allochroite*. Esta substancia mineral foi pela primeira vez descripta pelo mineralogista americano no *Journal de physique*, fructidor, an VIII, pag. 243 e no *Allgemeines Journal der Chemie* de Scheerer, VI, 34. Haüy arrolou-a entre as *substancias cuja natureza não é ainda tão conhecida que permitta assignar-lhes o logar no methodo*. E começando a descrevel-a diz «*Allochroite* (D'Andrada, Journal de Phys., fructidor an 8, pag. 243)» *Trait. de Minér.*, IV, 481. Haüy professa, posto que dubitativamente, a opinião de que a *Allochroite* é ape-

nas uma variedade da *granada* commum, e propõe que se lhe dê o nome de *granada compacta*. Ibid. pag. 482. Quenstedt commemora egualmente a proposito da *Allochroite* o nome do insigne sabio americano, «Dichte Massen solcher Lager (escreve o professor de Tübingen) nannte D'Andrada (Scheerer's Journ. IV. 34. *Allochroit* (ἄλλος und χρόα Hautfarbe), weil mit Phosphorsalz geschmolzen die Perle eine emailartige Oberfläche bekomme, welche beim Erkalten röthlichgelb, später grün, zuletz gelblichweiss würde.» Cuja traducção é: «A espessas massas de taes estratos chamou d'Andrada (no *Jorn.* de Scheerer, IV, 34) *Allochroite* (de ἄλλος e χρόα, côr da pelle) porque fundida com sal de phosphoro (phosphato de soda e ammoniaco) as suas perolas adquirem uma superficie esmaltada, que pelo resfriamento se torna amarella tirando a vermelha, depois verde, e finalmente branca amarellada.» Quenstedt *Handbuch der Mineralog.*, 276. A *Allochroite* pertence, na ordem seguida por Quenstedt, á sub-especie *Granada commum*, e á variedade *Grossularia*. Quenstedt *Handb. der Min.*, 276, e na distribuição proposta por Beudant, e adoptada por Dufrénoy á sub-especie, *Melanite*. Dufrénoy, *Trait. de Miner.*, III, 605. Em qualquer caso porém o mineral descoberto pelo mineralogista portuguez é apenas uma variedade da *Granada*.

Em presença do que temos adduzido fica manifesto que o nosso illustre e antigo compatriota descobriu e descreveu quatro especies novas, a *Petalite*, a *Spoduméne*, a *Scapolithe*, e a *Kryolithe*, uma quasi original, a *Ichthyophthalma*, além das numerosas variedades que deixamos apontadas em seu logar.

Nota 9.ª

Quando mais tarde volvendo a Portugal» pag. 11.

No discurso historico, lido na sessão publica da Academia Real das Sciencias de Lisboa a 24 de junho de 1818, pag. II, qualifica o illustre secretario a revolução franceza de maneira, que já certamente destoava das suas claras aspirações de independencia e liberdade. Falla d'aquelle grande acontecimento social appellidando-o «esta inaudita revolução, de que fomos testemunhas e victimas.» Apesar porém de que a sua categoria official e academica tornava defesa a José Bonifacio a sincera manifestação das suas verdadeiras opiniões, nos seus discursos academicos superabundam os lugares, onde o eminente pensador proclama os principios liberaes, que mudaram desde os ultimos tres seculos a condição da humanidade. No discurso historico proferido na sessão publica da Academia a 24 de junho de 1815, pag. VII, a glorificação da imprensa é o tacito elogio do livre pensamento e a consequente reprovação de todas as péas da censura. «Assim, diz o sabio naturalista, depois que nasceu a impressão (com que se firmaram para sempre as sciencias e as artes, sem medo nenhum de que *jámais resuscite o imperio das trevas*), etc.»

Nota 10.ª

«Após tão honroso conversar» pag. 13.

A passagem transcripta no texto está impressa a pag. 11 do discurso historico lido na sessão publica da Academia Real das Sciencias de Lisboa, a 24 de junho de 1819, o ultimo que o insigne brasileiro recitou n'esta corporação antes de voltar á patria americana.

Nota 11.ª

«Institue em Coimbra o principe regente» pag. 15.

Pela carta regia de 15 de abril de 1801 determinou o governo que José Bonifacio de Andrada e Silva recebesse gratuitamente o capello doutoral na faculdade de philosophia. Foi-lhe conferido a 20 de junho de 1802, sendo-lhe dispensadas as theses e o exame privado.

Pela carta regia de 18 de maio de 1801 foi José Bonifacio nomeado intendente geral das minas e metaes do reino e encarregado de dirigir e administrar as minas e fundições de ferro de Figueiró dos Vinhos. Teve a mercê de uma béca ordinaria com predicamento do primeiro banco. Concedeu-lhe ao mesmo passo o governo a pensão vitalicia de oitocentos mil réis annuaes, egual á que tivera durante as suas viagens.

Ao officio de intendente das minas accresceu para José Bonifacio a inspecção sobre mattas e sementeiras florestaes. Foi Andrada egualmente encarregado de reger como lente cathedratico a cadeira de metallurgia, que a mesma carta regia novamente instituia na universidade. As obrigações do seu magisterio durariam seis annos, no fim dos quaes seria dispensado do serviço professoral para vagar com mais assiduidade aos negocios da intendencia.

Nota 12.ª

«É José Bonifacio nomeado tambem» pag. 16.

Por aviso regio de 7 de julho de 1807 foi Andrada nomeado superintendente e director do encanamento do Mondego e das obras publicas de Coimbra e n'esta commissão manifestou mais uma vez quão varias e preciosas eram as suas aptidões scientificas. O seu immediato na direcção das obras hydraulicas foi o lente da faculdade de mathematica o doutor Agostinho José Pinto de Almeida.

Nota 13.ª

«Accresce-lhe a honra de fundar na capital» pag. 16.

Pelo decreto de 12 de novembro de 1801 estabeleceu o governo na casa da moeda um curso de docimasia dirigido por José Bonifacio de Andrada e Silva, tendo por ajudantes a Manuel Jacintho Nogueira da Gama (mais tarde marquez de Baependy, no Brasil) e João Antonio Monteiro, que foi lente da faculdade de philosophia, e depois se tornou celebre como um dos mais illustres mineralogistas da Europa, collaborou com o eminente abbade Haüy no exame de muitas questões mineralogicas, e por elle é citado com o maximo louvor em muitos lugares do seu *Traité de Minéralogie*.

Nota 14.ª

«O vice-reitor da universidade...» pag. 18.

Era governador militar de Coimbra o doutor Manuel Paes de Aragão Trigoso, conego da sé de Viseu, e lente cathedratico da faculdade de canones. O commandante do corpo militar dos lentes era o desembargador honorario, doutor Fernando Saraiva Fragoso de Vasconcellos, cathedratico da mesma faculdade.

Nota 15.ª

«Exclamava ainda respirando glorias militares» pag. 19.

A passagem citada no texto é da pag. IV do discurso historico lido na sessão publica da Academia em 24 de junho de 1819, que contém em breves traços a autobiographia politica e litteraria do grande mineralogista.

Nota 16.ª

«O Brasil é na sua propria affirmação, a patria natural» pag. 20.

No discurso historico recitado por Andrada na sessão solemne da Academia Real das Sciencias de Lisboa em 24 de julho de 1819 pag. 1, diz o illustre secretario: «É forçoso deixar o antigo, que me adoptou por filho, para ir habitar o novo Portugal, onde nasci.»

Nota 17.ª

«Ainda antes da invasão franceza» pag. 22.

Em uma carta autographa, que tivemos em nosso poder, e foi dirigida por José Bonifacio nos primeiros annos d'este seculo a um ministro seu amigo e favorecedor, Antonio de Araujo e Azevedo, queixava-se amargamente o illustre mineralogista das contradicções que lhe tornavam desagradavel o cargo professoral, que exercia na universidade de Coimbra, e lhe tolhiam a acção util e efficaz nos seus officios de intendente das minas e superintendente das mattas e sementeiras. Depois de ter vivido nos populosos e activos centros da sciencia e conversado intimamente com os mais insignes professores e naturalistas da Europa, mal podia accommodar-se á vida conimbricense, onde faltavam quasi inteiramente os estimulos moraes e os subsidios scientificos para lhe fazerem grato e proveitoso o magisterio. O ensino das sciencias naturaes, apesar da reforma de Pombal, tinha soltado apenas os primeiros vagidos infantis. Affigurava-se a José Bonifacio um proposito quasi inexequivel o ensinar mineralogia e geognosia em terra e universidade, «onde (são os seus proprios termos textuaes) não ha collecção mineralogica, que sirva e valha coisa alguma.»

N'aquella carta, escripta com a severa apreciação de quem estava confrontando a sciencia brilhantissima das escolas extrangeiras com a miseravel condição do ensino em Portugal, queixava-se José Bonifacio de que os estudos de metallurgia estavam mui atrasados em Coimbra, de que era deploravel a situação, a que chegára a faculdade de philosophia, e de que não se professava, como devia ser, a mineralogia e a geognosia.

Felizmente para o ensino a mingua do museu official era supprida pelo gabinete particular, que o sabio cathedratico podera formar e enriquecer nas suas longas viagens e expedições em quasi toda a Europa. «Acabei de arrumar e classificar (escreve José Bonifacio) a minha bella collecção mineralogica, que já é uma das boas e com o tempo póde facilmente vir a ser uma das melhores da Europa.»

Encarecendo o seu continuo aborrecimento pelas forçadas obrigações do magisterio e a sua impaciencia por sair d'aquella que julgava infecunda obscuridade, desafoga Andrada os seus queixumes com o ministro valedor. «V. ex.ª não se engana: e eu estou convencido por propria e triste experiencia, que a vida da universidade me não póde convir por

muito tempo. Acceito pois com a maior gratidão a sua generosa promessa e confio na amisade antiga, que me tem, me haja de livrar em occasião opportuna de tão pesado grilhão, empregando-me inteiramente em coisas de maior necessidade e interesse publico. Fui quasi obrigado a acceitar esta nova cadeira. Assim o quiz sua alteza real por utilidade da mocidade academica. Demais, nas minhas circumstancias de então não bastava para sustentar a minha familia a pensão que tinha. Acceitei, mas com a condição de ser jubilado depois de seis annos de leitura.»

Passava depois José Bonifacio a referir o que nos demais officios publicos, como intendente das minas e director das mattas e sementeiras, havia feito por melhorar a situação mineira e florestal. Fazia varias e sensatas considerações sobre a diminuição rapida e progressiva dos bosques e arvoredos em Portugal, e a escassez e carestia das lenhas e madeiras. Lembrava que muitas vezes havia representado ácerca d'estes assumptos sem ter nunca dispertado da somnolencia proverbial o governo portuguez.

E porque nem sempre basta para aquilatar a tempera e o caracter de um eminente personagem o estudal-o nos seus escriptos publicos, officiaes e scientificos, onde a duras penas consegue transparecer a indole particular, damos n'este logar alguns artigos da carta escripta de Coimbra por José Bonifacio ao ministro do reino em 4 de janeiro de 1806. Por ella se póde facilmente avaliar o desprazer com que o insigne mineralogista continuava no serviço, e as mal querenças que já o estavam amargurando e como que persuadindo a volver á patria americana. Referindo-se ao tempo, em que fôra provido na cadeira, novamente instituida na faculdade philosophica, escrevia José Bonifacio: «Logo então fui encarregado da intendencia geral das minas e da plantação e sementeira de bosques nos districtos de mineraes e nas costas maritimas; e não podendo tudo isto ser compativel com a prisão da corda do sino, fui dispensado de assistir na universidade por dois annos, que findaram no tempo, em que começou a *vandalica* perseguição, que cabeças acanhadas e paixões particulares suscitaram contra mim e contra as minas e estabelecimentos, que começava a crear. Fui então obrigado a vir residir em Coimbra sob pena de suspensão de ordenado, apesar de não ter substituto, que fizesse as minhas vezes no tempo das excursões, que exigem o meu regimento e a utilidade da real fazenda. Não estava ainda a aula prompta; comtudo, ajudado da minha collecção de modelos e desenhos, e dos mineraes, que trouxe, abri a minha cadeira, em que tive por ouvintes no primeiro anno um estudante e dois repetentes, e n'este tres alumnos e tres doutorandos. E para tão pouca gente estou preso em Coimbra, com summo prejuiso dos estabelecimentos de Buarcos, Lavos, Porto e Figueiró, que necessitam da minha assistencia pessoal. Pararam egualmente as viagens economicas e mineralogicas, que comecei por decreto de sua alteza real em 1800. — Exmo sr., devo confessar a v. ex.ª que não deixo de ter amor á minha cadeira, pelas utilidades que d'ella podem vir á nação, se se regular de outro modo o seu exercicio, mas no estado presente é-me impossivel ser lente util e ao mesmo tempo intendente geral das minas. Nunca tive medo ao trabalho e de boamente sacrifico o meu repouso e saude ao bem da minha patria, quando vejo que as fadigas e trabalhos lhe podem ser uteis. Desejaria promover seriamente taes estudos, que tão atrasados vejo n'esta universidade; mas quando reflicto no pessimo estado em que de proposito conservam a minha faculdade, não posso deixar de lamentar amargamente o meu tempo perdido, e os

damnos do serviço publico pela minha inutil assistencia n'esta universidade. Muitas vezes me tem lembrado pedir a minha demissão de lente, para poder melhor empregar-me em coisas mais uteis, porém não posso por ora escusar o dinheiro que recebo do cofre d'esta universidade.»

A carta autographa pertence ao sr. Figanière, socio correspondente da Academia e a elle devemos o favor de nol-a communicar.

Nota 18.ª

«Ficariam satisfeitos os seus votos com a fundação de um reino americano...» pag. 22.

Pela carta regia de 16 de outubro de 1815, havia o principe regente elevado á categoria de reino a colonia americana de Portugal. Egualara ao menos nominalmente o Brasil e a metropole, constituindo toda a monarchia portugueza na fórma de *reino unido de Portugal, Brasil e Algarve*. Era a proclamação formal do dualismo. O Brasil deixara de ser de direito uma possessão ultramarina para tornar-se n'um reino ligado a Portugal pelo vinculo da mesma realeza e dynastia. A nova instituição, que parecia apenas resolver-se n'uma formula de chancellaria ou n'um titulo honorifico, encerrava todavia o germen da futura e não remota emancipação.

Nota 19.ª

«O eloquente e não raro malicioso prégador...» pag. 24.

Refere-se o texto a uma passagem do *Sermão da dominga vigesima segunda post pentecosten*, no qual o padre Antonio Vieira, pregando ácerca dos escrupulos dos phariseus, quando perguntavam a Christo se era ou não licito pagar tributo a Cesar, com a sua ironia habitual discorre sobre as malversações usadas pelos magistrados e officiaes, que do Portugal iam exercer seus cargos nas conquistas. Dizia assim o orador:

«Como estive em tantas (terras) bem posso referir o exemplo, sem referir quem foi o milagroso. Era um julgador de muito escrupulosa consciencia, o qual não só partiu d'este porto com o mesmo escrupulo muito recommendado, mas chegou tambem com elle a um dos portos das nossas conquistas. E noto que não só partio, mas chegou com o mesmo escrupulo; porque os escrupulos n'esta navegação costumam ser como os assucares rosados, que refervem na linha. Chegado pois o julgador, como lhe mandassem um cacho de uvas de moscatel de Jesu, por ser fructa do reino, elle mettido nas conchas do seu escrupulo, com o mesmo nome de Jesu na boca se benzeu da tentação, e tornou a mandar as uvas para d'onde tinham vindo. Espalhou-se pela terra a repulsa e todos deram graças a Deus de a ter provido de um juiz tão desinteressado e tão inteiro. Mas esta inteireza e este desinteresse e este escrupulo tão exempto quanto durou? Não era

passado ametade do tempo da alçada, quando soube todo o mundo que o meu juiz, que tinha engasgado com o cacho de uvas, engoliu duas barcas, que lá tem outro nome, uma confeitada de fechos de assucar, e outra perfumada de rolos de tabaco.» Vieira, *Sermões*, parte VII, Lisboa, 1692, pag. 72-73.

Poder-se-hia acaso com os escriptos do famoso orador sacro, instruir copiosamente o processo da metropole pelos erros e desvarios commettidos na administração da immensa colonia americana.

Nota 20.ª

«A revolução tem proclamado...» pag. 27.

O movimento revolucionario de Portugal despertou ecchos temerosos na colonia americana, agora egualada na categoria de reino á sua metropole. As alterações populares do Pará, da Bahia, do Maranhão, de Pernambuco e Rio de Janeiro, responderam com o enthusiasmo da liberdade á revolução de Portugal, e intimaram ao governo absoluto a necessidade impreterival de uma constituição, que assegurasse á democracia as suas immunidades. Embarcou D. João VI a 26 de abril de 1821 para volver á metropole, d'onde fugira. Deixou como regente no Brasil a seu filho primogenito. Estava concluida a primeira phase d'esta forçosa transformação, por que o Brasil ia passar, até se converter em nação independente. O governo de D. Pedro assignalou-se desde o começo pelo espirito liberal das suas providencias. O povo principiou a ver acatados os seus fóros e liberdades ainda antes que fosse promulgada a constituição. Não foi porem obedecida em todo o Brasil a regencia do futuro imperador. Reluctavam a Bahia, o Pará, o Maranhão em reconhecer-lhe a auctoridade. A provincia de S. Paulo instituia uma junta de governo, que a si propria se arrogava o direito exclusivo de administrar os negocios provinciaes. O capitão general Oyenhausen é pelo povo e pela tropa investido na presidencia. José Bonifacio é nomeado vice-presidente. Assim apparece pela primeira vez o egregio estadista brasileiro na scena tumultuosa da politica, encaminhando para a fórma federativa os destinos do Brasil. Os symptomas claros, infalliveis da proxima independencia revelavam-se no fervor da opinião na capital e nas provincias. Apparecia já o inconciliavel antagonismo dos que aspiravam a um Brasil soberano e independente, e dos que perseveravam em suppor ainda possivel a sujeição do Brasil a Portugal.

Nota 21.ª

«As côrtes insistiram pela servidão colonial...» pag. 27.

As côrtes de 1821, contradictorias com o principio da soberania nacional, que era a unica origem do seu poder, e o lemma da sua bandeira, obstinaram-se em considerar o Brasil como colonia, á qual haveria de applicar-se o governo proconsular, que a me-

tropole tinha sempre seguido por systema na gerencia e administração das suas possessões ultramarinas. Decretaram que o Brasil não tivesse unidade politica. Repartiram o seu vastissimo territorio em provincias, a cada uma das quaes preporeram como governador um general, sujeito immediatamente ao governo da metropole. Ordenaram que D. Pedro saisse desde logo do Brazil, e legislaram a abolição de todos os tribunaes, que D. João VI havia inaugurado no Rio de Janeiro durante a sua larga residencia na terra americana. Nenhum paiz, que sequer avaliasse em preço minimo a sua dignidade, poderia acceitar humildemente as ignominiosas condições, que então lhe impunha o parlamento de Lisboa. A independencia era desde este ponto uma justa represalia ás determinações do congresso portuguez, e tinha em seu favor o voto unanimo dos brazileiros. A anarchia não estava já longe de seguir os seus terriveis precursores. A agitação era geral. Foi então que José Bonifacio promoveu e redigiu uma energica representação da junta de S. Paulo, estreitando o principe regente a que se não submettesse aos decretos das côrtes portuguezas. Foi nomeado para ir ao Rio de Janeiro juntamente com outros cidadãos para expor a D. Pedro os votos da provincia. Commove-se desde logo a capital e o regente promette solemnemente não desamparar a região, onde ha de erguer-se em breve um novo imperio. Não ha então poder que valha a resistir contra a vontade e o sentimento popular. Em janeiro de 1822 organisa-se um novo gabinete, em que José Bonifacio tem a pasta do reino e a dos negocios extrangeiros. O ministerio, tendo á sua frente o grande sabio americano, exerceu uma verdadeira dictadura, contra a qual se desencadearam torvamente os seus numerosos adversarios. Mas na situação violentissima em que se achava o novo Estado, com a ameaça permanente da metropole, e a anarchia recrescente das provincias, sómente uma dictadura vigorosa poderia fundar a independencia e salvar a liberdade.

Nota 22.ª

«Era a principio defensor perpetuo...» pag. 28.

Desde o momento em que D. Pedro acceitou o titulo de defensor, que lhe foi offerecido pelo senado da camara do Rio de Janeiro, a independencia do Brasil estava como que virtualmente realisada. A defesa presuppõe a aggressão, a aggressão estimula a hostilidade. O procedimento das côrtes de Lisboa tornava-se mais e mais inconciliavel com a hombridade brasileira. O congresso declarara nullo o decreto de D. Pedro convocando uma assembléa constituinte no Brasil. Succedem-se os acontecimentos, conduzindo por uma necessidade incontrastavel á solemne declaração de que já não ha terra portugueza em o Novo-Mundo. D. Pedro, obedecendo á corrente caudal e irresistivel da opinião, proclama finalmente nas margens do Ypiranga a soberania do Brasil, ao clamor enthusiastico de *Independencia ou morte*. A 12 de outubro de 1822 o senado da camara do Rio de Janeiro, em solemnissima sessão, hasteada já a nova bandeira nacional, acclama D. Pedro I, imperador. Estava roto o vinculo politico entre a colonia e a metropole. Portugal expiava com a perda da sua mais opulenta possessão os erros do seu systema imprevidente e da sua insensata obcecação.

Nota 23.ª

«A malevolencia e a inveja das facções afastam-n'o dos conselhos do soberano.» pag. 28.

Não foi tranquillo, nem saudado pelo unanime applauso dos partidos o ministerio, em que José Bonifacio figurava como chefe, e em que tinha por collega na repartição da fazenda a seu irmão Martim Francisco Ribeiro de Andrada. O illustre sabio americano, como todos os grandes talentos, a quem a pratica diuturna dos negocios, o largo exercicio do poder, o habito das contradicções parlamentares, não tem polido e amaciado as asperezas do caracter e as violencias do temperamento, não sabia moderar com a flexibilidade e o engenho de estadista experimentado os impetos do seu enthusiasmo e devoção pela causa nacional. O seu problema no governo era o de instituir e solidar uma nação, que ainda tinha a receiar por um lado a hostilidade inexoravel da metropole, e por outro as fogosas intemperanças dos partidos e os funestos influxos da anarchia. Pensava pois que sómente uma vigorosa dictadura poderia tornar fecundo e salutar o grande movimento, com que o Brasil, utilisando o favor da conjuncção e os desacertos do governo portuguez, passára de colonia a estado livre, soberano, independente. A politica de José Bonifacio não entapizava de espadanas e de flores o caminho dos seus tremendos adversarios, que lhe retorquiam facilmente em doestos e calumnias a severa compressão, com que procurava tolher e soffrear a licença furiosa das facções. Joaquim Gonsalves Ledo, e José Clemente Pereira acaudilhavam o partido, que em face dos Andradas lhes disputava na imprensa e na tribuna a influencia e o poder. Martim Francisco ainda estimulava, em vez de moderar, a impetuosidade e o fervor de seu irmão. O moço imperador em seu custoso noviciado no ingrato officio de reinar, via-se no meio de parcialidade facciosas, e naufragava a cada passo no difficil empenho de congraçar os que ao odio e á ambição immolariam a nascente liberdade brasileira. Chegaram a tal ponto os meneios da opposição, que José Bonifacio, obedecendo aos impulsos da sua indole agreste e mal soffrida, resignou o poder nas mãos do imperador. Recusa a principio o soberano a demissão. Insiste Andrada. É exonerado finalmente. O Rio de Janeiro e as provincias brasileiras tinham desde as primeiros dias da revolução canonisado practicamente como principio de governo, que o povo e a força publica se haveriam de insurgir cada vez que uma nova situação reclamasse a interferencia popular. A demissão dos Andradas originou na capital uma nova insurreição. D. Pedro para obviar á anarchia, acceita as intimações da revolução. José Bonifacio e Martim Francisco voltam ao governo com a popularidade e o prestigio, que no primeiro enthusiasmo das paixões e da victoria costumam dourar os poderes revolucionarios. Os actos do gabinete restaurado, se por um lado manifestavam o espirito intolerante e violento do partido vencedor, contribuiram por outra parte efficazmente para consolidar a independencia brasileira. Sem o ministerio de José Bonifacio,—e quem sabe se tambem sem os arrojos da sua politica, tachada justamente de oppressiva contra os seus adversarios?—o Brasil, dividido pelas aspirações de separação provincial, pela terrivel contenção de inconciliaveis par-

cerias, elevado pelos esforços, que tendiam a sujeital-o novamente ao jugo da metropole, não podera ter resistido no seu berço á tormenta, que lhe estava ameaçando a existencia e a liberdade.

Nota 24.ª

«É expulso do Brasil...» pag. 28.

Reunida a assembléa constituinte brasileira a 17 de abril de 1823, não era de esperar que, após tão violentas commoções, e tão apaixonadas dissidencias, quaes haviam precedido e acompanhado a fundação do imperio brasileiro, um congresso inexperiente dos processos e das formulas do governo constitucional, deixasse de reflectir as paixões populares de uma nação, que apenas alvorecia para a independencia e liberdade. As facções não eram certamente amenas em seu trato no parlamento brasileiro. José Bonifacio, e seus irmãos, um d'elles Martim Francisco, collega seu no ministerio, o outro Antonio Carlos, orador preponderante na assembléa, nem sempre sabiam mitigar a violencia, com que exerciam o poder. Luctavam com vigor exaggerado contra os seus implacaveis inimigos. Assentando que a fundação do imperio americano exigia a severa perseguição d'aquelles, que dissentiam da crença ministerial, não hesitavam em usar procedimentos, que n'um governo livre e popular offendem os principios, que em theoria se professam e defendem. Cedendo ás influencias dos que oppugnavam tenazmente o ministerio dos Andradas, acceita-lhes o novo imperador a demissão, nomeando para os substituir a José Joaquim Carneiro de Campos, e a Manuel Jacintho Nogueira da Gama, o mesmo que em Lisboa fôra adjunto de José Bonifacio no curso de docimasia.

Eram os Andradas politicos vigorosos, renitentes, obstinados. Os seus antagonistas não podiam esperar d'elles tolerancia, nem quartel. Tornado agora chefe da opposição parlamentar, dominando com seus irmãos a assembléa constituinte, José Bonifacio pagou em duras e impenitentes represalias as violentas aggressões, com que os seus emulos lhe haviam amargurado a influencia e o poder. Os Andradas alcaram no parlamento e na imprensa uma guerra inexoravel, de que seguramente não saia avantajada a popularidade e o futuro do juvenil imperador. O *Tamoyo* e a *Sentinella*, orgãos dos Andradas na imprensa, minavam a existencia attribulada ao gabinete. José Bonifacio, que não possuia dotes oratorios, mal poderia trasladar em arrojos da tribuna a fortaleza varonil do seu espirito, o indomito fervor das suas paixões, e a dura animadversão aos seus contradictores. Mas a politica audaz dos tres irmãos tinha para as luctas do parlamento a voz de Antonio Carlos, fogosa, eloquente, apaixonada. A assembléa foi então a scena de violentissimos debates, em que o povo, irrompendo no proprio recinto parlamentar, tomou voz pelos Andradas contra os que o seu partido verberava como infestos á liberdade e independencia do Brazil. A sessão de 10 de novembro de 1823 ficou para sempre memorada como uma das mais tempestuosas. Nem é de estranhar que no seu difficil noviciado a nação ainda inexperta, e os seus primeiros mandatarios se deixassem transviar. Antonio Carlos mostrou-se n'aquella tormentosa conjunctura um

tribuno revolucionario. As paixões da Convenção parecia referverem mais indomitas sob a ardente influição do sol dos tropicos. A crise politica ameaçava sangrentos dessidios ao Brasil. Os officiaes da guarnição no Rio de Janeiro ousavam intervir nas questões politicas, pedindo ao imperador que refreasse a imprensa, supprimindo o *Tamoyo* e a *Sentinella*, e expulsasse da assembléa a José Bonifacio e a seus irmãos e consortes na politica. O imperador, determinado a actos de energia, quaes se lhe afiigurava demandar a situação, demitte o ministerio e nomeia um novo gabinete, em que fica preponderando com a pasta do imperio o insigne Villela, mais tarde conhecido pelo titulo de marquez de Paranaguá. O geometra não se mostra menos apaixonado e vehemente que o naturalista, outr'ora seu amigo, agora seu contrario. Apresenta-se de espada na assembléa e falla com o entono de quem fia mais da força, que do direito. Aggrava-se a pendencia entre o parlamento e o poder executivo. Intervem afinal o imperador e a 12 de novembro de 1823 dissolve a constituinte, declarando no decreto, que a assembléa perjurou. São presos desde logo os tres irmãos e vão com elles de envolta na proscripção doze deputados d'entre os seus mais valiosos partidarios. Em fins de novembro de 1823 parte José Bonifacio para o exilio, a bordo do brigue *Laconia*, que endireita a prôa ao Havre. Vão com elle seus dois irmãos e os tres deputados, que o governo capitulou de mais perigosos, Montezuma, Rocha e o padre Belchior Pinheiro. Arbitrou o governo um modesto subsidio aos que iam expiar longe da patria, n'um desterro de largos annos, o seu patriotismo intolerante e a sua fé inabalavel nos destinos do Brasil. O desterro dos Andradas era a lastimosa represalia das violencias exercidas pelo grande estadista brasileiro contra alguns dos seus mais illustres adversarios. Quando a insurreição popular o levara de novo triumphante ao fastigio das suas glorias, José Bonifacio havia encarcerado e feito conduzir a França desterrados a José Clemente e ao general Nobrega. Ledo, perseguido pelo severo vencedor, emigrara para Buenos-Ayres. A muitos dos seus contradictores fizera Andrada prender e processar. Agora a fortuna desandando apontava-lhe com a sua implacavel ironia o caminho do desterro, como ao Dante, depois que elle proscrevera os seus contrarios, o seu destino o expulsara de Florença, para mendigar o pão em terra extranha e cantar as amarguras do proscripto:

> Tu lascerai ogni cosa diletta
> Più caramente: e questo é quello strale
> Che l'arco dell'esilio pria saetta.
> Tu proverai, sì come sa di sale
> Lo pane altrui, e come é dura calle
> Lo scendere e'l salir per l'altrui scale. [1]

Com o exilio dos Andradas começou o eclipse do governo parlamentar. O imperador assumiu a dictadura e sem esperar a nova assembléa, que tinha mandado convocar, promulgou de motu proprio a constituição do imperio. A anarchia, que ameaçava prolongar demasiado a infancia politica do Brasil, a perspectiva de uma nova consti-

[1] Dante, *Paradis.*, XVII, 55-60.

tuinte, onde reflectindo-se a agitação e as discordias intestinas, tivessem maior dominio as paixões que o interesse do paiz, a urgencia de fixar por uma lei fundamental o organismo politico da nação, se não indultam, attenuam porventura ao imperador a culpa de absorver na corôa os direitos populares. Decretada a um povo, que nascia para a independencia e liberdade, a constituição do imperio brasileiro, conciliando, se é possivel, com a monarchia tradicional a fórma democratica das modernas sociedades e com a realeza hereditaria a majestade da nação, antecipou-se á carta constitucional e d'ella se differençou profundamente pela sensata consagração dos tres principios essenciaes do governo livre e democratico,—a soberania nacional, o suffragio popular como fonte de todo poder legislativo, e a abolição de todos os privilegios de nascimento.

Nota 25.ª

«Elle proprio ao fallar do seu consocio o eminente geometra portuguez...» pag. 29.

As palavras citadas no texto são transcriptas do *Discurso historico* lido na sessão publica da Academia Real das Sciencias de Lisboa em 24 de junho de 1819, pag. XVIII. Referia-se Andrada ás poesias do general Francisco de Borja Garção Stockler, um dos talentos de mais vasta erudição e de maior elasticidade, que honraram a Portugal,—eminente secretario da Academia, distinctissimo geometra, elegante prosador, poeta mavioso, e official instruidissimo nas sciencias militares, em que soube levantar-se acima das preconceitos da sua patria e do seu tempo.

Por justa medida avaliava as faculdades esthetícas do sabio americano o seu compatriota, e consocio da Academia, e depois seu inimigo e successor no ministerio, Francisco Villela Barbosa, tambem antigo secretario da Academia das Sciencias de Lisboa, quando a José Bonifacio dedicava a sua cantata *A Primavera*, publicada nas *Memorias* d'esta corporação, Tom. VI, Part. I.

Nota 26.ª

«Em França José Bonifacio desabafa em sentidas poesias...» pag. 29.

Nas cercanias de Bordeos, que José Bonifacio elegera para logar do seu exilio, buscou o illustre estadista adoçar pelo cultivo das musas as durezas da sua proscripção.

As *Poesias avulsas de Americo Elysio*, publicadas em Bordeos em 1825, comprehendem algumas composições notaveis pela fórma, as quaes senão revelam o estro de um poeta inventivo e original, patenteam certamente os dotes de um elegante metrificador.

Na ode, que tem por titulo *O Poeta desterrado*, o ardente patriota americano, expande em altivas exprobrações a sua indignação contra os seus adversarios.

Ora é a saudade que o punge:

Os labios, que ora movem molles versos,
Já levantar souberam da vingança
Grito tremendo, e despertar a patria
Do somno amadornado.

Mas de todo acabou da patria a gloria!
Da liberdade o brado, que troava
Pelo inteiro Brasil, hoje emmudece,
Entre grilhões e mortes.

Sobre suas ruinas gemem, choram
Longe da patria os filhos foragidos:
Accusa-os de traição, porque a amavam,
Servil, infame bando.

Ah! Não digas, ó Zoilo, mal do vate
Se aos lares seus não volta; acicalado
Buido ferro affogaria o grito
Que pela patria erguesse.

Logo é a execração votada em strophes candentes aos inimigos seus, que o arrojaram exul ás praias extrangeiras.

Maldicção sobre vós, almas damnadas!
A taça do prazer a vós vos saiba
Como o mel venenoso das abelhas
Da cisplatina plaga.

.....

Que um Thrasybulo novo se levante
C'um punhado de heroes, a tyrannia
No ensanguentado throno já nutante
Cairá aos pés exangue.

Outras vezes esquecendo, que a velhice lhe está já intimando a temperança do coração, o estro de José Bonifacio voeja em raptos eroticos. Em vez de cantar como Horacio:

Desine dulcium
Mater saeva Cupidinum
Circa lustra decem flectere mollibus
Jam durum imperiis. Abi
Quo blandae juvenum te revocant preces: [1]

[1] Horat. *Carm.* IV, 1, 4-8.

pede ás consolações do amor o lenitivo ás suas maguas de cidadão e de proscripto, e tomando o tom e estylo horaciano exclama:

Outra vez quero renovar amores,
A Philomela acompanhando a lyra,
Que gema Nise, como aquella geme,
Entre meus braços.

A vida acaba, muda-se a fortuna,
Que bens e males sem juizo espalha;
Os que hoje existem, ámanhã não vivem;
Amemos hoje.

Nas poesias de *Americo Elysio*, além de muitas originaes composições, deparam-se notaveis trasladações de eminentes poetas, antigos e modernos. A poesia biblica está ali representada pela paraphrase de uma parte do *Cantico dos Canticos*. A musa greco-romana tem no livro a sua parte, nas versões de Pindaro, de Hesiodo e Virgilio. Dos poetas inglezes apparecem trasladados alguns trechos de Ossian e de Young.

Durando ainda a sua residencia em Portugal, traduziu José Bonifacio, do grego, o idyllio *A Primavera*. Publicou-o em 1816, na impressão regia, com as iniciaes J. B. A. S. Saiu mais tarde transcripto no *Parnaso Brasileiro*, caderno IV, pag. 51.

A lucta heroica dos hellenos para sacudir o jugo dos ottomanos e fundar uma Grecia independente, inspirou a José Bonifacio a sua *Ode aos Gregos*. O antigo soldado, que ajudára a expellir os invasores de Portugal, e o republico eminente, que fôra illustre promovedor da independencia brasileira, accendia-se em varonil inspiração perante a empreza gloriosa, em que os descendentes de Aristogiton e de Thrasybulo alcançaram libertar-se de seus duros oppressores.

Quão aprasiveis foram sempre desde os annos juvenis ao espirito de Andrada as boas artes, o declara elle proprio em encarecidas expressões no *Discurso historico lido na sessão publica* da Academia Real das Sciencias de Lisboa a 24 de junho de 1819, que póde reputar-se como a autobiographia esboçada em breves traços pelo eminente secretario.

Discreteando ácerca da musica, escreve o que havia de ser em breves annos o grande estadista brasileiro: «Se não tenho o gosto de ser iniciado em todos os mysterios e regras de tão nobre arte, desvaneço-me de ser um dos seus maiores apaixonados e amadores. Se a edade e os estudos seccos da minha profissão já teem affrouxado em muita parte a intensidade dos prazeres, que outr'ora me traziam as outras bellas artes, suas irmãs, não succede assim com boa musica vocal, devidamente acompanhada, que ainda agora produz em mim os mesmos maravilhosos effeitos, que causava nos antigos gregos, povo este o mais energico e sensivel, que nos apresentam os annaes da historia.»

Omittimos por brevidade as eloquentes reflexões, que a proposito da musica, da sua influencia moral, e de quanto é necessario assignalar-lhe um logar principalissimo n'um systema de educação geral e destinado a formar cultivados e honestos cidadãos, José Bonifacio deixou escriptas no *Discurso historico* recitado na sessão publica da Academia em 1818. Podem ler-se nas *Memorias da Academia*, Tom. VI, Part. I, pag. 12-14.

Nota 27.ª

«José Bonifacio era ao mesmo passo um pensador profundamente iniciado na sciencia do seu tempo...» pag. 29.

A penetração do seu espirito e a rectidão dos seus conceitos scientificos podem attestar-se com alguns exemplos, que d'entre muitos elegemos n'este logar.

O systema metro-decimal era ainda recente na invenção, suspeito na procedencia. Era uma d'estas apparencias multiformes, que irradiando a todas as relações politicas e sociaes, tomara a portentosa Revolução. Era a egualdade substituindo á anarchica metrologia da edade média a uniformidade scientifica dos pesos e medidas, ao mesmo tempo que a triumphante democracia secularisava e corrigia o calendario. Era a revolução e a democracia a infiltrarem-se em toda a parte, onde havia que obliterar uma tradição da velha sociedade monarchica, theocratica, feudal. A revolução não era apenas um soberano deposto e um regimen condemnado; uma Bastilha derrocada para ceder o logar vago á columna triumphal das victorias populares; um throno desconjunctado para compaginar com as suas pranchas o estrado da tribuna. Era a completa renovação do mundo social. Era um fosso profundissimo entre a antiga sociedade estribada na servidão e no privilegio, e a nova civilisação firmada no direito e na egualdade. A revolução abolia de um só rasgo na chronologia da humanidade os tempos anteriores a 89. A natureza e não a tradição historica seria o fundamento da sociedade reformada ao sopro da revolução. A natureza intimava a nova divisão por departamentos á França democratica. A revolução tomava corpo na nova chorographia. A natureza, segundo a qual os homens nascem eguaes e livres, sem os accidentes da fortuna, nem as distincções convencionaes, ensinava a liberdade e a egualdade. A revolução encarnava em um novo direito publico, perante o qual os grandes e os humildes, os principes e os mesteiraes, eram todos cidadãos. A natureza, fielmente interpretada nos movimentos planetarios, prestava a unidade e os seus submultiplos a uma nova chronologia. A revolução dictava ao tempo a sua irresistivel dictadura. A natureza ministrava o estalão para as medidas racionaes. A revolução tomava conta do espaço, do peso, do valor. Nunca em época nenhuma da humanidade a sciencia, a audacia, e o talento se haviam consociado para demudar improvisamente o inteiro mechanismo da sociedade. A idéa de pedir á natureza uma unidade fundamental, sobre que se firmasse a nova metrologia, era digna d'aquella heroica geração, em que aos grandes nomes da tribuna andavam alliados para a humana emancipação, as maiores glorias da sciencia. O systema metro-decimal decretado pela França achou desde o principio dispostos a acolhel-o grande numero de sabios. Em quanto porém a republica franceza ou o imperio se empenhara em cruentissima porfia com as nações do velho mundo, a reluctancia dos governos europeus contra a França iniciadora, tolhia no principio a franca manifestação das sympathias pela nova instituição dos pesos e medidas, que derivando da natureza o seu caracter cosmopolita, tinha comtudo perante os vidrentos melindres nacionaes o defeito capital do ser franceza na origem legislativa. Mas a Academia das Sciencias de

Lisboa, mandada consultar em 1812 pelo governo ácerca da reforma das medidas em Portugal, soubera libertar-se dos obscuros preconceitos e propozera a adopção do systema metro-decimal, engeitando apenas d'elle as novas e em seu parecer abstrusas denominações. A este proposito são notaveis as palavras de José Bonifacio defendendo com o vigor da convicção as novas unidades: «Talvez pareça aos espiritos acanhados (assim exclama) que a adopção do *Systema metro-decimal* para base das novas medidas offende de algum modo o pundonor nacional: porém reflictam que o verdadeiro e o util não tem patria, pertencem o todas as nações, pertencem ao universo inteiro. Seria capricho pueril não adoptar o que ha de bom entre os inimigos, só porque elles dizem que é seu. Que seria da republica das lettras, se os odios e guerras das nações houvessem de invadir os dominios pacificos da verdade e das sciencias uteis?» *Discurs. hist. lid. na sess. pub.* de 24 de junho de 1813, *Mem. da Acad.* t. III p. 2, 56-57. Revela-se n'estas palavras a fé ardente do naturalista americano na sciencia e nas suas conquistas e a alteza do seu entendimento, que na permanencia de uma lucta implacavel contra os francezes ainda havia pouco invasores da sua patria, sabe reservar um logar neutro, onde fique a sciencia abroquelada contra a furia das paixões.

N'outro conceito se patentea superior á sciencia dos seus contemporaneos o vidente engenho de José Bonifacio. Quando apenas ao sair da universidade é inscripto como socio na Academia das Sciencias de Lisboa, ainda antes de haver tido trato e frequencia com os maiores sabios europeus contemporoneos, abalançou-se, o joven academico a professar idéas, que em germen já conteem o principio capital da physica moderna, — a unidade da *energia*, sob a fórma de luz, de electricidade, de magnetismo e de calor. «Razões assás fortes e varios experimentos me fazem crer (diz elle) que fogo, luz, *calorico* e *phlogisto* são em si uma e mesma substancia, mas diversamente modificada e projectada.» *Mem. sobre a peça da baleia*, nas *Mem. economic. da Acad.*, t. II, p. 406. Façamos o desconto de que n'aquelle tempo era doutrina professada sem a minima contestação, que todos aquelles *modos de movimento* eram verdadeiras substancias materiaes, porém imponderaveis, e admiremos como o illustre mineralogista sabe ver, através dos erros canonisados na sciencia, o theorema, que só na segunda metade d'este seculo alcançou o valor de uma verdade experimental.

Ainda outra evidencia de quanto era profundo e encyclopedico o espirito de Andrada. Estava ainda na decada segunda d'este seculo quasi em suas mantilhas infantis esta sciencia nova e utilissima, que tem nome de meteorologia. Ainda os governos se não tinham empenhado em multiplicar os observatorios consagrados a estudar os phenomenos da atmosphera. Não eram, como hoje, frequentes as observações, nem perfeitos os instrumentos. Portugal não ficára porém extranho aos trabalhos da sciencia meteorologica. Já em fins do seculo XVIII publicára a Academia algumas series de observações feitas em Mafra no observatorio do collegio real, pelo conego regrante D. Joaquim da Assumpção Velho e no Rio de Janeiro e em S. Paulo, por Bento Sanches d'Orta. No *discurso historico* lido na sessão publica da Academia das sciencias em 24 de junho de 1819, Tom. VI, Part. II, pag. X-XI, ao dar conta das observações meteorologicas feitas pelo academico Marino Miguel Franzini, a quem a sciencia deve a sua mais regular introducção em Portugal, deixou José Bonifacio escriptas valiosas considerações ácerca da meteorologia e da sua immensa utilidade na agricultura e na medicina. O modo,

porque o sabio define e caracterisa o clima, distinguindo já luminosamente o astronomico e o *meteorologico*, attestam bem claramente que nem este ramo ainda nascente das sciencias physicas ficára ignoto e defeso á sua incansavel energia intellectual.

Nota 28.ª

«Bastariam como irrecusavel testemunho...» pag. 29.

Conhecia José Bonifacio, como erudito profundissimo, quanto é facil o desfigurar em linguagem hodierna e em moderno estylo de pensar e de dizer, as obras primas da antiguidade, e quanto é difficil com as escassas tintas dos nossos presentes idiomas o retratar fielmente o pensamento dos antigos, com a sua indole e a sua fórma individual e caracteristica. Doia-lhe porventura a consciencia de que tantos noviços litterarios, apenas com uns longes de erudição, mal avindos com a linguagem do original, e ainda menos adextrados na boa e castiça falla nacional, ousassem arremetter com a versão dos grandes escriptores, que são como sagrados monumentos, dos quaes a ninguem é dado approximar-se, sem que venha apparelhado com a preparação sacramental de uma solida philologia, e quasi diriamos em *estado de graça litteraria*. Quem sem fundados receios de macular a pureza da antiguidade, ou profanar a realesa intellectual dos engenhos de eleição, se atreverá a commetter a empresa temeraria de os fazer fallar em nosso commum dizer? Quem dirá de si com apparencias de verdade, que levantou de novo a tribuna atheniense, e que elevando a ella o antagonista ardente de Philippe o Macedonio, o fará proferir em portuguez os masculos incisos da *Oração da corôa*, da *Falsa embaixada*, das *Philippicas*? Quem poderá verter exactamente nas linguagens analyticas neo-romanas, o *Integer vitae, scelerisque purus*, o *Nunc est bibendum*, o *Carmen seculare*, do elegante vate venusino? Quem entre os modernos póde calçar, sem perigo de uma quéda, o cothurno de Eschylo ou de Sophocles? Menos correctos e formosos na pureza do desenho e na casta simplicidade do estylo e locução, se nos affiguram os poêtas, que cinzelaram os seus cantos nas linguagens meio-barbaras saidas do latim ou do saxonio, os Dantes, os Shakspeares. E todavia quem sem tacha de vaidade, se presaria de entalhar em caracteres semelhantes, em romance do nosso tempo, a inscripção, que o vate florentino deixou gravada no sinistro portal do seu inferno? Quem renovaria os furores sublimes de *Othello* ou desenharia do natural a jocosa figura de Falstaff nas *Merry Wives of Windsor*? Traduzir as obras dos mais altos engenhos litterarios, é como se fôra embeber em si o espirito de Homero, de Virgilio, de Milton, de Cervantes. É vestir de novo as armas adamantinas d'estes guerreiros do pensamento, e entrar com elles em certame desegual. A melhor versão é sempre, comparada com o original, como a gravura, que dá apenas os contornos para o painel, onde a luz e o colorido trasladam vivamente para a téla a inspiração e a alma do pintor. É como a ave embalsamada n'uma galeria zoologica para a ave animada, que revôa, ostentando ao sol a formosura da plumagem, saltitando nos ramos da floresta, desferindo os seus canticos de amor e

de saudade, e entrando no sublime concerto do universo com as vivas manifestações da existencia individual.

Nas obras da phantasia o pensamento é inseparavel da fórma, em que o poeta o concebeu e modelou. O metro, a phrase, o proprio logar de cada vocabulo na textura da oração, a musica da palavra, o rhythmo e o numero do periodo, quem poderia trasladal-os para uma alheia linguagem, dessimelhante na estructura, na riqueza, na harmonia? Bem podemos das versões, que se jactam de fieis, dizer o que Horacio futurava dos que buscassem emular com azas inconsistentes e fragillimas os vôos do grande lyrico thebano.

Pindarum quisquis studet æmulari,
Jule, ceratis ope Dædalea
Nititur pennis, vitreo daturus
Nomina ponto [1].

E se das melhores e mais correctas versões dos grandes escriptores se póde asseverar que são apenas umas descóradas imitações, uns mal enfeitados arremedos, uns paineis de morte-côr, uns como transumptos imperfeitos de estatua de Praxiteles, copiada não em marmore de Paros, mas em basalto ou em granito, onde se perde o macio dos contornos e o avelludado da carnação, que diremos d'estas mal agouradas trasladações, onde falta a intelligencia do assumpto, a da linguagem do auctor, e a do idioma nacional? Onde mingúa sobretudo o gosto e a discrição? Estas serão como caricaturas e grutescos, em que apparecem aleijados e disformes os mestres eminentes da palavra. Serão menos do que os *Gryllos*, aquellas ridiculas e extranhissimas figuras, que na decadencia da pintura os artistas degenerados faziam succeder ás formosas creações da arte hellenica.

No *Discurso historico recitado na sessão publica da Academia Real das Sciencias* a 26 de junho de 1819, pag. xvii nota, prescreve José Bonifacio as regras que se devem observar para que nas versões dos antigos escriptores não fiquem desfiguradas os modelos mais formosos das artes da palavra.

Como exemplos de versão accurada e primorosa, commemora José Bonifacio, entre outros, os *Phenomenos* de Arato, vertidos por Cicero, a *Iliada* trasladada por Voss, Pope e Cesarotti, Lucrecio interpretado por Marchetti, Virgilio por Annibal Caro e Dryden.

[1] Horat. *Carm.* iv, 2.

Nota 29.ª

«O escripto valioso, em que Andrada se propunha explanar a *Historia natural* de Plinio...» pag. 30.

D'este seu trabalho scientifico-litterario deu José Bonifacio conta á Academia das Sciencias de Lisboa no *Discurso historico* por elle recitado, como secretario, na sessão publica de 24 de junho de 1818, pag. xii.

E lastima que d'este seu precioso lavor intellectual não apparecesse publicado um só fragmento. Os cuidados e turbações da vida publica, em que pouco depois figurou com tamanho proveito e gloria do Brasil, lhe não deixaram momentos de lazer, em que désse a lima derradeira á obra começada.

Enlaçando intimamente o conhecimento das modernas sciencias mineralogicas e a vasta erudição nas lettras classicas, o sabio americano, com utilidade simultanea da litteratura mineralogica e da philologia latina, deixar-nos-hia uma valiosa confrontação entre os conhecimentos oryctognosticos, representados pelo romano compilador, e o estado das sciencias naturaes no primeiro quartel do seculo presente. Seria quanto aos mineraes notorios aos antigos, e á sua ainda imperfeita metallurgia, um trabalho de maior comprehensão que o de Littré, quando alguns annos depois interpretou e enriqueceu de notas e commentos a *Historia Natural* do general romano.

Nota 30.ª

«Restitue-se á patria.» pag. 30.

José Bonifacio regressou do exilio ao Brasil em 1829. Sete annos tinha permanecido em terra extranha proscripto pelos seus. Desenganado de que a ingratidão é o mais seguro pago das grandes virtudes civicas e dos serviços benemeritos, não quiz de novo provar fortuna em negocios de governo, como quem após tão duras contradicções e tão cruel vindicta dos partidos, saira emendado de ambições e de vaidades. Para que o não tentassem desejos de volver á enganosa bemaventurança da côrte e das grandezas, buscou por quieto retiro de sua velhice já cançada a ilha de Paquetá, na bahia do Rio de Janeiro. Ali o enlevariam porventura as recordações do tempo, em que fôra o idolo das turbas e em que a patria lhe solvia em justa popularidade o serviço inestimavel de fundar-lhe a independencia e a vida cidadã. Era porém destino seu, que o famoso estadista americano tivesse de assistir ao segundo nascimento d'aquelle grande imperio, em cuja instituição fôra parte principal. Agora seria apenas quieto e resignado espectador. Agitavam-se tormentosas as paixões. Dividiam-se por inconciliaveis antagonismos os partidos no Brasil. D'aquella profunda fermentação politica, onde se mesclavam e combatiam as tradições obstinadas do passado e os principios luminosos do futuro, não

9*

soria facil vaticinar que fórma social a antiga terra portugueza na America do Sul viria finalmente a adoptar. Pleiteavam em favor da monarchia o costume, o exemplo, a tradição da velha Europa, que apesar da revolução não podera inteiramente libertar-se de alliar por uma hypostase metaphysica, o decrepito dogma do direito divino e hereditario e o principio revolucionario da soberania popular. Militava pela instituição republicana o ser a propria nação ainda nascente, desatada por completo dos usos europeus, formando parte importante de um systema politico propriamente americano, onde a monarchia era uma excepção, quasi uma anomalia, como se disseramos um typo organico em certa maneira dissonante da flora politica do Novo-Mundo. Não era facil ao juvenil imperador manter-se firme e popular na procella dos partidos e na resaca das opiniões. Consolidar a monarchia liberal em meio das tempestades, que ameaçavam convellir e derrocar o throno mal seguro, seria empresa de annos mais provectos e de mais sazonada experiencia de governo. Não lhe era dado apagar de vez os vicios hereditarios da monarchia discricionaria, nem conter a intemperança dos partidos, permanecendo fiel á liberdade e ao governo parlamentar. D. Pedro I julgou que era mais discreto e patriotico resignar a realesa do que ser a occasião e o fautor de crua guerra civil, cujo funesto resultado poderia ser acaso a desmembração do vasto imperio. Acceitando as intimações da revolução de 7 de abril de 1831, e acalmando nobremente com a abdicação a effervescencia popular, deixou a patria nova, que o adoptára, para vir em defensão da liberdade portugueza, oppressa e infamada pelo governo mais infesto, de que ficou memoria em Portugal. Deixava no Brazil um filho e successor, em edade de pouco mais de cinco annos. Perigosa condição para monarchias, e mais para monarchias da America, onde parece que a propria naturesa está de si repellindo o poder hereditario e pessoal. Eram graves, presagas de tremendissimas borrascas as circumstancias da nação. O soberano menino, exacerbados os partidos, educados logo desde o alvorecer da independencia na escola da insurreição, pouco affeitos ás praxes do governo liberal, propensos a transcender a cada passo os limites, que separam da regrada e honesta democracia, a anarchia e a insania popular. Lançou D. Pedro os olhos em busca de quem á sua conta, com o affecto de segundo pae, houvesse de tomar a tutela do novo imperador. Logo lhe acudiu o nome d'aquelle velho amigo, e conselheiro, com quem se achára desde os principios da independencia brasileira. Correra com elle em amisade o nunca porventura lh'a houvera desmentido, trocando-a pelo exilio, se não fôra a dura intimação de um partido triumphador. Nomeou pois a José Bonifacio por tutor de D. Pedro II, fiando que em lembrança de seus valiosos serviços ao Brasil, e por mercê do favor, com que o tractava o partido democratico, haveria gostosamente o povo de acceital-o em o novo encargo, e respeitar a puericia do tutelado pelo nome, pelas cans, pelos serviços do tutor. Desempenhava o grande estadista brasileiro o officio paternal, que lhe commettera o imperador, quando o accusaram de pretender, como cabeça do partido, que chamavam *caramurú*, a restauração de D. Pedro I. Em dezembro de 1833 foi José Bonifacio demittido de tutor, e levado dos paços imperiaes a uma prisão, donde saiu a responder no tribunal. Foi absolvido. Voltou a viver na ilha de Paquetá. Encerrava-se d'este modo a sua carreira politica, na qual lhe não faltára uma só das consagrações, que sobredoiram e exalçam os grandes homens, para que a posteridade os admire e os inscreva no seu glorioso calendario.

Nos ultimos dias da sua vida passou-se José Bonifacio á cidade de Nictheroy, e ali cessou de existir a 6 de abril de 1838, contando setenta e tres annos incompletos de sua edade.

Nota 31.ª

«A estatua e o exilio» pag. 31.

A gratidão nacional fez erigir ao republico eminente uma estatua, que na praça de S. Francisco de Paula, no Rio de Janeiro, perennemente renova na memoria dos brasileiros o nome e a fama do grande cidadão.

ERRATAS

PAG.	LIN.	ONDE SE LÊ	LEIA-SE
9	29	*Spodumène* e *Scapolite*	*Spodumene, Kryolite e Scapolite*
9	32	Arfwedson	Arfvedson
21	13	fanatisada plebe	plebe fanatisada
25	14	até chegar	avançam até chegar
30	33	na ilha de Paquetá	em Nictheroy, para onde havia passado da ilha de Paquetá.
37	30	ao	aos
44	20	branco	branca
44	21	acinzentado, amarellado, ou avermelhado	acinzentada, amarellada ou avermelhada
49	13	*Grossularia*	*Grossularia*
54	9	outubro	dezembro

APÊNDICES

MEMORIAS
DE
MATHEMATICA
E PHYSICA
DA
ACADEMIA R. DAS SCIENCIAS
DE LISBOA.

Nisi utile est quod facimus, stulta est gloria.

TOMO III. Parte II.

LISBOA
NA TYPOGRAFIA DA MESMA ACADEMIA.
1814.
Com licença de S. ALTEZA REAL.

EXPERIENCIAS CHYMICAS,

Sobre a Quina do Rio de Janeiro comparada com outras.

PELA Secretaria de Estado dos Negocios da Guerra e da Marinha, foi commettida ao Exame da Academia Real das Sciencias de Lisboa a Analyse de huma porção de Casca amargosa, com o nome de Quina, que do Rio de Janeiro havia sido mandada ao Fysico Mór do Exercito; para que achando-se que continha os principios, e virtudes das Quinas officinaes, se fizesse uso della, principalmente nos Hospitaes Militares.

Em consequencia, nomeou a Academia huma Commissão, composta de quatro dos seus Membros, e pedio para os seus trabalhos o Laboratorio Chymico da Casa da Moeda, que immediatamente lhe foi franqueado, com ordem para que nelle se aprontasse tudo, quanto fosse necessario para aquella Analyse.

Este Laboratorio munido de todos os vazos e utencilios, que lhe são proprios; tinha comtudo falta de muitos reagentes, principalmente d'aquelles que mais se alterão, os quaes seriamos obrigados a preparar; a não ser a franqueza do Sr. Alexandre Antonio Vandelli, que além de nos ajudar com o seu trabalho, nos forneceo os que nos forão necessarios, e ainda outros de que carecia o sobredito Estabelecimento.

Aos 17 de Junho, o primeiro dia em que alí concorremos, houve alguns pareceres sobre o Plano que deveriamos seguir nas nossas Experiencias. O interesse do objecto, a facilidade com que podiamos dispor dos meios que se nos offerecião; tudo nos convidava a fazer huma Analyse em toda a sua extenção: mas ao mesmo tempo, conhecendo que o nosso principal objecto era examinar aquella Casca relativa-

vamente ao seu uso medico, nos achavamos mais circunscritos; principalmente attendendo á brevidade que parecia dezejar se, e á pouca utilidade que a Medicina tira por ora de factos que não lhe são immediatamente connexos. Em fim a auctoridade de *Mr. Buillon Lagrange* acabou de decedirnos: confeça este Chymico (Annaes de Chymica vol. 54) que a Analyse do Reino Vegetal, nas circunstancias em que se acha a Sciencia, não conduz a resultados certos e exactos, sobre a applicação que se póde fazer de hum ou outro medicamento; para o que bastão os Ensaios comparativos, tendentes a instruir e guiar o Medico em a sua carreira. De mais disso quem reflectir na natureza Chymica dos Vegetaes, e na acção reciproca dos seus Principios elementares e secundarios, por certo dará razão ao mesmo Autor quando crê, que he quasi impossivel determinar com exactidão a natureza e quantidade das substancias *sui generis* que as compõem, bastando felizmente para o fim Medico destinguir a sua existencia, e propriedades.

Levados por estes principios, assentámos devemos limitar, ao menos por agora, a este só objecto; pelo que será conveniente não se perder de vista, que offerecemos o nosso trabalho não como huma Analyse exacta em que determinemos as quantidades de todos os principios componentes das Quinas; mas só sim como Experiencias tendentes a verificar a classificação da Casca que nos foi entregue, entre as chamadas Quinas.

Determinado o objecto das nossas indagações, julgámos, que de modo algum o podiamos preencher melhor, do que por meio de experiencias comparativas com as outras Quinas conhecidas; methodo este em que já nos tinha precedido *Mr. Vauquellin* em huma Memoria sobre este mesmo assumpto. Escolhemos para isto as Quinas amarella, e vermelha officinaes; a primeira por ser a mais vulgar, e commummente usada entre nós: a segunda por ter huma côr e habito externo, que a não deixão confundir facilmente com as outras especies conhecidas; e como ao mesmo tempo achámos no

Laboratorio (entre varias Cascas amargas que para alí tinhão sido remettidas) huma, com o titulo de Quina alaranjada, que havia tradição de ter vindo de *Pibauhi*, tambem nos servimos della com o mesmo intuito.

Principiando por examinar attentamente a Casca do Rio de Janeiro; julgou hum dos membros da Commissão, que havia mistura de duas differentes Cascas em a que se nos tinha dado por huma só; e que por conseguinte era necessario separallas, tratando cada huma de per si. Com effeito, as superficies dos canudos erão algum tanto differentes, como tambem o erão as suas fracturas; podendo entrar em questão se erão duas diversas Quinas, ou a mesma extrahida de ramos em differente estado, e em differente tempo. Separamollas pois em as primeiras experiencias que se fizerão com os Reagentes nas infusões aquosas; nas quaes vendo, que se comportavão ambas sem differença alguma, fomos indusidos a crer que era huma só especie, que devia ser examinada promiscuamente tal como nolla tinhão inviado.

Esta primeira duvida nos fez lamentar o máo estado, porque do Ultramar mandão este, e outros semelhantes productos para o Reino: ficando por isso as mais das vezes sem utilidade remessas, que podião ser interessantissimas. Provem isto essensialmente de dois descuidos faceis de remediar: a saber das poucas e insufficientes notas que accompanhão os productos, e das diversas mãos porque elles passão, antes de chegarem ás da pessoa a quem este exame he commetido.

Em quanto ao primeiro deve notar-se, que quando esta Casca nos foi entregue, não só não era accompanhada de descripção alguma Botanica, mas nem ao menos trazia notado o seu nome trivial; sabendo-se apenas que tinha vindo do Rio de Janeiro; e o mesmo deve entender-se das outras que estavão no Laboratorio. Ora he escusado dizer quanto a Analogia Botanica ajuda ao conhecimento das virtudes das Plantas; e quanto por este lado se faria util a sua descripção: sem tratarmos da facilidade de se pedirem novas remessas,

sas, e de se fallar huma linguagem intelligivel a todos. O que havemos dito em geral, deve-se applicar particularmente ás Quinas, em cujas especies ha huma tal confusão, que só dando as mãos a Botanica, e a Chymica, he que se poderá desenredar o Cahos da sua Nomenclatura.

He certo que os productos são algumas vezes accompanhados por estas descripções: mas as diversas Pessoas por quem passão as perdem, extravião, e confundem: do muito que poderiamos dizer a este respeito só lembraremos, que seria para dezejar, que o Governo houvesse por bem escolher para semelhantes exames huma Corporação sabia, e permanente, a quem em direitura estas remessas se derigissem, tal como a Academia Real das Sciencias, que pelo zello e promptidão com que por diversas vezes tem satisfeito as suas vistas, mostra bem o que faria em todas as occasiões, em que podesse ser util.

CAPITULO II.

Descripção das quatro Especies de Quinas que servirão nas Experiencias, e das suas infusões aquosas.

AS quatro Especies de Quinas, de que nos servimos nas nossas Experiencias, tem os Caracteres seguintes.

N. I.

Quina do Rio de Janeiro.

(*a*) *Forma.* Esta Quina, que he o principal objecto da Analyse, acha-se enrolada em canudos sobrepostos, cuja grossura he de tres a quatro linhas, e a da Casca de meia linha até dois terços; mais grossa nos canudos menos lisos, e mais delgada nos que são lisos.

(*b*) *Superficie exterior.* Pouco aspera em os canudos mais grossos, e quasi lisa nos delgados; algum tanto gretada, sem fendas transversaes. A côr do fundo parda le-

nhosa desmaiada, com manchas esbranquiçadas.

(*c*) *Superficie interior.* Lisa: côr parda lenhosa escura, com pontinhos disseminados mais amarellados, e algum tanto luzidios.

(*d*) *Fractura transversal.* Côr Izabellina carregada, ou mais avermelhada. Entre o *Cortex* e o *Liber* ha huma camadinha de materia resiniforme, amarella côr de Enxofre, e luzente nos canudos mais lisos: nos mais asperos he esta camada menor, menos regular, e apparente.

(*e*) *Sabor.* Muito semelhante ao da Quina amarella officinal Uanuco; porém he mais viscosa entre os dentes, menos acre, e ao que parece alguma cousa nauzeosa.

N. II.

Quina alaranjada de Laboratorio.

(*a*) *Forma.* Canudos de hum quarto de polegada até dois terços de grosso; a Casca tambem mais grossa que a do N. I.

(*b*) *Superficie exterior.* Suberosa, de côr parda hepatica, e em outras partes parda amarellada tirando para o alaranjado.

(*c*) *Superficie interior.* Lisa, baça, de côr amarella Isabellina çuja.

(*d*) *Fractura transversal.* Pouco esquilhosa, aspera; entre o *Cortex* e o *Liber* ha huma camada mais escura.

(*e*) *Sabor.* Muito pouco amargo, e quasi nada adstringente.

N. III.

Quina vermelha officinal.

(*a*) *Fórma.* Em Canudos, quando menos grossa; ou em pedaços de superficie convexa, quando mais grossa; a grossura dos canudos, de meia polegada até dois terços; a grossura da Casca de huma até duas linhas.

(*b*)

(*b*) *Superficie exterior.* Aspera nas Cascas delgadas, muito mais nas grossas: a côr, parda de figado nas grossas; e parda acinzada nos canudos delgados.

(*c*) *Superficie interior.* Lisa quando inteira; de côr parda amarellada.

(*d*) *Fractura transversal.* Esquilhosa, grossa; de côr parda avermelhada.

(*e*) *Sabor.* Menos amarga, e menos acerba e adstringente que a *amarella officinal.*

N. IV.

Quina amarella officinal.

(*a*) *Forma.* Em canudos enrolados sobrepostos, semelhantes ao N. I. em fórma e grossura.

(*b*) *Superficie exterior.* Aspera, sulcada com irregularidade longitudinalmente, gretada transversalmente; a côr negra pardacenta; em partes parda denegrida, em outras esbranquiçada; o que he devido aos *Lichens*, que lhe fazem tomar estas tres cores.

(*c*) *Superficie interior.* Irregularmente sulcada, em algumas quasi lisa: baça; a côr entre a de castanha, e canella; em humas carregada, em outras mais diluida.

(*d*) *Fractura transversal.* Esquilhosa.

(*e*) *Sabor.* Amargo, forte, alguma cousa acre, deixando depois hum gosto adstringente.

Destas quatro especies de Quina se fizerão infusões aquosas, sendo cada huma d'ellas de quatro onças de Casca pisada, em quarenta e oito onças de agoa destillada fria: o Barometro estava em 30.° 3, e o Thermometro de *Fareneith* em 73.°

Passadas vinte e quatro horas, filtrarão-se as infusões e fizerão se em cada huma dellas as Experiencias com os Reagentes, que vão indicadas na Taboa: devendo advertir-se que tanto agora como por diante, quando fallarmos em cores

res de liquidos, sempre estes se devem suppor entre o Observador e a luz.

Os caracteres com que estas infusões se apresentárão immediatamente, e depois de passadas vinte e quatro horas, forão os seguintes.

Quina N. I. Infusão com escuma grossa, abundante, mais tardia em clarificar que o N. 3., e 4. Ao principio a côr he parda amarellada, e passadas as vinte e quatro horas puxando mais para o vermelho: marcou no *Areometro* dos Saes $\frac{3}{4}$ abaixo de *Zero.*

Quina N. II. Infusão com menos escuma: côr, ao principio igual ao N. I. mas passadas vinte e quatro horas, mais vermelha: deo no *Areometro* $\frac{1}{4}$ abaixo de *Zero.*

Quina. N. III. Infusão com escuma grossa compacta, e sem bolhas brancas como as precedentes: a côr ao principio quasi como a do N. I. tirando mais para côr de figado; passadas vinte e quatro horas, côr de mel mais desmaiada que o N. 4. Esta infusão he aromatica, e no *Areometro* indica quasi *Zero.*

Quina. N. IV. Infusão escumosa, com escuma grossa: côr, ao principio pardacenta; passadas as vinte e quatro horas côr de mel diluida, menos que o N. III. No *Areometro* indicou $\frac{1}{2}$ gráo.

Todas estas infusões principalmente a da Quina do Rio de Janeiro se turbão, depondo hum precipitado tenuissimo algum tempo depois de filtradas: Fenomeno que he devido como veremos adiante, á *Oxigenação* da materia extractiva causada pelo ar, que a torna indissoluvel.

CA-

CAPITULO III.

Das decocções das Quinas, do exame dellas com os Reagentes; e dos seus resultados comparados com os das infusões.

PARA abreviar opperações em que não esperavamos achar resultados muito differentes, julgámos superfluo submeter todas as quatro Quinas á decocção; e por tanto escolhemos a Quina vermelha officinal para a comparar com a do Rio de Janeiro. Fizerão-se pois duas decocções, de huma onça de Quina cada huma com vinte e quatro onças de agoa; as quaes, tendo fervido hum quarto de hora, forão deixadas arrefecer, e sendo depois filtradas, e experimentadas pelos Reagentes, derão os resultados que vão na mesma Taboa por baixo dos das infusões, para mais facilmente se compararem huns com os outros: mas antes de tratarmos d'esta comparação será necessario dizer alguma cousa dos Reagentes que empregámos.

He bem conhecido por todos o uso dos Reagentes naquella parte da Chymica em que os nossos conhecimentos estão mais adiantados, qual he o Reino Mineral. Indicão elles por via de regra com exactidão, a qualidade dos principios componentes dos corpos que se submetem ao seu exame, como bem se vê na Analyse das Agoas Mineraes: no Reino Vegetal porém, cujas combinações mais complicadas, são por isso mesmo mais desconhecidas, o seu uso não he susceptivel (ou menos por agora) de tanta exactidão. Não só a concentração em que elles se achão, e a temperatura, e quantidade em que são empregados, fazem variar muito os Fenomenos que apresentão; mas até os precipitados que por elles se obtem são de mui difficil exame, passando muitas vezes a novas combinações em quanto se opera para conhecer as primitivas. Exaqui pois debaixo d'este supposto o que

que pensamos poder dizer com mais probabilidade.

I.

O Principio que nas Quinas precipita a Colla parece não ser outro senão o *Tannino*; mas será o *Tannino* só, ou unirse-lhe-há tambem o *Acido Galbico*, ou algum outro? exaqui a primeira difficuldade, não tão facil de decidir como parece á primeira vista: a impossibilidade em que se esteve muito tempo de obter o *Tannino* puro, deo origem a ella; actualmente porém parece certo, segundo as experiencias de *Tormsdorff*, que só unido a algum acido he que o *Tannino* produz este resultado.

II.

A Agoa de Cal será alterada pelo mesmo Principio que precipita a Colla? Parece fóra de duvida, que as Quinas que alterão a Colla, alterão tambem a Agoa de Cal: além diso *Mr. Merat-Guillot* usa para obter o *Tannino* de precipitar a dissolução de *Tan* pela Agoa de Cal; e he fóra de duvida que o liquido que fica, depois de feito o precipitado por este Reagente, perde absolutamente todo o seu amargo: mas por outra parte parece verosimil, que a Agoa de Cal precipita ainda outras substancias; e adiante veremos dar ella precipitados abundantissimos, ao mesmo tempo que a Colla os produz apenas sensiveis (*a*).

III.

O *Tan* e a *Galha* são precipitados por hum Principio differente daquelle que precipita a Colla e a Agoa de Cal: diz

(*a*) *Mr. Cadet* achou no Extrato aquoso da Quina, tratado pela destilação *Sulfates, e Muriates de Potassa*, e talvez que alguma parte destes saes neutros se decomponhão, e causem o precipitado, que faz a Agoa de Cal.

diz *Mr. Vauquelin* que este Principio tem analogia com as resinas, ainda que dá *Amoniaco* na destillação; porém he muito provavel que o *Amoniaco* seja devido á união d'esta substancia com a parte extrativa. Muito modernamente se descubrio, que este Principio podia ser o *Cinchonino*, cuja propriedade caractristica he ser precipitado pelo *Tan*, e redissolvido pelo *Alcool*.

IV.

O *Tartarite de Postassa Antimonial* faz ainda huma figura bastante equivoca como Reagente. *Mr. Vauquelin* que comparou os resultados das infusões aquosas de mais de vinte Quinas differentes, estabelece quasi como fora de duvida, que elle faz os mesmos effeitos que o *Tan* e a Galha; e nas infusões frias que examinámos, verificou-se isto mesmo, com huma pequena alteração na Quina N. II.; por isso seriamos desta opinião, se os resultados que depois obtivemos nos não induzissem a pensar o contrario. Só pela continuação de novas Experiencias se poderá resolver este Problema.

V.

O *Sulfate de Ferro* communica ás Quinas huma côr verde. *Mr. Vauquelin* attribue esta côr á parte resinosa; mas he certo que as resinas puras, exceto a *Scamonea*, não apresentão esta propriedade segundo *La Grange*: suspeita elle que esta substancia se forma á custa do *Tanino*; mas o *Tanino* e *Acido Galhico* quando precipitão o *Sulfate de Ferro*, sempre este tem huma côr negra: demais, ha Quinas que não precipitão a Colla, e mudão todavia a côr do *Sulfate*. Por todos estes motivos parece, que esta côr verde pode olhar-se como a acção complexa de varios Principios, quaes o extrativo, o resinoso, e o *Tanino* com hum *Acido* qualquer.

VI.

O mesmo que temos dito a respeito do *Sulfate de Ferro*, se deve entender do *Sulfate de Cobre*, e provavelmente do *Acetate de Chumbo*, ainda que a acção deste nos seja por ora mais desconhecida.

VII.

A parte mucilaginosa he sempre precipitada em grande abundancia pelo *Acido Sulfurico*, ainda que elle tambem possa levar comsigo huma porção de Cal, a qual com tudo se patentea muito mais indubitavelmente pelo *Oxalate de Amoniaco*.

VIII.

He escusado dizer que a mudança de côr da *Tintura de Turnessol* indica a acção de hum *Acido* livre.

Applicando estes principios á Taboa das Experiencias, será facil extrahir os resultados proprios para o nosso objecto.

A Quina do Rio de Janeiro he da Classe daquellas cuja infusão a frio precipita a Colla e não o *Tanino*; a do Laboratorio entra na Classe das que precipitão o *Tanino* e não a Colla; e as duas officinaes alterão a Colla, o *Tanino*, e o *Tartarite de Potassa Antimonial*.

Aqui temos pois bem destinctas, ao que parece, as tres Classes em que *Vauquelin* divide todas as Quinas; affirmando ao mesmo tempo, que as Cascas que não tiverem nenhuma destas propriedades não são febrifugas; e que aquellas em quem concorrerem em maior numero, o serão em gráo mais eminente.

Ainda porém que esta Classificação nos pareça exacta, nem por isso no-lo parece igualmente a conclusão que *Vauquelin* pertende tirar; e assim somos indusidos a crer, que o Principio que precipita a Galha e o *Tan*, existe realmente em muitas Quinas, que o não patenteão nas suas infusões aquo-

aquosas ; o que se observa na Quina do Rio de Janeiro abona esta supposição, pois vemos que a sua decocção deo com a Galha hum precipitado abundante, fino, alvadio avermelhado. Existirá pois este Principio, que como dissemos suppomos ser o *Cinchonino*, de tal modo combinado que a sua *Affinidade de agregação* seja maior que a *de atracção*, vindo esta a vencer aquella pela elevação de temperatura? Ou não será este Principio simples como se pensava, mas sim hum composto produzido do novo jogo de *Affinidades* que tem lugar durante a decocção? Ou finalmente será só a maior *oxidação* deste Principio que o torna precipitavel por estes Reagentes? Esta questão exigiria huma longa serie de Experiencias alheas do nosso principal objecto; por isso somos obrigados a deixalla por ora de parte (*a*).

Se porém vimos que a Quina N. I.° mostra hum Principio de mais na decocção do que na infusão, vemos tambem que na Quina N. III.° pelo contrario diminue mui sensivelmente este mesmo Principio ; a sua infusão tinha dado hum precipitado muito abundante com a Galha, na decocção porém fica o liquido apenas turvo, sem precipitado sensivel dentro de vinte e quatro horas: a que attribuiremos pois esta mudança . senão ao diverso modo de estar d'esta materia? havendo Quinas em que existe formada e livre; outras em que ou se fórma por novas combinações, ou se desenvolve por meio do calor, das substancias com que estava mascarada ; outras em que o mesmo calor a faz passar a novas combinações; e outras finalmente em que a sua existencia se patentea independentemente da temperatura. A duvida com que expomos estas hypotheses, deve fazer ver quanto ellas ainda estão longe de nos satisfazer.

Pelas Experiencias pois da nossa Taboa, e pelo que

(*a*) Em a repartição dos trabalhos para esta Analyse ; as Experiencias que dizem respeito á existencia do *Cinchonino* forão privativas do *Sr.* José Bonifacio de Andrada , que ao tempo em que esta Memoria se redigio não as tinha podido ultimar , principalmente por se terem demorado as cristalisações em consequencia da humidade de atmosphera.

fica dito fomos induzidos a inferir. I. Que a Quina do Rio de Janeiro contém ao menos na sua decocção materia colorante, *tanina*, extractiva, resinosa, e talvez a *Cinchonina*, afora o *Acido* que indicava o *Turnessol*, e a Mucilagem que se mostrava logo pela escuma grossa das infusões e decocções. As differenças das outras Quinas entre si podem bem conhecer-se pela Taboa junta; sendo por tanto escusado demorar-mo-nos em apontallas individualmente.

Não devemos porém terminar o que havia que dizer sobre as decocções, sem notarmos que ellas extrahem em geral muito maior quantidade de Principios das Quinas, do que não as simples infusões. Quasi todos os precipitados que dellas se obtem com os Reagentes são em muito maior quantidade e em menos tempo: Além disto comparando o peso de huma decocção de Quina do Rio de Janeiro, com o peso de huma igual quantidade de infusão da mesma Quina feita nas mesmas proporções, achámos que elle estava na rasão de 100:118$\frac{1}{2}$.

CAPITULO IV.

Da Evaporação das infusões das Quinas.

OS Reagentes, indicando-nos a existencia dos Principios secundarios nas Quinas, não contribuião nem para o conhecimento da sua proporção e quantidade, nem para a sua isolação respectiva, por isso determinámos fazer a evaporação destas infusões com o intuito de os obter mais separados; persuadidos que tratando os Extractos com Agoa e *Alcool*, estes Principios se dissolverião em hum ou outro destes liquidos, podendo-se depois examinar por meio dos mesmos Reagentes ambas estas dissoluções.

Isto posto, tomámos huma Libra da primeira infusão que haviamos feito das quatro Especies de Quina, ajuntando a cada huma outra Libra das segundas infusões que se havião feito, e as posemos a evaporar a fogo brando em banho de

de area: e havendo-se entre tanto completado a terceira infusão das mesmas Quinas, ajuntou-se tambem outra Libra de cada huma destas terceiras infusões, ás outras que se estavão evaporando.

Devemos porém notar, que huma destas evaporações, a da Quina do Laboratorio, não poude ser levada ao fim, tendo-se rachado ao lume, apenas aqueceo, o vaso em que se fazia; como porém isto succedesse antes de se lhe ter ajuntado a terceira infusão, sempre esta nos restou para continuarmos a evaporalla, ainda que em menor quantidade.

Todas estas quatro Quinas, á proporção que se forão evaporando, forão depondo nas paredes dos vasos, e precipitando huma materia parda escura, resiniforme, e muito amarga, de que logo trataremos, a qual deixando-se resfriar o liquido, se separou em maior quantidade.

Continuando-se a evaporação até consistencia de Extracto, obteve-se este muito perfeito; mais escuro, e com huma areolla avermelhada em as Quinas N. I. e II.; e mais gemado em as Quinas amarella e vermelha officinaes. Em todas ellas ainda este Extracto, depois de separada a materia resiniforme acima dita, era bastante amargo.

Estas duas substancias que já parecião differentes, se acharão sello ainda mais, vendo-se que a primeira era indissoluvel na Agoa fria, e quasi toda dissoluvel em o *Alcool*; ao mesmo tempo que a outra era dissoluvel quasi toda na Agoa, e o resto no *Alcool*.

Tratámos pois esta segunda substancia (o Extracto) por dois modos differentes; dissolvida toda no *Alcool*, filtrou-se a dissolução, e o resto que ficou no filtro foi dissolvido em Agoa: pelo contrario dissolvemos em Agoa todo o Extracto, passando depois para o *Alcool* aquella porção que a Agoa não podia dissolver. De qualquer d'estes dois modos que operassemos, sempre o resultado ficou sendo o mesmo, sempre achámos o Extracto composto de duas partes, huma dissoluvel na Agoa, e outra no *Alcool*.

A dissolução desta parte soluvel no *Alcool* foi achada

da tambem identica com a dissolução *Alcoolica* da materia grumosa, que acima dissemos se precipitava e separava durante a evaporação, dando os mesmos resultados sempre que as comparámos: por estes motivos consideraremos como dois os productos das evaporações das Quinas, a saber a parte soluvel no *Alcool*, a que chamaremos *Resino-Extractiva*; e a soluvel na Agoa, a que chamaremos *Extractivo-Mucilaginosa.*

Esta ultima materia he, em todas as Quinas que tratámos por este methodo, muito mais abundante do que a primeira (*a*); más a porporção dos seus Principios varia em cada especie, assim como tambem varía a proporção da mesma materia nas differentes Quinas. A Quina do Rio de Janeiro he a que dá maior quantidade de materia *Resino-Extractiva*, e a Quina do Laboratorio a que nos deo maior porção da *Extractivo-Mucilaginosa.*

Além destes dois productos ha ainda hum terceiro, que he huma substancia parda acinzentada, que fica nos Filtros das dissoluções tanto *Alcoolica* como aquosa, e que senão dissolve nem na Agoa fria nem no *Alcool.*

De cada huma destas tres materias, trataremos separadamente.

CAPITULO V.

Da dissolução alcoolica de materia Resino-Extrativa.

JA' vimos que a substancia soluvel no *Alcool* se precipitava a maior parte nas Evaporações, em fórma grumosa, de côr parda escura, mais ou menos avermelhada, e com hum sabor amargosissimo. Dissemos que huma pequena porção del-

(*a*) Dizemos que a substancia *Extractivo-Mucilaginosa* he mais abundante nas Quinas assim tratadas, mas não queremos dizer que ella o seja nas Quinas em substancia, em que pelo contrario a *Resino-Extractiva* he muito mais abundante: a qual como seja eminentemente soluvel no *Alcool*, fica huma grande porção della ainda nas Quinas, que não se pode extrahir pela Agoa das infusões.

della fora obtida pela lavagem dos Filtros, que tinhão servido para filtrar as dissoluções aquosas da materia *Extractivo-Mucilaginosa*, de que adiante falaremos; pois como nem toda se dissolvia na Agoa depois de repetidas lavagens, o residuo era tratado pelo *Alcool*.

Mr. Vauquelin tratando d'esta substancia diz, que ella se dissolve completamente na Agoa quente, sendo esta em pequena porção; que se turba accrescentando-lhe mais Agoa, e que se dissolve de novo e torna á sua transparencia pela addição de mais quantidade d'este fluido. Não podémos porém observar estes Fenomenos, porque a dissolução que fizemos em Agoa esteve sempre turva, e não se clarificou senão com o tempo, depois de se ter precipitado.

O seu dissolvente proprio he o *Alcool*: esta dissolução filtrada, concentrando-se ao lume e depois diluida com bastante Agoa destillada, turbou-se, e sacolejada deo escuma branca abundante, que durou mais de dois dias, precipitando entre tanto huma materia fina, alvadia pardacenta, que he a Resina quasi pura, a qual novamente se dissolve em *Alcool*.

Com os mesmos Reagentes até agora empregados, deo esta dissolução *alcoolica* os resultados que constão do Mappa junto; em cujo exame se devem sempre ter em vista os effeitos, que são propriamente devidos ao *Alcool*; como por exemplo, parte da decomposição do *Tartarite de Potassa Antimonial*, e as cristalisações que apparecerão com o *Sulfate de Ferro*, e *Oxalate de Amoniaco* em ambos os quaes o *Alcool* atrahio a si a Agoa da dissolução, fazendo assim cristalisar extemporaneamente aquelles *Saes*.

Isto posto, ve-se claramente que esta substancia *Resino-Extractiva* não he hum Principio *suis generis* como pensava *Vauquelin*; mas sim hum composto de diversos Principios, parte dos quaes se podem julgar essenciaes á sua formação; e a outra parte alheos d'ella, e unicamente alí existentes por senão ter ainda obtido esta materia com toda a sua pureza. A Resina, huma porção de Extractivo, e *Cincho-*

ni-

nino, ainda pouco *oxidados*, e o *Tanino* com algum *Acido* são dos primeiros; a pequena porção que apparece de mucilagem e de Cal, e o *Acido* ou *Acidos* que a accompanhão são dos segundos.

Mr. Vauquelin que como temos dito reputa o *Resino-Extractivo* hum Principio simples; affirma que a sua dissolução não precipita a Colla; ignoramos se isto assim acontece quando elle está em toda a sua pureza; mas he certo, que procedendo como nós procedemos, não sómente precipitão a Colla as Quinas que a tinhão precipitado na sua infusão a frio; mas até a Quina N. II., que então a não precipitava, o faz agora em fiocos pardos avermelhados; porém já *Mr. Cadet de Vaux* tinha reputado o *Tanino*, e o *Acido Galbico*, como Principios inherentes ao Extracto-resinoso.

O *Cinchonino* torna a patentear-se na Quina do Rio de Janeiro pelo mesmo modo que na decocção; o que parece confirmar, que nesta especie de Quina basta o augmento da temperatura para o pôr descoberto, como já dissemos. Deve porém notar-se, que estas Quinas precipitando abundantemente o *Tan* e *Tartarite de Potassa Antimonial*, produzem menos effeito com a Galha; e que a mesma Quina N. II. que na infusão dera hum grande precipitado com este Reagente, na dissolução *alcoolica* o deo muito pequeno. Não confirma isto o que dissemos no Cap. III. do differente modo de estar do *Cinchonino*, devido em parte á sua maior ou menor *oxidação*? E não será tãobem esta *oxidação*, quem faz igualmente o precepitado, que atraz dissemos da Colla com a Quina N. II.; principalmente tendo-se já visto que o *Tanino* não foi precipitado por esta substancia Animal, senão pelo intermedio de algum *Acido*?

Os *Saes* metallicos produzirão effeitos mais ou menos sensiveis e anallogos aos que já tinhamos visto.

O *Oxalate de Amoniaco* e o *Acido Sulfurico* como indicão Productos totalmente alheos da dissolução *Alcoolica*; por isso só em poucas especies de Quina fizerão precipitados, e esses tenuissimos. Estas anomalias provem da dif-

fi-

difficuldade de obter separadamente as duas substancias *Resino-Extractiva* e *Mucilaginoso-Extractiva* em toda a sua pureza: com effeito he muito difficil tomar o ponto fixo em que o *Alcool* tenha dissolvido a parte que propriamente pertence á primeira, para deixar a segunda ao seu dissolvente proprio que he a Agoa; tanto mais que a mesma Agoa fria he capaz de dissolver porções, ainda que pequenas, da substancia *Extractivo-Resinosa*. Esta difficuldade he a mesma ou se comece a dissolução pela Agoa e o resto pelo *Alcool*, ou *vice versa*. A mesma dissolução *alcoolica*, depois de repetidas lavagens preliminares, ainda não fica perfeitamente pura, e assim os resultados destas Experiencias ficão de alguma sorte incompletos, em quanto senão achar o methodo de obter as duas substancias perfeitamente isoladas.

CAPITULO VI.

Da substancia Extractivo-Mucilaginosa *dissoluvel na Agoa*; *e da parte* Extractiva *indissoluvel.*

JA' vimos o methodo de obter a substancia *Extractivo-Mucilaginosa*. A sua dissolução em a Agoa apresenta-se diversamente nas differentes especies de Quinas; e assim a Quina N. I.° dá hum liquido pardo avermelhado, carregado, tirando a côr de figado, pouco transparente; o N. II.° ainda mais carregado em côr, e menos transparente; o N. III.° cor de mel carregado com algum vermelho, e o liquido transparente. Em fim o N. IV. quasi o mesmo que o N. III., mas menos transparente e claro. Em geral todas estas dissoluções são muito mais escuras e carregadas que as *alcoolicas*, que são tambem muito mais transparentes, mas menos abundantes.

Estas dissoluções aquosas são mui difficieis de passar pelo Filtro, em razão da muita mucilagem que contém: principalmente na Quina do Laboratorio he esta muito mais abundante do que nas outras.

Não só a mucilagem produz este effeito, passando toda para a infusão aquosa, mas produz tambem a pelicula e bolor, que apparecem nas mesmas infusões.

Tratadas pelos Reagentes derão os resultados que apresenta a Taboa; desta se verá, que ellas ainda conservão a maior parte dos Principios das dissolucções *alcoolicas*, sendo com tudo muito differente a sua proporção. Assim o *Tanino* que precipita a Colla, he em muito menor abundancia; assim a Resina, o *Cinchonino*, e o Extractivo, são tambem em menor quantidade; e pelo contrario a Cal e a mucilagem abundão extraordinariamente, estando ambas em o seu dissolvente proprio.

Esta Cal existe certamente nas dissoluções Quinicas, dissolvida por meio de hum *Acido*, o qual foi descoberto e descrito modernamente com o nome de *Acido Quinico. Mr. Vauquelin* o obteve, separando-o da baze Calcaria com que estava combinado; nós tratámos a dissolução aquosa pelo mesmo methodo que elle descreveo, para podermos obter os mesmos resultados; mas não passou ainda tempo bastante para se formarem as cristalizações, e não podemos por conseguinte annunciar o resultado desta Experiencia.

Como este objecto era de alguma sorte alheo do nosso principal assumpto, e mais interessante á Sciencia Chymica do que á praxe Medica, e como além disso demanda muito mais tempo para o seu exame, por isso julgámos a proposito deixar para occasião mais oportuna estas Experiencias, em que algum de nós se propõe de trabalhar. Então se examinará tambem melhor a fórma porque existe o *Cinchonino* em esta Quina; vindo á idéa, se o *Acido Quinico* não será talvez outra couza mais que o mesmo *Cinchonino oxigenado*; huma porção do qual unindo-se á Cal passará para a dissolução aquosa, tendo a mucilagem a propriedade de reter este Principio á proporção que elle se vai *oxidando*. Igualmente lembra que o *Acido Quinico* será huma modificação do *Acido benzoico*, com quem tem muita analogia: mas tudo isto são hypotheses, que só trabalhos ulteriores podem confirmar, ou destruir.

Ti-

Tinhamos dito que além da substancia dissoluvel no *Alcool*, e da outra soluvel na Agoa fria, havia huma terceira indissoluvel em ambos estes vehiculos, que ficára nos Filtros. Tratada ella com o *Acido Nitrico* dissolveo-se pouco, porém sempre corou o *Acido* em amarello gemado. Esta mesma substancia se dissolveo quasi toda em Agoa quente; fazendo huma dissolução turva, que arrefecendo precipitou huma materia parda, e denegrida, de côr de Caffé torrado; ficando a dissolução aquosa de huma côr amarella pardacenta. Vem-se pois ainda duas substancias, a primeira das quaes fica dissolvida na Agoa, mesmo depois de arrefecer, a qual parece pertencer e unir-se á materia *Extractivo-Mucilaginosa* de que falámos: a outra indissoluvel na Agoa, se precipita em hum pó negro, insipido, que se não dissolveo no *Acido Muriatico*, e que posto na luz de huma vella arde com chama, deixando por fim hum residuo carbonoso.

Estas propriedades fazem ver, que este Principio não he outro senão o Extractivo, que pela sua exposição ao Calor e ao Ar se tornou indissoluvel; sendo identica a cauza que faz perturbar as infusões, á proporção que se vão *oxidando*, o que já tinha advertido *Tromsdorff*.

Para rematarmos o que temos dito a respeito da Quina do Rio de Janeiro, recapitularemos as inducções que se podem tirar das nossas Experiencias, applicaveis ao principal objecto desta Memoria.

I.

A Quina do Rio de Janeiro he huma verdadeira Quina, pertencente á Classe d'aquellas cuja infusão a frio, segundo *Vauquelin*, precipita a Colla, e não o *Tan*, nem o Emetico.

II.

Este Principio com tudo que precipita o *Tanino*, he susceptivel de apresentar-se nas decocções, as quaes são pre-

cipitadas pela Galha, e redissolvidas ainda que não completamente pelo *Alcool*.

III.

Os Principios componentes desta Quina são, além dos *Saes Neutros*, e o *Tanino* com algum *Acido* (ou seja o *Galhico* ou outro analogo); a Resina, o Extractivo, o *Cinchonino*, que se apresenta depois de ter passado por hum maior gráo de calor, e que talvez seja a baze do Acido Quinico, a mucilagem, e a parte colorante, cuja natureza nos Vegetaes ainda he pouco conhecida.

IV.

Estes mesmos Principios (ainda que diversamente modificados alguns delles), se achão nas outras Quinas; e por conseguinte deverá aquella produzir, pouco mais ou menos, o mesmo effeito do que estas.

V.

Como porém esteja ainda por decidir cabalmente e por Experiencias directas, em qual ou em quaes dos Principios acima ditos resida essencialmente a virtude febrifuga e antiperiodica das Quinas; será necessario usar com preferencia na praxe Medica daquellas Preparações, em que se saiba de certo que existe maior numero delles; e assim a infusão a frio será o modo menos proveitoso de usar desta substancia, quando se quer em toda a sua actividade; pelo contrario a decocção, hum dos methodos de a empregar com mais energia, visto existirem nella productos que não existem na simples infusão a frio.

O uso desta Quina em substancia parece, que não produzirá tão bons effeitos como o da decocção; pois vimos ser necessario hum gráo de calor para desenvolver ou formar o Principio, que precipita a Galha, provavelmente maior do

do que aquelle que o Estomago pode subministrar : o que não tem lugar nas Quinas officinaes vermelha e amarella, nas quaes estando este Principio já desenvolvido, se usa dellas com a maior vantagem dadas em substancia.

VI.

Tendo-se experimentado que a infusão *alcoolica* extrahe alguns Principios em maior abundancia, que a aquosa; poder-se-hia com proveito combinar a dita infusão *alcoolica* com a decocção desta Quina; havendo assim a certeza de se extrahirem todos os productos Medicinaes que ella contém, e que são ou soluveis no *Alcool*, ou na Agoa quente.

VII.

Em fim sendo esta Quina do Rio de Janeiro mais rica em Principios, do que as outras Quinas officinaes, se podem esperar della os melhores resultados.

N. B. Foi summamente agradavel á Commissão, saber que os resultados das suas Observações erão confirmados pelas experiencias Chymicas, que se tentárão por este mesmo tempo. Quando se nos deo esta Quina para analysarmos, destribuio o Delegado do Fysico Mór huma porção della, para ser empregada com as devidas cautellas em os Hospitaes Militares. Já anteriormente se tinha tentado em Lisboa o uso desta Quina, mas com pouco effeito, segundo se vê da Memoria de hum dos nossos Consocios o Sr. Bernardino Antonio Gomes, o qual levado pela analogia das outras Quinas, a tinha empregado constantemente em substancia, a fim de obter os maiores resultados; no uso porém que agora se fez della em os Hospitaes Militares pelo Sr. José Maria Soares, tendo sido em decocção, obteve o dito Professor effeitos os mais satisfatorios e constantes, princi-

cipalmente em a epidemia que ultimamente grassou n'esta Capital, em que elles forão ainda superiores aos da Quina amarella officinal. Este facto que coincide perfeitamente com as nossas experiencias, faz bem ver quanto a Medicina pode esperar das luzes da Chymica : huma vez que o espirito de observação, e o dezejo de descobrir a verdade, dirijão os que se empregão nestas Sciencias.

Laboratorio da Casa da Moeda 18 de Julho de 1811.

José Bonifacio de Andrada e Silva. *Sebastião Francisco de Mendo Trigozo.*

João Croft. *Bernardino Antonio Gomes.*

ME-

HISTORIA
E
MEMORIAS
DA
ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS
DE LISBOA.

Nisi utile est quod facimus, stulta est gloria.

TOMO V. Parte II.

LISBOA
NA TYPOGRAFIA DA MESMA ACADEMIA.
1818.
Com licença de SUA MAGESTADE.

EXPERIENCIAS (*a*)

Sobre duas differentes Cascas do Pará.

POR ALEXANDRE ANTONIO VANDELLI.

HAVENDO recebido o Delegado do Fisico Mór do Exercito quarenta arrobas de duas differentes Cascas amargas do Pará para o uso dos Hospitaes militares, enviou ao Laboratorio Chimico da Casa da Moeda meia arroba de cada huma dellas, pedindo se analysassem. Sobre a sua qualidade e preferencia havia diversas opiniões, pela incerteza que ha de ajuizar pelos caracteres externos da boa ou má qualidade destas substancias. Vanquelin (*b*) diz, quanto he duvidoso determina-la pelas propriedades fisicas. A côr, o cheiro, sabor, fractura, porosidade &c. são qualidades muito arbitrarias, por ser pelos sentidos, e habito que se julga. Já muito antecedentemente Mutis, que pelo espaço de 37 annos, no Paiz nativo das quinas, fez differentes applicações, e importantes descobrimentos, tinha reconhecido a falsidade dos signaes adoptados para o conhecimento da melhor quina (*c*).

O Director do Laboratorio chimico, e meu respeitavel Mestre, me incumbio verificasse eu a qualidade destas Cascas, e se encarregou da descripção das suas propriedafisicas. Comparei-as eu com a quina do Rio de Janeiro, e com as officinaes vermelha, e amarella.

§. 2.

(*a*) Forão feitas em Dezembro de 1811.
(*b*) Ann. de Chim. tom. 59.
(*c*) *Annales de Historia Natural* tom. 2.

§. 2.

Dos caracteres externos. Das macerações, e decocções tratadas pelos reagentes.

Casca do Pará N. 1.

a (Côr exterior da epiderme): pardo de *bistre*, tirando ao pardo denegrido, com *lichens* brancos e vermelhos; a casca *fendida latitudinalmente*, formando separações articuladas: longitudinalmente, sulcada irregularmente.

b (Côr interior dos canudos): vermelho pardacento, tirando ao vermelho *mordoré* (dos francezes).

c (Fractura transversal): pouco aspera; a da epiderme, que cerca os canudos, mais lisa, e de côr mais escura.

d (Fractura longitudinal): lenhosa fina.

N. B Quebrão-se os canudos *latitudinalmente* quasi sempre na direcção das fendas articuladas da epiderme, ou casca exterior.

e (Sabor): a principio quando se mastiga pouco ou nada amargo, depois com gosto analogo ao da quina do Huanuco, mas muito menos forte.

As infusões a frio, tanto desta como das outras quinas, forão feitas com huma onça de casca grosseiramente pisada, em 16 onças de agoa distillada; a altura do mercurio no Barometro era de 29,42: a temperatura no Thermometro de Reaumur era de 11.°

Esta infusão fez escuma cinzenta, e ás 24^{h} ainda conservava alguma, tendo porém tomado a côr vermelha da mesma casca; sabor pouco amargo; côr de alambre avermelhado.

A dissolução de colla de peixe fez precipitado avermelhado.

Sul-

Sulfato de ferro — precipitado verde escuro.
Sulfato de cobre — precipitado abundante verde *amarellado.*
Acetato de chumbo — precipitado amarello *acinzentado.*
Agoa de cal — precipitado em abundantes *flocos* cinzento-avermelhados.
Acido sulfurico — precipitado *flocoso* amarello avermelhado.

Avermelhou com o *Turnesol*: alterou a côr para vermelho de castanha com a potassa: não fez alteração com a dissolução de galha, casca de carvalho, oxalate de ammoniaco, e tartarite de potassa antimonial.

A infusão desta casca com as infusões das quinas vermelha, e do Huanuco, turvou immediatamente, e fez precipitado; com a da quina do Rio de Janeiro não fez alteração. Vanquelin foi o primeiro, que usou das infusões das quinas como reagentes, e servem para mostrar, nas que mutuamente se não precipitão, que ellas contem os mesmos principios.

As infusões desta casca com as das quinas officinaes vermelha, e do Huanuco depois de se mutuamente precipitarem, precipitão em excesso a colla, a infusão de casca de carvalho, e o tartrato de potassa e antimonio.

A *decocção* com a dissolução do emetico turvou, e precipitou hum pouco.

Colla forte — precipitado *flocoso* amarello avermelhado.
Galha — tenue precipitado amarellado.
Sulfato de ferro — precipitado verde escuro.
Sulfato de cobre — precipitado (superior) amarello çujo: (inferior) verde, e em *flocos.*
Acetato de chumbo — precipitou.
Casca de carvalho — turvou.
Oxalato de ammonia — alterou a côr.
Turnesol — avermelhou.

Esta *decocção* tinha em dissolução muita mais substancia extractivo-mucilaginosa, que a da casca N. 2. Turva, e pre-

precipita a dissolução de tartrato de potassa e antimonio, o que não faz a *decocção* da quina do Rio de Janeiro. Tratadas com os mais reagentes *estas duas quinas* não differem; mas por aquella mui attendivel circunstancia, segundo Vanquelin, esta casca do Pará deve ter maior virtude febrifuga, que a quina do Rio de Janeiro; porque contém hum principio, que a huma temperatura hum pouco mais elevada da atmosphera desenvolve, e altera o tartrato de potassa e antimonio. Concordando os Chimicos na grande influencia, que a simples variação de temperatura exerce sobre as substancias vegetaes, não admira, que nas *decocções* se desenvolva (quanto ao que parece) mais principios, que nas infusões.

Casca do Pará N. 2.

a (Côr exterior da epiderme): vermelho de tijollo escuro, tirando ao vermelho *mordoré*. Superficie pouco aspera, ás vezes passando a quasi lisa, com *lichens brancos*, e amarellados, em menor quantidade, que a do N. 1, e mais abatidos. A epiderme mais fina, que a do N. 1: intimamente adherente á casca interior.

b (Côr interna dos canudos): *branca* amarellada, com algum vermelho misturado.

c (Fractura *latitudinal*): *esquilhosa* desigual.

d (Fractura *longitudinal*): lenhosa fina. Os canudos desta segunda especie são mui compridos, sem tantas articulações como os da primeira, e por isso se rachão em tiras compridas.

Desta segunda especie ha algumas cascas, que tem huma pollegada, e mais de diametro, quando inteiras; as mais $\frac{1}{4}$ até $\frac{1}{1}$ de pollegada, no que tambem se distingue da outra N. 1, que não tem canudos tão grossos.

e (Sabor): mais amargo a principio, que a antecedente N. 1 stiptico, deixando hum sabor adocicado na lingoa.

A

A infusão desta casca fez mais escuma que a antecedente, porém da mesma côr, e muito semelhante á da quina do Rio de Janeiro. Passadas 24 horas tinha diminuido a escuma, e estava de côr cinzenta amarellada: a côr do liquido, assim como a do Rio de Janeiro era semelhante á côr do vinho malvasia; cheiro proprio da quina; sabor pouco amargo, e nada adstringente.

Com a colla animal turvou, e esbranquiçou.
Sulfato de ferro — precipitado verde escuro.
Sulfato de cobre — precipitado verde.
Acetato de chumbo — abundante precipitado amarello *acinzentado.*
Agoa de cal — precipitado, em *flocos* amarellados.
Acido sulfurico — precipitado, em *flocos* amarellos esbranquiçados.
Turnesol — avermelhou.
Potassa — reforçou a côr.
Tartrato de potassa e antimonio
Galha - - - - - - - - - - Não fizerão alteração alguma.
Casca de carvalho, e - - -
Oxalato d'*ammonia* - - - -

Esta infusão precipitou as infusões das quinas officinaes vermelha, e do Huanuco: não fez alteração alguma com a da quina do Rio de Janeiro. O liquido das infusões desta casca, e da quina do Rio de Janeiro, fizerão hum diminuto precipitado branco com a colla de peixe; precipitárão com a casca de carvalho; e turvárão com o Tartrato de potassa e antimonio.

A mesma infusão da casca do Pará, com a da quina vermelha officinal fez hum precipitado com a colla (*a*), e com a casca de carvalho; com o Tartrato de potassa e antimonio não fez alteração.

Di-

(*a*) A colla de peixe dá resultados mui equivocos, corrompendo-se mui promptamente, e alterando-se muito, os seus effeitos são variaveis; para o que tambem muito contribue a concentração da sua dissolução.

Direi de passagem o que notei nas infusões quando fiz as experiencias. A que melhor se conservava, passados 15 dias, estando mui transparente, e que unicamente tinha hum diminuto precipitado da materia extractiva, ou fosse causado pela oxidação daquella substancia, ou pela evaporação da agoa que a retinha em dissolução, era a infusão da casca N. 1. A do N. 2, e a da quina do Rio de Janeiro não estavão tão transparentes; a da quina do Huanuco já aos 12 dias estava turva, e tinha mais precipitado que as duas antecedentes. A da quina vermelha officinal, aos 11 dias, he a que estava mais turva, e tinha maior precipirado (*a*).

A *decocção* da casca N. 2 com a colla animal fez precipitado amarello avermelhado.

Sulfato de ferro — precipitado verde.
Sulfato de cobre — precipitado verde escuro.
Acetato de chumbo — precipitado amarello avermelhado.
Galha — precipitado amarello (nas bordas do vaso).
Casca de carvalho — turvou.
Tartrato de potassa e antimonio } não fizerão alteração.
Oxalato de ammonia - - - - }

Dá a *decocção* desta casca, tratada pelos reagentes, os mesmos resultados, que a da quina do Rio de Janeiro: pela opinião de Vanquelin parece conterem os mesmos principios. Igualmente como esta o mais proveitoso modo de fazer uso della, he em *decocção*, e da mesma sorte a outra casca do Pará N. 1.

Quina do Rio de Janeiro.

A côr do liquido e a escuma, tanto logo, como passadas 24 horas, era semelhante á antecedente.

Esta infusão com *colla forte* fez abundante precipitado cinzento; o liquido ficou de côr esbranquiçada.

(*a*) A quina vermelha empreguei-a em pó subtil, por não ter outra á minha disposição: as outras grosseiramente pizadas, como acima se disse.

Sulfato de ferro — precipitado verde garrafa.
Sulfato de cobre — alterou a côr.
Acetato de chumbo — precipitado amarello escuro.
Agoa de cal — precipitado amarello, tão abundante como o da infusão da casca N. 2: côr do liquido vermelho amarellado, mais escuro que a do N. 2.
Acido sulfurico — precipitado abundante, e esbranquiçado.
Oxalato d'*ammonia* — turvou.
Turnesol — mudou a côr.
Potassa, Soda } reforçárão a côr.
Tartrato de potassa e antimonio, Casca de carvalho - - - - - -, Galha - - - - - - - - } não fizerão alteração.

A *decocção* com a colla de peixe fez precipitado cinzento.
Agoa de cal — precipitado amarello avermelhado.
Sulfato de cobre — precipitado cinzento esverdiado.
Sulfato de ferro — mudou a côr do liquido para verde garrafa.
Acetato de chumbo — precipitado abundante avermelhado.
Acido sulfurico — precipitado amarello *acinzentado*.
Casca de carvalho — mudou a côr para amarello avermelhado.
Galha — precipitado abundante, cinzento avermelhado.
Oxalato d'*ammonia* — mudou a côr para amarello.
Potassa, Soda } reforçárão a côr.
Turnesol — mudou para vermelho.
Tartrato de potassa e antimonio — não fez alteração.

Quina vermelha officinal.

Esta quina quando se pôz de infusão fez pouca escuma, e esta de côr vermelha: *filtrada* ás 24 horas o liquido era de côr amarellada; sabor proprio desta quina.

Com a colla animal não fez alteração.
Agoa de cal — precipitado avermelhado, menos abundante do

do que das outras quatro infusões: o liquido amarello de palha claro.

Tan — precipitado amarello avermelhado.
Galha — precipitado branco amarellado.
Tartrato de potassa e antimonio — mudou de côr.
Sulfato de ferro — muda a côr do liquido para verde.
Sulfato de cobre — precipitado verde escuro.
Acetato de chumbo — precipitado vermelho amarellado.
Oxalato d'*ammonia* — turvou.
Potassa, Soda } reforçárão a côr.

Quina do Huanuco.

A infusão desta casca com a galha fez precipitado branco amarellado.
Sulfato de cobre, Sulfato de ferro } precipitado verde escuro.
Acetato de chumbo — precipitado branco amarellado.
Tartrato de potassa e antimonio — precipitado branco.
Casca de carvalho — precipitado amarello avermelhado.
Oxalato de ammonia — precipitado branco.
Agoa de cal — precipitado amarello esbranquiçado.
Turnesol — diminuto precipitado, azulado.
Potassa, Soda } reforçárão a côr (*a*).

(*a*) Não refiro mais por extenso as experiencias das quinas, já antecedentemente feitas por habeis Chimicos, por o julgar, pelo menos, escusado. *Pertendia-se só saber se as duas cascas do Pará erão ou não verdadeiras quinas, segundo a classificação do celebre Vanquelin.* Se consegui determiná-lo não foi inteiramente inutil meu trabalho; e se delle resultasse alguma utilidade, dar-me hia por sobejamente recompensado. Só o fim a que me propuz me póde justificar de haver *tentado hum trabalho já tratado, e esgotado*, por assim o dizer, *por celebres Chimicos.* Digo esgotado, porque como diz Parmentier — *l'analyse vegetale pendant longtems, sera l'ecueil où viendront se briser les efforts de la chimie.* — Quem quizer instruir-se deve consultar as *Experiences sur les diverses especes de Quinquina, par Mr. Vanquelin*, que se achão no tom. 59, pag. 113 dos

§. 3.

Da materia Resino-extractiva.

Casca N. 1.

A dissolução alcoolica do extracto da casca N. 1 com a colla de peixe fez precipitado *flocoso* e vermelho.

Sulfato de cobre — precipitado verde çujo, pegado ás bordas do vaso.
Sulfato de ferro — ennegrecco.
Acetato de chumbo — precipitado abundante, roxo.
Turnesol — avermelhou.
Tartrato de potassa e antimonio } não fizerão alteração.
Galha - - - - - - - - - }
Casca de carvalho - - - - }
Oxalato d'ammonia - - - -

Casca N. 2.

A mesma dissolução alcoolica porém do extracto da casca N. 2 com a colla fez precipitado.

Sulfato de cobre — precipitado verde escuro.
Sulfato de ferro — precipitado verde muito escuro.
Acetato de chumbo — precipitado *flocoso* amarellado.
Casca de carvalho } turvárão.
Oxalato d'ammonia }
Turnesol — avermelhou.
Emetico } não fizerão alteração.
Galha }

§. 4.

Annaes de Chimica; e as *Experiencias chimicas sobre a Quina do Rio de Janeiro comparada com as outras*, feitas pela Commissão nomeada pela Academia Real das Sciencias de Lisboa, que forão publicadas no Tom. III. Part. II. das suas Memorias de Mathematica e Physica.

§. 4.

Da Substancia extractivo-mucilaginosa.

Casca N. 1.

A dissolução aquosa do extracto da casca N. 1 com a colla animal fez precipitado *flocoso*, vermelho amarellado.

Sulfato de cobre — precipitado verde çujo.
Sulfato de ferro — precipitado verde escuro çujo.
Acetato de chumbo — precipitado vermelho *acinzentado.*
Agoa de cal — precipitado vermelho escuro.
Acido sulfurico — precipitado avermelhado.
Potassa — ennegreceo.
Turnesol — avermelhou.
Emetico - - -
Casca de carvalho
Galha - - - -
Oxalato d'ammonia } não fizerão mudança alguma.

Casca N. 2.

A dissolução aquosa do extracto desta casca com a colla fez abundante precipitado *flocoso* amarello avermelhado.

Sulfato de cobre — precipitado verde çujo.
Sulfato de ferro — precipitado verde escuro.
Acetato de chumbo
Acido sulfurico - - } precipitado avermelhado.
Agoa de cal — abundante precipitado vermelho escuro.
Galha — diminuto precipitado.
Oxalato d'*ammonia*
Casca de carvalho } turvárão hum pouco.
Potassa ennegreceo.
Emetico — não fez alteração.

Con-

Conclusão.

A casca do Pará N. 1 precipitando a colla animal póde-se considerar como huma verdadeira quina, segundo a classificação de Vanquelin.

A infusão desta quina com a do Rio de Janeiro não fazendo alteração alguma; póde-se considerar, segundo o mesmo celebre Chimico, como contendo ambas os mesmos principios.

A *decocção* porém desta quina do Pará parece dever ser mais efficaz que a do Rio de Janeiro, porque precipita o tartarite de potassa antimonial, o que não faz a do Rio de Janeiro.

A infusão da casca N. 2 só altera a colla. Esta infusão com a da quina do Rio de Janeiro não faz alteração alguma. A infusão desta casca misturada com a do Rio de Janeiro precipita a colla, e a casca de carvalho, e turva o Tartrato de potassa e antimonio (*a*).

A *decocção* desta casca do Pará precipita a colla, e turva a casca de carvalho. Esta *decocção* tratada com os reagentes dá os mesmos resultados, que a da quina do Rio de Janeiro.

(*a*) A simples infusão da casca do Pará N. 2 só turvou a colla, e não fez mudança alguma com o Tartrato de potassa e antimonio, e casca de carvalho. A infusão da quina do Rio de Janeiro tambem só per si precipita a colla, mas nao faz mudança alguma com o *Tan*, e *Tartrato* de potassa e antimonio. Misturadas as duas infusões precipitão a colla, e casca de carvalho, e turvão o emetico.

Decandole na sua excellente obra *Essai sur les proprietes medicales des plantes comparées avec leurs formes exterieures et leur classification naturelle*, ha poucos annos publicada, estabelece differentes regras mui importantes sobre as fórmas, e as propriedades das substancias vegetaes; sendo huma dellas, que « Na comparação das propriedades se deve attender á differença, que póde existir no modo de extracção, e preparação dos medicamentos: estas circunstancias influem muitas vezes tanto como a sua natureza intrinseca. »

ME-

MEMORIAS
DE
MATHEMATICA
E PHYSICA
DA
ACADEMIA R. DAS SCIENCIAS
DE LISBOA.

Nisi utile est quod facimus, stulta est gloria.

TOMO III. Parte I.

LISBOA
NA TYPOGRAFIA DA MESMA ACADEMIA.
1812.
Com licença de S. ALTEZA REAL.

ENSAIO

Sobre o Cinchonino, *e sobre sua influencia na virtude da quina, e d'outras cascas.*

POR BERNARDINO ANTONIO GOMES.

CAPITULO I.

Historia dos conhecimentos, que até agora havia, do Cinchonino.

O *Cinchonino* he hum novo principio vegetal descoberto pela primeira vez na quina ou casca da especie officinal do Genero *Cinchona*, donde lhe proveio o nome. Deve-se de alguma sorte ao Doutor Maton o seu descobrimento, porque foi o primeiro que notou, que as dissoluções de quina fazião precipitado com o tannino. Depois Mr. Seguin, havendo achado a caracteristica do tannino, a qual consiste em fazer certo precipitado com gelatina, concluio da experiencia do Doutor Maton, que a quina continha gelatina; enganou-se porém nesta conclusão, o que foi mostrado claramente pelo Doutor Duncan filho (*Nicholson's Journal* v. 6. p. 225). Com effeito por huma bem facil e clara experiencia póde ver-se, que o precipitado das dissoluções de quina, occasionado pelo tannino, he devido a hum principio não só diverso da gelatina, mas de todos os outros até agora conhecidos.

Tome-se huma porção de tintura de quina Peruviana; ajunte-se-lhe bastante agoa, e pouco depois coe-se; depois da coadura misture-se-lhe infusão de galhas; haverá então hum precipitado, que se redissolve inteiramente pelo alcool.

Attenta esta experiencia he manifesto, que o principio da quina, que he precipitado pela infusão de galhas ou

ou tannino, he mui diverso da gelatina e do amido, porque o precipitado, que estes dous principios fazem com aquelle reagente, são indissoluveis no alcool.

O Doutor Duncan, a pezar de haver feito desta sorte a notavel descoberta do *cinchonino*, parece não ter jámais conseguido separallo inteiramente dos outros principios da quina, pois além de não indicar, nem na Carta a Mr. Nicholson, em que expoz a sua descoberta, nem nos *Annals of Medicine for the years* 1803-4, em que escreveo sobre o mesmo assumpto, nem na terceira edição da sua excellente obra *The Edinburgh New Dispensatory*, o modo de o estremar; quando nesta ultima obra menciona as propriedades do *cinchonino* diz que são » não ser acre, ser so-» luvel no alcool e na agoa, e fazer com infusão de ga-» lhas hum precipitado, que se dissolve em alcool ». Ora d'estas propriedades a primeira » não ser acre » sendo negativa, indica que não pôde estremallo, aliàs, tomando-lhe o gosto, dar-nos-hia em lugar d'esta propriedade negativa outra positiva. Pela mesma razão lhe attribue a dissolubilidade em agoa, da qual não goza, quanto a mim, senão por intervenção d'outro principio.

O estado politico da Europa não me tem permittido vêr a Memoria em que Mr. Vauquelin expoz as suas experiencias sobre as diversas especies de *Cinchona* ou quina; julgando porém pelo extracto que vem no *Medical and Chirurgical Review* v. 15. p. XII. e seguintes, creio que este habilissimo e mui celebre Chimico tambem não chegou a obter o *cinchonino* estreme, porque lhe attribue qualidades, que segundo collijo das minhas experiencias, lhe não competem. » O principio que precipita a infusão de casca de » carvalho e a de galhas, diz Mr. Vauquelin (L. c. p. » XIII.), he de côr fusca, amargo, menos soluvel na agoa » que no alcool, e precipita o tartaro emetico, mas não » a colla ». Adiante se verá que estas qualidades não pertencem ao *cinchonino* estreme, mas sim á sua amalgamação com outros principios vegetaes.

Não he sem alguma desconfiança, que me vejo dissentir das opiniões do Doutor Duncan e de Mr. Vauquelin, porque os nomes celebres destes dous sabios infundem-me hum grande respeito pelos seus trabalhos e opiniões; todavia não deixarei de dizer com ingenuidade e franqueza o que achei, e o que julguei differente do que elles pensárão.

Antes porém de passar avante devo confessar em honra e gloria do Doutor Duncan, que se no que vou expôr, avancei alguma cousa no conhecimento do *cinchonino*, deve-se isto ás laconicas noções deste principio, que elle deo, e que acima mencionei, particularmente á da sua caracteristica, que consiste em fazer com infusão de galhas hum precipitado, que se redissolve pelo alcool, caracteristica, que me servio de bussola na investigação de suas propriedades.

CAPITULO II.

Da extracção do Cinchonino.

OBservando, que a tintura de quina, não sendo primeiramente precipitada pela agoa, se se precipita pela infusão de galhas, dá hum precipitado, que se não dissolve completamente pelo alcool; notando além disto, que o precipitado da tintura de quina pela agoa se dissolve pela potassa; assentei que este precipitado não era resina, e que podia bem ser extractivo, o qual tem a propriedade de perder mais e mais de sua dissolubilidade á proporção que se oxygéna, e a de se dissolver na agoa por meio da potassa, ainda quando está oxygenado. Notando tambem, que a potassa fazia na dissolução aquosa do extracto alcoolico de quina hum precipitado branco, que se redissolvia pelo alcool, e que manifestava outras propriedades do *cinchonino*, assentei que este se poderia obter oxygenando e tornando indissoluvel a maior parte do extractivo da quina que o acompanha na tintura ou dissolução alcoolica, separa-

parando pela agoa o que era e o que se fez indissoluvel, oxygenando mais o resto, e separando-o depois do *cinchonino* por meio da potassa. Eu não pertendo defender a exactidão desta theoria, quero sómente indicar o que me sugerio o processo seguinte para obter o *cinchonino*.

Tome-se tintura de quina Peruviana, e evapore-se até se obter o extracto; ajunte-se a este, mechendo-o com espatula de vidro, diversas e successivas porções d'agoa distillada, e coem-se successivamente até que a agoa passe quasi sem côr, e sem sabor. Evapore-se todo o liquiao filtrado até se obter o extracto; ajuntem-se a este successivas porções de dissolução aquosa bem saturada de potassa, e coem-se successivamente pelo mesmo filtro até que a lexivia passe sem côr, ou até que fique branco o residuo, que resta no filtro: lave-se este residuo no mesmo filtro com huma pequena porção d'agoa fria, e deixe-se seccar.

Por este processo resta no filtro huma substancia, branca quando mais pura, e pallida, ou avermelhada quando menos pura. Quando branca, he pulverolenta e desapega-se facilmente do filtro. He amarga, inflammavel, pouco dissoluvel na agoa, dissoluvel mui bem, quando branca e recentemente extrahida, em ether sulfurico, alcool, acidos sulfurico, nitrico, muriatico diluidos, acido acetoso, oxalico, citrico, malico?, não no tartaroso? (*) Destas dissoluções, que se fazem sem effervescencia, precipita-se pela infusão de galhas, e o precipitado he branco e redissoluvel pelo alcool

Esta substancia he por consequencia o *cinchonino* do Doutor Duncan, mas, ainda quando branco, não he bem puro, porque fica sempre mais ou menos contaminado com huma materia córante, com pellos do filtro, e, não obstante a lavagem, com alguma potassa.

CA-

(*) Eu ponho em duvida a dissolubilidade no acido malico, e a indissolubilidade no tartaroso porque me era suspeita a pureza dos acidos, de que usei.

CAPITULO III.

Processo para purificar o Cinchonino.

PAra refinar ou purificar o *cinchonino* procede-se da maneira seguinte:

Dissolve-se o cinchonino *impuro* (cap 2.) *em alcool do melhor, coa-se, e ajunta-se á dissolução outra tanta agoa distillada; deixa-se esta mistura em vaso apenas coberto com papel, até senão perceber o cheiro do alcool; coa-se então, e deixa-se seccar no filtro o residuo, que são finissimos, e mui pequenos cristaes brancos filiformes.*

CAPITULO IV.

Variedades que se observão nesta purificação.

O Resultado do processo precedente varía hum pouco segundo a qualidade da quina, de que se extrahio o *cinchonino*. Quando a dissolução alcoolica (cap. 3.) he do *cinchonino* da quina vermelha, ou de outras quinas Peruvianas não grossas, ajuntando-se-lhe a agoa, fica a mistura hialina, e he só passado algum tempo que começão a vêr-se fluctuar no liquido e a precipitar-se os cristaes filiformes, que se multiplicão, e avultão á proporção que o alcool se volatiliza; ao mesmo tempo fazem-se nas paredes do vaso encrustações tuberculosas, de apparencia cristalina em quanto humidas, mas opacas, córadas mais ou menos, e sem brilho quando seccas.

Se a dissolução alcoolica (cap. 3.) he do *cinchonino* das quinas grossas ou calissayas de Lima e de Santa Fé, logo que se lhe ajunta a agoa, fica o liquido opaco e lactescente, e em lugar de cristaes vem nadar na superficie do liquido huma subtancia resinosa, loira, em fórma de gottas d'oleo, mas concretas, e as paredes do vaso cobrem-

brem-se de encrustações como no precedente caso.

Em fim quando a dissolução alcoolica (cap 3.) he de *cinchonino* da quina chamada de Huanuco, a qual se distingue por mais ou menos tuberculos, ou, verrugas na superficie externa, não só apparecem cristaes copiosos de côr argentina, mas as encrustações são em grande parte compostas dos mesmos cristaes, e mui brancas ou argentinas.

CAPITULO V.

Exame dos cristaes filiformes.

1 Estes finissimos, e pequenissimos cristaes filiformes, esfregados entre os dedos desfazem-se em pó branco subtilissimo, e resinoso ao tacto, ou tal como se se esfregasse entre os dedos pó de colofonia.

2 São insipidos e inodóros, mas parece que se dissolvem na saliva.

3 Expostos á chama de huma luz por meio de huma espatula de vidro, diminuem de volume, exhalão fumo com algum cheiro particular não desagradavel, derretem-se tomando côr acastanhada, e ardem com chama clara e branca.

4 São indissoluveis em agoa seja fria ou quente porque esta agitada com elles, e coada não faz precipitado com infusão de galhas.

5 Misturados com infusão fria aquosa de casca da *Cinchona pubescens* do Brasil (a qual não faz precipitado com infusão de galhas, mas turva-se com dissolução de colla, e faz-se fusca averdoengada com dissolução de sulfato de ferro) tornão o liquido turvo, e como gelatinoso; este porém coado faz com infusão de galhas hum precipitado redissoluvel pelo alcool.

6 Dissolvem-se no alcool, no ether sulfurico, nos acidos sulfurico, nitrico, muriatico diluidos, no acetoso, no oxalico, no citrico, no galhico? (cap. 5. §. 5), no malico?, não no tartaroso?

7 As

7 As dissoluções acidas fazem com infusão de galhas hum precipitado alvadio, que se redissolve completamente pelo alcool. Nas mesmas dissoluções, ajuntando-se qualquer dos tres alcalis, faz-se precipitado em frocos brancos, que se redissolve pelo alcool.

8 A dissolução no acido sulfurico diluido he prompta, completa, e sem effervescencia. O precipitado, que nella faz a dissolução de potassa, he branco como cal, insipido, inflammavel como os cristaes, dissoluvel devagar mas completamente no alcool, do qual se precipita pela agoa em cristaes mais miudos, mas semelhantes aos primitivos.

9 A agoa de cal parece não precipitar a dissolução dos cristaes no acido muriatico, ainda que se lhe ajunte até sobresaturar o acido. Esta mistura faz com infusão de galhas hum precipitado, que só em parte se redissolve pelo alcool.

10 Destas propriedades parece me que se podem deduzir as conclusões seguintes: 1.° que os cristaes são hum principio vegetal estreme, attenta a fórma regular e cristalina que toma, attenta a dissolubilidade completa no acido sulfurico, e visto ter o precipitado, que a potassa faz nesta dissolução, as mesmas propriedades dos cristaes (cap. 5. §. 8.); 2.° que este principio puro he o *cinchonino* do Doutor Duncan, porque faz com infusão de galhas hum precipitado alvadio redissoluvel pelo alcool (cap. 5. §. 7.); 3.° que este principio, pela indissolubilidade na agoa, pela inflammabilidade, e dissolubilidade no alcool e no ether tem analogia com a resina, porém que he differente pela cristalização e dissolubilidade nos acidos (cap. 5. §. 6.); 4.° que por estas ultimas propriedades tem analogia com a canfora, da qual todavia differe em não ter cheiro (§. 2.) em se precipitar cristalizado da dissolução alcoolica (cap. 3. e 5. §. 8.), em ter maior gravidade especifica pois se precipita na agoa (cap. 4.), em fazer precipitado com infusão de galhas &c.; 5.° que por ter propriedades singulares, e pri-

privativas he, conforme julgou o Doutor Duncan, hum principio vegetal diverso de todos os outros conhecidos.

CAPITULO VI.

Exame das encrustações.

1 Estas são em fórma verrugosa, alvadias em quanto humidas, opacas, commummente córadas, e sem brilho quando seccas, como resinosas quando se mastigão, e de sabor amargo, e vivo.

2 Expostas á chama de huma luz derretem-se, e ardem melhor que os cristaes com chama clara e branca.

3 Dissolvem-se hum pouco em agoa fria, porque esta agitada com elles, e coada faz precipitado branco com infusão de galhas.

4 Dissolvem-se incompletamente nos acidos mineraes e vegetaes, em que se dissolvem completamente os cristaes (cap. 5. §. 6.), e precipitão-se tambem d'estas dissoluções pela infusão de galhas.

5 A dissolução em acido sulfurico diluido, depois de coada he hialina, e faz por meio da potassa hum precipitado branco, mas não tão claro como o dos cristaes.

6 Este precipitado (§. 5.) he amargo, inflamma-se com o mesmo cheiro e residuo dos cristaes filiformes, dissolve-se incompletamente no alcool, deixando residuo dórado de ruivo. Esta dissolução alcoolica não faz precipitado com octoplicada agoa, e assim diluida faz precipitado com infusão de galhas, que he redissoluvel pelo alcool; não faz precipitado com dissolução de tartaro emetico, nem muda a côr do papel tinto de tornesol, ou de flores de malvas.

7 D'estas propriedades parece-me, que se póde inferir 1.° que estas encrustações, contém *cinchonino* ou a substancia dos cristaes filiformes (cap. 5.), porque fazem com infusão de galhas precipitado, que se redissolve pelo al-

cool (cap. 6. §. 4. e 6); 2.° que ellas differindo dos cristaes na fórma verrugosa, e em ter côr e sabor (cap. 6. §. 1.), em arder melhor (ib. §. 2.), em ser hum pouco dissoluveis em agoa (ib. §. 3.), em se dissolver incompletamente nos acidos (ib. §. 4.), e dar hum precipitado menos claro (ib. §. 5.), amargo, dissoluvel incompletamente no alcool com residuo de côr ruiva (ib. §. 6.), em fim em não se precipitar esta dissolução alcoolica por octoplicada agoa (ibid.), contém além de *cinchonino* huma substancia que lhe dá côr, sabor, e dissolubilidade na agoa, que não he bem dissoluvel no alcool e nos acidos, nos quaes todavia se dissolve hum pouco e se precipita com o *cinchonino*, em fim que impede a cristalização d'este, deixando-lhe apenas hum indicio desta propriedade na fórma verrugosa; 3.° que as encrustações não tem acido, nem base alcalina livre (cap. 6. §. 6.); 4.° que o *cinchonino*, ao menos nesta combinação, não precipita a dissolução do tartaro emetico (ibid.)

CAPITULO VII.

Da agoamay que resta depois de feita a cristalização e encrustação.

ESte liquido coado, deixando-se evaporar meramente pela acção da atmosphera, passados dias toma certo aspecto gelatinoso, mas não chega a formar geléa, tem sabor amargo, e por fim cheira a agoa de flor de larangeira e de canella!

Este liquido torna verde o papel tinto com flores de malvas; faz com infusão de galhas o mesmo precipitado, que fazião os cristaes e as encrustações; e faz effervescencia com acido sulfurico.

Estes fenomenos mostrão que este liquido contém carbonato de potassa, *cinchonino*, e o principio, que faz as encrustações amargas e hum pouco dissoluveis em agoa.

Don-

Donde provirá o agradavel cheiro de flor de larangeira e de canella, que se não percebe senão depois de longa evaporação?

CAPITULO VIII.

Da combinação em que se acha o Cinchonino *em diversos vegetaes.*

O *Cinchonino* não he hum principio privativo da quina, como indica o nome, o qual por isso não he assás apropriado. Segundo o Doutor Duncan tambem se acha na angustura, na calumba, na ipecacuanha, na pimenta negra, no pimentão, e no opio. Eu achei-o na quina vermelha, na de Huanuco, nas calissayas de Lima e de Santa Fé, em huma quina vinda do Brasil semelhante, senão identica, á calissaya de Lima, nas cascas da *Portlandia hexandra*, em huma casca leve delgada e liza (de que tratarei em outro opusculo relativo ás quinas), que veio da Capitanía de Goiazes com o nome improprio de quina, e que me parece identica com outra casca, que me derão no Brasil, e que me disserão ser de Minas Geraes, e chamar-se alli casca de larangeira da terra, em fim em huma casca grossa, vermelha por dentro, e pezada, que descreverei com a casca de Goiazes, e que veio da villa do Camamú pela Bahia, com o nome igualmente improprio de quina. Não achei porém *cinchonino* em duas especies verdadeiras de quina descobertas na Capitanía do Rio de Janeiro, e que são, segundo o Doutor Vicente Gomes d'aquella Cidade, e segundo o nosso Cel. Botanico o Doutor Brotero, as cascas da *Cinchona pubescens*, e da *C. macrocarpa*. Esta fallencia mostra mais a impropriedade do nome *cinchonino*, o qual todavia cumpre conservar para evitar confusão.

Das cascas acima mencionadas, todas, as que examinei e que contém *cinchonino*, largão este principio tanto á agoa como ao alcool e ao vinho. Talvez foi d'aqui que o Doutor

tor Duncan e Mr. Vauquelin concluirão, que elle era dissoluvel na agoa e no alcool; mas, sendo certo, como fica dito (cap. 5. §. 4.), que elle, quando puro, he per si indissoluvel em agoa, segue-se que elle existe em aquellas cascas combinado com outro principio, que o torna dissoluvel na agoa, como se vê de facto no cap. 6. §. 3. e 6. Ha bastantes razões para suspeitar que este dissolvente seja nas verdadeiras quinas hum acido, porque além do *cinchonino* se dissolver em varios acidos, e de haver indicios de acidos em todas as quinas, he pela potassa, que elle se precipita no processo da extracção (cap. 2.). Não he mesmo inverosimil que este acido seja o galhico, porque examinando o que se une á potassa naquella precipitação acha-se huma substancia, que torna fusca a dissolução de sulfato de ferro.

Mas, se he o acido galhico o dissolvente do *cinchonino* nas quinas, não o he em todas as outras cascas que o contém; porque as dissoluções aquosas dos extractos alcoolicos das cascas de Goiazes e do Camamú, não só não tornão rubra a tintura de tornesol, mas ao contrario fazem-na verde, e o *cinchonino* destas cascas, e da da *Portlandia hexandra* não se precipita pela potassa como o das quinas (cap. 2.).

Além desta differença no dissolvente do *cinchonino*, creio que ainda ha outra. O dissolvente do *cinchonino* nas quinas perde por oxygenação ou pela acção do ar mais e mais successivamente de sua dissolubilidade, não só na agoa mas até no alcool. Esta observação faz pensar, que elle participa muito, ou tem muita analogia com o extractivo de Mr. Fourcroy. Não parece por conseguinte inverosimil, que elle se ache em diverso estado de oxygenação em diversas quinas, e que por ser talvez mais oxygenado nas cascas grossas ou calissayas, e por se achar em algumas amalgamado com resina, he que na purificação do *cinchonino* destas cascas se faz precipitado lactescente, e se não obtem cristaes (cap. 4.). Póde tambem ser que o dissolven-

vente do *cinchonino* das cascas da *Portlandia*, de Goiazes, e de Camamú seja menos oxygenado, e menos oxygenavel que o das quinas. Esta conjectura torna-se verosimil por se observar, que as tinturas das cascas de Goiazes, e da *Portlandia* quasi nada se turvão com agoa, e que a tintura da casca do Camamú, ainda qne se turva, faz menos precipitado que a tintura de quina. Por outra parte a potassa que precipita o *cinchonino* nos extractos aquosos recentes dos extractos alcoolicos das quinas Peruvianas, não faz precipitado nos extractos aquosos recentes dos extractos alcoolicos da casca do Camamú; faz porém algum nos extractos antigos desta casca, e não faz precipitado algum nos extractos, quer sejão recentes, quer antigos, das cascas de Goiazes e da *Portlandia*.

Mas deixemos por ora esta materia em quanto novas experiencias nos não habilitão para passar de probabilidades a demonstrações chimicas. Entretanto seja-me permittido discorrer com os dados que tenho, a pezar de não serem todos os necessarios, sobre hum problema importante na pratica da Medicina.

CAPITULO IX.

Da influencia do Cinchonino *na virtude dos vegetaes.*

HE bem sabido que Mr. Seguin tomando o *cinchonino* da quina por gelatina, reputou aquelle o principio febrifugo quando assim denominou a pertendida gelatina desta casca, e quando na sua illusão quiz substituir á quina a gelatina animal. Não tendo visto da Memoria de Mr. Seguin sobre o principio febrifugo da quina senão o extracto (*Medical and Phisical Journal* v. 11. p. 215.) não sei em que factos elle se apoiou para se formar esta opinião, creio porém que ella não he destituida de fundamento, porque

Quando eu servia nos hospitaes militar e da marinha, recebi ordens das respectivas Secretarias de Estado para expe-

perimentar diversas cascas desconhecidas na Medicina Europea, as quaes tinhão vindo do Brasil com nome de quina. Então ainda eu não tinha feito experiencia alguma chimica a respeito do *cinchonino*, e ignorava inteiramente se as cascas do Brasil o continhão ou não. Assim sem prevenção experimentei successivamente estas cascas nas febres, particularmente nas intermittentes, e achei que as cascas de Camamú, de Goiazes, da *Portlandia hexandra*, huma especie de quina do Brasil, e diversas quinas da America Hespanhola erão notavelmente febrifugas; ao mesmo tempo notei com pezar e admiração, que duas especies verdadeiras de quina, vindas tambem do Brasil, nada, ou quasi nada possuião d'aquella qualidade.

Reflectíndo sobre este resultado de observações clinicas, lembrou-me que a analyse chimica comparativa poderia explicar aquella notavel disparidade, e até mesmo indicar o principio, que faz que a boa quina Peruviana seja eminentemente febrifuga, parecendo-me mui provavel, que todas as cascas que fossem notavelmente antefebris havião de ter hum principio, ou huma circunstancia commum, a qual havia de ser nulla, ou quasi nulla nas cascas não febrifugas.

Para vêr quanto esta conjectura tinha de verdadeira, comecei a fazer experiencias chimicas sobre todas as quinas Hespanholas que pude alcançar, e sobre as tres quinas e as outras tres cascas do Brasil acima mencionadas; e achei que todas as quinas Hespanholas das nossas Boticas, huma das do Brasil, que tinha achado febrifuga, e as cascas de Goiazes, de Camamú, e da *Portlandia* continhão *cinchonino*, e que não havia este principio nas duas outras quinas do Rio de Janeiro, isto he, nas cascas da *C. macrocarpa*, e da *C. pubescens*, que tinha achado pouco ou nada febrifugas.

De tudo isto ou de serem febrifugas todas as quinas, e tres sortes mais de cascas que tem *cinchonino*, e de serem pouco ou nada merecedoras d'aquelle titulo duas verdadeiras especies de quina que o não tem, parece-me poder-se concluir que o *cinchonino* he o principio, que faz eminentemen-

mente febrifuga a quina, e outros vegetaes que o contém.

Parece todavia contrariar esta conclusão o que diz Mr. Vauquelin (*Med. and Chir. Review* v. 15. p. XIII.) » como » a propriedade de precipitar o tannino não he commum a » todas as *cinchonas*, não he exclusivamente d'alli, que » provém o seu poder febrifugo, porque ha muitas que » não precepitão o tannino (*i. b. que não tem cinchonino*), e » sabe-se que curão as febres ».

Esta passagem parece indicar que as quinas, que tem *cinchonino* e as que o não tem, são igualmente febrifugas; mas isto he tão pouco assim, segundo o mesmo Mr. Vauquelin, que elle emoutra passagem diz » Parece todavia que o prin- » cipio, que precipita a infusão de cascas de carvalho, e de » galhas (*i b. o cinchonino*) he febrifugo; porque, em geral, » he sabido em Medicina que as especies de *cinchona*, que » produzem este effeito, são as melhores ».

Assim as notas do illustre Chimico Francez, longe de contrariar, confirmão a minha conclusão relativamente ao *cinchonino*, ao qual eu attribuo a preeminencia febrifuga da quina, e não exclusivamente o poder febrifugo, porque todos sabem que antes de se descobrir a quina, e ainda depois, se curarão febres com amargos e composições não *cinchoninosas*; todos porém presentemente, apoiados na observação pratica geral, reputão estes febrifugos tão inferiores á boa quina, que nas intermittentes perniciosas &c. recorrem a esta de preferencia a tudo.

Sendo porém o *cinchonino* insipido, inodóro, e achando-se sempre nos vegetaes amalgamado com outros principios que o tornão amargo, diſsoluvel em agoa &c., he elle febrifugo per si só, ou não he mais que huma parte essencial do principio febrifugo?

Se he hum facto bem verificado, que a angustura, que, segundo o Doutor Duncan, contém *cinchonino*, não cura as febres intermittentes, como elle assevera (*The New Dispensatory* p. 157.), deve colligir-se, que o *cinchonino* he meramente huma parte essencial do principio anteperiodico febri-

brifugo dos vegetaes. Esta conclusão adquire toda a verosimilhança pela observação pratica de ser, em geral, a quina em pó a mais poderosa preparação desta casca, e por serem diversas as qualidades medicinaes da ipecacuanha, opio, pimenta &c., que tambem tem *cinchonino* (cap. 8.).

Mas o que he meramente verosimil não he demonstrado, e em materia de tanta entidade não bastão verosimilhanças, he necessaria a evidencia. Cumpre pois determinar por experiencias clinicas decisivas, qual he a combinação natural ou artificial, que faz o *cinchonino* mais febrifugo, e se elle, a pezar de sua insipidez e indissolubilidade n'agoa, não he febrifugo per si só, como he possivel; porque insipidos são o tartarito de potassa e d'antimonio, os pós antimoniaes &c., e elles estimulão o estomago notavelmente: além disto se he indissoluvel em agoa, não o he, segundo parece, na saliva, nos acidos do estomago &c.

He aos Medicos benemeritos da Profissão, que servem nos hospitaes, particularmente nos militares, aonde póde haver mais exactidão no serviço, e quasi toda a influencia que o Medico deve ter em taes estabelecimentos, para se poderem fazer observações exactas e concludentes, he a estes Medicos, digo, no nosso paiz, que incumbe resolver, ou fornecer as observações necessarias para se resolver este importante problema. Eu propunha-me executar esta e outras indagações de Medicina theorica e pratica quando servia no hospital militar desta Capital; mas havendo-me demittido do serviço d'elle, porque a distancia, a fadiga, privação de commodidades para lá hir, e huma luta continua contra abusos e negligencias, além de me disgostarem, me tinhão arruinado a saude, não posso fazer o que proponho, e que espero das luzes e do zelo dos Medicos habeis dos hospitaes.

Entretanto não deixarei de observar a este respeito, que a infusão de algumas quinas, que tem *cinchonino*, precipita a dissolução de colla e torna denegrida a dissolução de sulfato de ferro, que a infusão de quina vermelha, e

e a de casca de Goiazes fazem com este reagente o mesmo effeito, porém não precipitão a dissolução de colla; em fim, que a infusão de casca do Camamú, nem muda a côr da dissolução de sulfato de ferro, nem precipita a colla. Daqui se infere, que o extractivo, ou dissolvente do *cinchonino* em algumas quinas contém acido galhico e tannino; que o da quina vermelha e da casca de Goiazes contém acido galhico, mas não tannino; e que o da casca do Camamú, nem contém acido galhico, nem tannino: e como todas estas cascas são excellentes febrifugos (cap. 9. §. 2.), segue-se que nem o acido galhico, que existe em todas ellas, menos na do Camamú, nem tão pouco o tannino, que existe em algumas quinas em mui pequena quantidade, como mostrou o Doutor Maton, e o Cel. Davy, e que he nullo na quina vermelha, e nas cascas de Goiazes e de Camamú, he principio febrifugo, ou parte essencial do principio anteperiodico febrifugo dos vegetaes; por conseguinte, que Mr. Wilkinson, Mr. Fourcroy, e o Doutor Westring de Suecia não tem bastante razão para darem ao tannino a prerogativa de febrifugo.

He por consequencia sómente o *cinchonino*, que se conhece por ora como o principio, que torna a quina eminentemente febrifuga; e como nem todas as sortes de quina o contém, cumpre na escolha d'esta droga não attender sómente ás qualidades sensiveis, mas examinar se ella tambem tem *cinchonino*, o que se faz mui facilmente, ou pela experiencia do Cap. 1., ou misturando huma infusão aquosa da quina que se quer examinar, com outra infusão de galhas: se d'esta mistura resulta logo precipitado alvadio, ha *cinchonino*, e tanto mais quanto o precipitado he mais prompto, ou mais copioso.

"EXPERIENCIAS CHYMICAS SOBRE A QUINA DO RIO DE JANEIRO COMPARADA COM OUTRAS"

("MEMORIAS DA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS DE LISBOA", TOMO III, PARTE II, PP. 96-118, 1814)

COMENTÁRIO

C. H. LIBERALLI (*)

Embora se conhecessem na Europa as "quinas" americanas desde 1641, ano em que Juan de la Vega, médico do Conde de Chinchon, trouxera para a Espanha grande quantidade de cascas; e que, desde 1677, a *Pharmacopoea Londinense* já incluisse a quina sob o nome de *Cortex Peruanus*, o facto é que apenas no início do século XIX, após a revolução química de Lavoisier e seus seguidores, se começara a investigar-lhes a composição para descobrir o segrêdo dos seus efeitos.

A busca dos "princípios activos" dos vegetais começara com a análise do ópio, do qual Séguin e Derosne, em 1803, e Sertürner, em 1804, haviam isolado a morfina. Tôdas as drogas vegetais, especialmente aquelas que, pelo sabor amargo, poderiam sugerir a existência de princípios da mesma natureza (que hoje chamamos "alcalóides"), passaram a merecer investigação. Parece ter sido o médico francês Maton quem notou, pela primeira vez, que o tanino precipitava as soluções extractivas da quina. Séguin julgou que isso se devia à presença de "gelatina" nas ditas soluções, pois o tanino precipitava a gelatina; e que talvez fôsse a gelatina o princípio febrífugo da quina. Duncan, de Edimburgo (em carta ao *Journal of Natural Philosophy, Chemistry and the Arts*, de Nichol-

(*) Professor Catedrático da Faculdade de Farmácia e Bioquímica da Universidade de São Paulo.

son, vol. 6, p. 225, e no "*Annals of Medicine*", 1803-1804) contestou a exactidão dessa suposição e descreveu experiências pelas quais parece ter obtido realmente, mediante precipitação pela potassa cáustica de soluções extractivas aquosas de quinas, o que hoje denominaríamos de mistura de alcalóides totais.

Foi, porém, Séguin (Armand Séguin, antigo e devotado colaborador de Lavoisier, desde os estudos sôbre a respiração e calor animais) que empreendeu estudos sistemáticos e extensos a propósito da composição das quinas (*Ann. Chimie*, t. XLI, p. 276) e estabeleceu os princípios fundamentais do exame do valor das quinas: "o princípio febrífugo da quinina não é adstringente, não precipita a gelatina e, ao contrário, precipita a infusão de *tan* (*casca de carvalho moída*)".

O método foi aceito, em princípio, por Vauquelin (Nicholas Vauquelin, eminente químico e professor da *École de Pharmacie*, de Paris), embora com a reserva de que havia "várias espécies de quinquina verdadeira que não precipitavam a solução tânica e que, entretanto, curavam a febre" (*Ann. Chimie* t. LIX, 1806, p. 117). Começou assim a tumultuar a correcta observação de Séguin, pela inclusão de critérios clínicos. Foi Vauquelin, a despeito disso, quem estabeleceu uma técnica sistemática e pormenorizada para a análise imediata das quinas e sua conseqüente avaliação. Comparou êle as propriedades físicas e químicas, diante de certos reagentes, das infusões de tôdas as espécies de quina que se encontravam no comércio europeu, a que juntou — diz — "o exame de algumas outras substâncias vegetais que parecem ter analogias com as quinas e que passam por curar a febre".

Os reagentes empregados sistemàticamente eram a cola forte (cola de peixe), o tanino (infusão de cascas de carvalho ou de noz-de-galha), o sulfato de ferro, o emético, o acetato de chumbo. Nas conclusões do seu trabalho, Vauquelin afirmava que as quinas poderiam ser grupadas em três secções, de acôrdo com suas propriedades químicas. Na primeira, aquelas que precipitam o tanino, mas não a cola animal; na segunda, as que precipitam a cola, mas não o tanino; na terceira, as que precipitam ao mesmo tempo o tanino, a cola e o emético. Conjecturava êle que as substâncias vegetais que não possuissem *pelo menos uma* dessas propriedades não seriam febrífugas, e que as melhores reuniriam essas três. Hoje sabemos que seu maior êrro era o de supor que plantas com propriedade de precipitar a cola animal (acção devida ao tanino

que contêm) seriam "febrífugas", isto é, conteriam o princípio activo das quinas. Algumas das suas conclusões se aproximavam mais da verdade científica.

A IV.ª conclusão, por exemplo, rezava: "Parece, entretanto, que o princípio que precipita a infusão de córtex de carvalho e de noz de galha, é febrífugo; pois, em geral, reconhece-se em Medicina que as espécies que produzem êsse efeito são as melhores".

Com efeito, sabemos hoje, as espécies de quina que contivessem maior teor de alcalóides produziriam precipitados mais abundantes de tanato de quinina e de alcalóides secundários.

Vauquelin, contudo, como Séguin e seus antecessores, não chegou a isolar das quinas um princípio alcalino, embora tivesse chegado a roçar, por vezes, a sua existência.

A incerteza sôbre a origem botânica das quinas e a relatividade dos seus efeitos, preciosos entretanto na luta contra as febres palustres, a dificuldade da sua obtenção em terras longínquas (a região andina), fazia com que procurassem açodadamente quinas que substituissem a do Peru. Já em Agosto de 1808, o Príncipe Regente D. João, mal chegado ao Brasil, baixava decreto incumbindo a Pedro Pereira Corrêa de Sennas, "descobridor na Capitania de Minas Gerais de uma quina que era tão boa como a do Peru", a fazer colher a maior porção que pudesse desta quina (decretos de 1808-1809, vol. 127, fls. 49 e 50, do Arquivo Nacional, apud O. L. Peckolt, *Rev. Flora Medicinal*, 12, n.os 6 e 12, 1945). Rezava a introdução dêsses decretos: "Havendo se descoberto na Capitania de Minas Geraes, e ainda nesta do Rio de Janeiro, huma Quina que se presume tão boa, como a do Peru, segundo as analises, e Exames que mandei proceder...". As análises e exames só poderiam ser, por essa altura, os preconizados por Séguin e Vauquelin. Não se tratava ainda de verificar a existência de alcalóides, e, muito menos, da sua determinação quantitativa.

O interêsse do exame da qualidade das quinas residia, como expressamente se diz nos documentos do tempo, no seu emprêgo pela Real Botica e Hospitais Militares. Daí, provàvelmente com alguma freqüência, chegarem a Lisboa, para ensaio, cascas amargas, que se supunha encerrarem as virtudes da quina verdadeira. Em 1811, a Secretaria de Estado dos Negócios da Guerra e da Marinha, tendo recebido do Rio de Janeiro "uma porção de Casca Amargosa, com o nome de Quina", mandou-a judiciosamente ao parecer da Academia Real das Ciências de Lisboa. O sodalício designou Comissão de quatro dos seus membros, a saber: José Boni-

fácio de Andrada e Silva, Sebastião Francisco de Mendo Trigozo, João Croft e Bernardino Antônio Gomes. O exame foi feito nos laboratórios da Casa da Moeda, de que era director José Bonifácio, e com o concurso do funcionário do instituto, Alexandre Antônio Vandelli (filho do Prof. Domingos Vandelli, de Coimbra) e que seria mais tarde genro do Andrada.

Bernardino Antônio Gomes era, na altura, quem mais entendia de quinas em Portugal. Havia já algum tempo se dedicava êle ao estudo das cascas febrífugas, e estava a par da literatura do assunto. É curioso notar que os trabalhos franceses, como os de Vauquelin, vinham ao conhecimento dos estudiosos portugueses por via da transcrição em revistas inglesas, em virtude das guerras napoleônicas e a falta de contactos directos com a França. Mesmo, porém, o fragor das armas e as rivalidades nacionais não amorteciam o trabalho dos cientistas e o respeito com que os de nacionalidades adversas se referiam uns aos outros.

O médico Bernardino Antônio Gomes, o primeiro do nome, natural de Portugal, mas que havia permanecido algum tempo no Rio de Janeiro, confirmara os trabalhos de Duncan, ao qual atribuia explìcitamente "a notável descoberta do cinchonino" ("Ensaio sobre o Cinchonino, e sobre sua influencia na virtude da quina, e d'outras cascas", *Mem. Acad. R. Sciencias Lisboa*, t. III, parte I, pp. 202-217, 1812).

Pretendeu todavia ir ainda mais além dos resultados dêste, e preparar, em estado de pureza, o princípio antifebril da quina. Conseguindo obter dois tipos de cristais, considerou, entretanto, como "cinchonino" puro aqueles que, por serem insípidos, hoje sabemos não corresponderem aos amargos alcalóides da quina; mas, no outro tipo, de sabor amargo (e que tomou como formas impuras de "cinchonino"), realmente conseguiu algum progresso sôbre as observações de Duncan.

Assim, Gomes já usufruia de extensa experiência do assunto, tanto de laboratório como de clínica, ao tempo em que integrou a *équipe* chefiada por José Bonifácio. Cabe mesmo ver naquele o mentor do grupo, e a êste título incluído nêle, embora pouco ou nada participando do trabalho experimental. Esta última conjectura fundamenta-se em a nota de rodapé que figura à pag. 107 da Memória que analisamos, na qual se atribuem a José Bonifácio "as experiências que dizem respeito à existência do Cinchonino", exactamente no ponto em que maior conhecimento e tirocínio tinha Bernardino Antônio Gomes.

Que a mor parte do trabalho de identificação comparada de diversas "quinas", com reagentes segundo a técnica de Vauquelin, tenha cabido ao técnico Vandelli, que não fazia parte da Comissão acadêmica, também não nos parece duvidoso. Na própria Memória se diz que o laboratório da Casa da Moeda "tinha contudo falta de muitos reagentes, principalmente daqueles que mais se alteram, os quais seriam obrigados a preparar (*e isso, naqueles tempos sem indústria química, significaria, talvez, meses de trabalho*) a não ser (*se não fôsse*) a franqueza do Sr. Alexandre Antonio Vandelli, que além de nos ajudar com o seu trabalho, nos forneceu os que foram necessarios, e ainda outros de que carecia o sobredito Estabelecimento".

Esta suposição é confirmada pela publicação, feita algum tempo depois, por Vandelli ("Experiencias sobre duas differentes Cascas do Pará", *Mem. Acad. R. Sciencias Lisboa*, t. V, parte II, pp. 132--142, 1818), experiências feitas em Dezembro de 1811, logo após, portanto, a análise da Quina do Rio de Janeiro (Junho-Julho de 1811), e também por ordem de José Bonifácio, "que se encarregou da descripção das suas propriedades fisicas".

Quer isto dizer que êste segundo trabalho, publicado embora sob o nome exclusivo de Vandelli, teve a participação do Andrada, que deixava a autoria ùnicamente ao seu assistente, certamente para lhe dar maior projecção e títulos. A Memória de Vandelli segue a mesma técnica analítica da anterior (segundo Vauquelin) e utiliza a "casca do Rio de Janeiro", antes analisada por êle, como têrmo de comparação com as duas novas que examina.

Caberão, finalmente, alguns comentários quanto ao mérito das conclusões da Memória que analisamos. Na precária química vegetal do tempo, teria bastado uma reacção positiva para a presença do que hoje chamamos de "alcalóides" (as precipitações com tanino e com tártaro emético) para concluir da classificação de uma casca amarga como "quina".

Se a amostra analisada se tratava ou não de verdadeira quina, não temos meios de verificá-lo, pois a indicação da proveniência fluminense seria apenas a do ponto de comércio ou expedição, e não o de colheita (tal como "ipeca Rio" ou "café Santos"). Segundo, porém, os padrões da época (e o trabalho de Vauquelin, recente, era o modêlo a seguir), as conclusões eram exactas. Tanto mais quanto as experiências clínicas (mencionadas, por êrro tipográfico, como "Chymicas", em a nota final da Memória), realizadas nos Hospitais Militares pelo Dr. José Maria Soares, com os decoctos

da dita quina, tinham fornecido "effeitos os mais satisfactorios e constantes, principalmente em a epidemia que ultimamente grassou nesta Capital, em que elles forão ainda superiores aos da Quina amarella officinal". A referência à "epidemia" de Lisboa parece tornar pouco provável que se refiram os êxitos terapêuticos a casos de malária. Assim, não se poderá aplicar o critério clínico para corroborar a identificação da droga empregada.

A Memória acadêmica também situa interessantemente a formação da nomenclatura química portuguesa, a partir da francesa, da escola de Lavoisier. Pois, as desinências dos nomes dos sais são ainda incertas, sem tradução do francês: *tartarite, sulfate, acetate, oxalate*, quando na Memória de Vandelli, poucos anos depois, já se firma a forma vernácula: tartrato, sulfato, acetato, oxalato. Enquanto naquela ainda se fala em *tan*, nesta se menciona "casca de carvalho". Mas, uma vez por outra, por fôrça do hábito, se insinua o vocábulo antigo: na Memória de Vandelli coexistem, separados por poucas linhas, o "tartarite de potassa antimonial" e o "tartrato de potassa e antimonio" (p. 142).

O uso da nomenclatura afrancesada seria um vêzo de quem fôra discípulo de Fourcroy, mas não representaria uma tendência do meio científico português: desde 1801, Vicente Coelho de Seabra Silva Telles, natural de Minas Gerais, lente substituto de Zoologia, Mineralogia, Botânica, e Agricultura na Universidade de Coimbra, e também confrade de José Bonifácio na Academia Real das Ciências de Lisboa, publicara a sua "Nomenclatura Chimica Portugueza, Franceza e Latina" (Lisboa, 1801), em que aqueles têrmos químicos já se apresentam na forma vernácula actual.

ÍNDICE DO VOL. III

José Bonifácio e seu papel na Independência (Francisco de Assis Barbosa) ..... 5 - 24

Relação de Documentos Biográficos Originais de José Bonifácio de Andrada e Silva por ordem cronológica. 25 - 30

Documentos Biográficos Originais (Reproduções facsimilares) ..... 31 - 164

Teor dos Documentos Biográficos Originais de José Bonifácio de Andrada e Silva em língua portuguesa. 165 - 216

De que morreu José Bonifácio? (A. de Almeida Prado) ..... 217 - 222

Estada em Freiberg

Documentos do ingresso de José Bonifácio de Andrada e Silva e Emanuel Ferreira da Câmara na "Bergakademie" de Freiberg — 1792 (Viktor Leinz) ..... 225 - 228

Reproduções facsimilares ..... 231 - 245

Textos originais em francês e alemão ..... 247 - 253

Versão em língua portuguesa ..... 254 - 259

Werner, o mestre de José Bonifácio (C. H. Liberalli) ..... 260 - 266

Elogios póstumos

Elogio historico do illustre José Bonifacio de Andrada e Silva
(Emilio Joaquim da Silva Maia) ..... 269 - 305

Esboço Biographico e Necrologico do Conselheiro José Bonifacio de Andrada e Silva ..... 307 - 326

Elogio Historico de José Bonifacio de Andrada e Silva
(José Maria Latino Coelho) ..... 327 - 400

Apêndices

Experiencias Chymicas sobre a Quina do Rio de Janeiro comparada com outras
(José Bonifacio de Andrada e Silva, João Croft, Sebastião Francisco de Mendo Trigozo e Bernardino Antonio Gomes) ..... 404 - 426

Experiencias sobre duas differentes cascas do Pará
(Alexandre Antonio Vandelli) ..... 428 - 438

Ensaio sobre o Chinchonino e sobre sua influencia na virtude da quina e d'outras cascas
(Bernardino Antonio Gomes) ..... 440 - 455

Comentário de C. H. Liberalli ..... 456 - 461

C-14.6.66
Lin Kosmos-
45.000

OK julho/96

A ELABORAÇÃO GRÁFICA DAS "OBRAS CIENTÍFICAS, POLÍTICAS E SOCIAIS DE JOSÉ BONIFÁCIO DE ANDRADA E SILVA", COMPOSTAS DE TRÊS VOLUMES COM UM TOTAL DE MIL QUATROCENTAS E OITENTA PÁGINAS, FOI EXECUTADA NAS OFICINAS DA "EMPRÊSA GRÁFICA DA REVISTA DOS TRIBUNAIS", S.A., À RUA CONDE DE SARZEDAS N.º 38, NA CIDADE DE SÃO PAULO, FICANDO CONCLUÍDA NO MÊS DE JUNHO DE MIL NOVECENTOS E SESSENTA E CINCO.

TODO O SERVIÇO DE REPRODUÇÕES FACSIMILARES SE REALIZOU NA "CLICHERIA RUFER", À AVENIDA TIRADENTES N.º 988, NA CIDADE DE SÃO PAULO (BRASIL).

AS ESTAMPAS COLORIDAS QUE ILUSTRAM O PRIMEIRO VOLUME FORAM PRIMOROSAMENTE CONFECCIONADAS POR "LANZARA S.A. — GRÁFICA EDITÔRA", À AVENIDA LINS DE VASCONCELOS N.º 1455, IGUALMENTE NA CIDADE DE SÃO PAULO.